

A Bíblia foi uma colagem composta pelo imperador Constantino.

Nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; homens santos falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo.

SEPARANDO

Constantino promoveu Jesus à divindade.

FICÇÃO

Tu tens as palavras da vida eterna; e nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus.

&

REALIDADE EM

Jesus dá a Maria Madalena instruções de como conduzir sua Igreja.

Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo.

Estamos entrando na Era de Aquário; o homem irá conhecer a verdade por si mesmo.

Tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos.

O CÓDIGO

A Igreja precisou difamar Maria Madalena.

Havendo ele ressuscitado de manhã cedo no primeiro dia da semana, apareceu primeiro a Maria Madalena.

DA VINCI

Jesus era visto por seus seguidores como um profeta normal.

Este é verdadeiramente o profeta; outros diziam:

Ele é o Cristo; outros, porém, perguntavam:

Porventura, o Cristo virá da Galiléia?

JOSAFÁ VALIM DE LIMA

Separando Ficção e Realidade em O Código Da Vinci

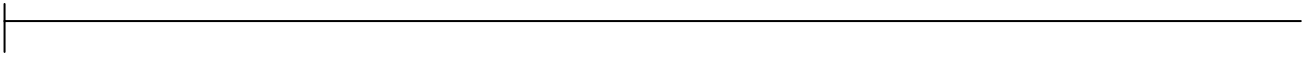
*E-book distribuído gratuitamente com o título **Separando Ficção e Realidade em O Código Da Vinci.pdf***

*Para fazer o download, digite o título acima em **<http://www.4shared.com/network/search.jsp>***

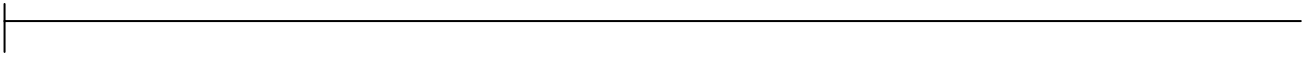
(quando a página abrir, após alguns segundos clique em “Download file [click here](#)”)

Formatado para ser impresso frente e verso em papel A4.

Citações bíblicas da NVI, exceto quando especificado.

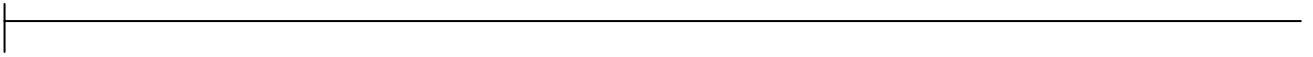


*Pois virá o tempo em que
não suportarão a sã doutrina;
ao contrário, sentindo coceira nos ouvidos,
juntarão mestres para si mesmos,
segundo os seus próprios desejos.
Eles se recusarão a dar ouvidos à verdade,
voltando-se para os mitos.
2 Tm 4.3-4*



Dedicatória

Dedico este trabalho à Denise,
minha amável esposa
e grande incentivadora,
que enriqueceu este trabalho
com suas preciosas contribuições,
e aos meus pais,
os quais me ensinaram
O Caminho do qual
jamais me desviarei.



Sumário

Apresentação	9
Introdução	13
PARTE I - Sobre <i>O Código Da Vinci</i>	17
A trama central de <i>O Código Da Vinci</i>	19
Perguntas & Respostas	21
SEÇÃO 1 – Suposições	23
1. Existe, de fato, um Santo Graal? Ele é o útero de Maria Madalena?	23
2. É verdade que sempre existiu o chamado “sagrado feminino”?	29
3. A Igreja ocultou o significado do Graal? Maria Madalena era o Graal?	35
4. Ser casado prejudicaria a imagem de Jesus?	40
5. A Estrela-de-davi é um símbolo Masculino/Feminino?	44
6. Leonardo Da Vinci retrata o segredo do Graal em <i>A Última Ceia</i> ?	47
7. Maria Madalena está presente em <i>A Última Ceia</i> de Leonardo?	53
8. A Igreja demoniza o sexo?	55
SEÇÃO 2 – Instituições	59
9. O que é o Opus Dei?	59
10. O que é o Priorado de Sião?	62
SEÇÃO 3 – Eventos	67
11. Que foi o Concílio de Nicéia?	67
12. Havia competição no início do cristianismo?	72
13. A Igreja matou 5.000.000 de mulheres na Idade Média?	75
SEÇÃO 4 – Documentos	77
14. A Bíblia é confiável? As traduções não são uma prova de falibilidade?	77
15. Como os evangelhos foram escritos? Porque só quatro foram adotados pela Igreja?	83
16. Como se formou o Novo Testamento?	86
17. O que é o <i>documento “Q”</i> ?	89
18. O que são os Rolos do Mar Morto?	92
19. O que são os documentos de Nag Hammadi?	94
SEÇÃO 5 – Pessoas	99
20. Quem foi Maria Madalena?	99
21. Quem foi e o que fez Constantino?	102
22. Quem é, realmente, Jesus? A crença em sua divindade só ocorreu em 325 d.C.?	105
PARTE II - Além de <i>O Código Da Vinci</i>	113
<i>O Código Da Vinci</i> : Mais que ficção?	115
Tempo do Fim ou Era de Aquário?	118
A transformação: Com ou sem Deus?	119
Unificação político-religiosa: Problema inicial ou Solução final?	120
A Verdade sobre A Era de Aquário	123
Paralelo entre a Era de Aquário e o Fim dos Tempos	126
O papel desempenhado por <i>O Código Da Vinci</i> em nossa época	127
O mito do Graal – A história não contada	129
Abaixo da ponta do Iceberg	131
Transformando mal em bem	133
Apêndice	137
Apêndice 1 – Formação do Cânon	139
Apêndice 2 – Lista dos evangelhos gnósticos	143
Apêndice 3 – A Controvérsia Ariana	145
Apêndice 4 – Como nasceu o mito do casamento de Maria Madalena e Jesus	147
Bibliografia	151
Notas de Referência	153

Apresentação

Os judeus reuniram-se ao redor dele e perguntaram: “Até quando nos deixará em suspense? Se é você o Cristo, diga-nos abertamente”. Jesus respondeu: “Eu já lhes disse, mas vocês não crêem. As obras que eu realizo em nome de meu Pai falam por mim, mas vocês não crêem, porque não são minhas ovelhas. As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem”.
Jo 10.24-27

Em uma abordagem não convencional da história do cristianismo, em 2003 é lançado nos Estados Unidos o romance *The Da Vinci Code* (O Código Da Vinci), escrito por Dan Brown. O conteúdo inovador da obra causou grande repercussão na terra do Tio Sam e, em época de mercado globalizado, quase que instantaneamente o mundo todo foi brindado com uma história alternativa do cristianismo. Embora o livro seja ofensivo à fé ocidental de maioria cristã, os números mostram que a população o tem aceitado de bom grado, e prova disso são os quase 60 milhões de exemplares (dado de maio de 2006) vendidos no mundo.

Quanto ao conteúdo em si, o enredo de *O Código Da Vinci* (OCDV) conduz o leitor a questionar aspectos centrais da fé cristã, sendo a negação da divindade de Jesus o principal deles. Segundo o autor, “Jesus só passou a ser visto como ‘Filho de Deus’ no Concílio de Nicéia. [...] Até aquele momento da história, Jesus era visto por seus seguidores como um profeta normal. [...] Um grande e poderoso homem, mas não mais que um homem”¹. Ora, tal colocação é extremamente ofensiva para os cristãos, que crêem que Jesus é Deus Eterno, que em determinado momento se limitou ao espaço-tempo e se encarnou, tornando-se o homem Jesus de Nazaré, o Filho de Deus. Há um claro antagonismo entre a tese de Brown e o cristianismo quanto à pessoa de Jesus, e ao longo de nosso estudo buscaremos avaliar a plausibilidade de cada posição.

Perdoem-me os críticos, mas tenho que reconhecer que Dan Brown não é leviano ao afirmar que as informações de OCDV são capazes de “destruir os alicerces do cristianismo”² como o conhecemos hoje^a, isso caso se comprove a veracidade da teoria apresentada por seus personagens. Digo isso porque se Jesus não é Deus Ele não ressuscitou e, conforme diz Paulo, “se Cristo não ressuscitou, é inútil a nossa

^a Segundo Brown, Jesus veio fundar uma religião, mas esta religião não era o cristianismo atual, o qual chamaremos de *cristianismo ortodoxo*. *O Código Da Vinci* insinua que a religião que Jesus desejava fundar era algo semelhante a devoção a Maria Madalena.

pregação, como também é inútil a fé que vocês têm” (1Co 15.14). Notem que apenas estamos tratando de hipóteses, mas nenhum juízo foi emitido ainda.

Isto posto, explicitamos que a principal questão que o leitor de OCDV deve investigar é se Jesus é ou não Deus. Embora possam existir respostas como *talvez*, *pode ser* ou *acho que não*, tem-se que estas apenas expressam a dúvida daqueles que as proferem, mas nada dizem sobre o fato sob investigação. Por mais que se tente encontrar caminhos alternativos, a resposta sobre a divindade de Jesus necessariamente se resume a *sim* ou *não*. E das duas respostas, apenas uma pode ser correta.

A resposta cristã, já exposta, é que *Jesus é Deus*. Tal crença é mostrada ao longo deste material, mas por hora fica apenas a afirmação pela afirmação. Em contrapartida, a resposta encontrada em *O Código Da Vinci* é não – *Jesus não é Deus*. Ora, sendo o cristianismo uma religião aparentemente bem estabelecida e com dois mil anos de idade, como é possível que apenas um livro seja capaz de questionar sua principal doutrina? Creio que os fatores a apontar sejam a habilidade do escritor do romance em entreter, aliada ao não-conhecimento da audiência quanto às questões apresentadas.

Para difundir sua tese, Brown coloca seus argumentos na boca dos personagens mais cultos, que são amparados por documentos supostamente mais dignos de crédito do que a Bíblia. O Código ainda acusa a igreja de ter ocultado alguns segredos ao longo dos séculos. Ao jogar com a idéia de documentos e segredos, o autor apresenta algumas evidências e omite outras, sendo que estas últimas, em tese, seriam mais poderosas que aquelas reveladas pelo livro. Essa expectativa criada mas não suprida coloca um grande “será?” na mente do leitor, que normalmente devora o livro em busca de outras provas que sustentem o argumento de Brown. Raros são aqueles que terminam a leitura de *O Código Da Vinci* e permanecem impassíveis. Alguns ficam eufóricos, outros indignados. As diferentes reações à leitura do livro são um indicativo de que a obra transcende a barreira da ficção e invade o mundo real. Isso porque, apesar de ser apenas um romance^b (ficção), o livro tem sido considerado, por muitos, digno de credibilidade quanto aos fatos relatados.

Aqui precisamos abandonar aquele discurso que diz “relaxe, é apenas um livro...”, para que possamos compreender a complexa ideologia que envolve a composição de grande parte das obras literárias. *O Código Da Vinci* não é diferente. Ele está repleto de ideologias, saiba ou não o leitor. Uma análise cuidadosa revelará que as páginas do livro exalam as crenças do autor. Esta, porém, é uma discussão que reservamos exclusivamente para o final deste trabalho, a partir da *Parte II*. Por enquanto o importante é saber que, ao ler *O Código Da Vinci*, o leitor é desafiado a rever valores e redefinir conceitos, uma vez que Brown insinua que a *estória*^c é que é história, sendo que a história não passa de *estória*. Para aqueles que buscam conhecer a veracidade dos fatos históricos, distinguir *ficção e realidade*^d torna-se uma necessidade.

^b Pelo Dicionário Aurélio, *romance* pode ser uma “descrição exagerada ou fantasiosa” ou um “fato ou episódio real, mas tão complicado que parece inacreditável”. Ao longo deste trabalho o uso da palavra referisse unicamente ao primeiro sentido aqui apresentado.

^c Apesar de *estória* ser uma palavra em desuso na língua portuguesa, considerei-a a mais apropriada para a frase em questão.

^d Daqui em diante, realidade será o termo utilizado para expressar aquilo que é verdadeiro, histórico, acontecido. Ficção será o termo que expressa o oposto, ou seja, o falso, o mitológico e o imaginário.

A busca pela verdade (ou realidade) trás consigo dois riscos: o primeiro é escolher a realidade influenciado apenas por Brown, tomando sua posição como a única plausível, furtando-se a conhecer os argumentos do grupo oposto; o segundo, tecnicamente anterior ao primeiro, é achar que cada um pode escolher a realidade que bem entender, como se “realidades” fossem produtos de supermercado. É como se houvessem dois ou mais produtos na prateleira, sendo que, independente da escolha, todos os produtos fossem igualmente válidos. A falha deste raciocínio consiste em imaginar que a verdade seja subjetiva, isto é, o indivíduo considera que desde que a consciência esteja em paz com a escolha, não há mais razão para se dedicar à investigação, uma vez que “sua” verdade já foi obtida.

Ao contrário deste raciocínio, cremos que a realidade é objetiva, isto é, ela pode ser obtida por todos que se aplicarem a conhecê-la. Isso implica em dizer que, além de objetiva, a verdade é cognoscível. Partindo desta nova perspectiva, o exemplo anterior recebe nova interpretação: existem os mesmos produtos na prateleira, porém apenas um deles descreve a realidade como ela é. Caso as latas sejam cuidadosamente examinadas, os investigadores serão capazes de identificar o produto verdadeiro e rejeitar os falsos, *desde que* possuam todas as informações necessárias para a escolha. Por cremos em uma realidade objetiva e cognoscível, buscaremos encontrar “a lata certa”. Convidamos o leitor para nos acompanhar nesta missão. Nosso objetivo consiste em descobrir o fato por trás da ficção, o real que sobrepuja o imaginário. Da mesma forma que a luz afugenta a escuridão, assim também o conhecimento da verdade automaticamente invalida a mentira.

Explicito que este livro foi escrito pela óptica de um cristão, e eu o faria ainda que fosse possível escrever imparcialmente. Independente disso, peço ao leitor avesso ao cristianismo que não interrompa a leitura, uma vez que este e-book foi organizado visando atender tanto cristãos quanto não-cristãos, haja vista que ambos os grupos carecem e merecem respostas convincentes. Como a proposta é encontrar a barreira entre a ficção e a realidade, a escolha do título *Separando Ficção e Realidade em O Código da Vinci* me pareceu apropriada ao objetivo traçado. Como disse, minha principal preocupação é encontrar a verdade por trás da ficção, e parto do pressuposto que isso envolve refutar a teoria anticristã anunciada em *O Código Da Vinci*. Embora não seja um estudo exaustivo, é extenso o suficiente para responder muitas dúvidas criadas pela obra de Brown. Espero que o leitor chegue ao mesmo veredicto.

Em função da grande quantidade de informações encontradas, optamos por organizar este material para que ele sirva mais como um *guia de estudo* do que como um mero texto descritivo. Tal escolha visa facilitar a tarefa de transitar pelas referências cruzadas. Por falar em referências, o trabalho conta com dois tipos distintos de notas explicativas: os *numerais* se referem às referências bibliográficas disponíveis nas últimas páginas do livro, ao passo que *as letras* se referem às notas de rodapé e servem como elucidações complementares ao texto principal.

Este e-book foi estruturado, em grande parte, pelo método de perguntas e respostas, de maneira que o leitor possa ir direto àquelas questões que mais lhe intrigarem. Tal método tem suas desvantagens, pois a leitura só de algumas questões tira a visão do todo. A fim de suprir este inconveniente, recomendo que, na medida do possível, o material seja lido integralmente pelo menos uma vez. Tentei atender também aqueles que não leram *O Código da Vinci*, de modo que nem seja necessário fazê-lo; para se interar do seu conteúdo, basta ler o tópico “A trama central de *O Código Da Vinci*” (pg. 19). Informo ainda que, independente do interesse pela obra de

Dan Brown em si, este e-book pode lhe ajudar a entender um pouco mais sobre a história do cristianismo.

Finalizando as colocações iniciais, recomendo a leitura deste livro para aqueles que, como eu, desejam investigar a verdade sobre o Graal, a Igreja e, principalmente, sobre quem foi e o que fez Jesus Cristo. Segundo Dan Brown, a jovem Sophie e o Prof. Langdon encontraram suas respostas no desenrolar da trama. Em minhas buscas encontrei respostas substancialmente diferentes daquelas encontradas por eles. Compartilhando minhas descobertas, convido o leitor a mergulhar nas poucas páginas que analisam e rebatem as insinuações feitas em *O Código Da Vinci*. A verdade lhe será revelada sem a necessidade de nenhum código.

“E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará”.

Boa leitura e que Deus o abençoe.

Josafá Valim de Lima

Dezembro de 2006

Introdução

Conforme foi mostrado na Apresentação, a versão em inglês de *O Código Da Vinci* foi lançada em 2003 e teve, logo no primeiro ano, uma vendagem de seis milhões de cópias. Isso fez do livro um *best-seller* de ficção. Uma avalanche de reportagens e documentários seguiu-se ao lançamento da obra, bem como um alto índice de lançamentos de livros que o criticam ou endossam. *O Código da Vinci* trouxe também enorme prestígio para o autor – em edição recente, a revista *Time* apontou Dan Brown como uma das 100 pessoas mais influentes do mundo. A aceitação de *O Código Da Vinci* foi tão grande que o livro já foi traduzido em mais de 40 países. Com se não bastasse, o sucesso da obra agradou também a indústria de *Hollywood*, fazendo com que em maio de 2006 fosse lançado o filme homônimo baseado no livro. Tamanha disseminação prova que a ficção de Brown tem se mostrado imbatível na capacidade de atrair dinheiro.

Por falar em dinheiro, cabe aqui a ressalva que, principalmente em nossa época, o interesse pela fidedignidade do fato é ofuscado pela vendagem do produto. No capitalismo, o importante é vender. Por esta razão os editores, vendedores e compradores não se preocupam muito se o conteúdo do livro de Brown é verdadeiro; o importante é que ele vende e entretém.

Aproveitando o gancho do parágrafo acima, gostaria de abrir um parêntese: é com tristeza que relato que, por mais incrível que pareça, algumas igrejas também têm optado pelo lucro em detrimento da verdade, o que explica em parte o caos religioso de nossa nação, pra dizer pouco. Nosso consolo é sabermos que um dia o trigo será separado do joio. Tal constatação não pretende fazer com que o leitor descredite no cristianismo; pelo contrário, apenas mostra que os cristãos são falhos e parcialmente explica possíveis decepções religiosas anteriores. Todavia, é importante avisar que sua decepção com o homem não deve ser estendida a Deus. Apesar da imperfeição do homem, a verdade dos ensinamentos de Jesus Cristo permanece. Fecha parêntese.

Na busca pelo lucro financeiro, o marketing maciço em torno do Código não é a única causa de sua alta vendagem. Podemos apontar pelo menos mais quatro razões que justificam seu sucesso. Uma delas é o gênero literário do livro, que é o *romance*. Os romances fascinam os leitores pelo conteúdo intrínseco ao gênero literário, de modo que as boas histórias tendem a vender mais que as ruins. De fato a trama criada por Brown é bastante envolvente, porém a crítica que fazemos se deve ao fato do autor ter se utilizado do gênero literário conhecido como *ficção histórica* para dar ao livro a aparência de história factual, sem, contudo, sê-lo de fato. A ficção histórica consiste em inserir personagens fictícios em contextos históricos reais, onde, dentro

dos princípios da literatura, os autores fazem um acordo tácito com o leitor: eles não distorcerão os *fatos históricos* visando deixar suas histórias mais atraentes. Dan Brown simplesmente atropela este princípio e dissemina uma *doutrina fictícia* como se ela fosse um fato concreto, tirando como isso a habilidade do leitor comum de separar a ficção da realidade. Mas porque será que o autor agiu desta maneira? Buscaremos responder a esta questão ao término deste material, mais precisamente a partir da análise existente na *Parte II* de nosso trabalho.

Uma outra razão que enumeramos para o sucesso da obra é a recente proliferação das religiões ocultistas no ocidente, até então considerado um reduto cristão. Cremos que dois fatores justificam o crescimento das religiões ocultistas. Para Francis Schaeffer, pastor e pensador americano que exerceu grande parte de seu ministério na Suíça no século passado, o sucesso do ocultismo pode ser atribuído à modernidade. Vejamos o que o pastor Edino Luiz de Melo diz sobre Schaeffer: “Para Francis Schaeffer a modernidade, advogando o fim da religião, acabou contribuindo para



Marketing de O Código da Vinci. O livro tem ajudado a vender outros títulos de Dan Brown, bem como obras relacionadas a Maria Madalena e ao Santo Graal.

Figura 1

tornar o mundo vazio e impessoal. A falha em dar ao homem uma resposta baseada na razão abriu espaço à filosofia irracionalista do final do século XIX, a qual, seguida pela 1ª e 2ª Grande Guerra, e pelos distúrbios sociais do séc. XX, culminaram no que ele chamou a morte da Razão. Conclusão: delineou-se o caminho para a pós-modernidade, caracterizada pela cultura isenta de absolutos, fértil ao retorno do paganismo medieval e às seitas místicas, em que a subjetividade tornou-se o parâmetro da verdade”³. O segundo ponto que citamos é a falha do cristianismo em transmitir o cerne de sua mensagem, que consiste em anunciar que o homem necessita se arrepender dos seus pecados e reconhecer que só através de Jesus é que é possível se reconectar com o sagrado, isto é, com Deus. Foi com esta mensagem que o cristianismo floresceu, e a ausência dela tem sido responsável por sua derrocada. O abandono das mensagens sobre o arrependimento tem ocorrido porque, ao transformar a igreja em mercado, alguns pastores começaram a considerar *anti-marketing* apontar o homem como pecador. A mensagem que era centrada em Deus foi mudada para satisfazer ao homem; como consequência, o que temos visto é o ensino da barganha com Deus, onde a religião tem sido utilizada apenas como um meio para se obter a prosperidade material. Todavia, bens materiais não preenchem o vazio deixado pela ausência de Deus na vida do indivíduo, de modo que diversas religiões têm sido procuradas – em vão – para suprir a necessidade espiritual do homem. Sintetizando os pensamentos acima, temos que por um lado o crescimento das religiões ocultistas se deve à *modernidade*, e por outro ao *desvio da Igreja*. Não sabemos o que é causa e o que é consequência, mas o fato é que o ocultismo tem preenchido o nicho espiritual criado por estes dois movimentos. O próprio Jesus já nos alertara quanto a este problema, e desde Sua época já questionou: “quando o Filho do homem vier, encontrará fé na terra?” (Lc 18.8). As evidências têm falado por si só.

Andando ao lado do ponto acima exposto, mas merecendo destaque exclusivo, temos também em nossos dias uma gradativa proliferação e aceitação da mentira. Para o cristão isso não deveria soar como novidade, pois a Bíblia já havia profetizado que esta época chegaria. Há quase dois mil anos atrás o Apóstolo Paulo escreveu: “pois virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina; ao contrário, sentindo coceira nos ouvidos, juntarão mestres para si mesmos, segundo os seus próprios desejos. Eles se recusarão a dar ouvidos à verdade, voltando-se para os mitos” (2 Tm 4.3-4). De fato, mito é um dos melhores adjetivos que encontramos para a história sustentada por Dan Brown – e esperamos conseguir provar isso ao longo deste trabalho –, e a ampla aceitação de *O Código Da Vinci* é prova da veracidade daquilo que a Bíblia diz.

Como última razão, cremos que o sucesso de *O Código Da Vinci* pode também ser atribuído à menção do nome Jesus, o qual por si só já atrai multidões. Tanto os seus seguidores quanto os críticos buscam conhecer o que tem sido dito sobre Ele. A exemplo dos gregos de Atenas em tempos passados (At 17.16-34), os quais não se preocupavam com outra coisa senão ouvir ou falar das últimas novidades (v.21), o mesmo sentimento acomete muitos hoje. De forma semelhante ao que ocorreu após a pregação de Paulo, diversas são as reações quando a mensagem de Jesus culmina em dizer que o homem deve se arrepender de seus pecados: alguns crêem, outros rejeitam, e outros se furtam à decisão, deixando o assunto para outra hora (v.32-34). Some-se a estes o imenso contingente de admiradores, isto é, pessoas que não rejeitam a Jesus mas também não o seguem como deveriam segui-lo, e o resultado é um grande público. Situações semelhantes ocorreram quando o próprio Jesus esteve entre nós, uma vez que os quatro grupos faziam (e fazem) parte de sua audiência: céticos, crentes (isto é, os que creram), indecisos e admiradores. As motivações desses grupos eram diferentes, porém o desafio de segui-Lo era lançado a todos sem distinção, desafio este que permanece ainda hoje. O objetivo do Código é tornar todos céticos. O nosso é o mesmo de Paulo: que todos creiam que Jesus é o único caminho que conduz a Deus (At 17.29-31).

Relembrando: um *romance*, que contem o *nome de Jesus*, impulsionado por um *marketing maciço*, em uma época altamente *propensa à mentira* e que esbarra num *cristianismo cambaleante e no florescimento das doutrinas orientais*. A união destes elementos fez do Código um sucesso.

Estas são *razões externas* que apontamos como uma combinação bem sucedida, mas elas pouco fariam se o romance não tivesse o *mérito interno* de apresentar uma boa história. É aqui que a qualidade do autor enquanto escritor faz a diferença. Buscando refutar o cristianismo, Dan Brown utiliza-se de uma estratégia bastante engenhosa para poder difundir sua teoria – sutilmente ele leva o leitor a desacreditar nas maiores evidências documentais da fé cristã: a *Bíblia* e a *História*. Para construir seu enredo é necessário derrubar estas duas colunas do cristianismo, e Brown faz isso acusando a Bíblia de ser uma colagem politicamente encomendada⁴ e afirmando que a História foi igualmente manipulada por interesses políticos⁵. Estas graves acusações precisam ser investigadas.

Sabemos que judicialmente é o acusador quem deve provar a culpa do acusado, todavia aqui é o acusado – a igreja – que acaba por ter que provar sua inocência, numa clara inversão do ônus da prova. Apesar de incompatível com os princípios jurídicos, vamos defender a Bíblia e a História mesmo na ausência das provas que as desabonem. Esta defesa está diluída ao longo deste material, destacadamente na seção de *Perguntas & Respostas*. Aqui apenas explicitamos que a tática do acusador,

no caso Dan Brown, é misturar mentira à verdade. Ele utiliza, por exemplo, elementos reais (Concílio de Nicéia, Opus Dei, pinturas de Leonardo, etc.), e fornece ao leitor informações deturpadas (diz que o Concílio de Nicéia foi um evento para “criar” a divindade de Jesus, diz que o Opus Dei persegue o suposto Priorado de Sião, diz que as pinturas de Leonardo “provam” suas teses, etc). Valendo-se deste meio, o autor confunde o leitor, que dificilmente vai se preocupar em averiguar a veracidade e plausibilidade dos ensinamentos difundidos pelo Código.

O nosso papel foi justamente fazer esta averiguação, objetivando impedir que muitos sejam ludibriados. As questões que levantamos e respondemos ao longo deste material é uma tentativa de desatar o nó dado por Brown, e concentramos nossos esforços em rebater as questões pertinentes ao cristianismo. Antes de partirmos para as questões em si, achamos por bem fazer um breve esboço do conteúdo do livro. Ele servirá como um guia para aqueles que ainda não tiveram contato com o conteúdo de *O Código Da Vinci*, e servirá também para trazer a essência da trama do autor à mente daqueles que já leram o livro ou viram ao filme.

PARTE I **Sobre O Código *Da Vinci***

A trama central de *O Código Da Vinci*

Listamos abaixo um resumo do enredo da obra de Brown:

- O Prof. Langdon, um simbologista de Harvard, é convidado a desvendar um crime no Louvre, pois a cena do crime está rodeada de símbolos e mistérios. O crime é a morte do curador Saunière, especialista no “sagrado feminino”;
- Saunière, antes de ser assassinado, havia chamado sua neta, Sophie Neveu, para lhe transmitir alguns segredos da família. Todavia, o curador vê seu intento frustrado pelo infortúnio de ter sido baleado um pouco antes do encontro. Cambaleante, Saunière ainda consegue fugir de seu algoz, deixando mensagens codificadas ao longo do museu enquanto se esvaece.
- No museu, diante do avô morto, Sophie conhece o Prof. Langdon. Após uma breve troca de palavras, ambos começam a fugir da perseguição imposta pelo grupo católico *Opus Dei*, o qual tenta impedir que o casal descubra o segredo que o avô de Sophie revelara por meio das pistas deixadas;
- Em fuga, o casal vai à residência de Sir Leigh Teabing, um inglês considerado profundo conhecedor da história do Graal e do sagrado feminino. Sir Teabing apresenta-lhes o segredo: Saunière era Grão-Mestre do grupo secreto “O Priorado de Sião”, e só este grupo possui a verdade sobre Jesus, Maria Madalena e a raça humana. Eis a verdade revelada por Teabing:
 - a. A humanidade sempre reverenciou igualmente o masculino e o feminino;
 - b. Ciente disso, Jesus tomou Maria Madalena como esposa e confiou-lhe a liderança do movimento de restauração da adoração do sagrado feminino, sendo que Maria Madalena estava esperando uma filha de Jesus quando ele foi crucificado;
 - c. Pedro, enciumado, substituiu os ensinamentos de Jesus e tomou o lugar de Maria Madalena na missão de fundar e conduzir a Igreja;
 - d. Maria Madalena morreu na França, mas seus descendentes constituem uma “linhagem real” que existe até hoje. Ela tipifica o sagrado feminino. É ela o tão procurado Santo Graal.
- Teabing continua sua argumentação, dizendo que a verdadeira história sobre o cristianismo é oculta. A história que conhecemos não retrata os reais ensinamentos de Cristo. Ela foi forjada pelos vencedores, isto é, pelos partidários de Pedro;
- O Priorado de Sião tem guardado o segredo do Graal por 2000 anos. Seus membros afirmavam que Leonardo Da Vinci fora um respeitável Grão-Mestre da instituição, tendo inserido o conhecimento que tinha sobre Jesus e Maria Madalena em seus trabalhos;
- As informações apresentadas a Sophie e Langdon culminam dizendo que setores da Igreja Católica possuem um acordo com o Priorado de Sião para que o segredo não seja revelado. Todavia, a possibilidade do Priorado quebrar o acordo na virada do milênio fez com que a Igreja, através do Opus Dei, passasse a perseguir e assassinar os mestres do Priorado de Sião;
- Com o desenrolar da trama, Sophie descobre que, após a morte de seus pais, fora adotada por Saunière. Ela é descendente direta de Maria Madalena e Jesus, e seu

avô adotivo cuidava dela para preservar o segredo do Graal e da linhagem sagrada. No devido tempo o segredo seria revelado à neta, porém ela, no passado, se afastara do avô após presenciá-lo num ritual sexual sagrado onde ele “praticava a fé”;

- Ao término da busca pelo Santo Graal – Maria Madalena e seu sangue –, o protagonista principal é levado a crer que os ossos de Maria Madalena estão sob a pirâmide do Louvre;
- Ao final do livro, o prof. Langdon ouve uma “voz de mulher” vindo da terra até ele, em uma discreta alusão à descoberta do segredo. A voz é o sinal da “iluminação” que ele recebeu ao conhecer à verdade.

Perguntas & Respostas

Uma vez feitas todas as considerações iniciais que achamos pertinentes, finalmente estamos preparados para nos aprofundarmos no conteúdo de *O Código Da Vinci*. A fim de tornar o material um guia de fácil consulta, optamos por estruturá-lo da seguinte maneira:

PERGUNTA – Simulamos algumas perguntas que possivelmente surgiriam na mente do leitor do Código, principalmente aquelas que dizem respeito ao cristianismo. Com isso, foram omitidas as questões dos erros de Brown quanto à arte ou puramente históricos, uma vez que tais questões são de menor impacto no contexto religioso-espiritual. Foi uma omissão necessária, pois nosso intuito é mais defender o cristianismo do que apontar as imprecisões do autor.

ACUSAÇÃO – Logo abaixo da pergunta há uma síntese da acusação feita por Dan Brown. Na sequência há a citação do trecho que sustenta a acusação. Esta citação está expressa em letras menores, contendo o número da página da qual ela foi extraída (conforme edição de *O Código Da Vinci* indicada na bibliografia).

REFUTAÇÃO – Enquanto preparávamos o material, uma das preocupações que tínhamos era com a possível tendência do leitor em considerar *a evidência bíblica* e *a evidência história* como falsas, uma vez que Dan Brown insiste em fazer tais colocações. Nossos argumentos poderiam não soar como confiáveis ao leitor – embora eles o sejam de fato –, e por isso preparamos também um tipo de *refutação lógica*, que nada mais é do que avaliar as inconsistências dos argumentos de Brown à luz da razão. Algumas refutações são quase que desnecessárias de tão triviais, e outras dependem, pelo menos em parte, dos argumentos históricos ou bíblicos. Existem casos em que, por exemplo, deduções lógicas são feitas em argumentos históricos ou bíblicos e vice-versa; isso ocorre porque consideramos que a divisão do argumento prejudicaria o entendimento. Ainda sobre a estrutura das refutações, embora normalmente os argumentos sejam expressos em lógico, histórico e bíblico, em alguns casos a inversão é necessária para um melhor entendimento da evolução dos mesmos. Informamos ainda que, em algumas questões, um ou outro argumento pode ter sido deixado de lado, isto em função da não aplicabilidade do mesmo ou da nossa limitação em encontrar material que justificasse a sua inclusão.

CONCLUSÃO – Há várias possibilidades quando apresentamos nossas conclusões. Uma delas é a tentativa de “dar um passo a frente” e desvendar aquilo que Dan Brown pretende com sua acusação. Em outros casos, ela pode ser usada para explicitar e consolidar a crença cristã que foi alvejada na acusação de Brown. Por último, ela também busca ser uma síntese da refutação, rebatendo a acusação sem entrar nos detalhes apontados na refutação, tornando assim a resposta mais direta e objetiva, apontando e em alguns casos repetindo os fatos mais importantes destacados nas refutações.

Por fim, informo que o material está categorizado por seções, conforme exposto no índice. Esta foi mais uma tentativa de deixar o material amigável. Feito estes esclarecimentos, não há nada mais a dizer senão lhe desejar uma boa leitura. Espero que este e-book seja útil em sua busca pela verdade, e lhe sirva de guia em suas próprias pesquisas caso estas venham a ser feitas.

SEÇÃO 1 – Suposições

1. Existe, de fato, um Santo Graal? Ele é o útero de Maria Madalena?

ACUSAÇÃO

O sangue (linhagem) de Jesus no útero de Maria Madalena é o verdadeiro Santo Graal ao qual as lendas se referem.

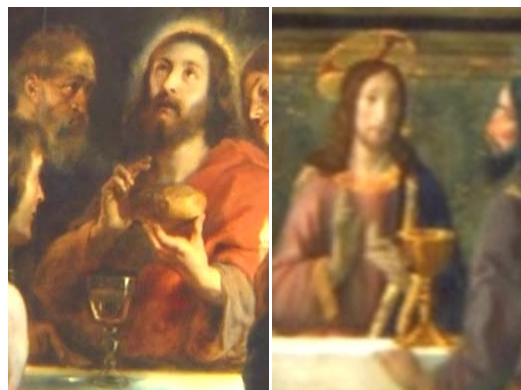
“A igreja precisou difamar Maria Madalena para encobrir o perigoso segredo dela – seu papel como Santo Graal. [...] Leonardo da Vinci sabia disso. A Última Ceia praticamente proclama àqueles que a contemplam que Jesus e Maria Madalena eram um casal.” (OCDV, pg. 231)

“Maria Madalena era o Vaso Sagrado. Era o cálice que concebeu a descendência do sangue real de Cristo.” (OCDV, pg. 237)

REFUTAÇÃO

HISTÓRICA

- a. A pg. 223 de OCDV fala sobre os documentos gnósticos, e nela Brown diz que estes manuscritos “contam a verdadeira história do Graal”. Diante desta colocação, o leitor do Código é induzido a crer que há referência ao Graal nestes documentos, mas a verdade é que não há uma única menção ao objeto em nenhum dos textos gnósticos. Alguns podem dizer que o Graal é apenas um símbolo que expressa a união de Jesus e Maria Madalena, e que o símbolo não precisa, necessariamente, constar nos evangelhos gnósticos. Contudo, é interessante notar que estes evangelhos também não mencionam o suposto casamento ou descendência de Jesus. Na verdade, o argumento que Jesus teria se casado vem de inferências obscuras baseadas nos evangelhos de Maria Madalena e de Filipe, inferências essas que são analisadas nas *refutações históricas c-d-e*, e também nas questões 15 e 19. Como os evangelhos gnósticos são os documentos mais antigos utilizados pelo autor (Séc. II e III), citamos o próprio silêncio^e deles quanto ao suposto casamento ou descendência de Jesus como evidência de que não existia tal crença nos primeiros séculos. Diante do exposto, explicitamos que não é dos documentos gnósticos que vem a idéia de que Jesus se casara. Na verdade o Graal (símbolo) e o casamento e descendência de Jesus são mitos criados em uma época posterior aos primeiros séculos, conforme mostraremos a seguir.
- b. A primeira referência documental conhecida do Graal é feita em um poema chamado *Perceval*, de Chrétien de Troyes, que viveu no sec. XXII⁶. Outra fonte importante para o estudo do simbolismo do Graal é a obra *Parzifal*, de Wolfram von Eschenbach, provavelmente escrita entre 1195 e 1216⁷. Nesta obra, o trovador alemão descreve o Graal como uma pedra caída dos céus, uma pedra preciosa multifacetada que estaria incrustada na testa de Lúcifer, e que dali teria caído para a Terra⁸. Adicionalmente, o símbolo do Graal



Embora a representação mitológica do Cálice (ou Graal) seja a de uma taça de ouro com pedras preciosas (figura da direita), segundo os historiadores é mais provável que o cálice usado por Cristo fosse uma peça de vidro ou de barro (figura da esquerda).

Figura 2

^e O silêncio aqui é diferente do *argumento do silêncio* utilizado na questão 4. Lá a omissão quanto ao estado civil de Jesus tende a ressaltar seu celibato, uma vez que Ele nasceu solteiro. Aqui *necessariamente* os gnósticos explicitariam o casamento de Jesus caso este casamento tivesse acontecido, principalmente para corrigir a suposta omissão dos evangelhos bíblicos quanto à questão. Ademais, ainda que os gnósticos falassem de um casamento de Jesus, a informação fornecida seria altamente questionável em função dos textos gnósticos serem escritos em época posterior aos textos no Novo Testamento, conforme mostramos nas questões 15 e 19.

já foi utilizado para expressar a fonte da juventude, o recipiente que abrigou o sangue de Cristo, um livro e uma lança. Todas as suposições demonstram quão mitológico é o chamado Graal. Progredindo com as lendas em torno do objeto, no Século XV surge a idéia de que o Graal representava uma linhagem real⁹. Mais recentemente, em 1982, os autores de *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada* difundem a hipótese de o Santo Graal estar associado a uma suposta descendência de Jesus^f. Por último, provavelmente motivado pelo livro acima citado, em 1988 Martin Scorsese lança o filme *A Última Tentação de Cristo* (1988), onde é fantasiada uma relação sexual entre Jesus e Maria Madalena. Diante deste quadro, as evidências históricas em torno do objeto mostram que a idéia de o Graal ser o útero de Maria Madalena é bastante recente (1982), advinda de um livro altamente questionável quanto ao quesito historicidade. Contudo, ainda assim Brown tenta fazer dela uma teoria que remonta aos primeiros séculos, o que simplesmente não é verdade.

- c. Avaliemos um dos textos gnósticos utilizados por Brown. O Evangelho de Maria Madalena, citando um suposto diálogo entre alguns discípulos, traz a seguinte narrativa, a qual é transcrita em *O Código Da Vinci* na pg. 234:

E Pedro disse: “O Salvador realmente falou com uma mulher sem nosso conhecimento? Devemos nos voltar e escutar essa mulher? Ele a preferiu a nós?”.

E Levi respondeu: “Pedro, você sempre foi precipitado. Agora te vejo lutando contra a mulher como a um adversário. Se o Salvador a tornou digna, quem és tu para rejeitá-la? Certamente o Salvador a conhece muito bem. Foi por isso que a amou mais do que ama a nós”.

Neste diálogo os discípulos, que andavam o dia todo com Jesus, se mostram impressionados que o mestre tenha tão somente *conversado* com uma mulher, no caso Maria Madalena. Este é um dos textos que Brown usa para “provar” que Jesus era casado, mas na verdade o espanto dos discípulos mostra exatamente o contrário, isso é, que não era comum Jesus sequer estar (ou falar) com uma mulher; ora, se há espanto por Ele ter falado com Maria Madalena, como é possível crer que Jesus fosse seu esposo?!? A única prova aqui é que não era comum Jesus falar com as mulheres, o que está de acordo com a tradição judaica da época (tradição esta quebrada pelo próprio Jesus em algumas passagens do Novo Testamento). A segunda parte do texto também não é capaz de provar a alegada união, pois o suposto ato de Jesus tê-la amado mais não denota matrimônio. Primeiro porque o contexto não favorece a idéia de matrimônio, mas sim de uma relação inusitada e inesperada, conforme exposto acima; segundo, a própria Bíblia fala que João era o discípulo a quem Jesus amava (Jo 20.2), e a preferência por João jamais foi interpretada como uma união no sentido físico ou matrimonial; terceiro, é praticamente certo que nem mesmo os gnósticos tenham atribuído o sentido marital ao usarem a expressão “a amou mais”, conforme mostraremos na *refutação* e abaixo; quarto, a expressão “amou mais” informa que o amor que havia pelos discípulos é o mesmo amor supostamente atribuído a Maria; assim, ou ele amou todos com o amor *eros* (conotação sexual), o que é pouco provável, ou ele amou todos com o amor *agape* (amor de irmão), o que por si só exclui o suposto romance de Cristo.

Uma vez refutado o conteúdo do texto, desabonaremos agora o texto em si, uma vez que os fatos ali relatados não são dignos de credibilidade histórica. Por que não? Porque o chamado Evangelho de Maria Madalena foi escrito uns dois séculos após a morte de Jesus¹⁰, o que impede que sua autoria seja atribuída à Maria Madalena. Na verdade, o texto não retrata um diálogo de fato ocorrido, mas sim a crença dos gnósticos. Ele foi escrito para “provar” duas doutrinas gnósticas:

- i) sustentar a tese de que as mulheres eram capazes de pregar; e
- ii) como esta “experiência” da mulher teria ocorrido com o Cristo ressurreto, o texto era usado para defender que as revelações tinham a mesma autoridade da doutrina bíblica apostólica.

Sabe-se que todos estes dois pontos eram rejeitados pelo cristianismo ortodoxo. Ao contrário do que insinua o Código, o texto não foi escrito para provar a primazia de Maria Madalena, mas sim para atribuir à mulher um espaço que, por questões culturais^g, não existia nos primórdios da Igreja.

^f Sobre o desenvolvimento do mito da descendência de Jesus, vide Apêndice 4.

^g Vide questão 13, *refutação lógica b*.

- d. Embora os evangelhos gnósticos usem o nome dos discípulos de Jesus (Tomé, Filipe, Maria Madalena, etc), nenhum deles foi escrito pelos personagens neotestamentários em questão. O uso destes nomes era uma estratégia dos gnósticos a fim de buscar credibilidade junto ao cristianismo ortodoxo, uma vez que a origem apostólica era uma das “exigências” para que o livro fosse aceito como inspirado nos primórdios da Igreja^h.
- e. Uma vez que o gnosticismo buscava se passar por cristianismo autêntico, é bem coerente crer que os gnósticos não revolucionariam o cristianismo ao ponto de “casar Jesus”, pois as primeiras gerações do cristianismo não aceitariam tão fantasiosa colocação. Isso porque na época dos escritos gnósticos existiam apenas duas ou três gerações posteriores àquela que presenciou a vida, morte e ressurreição de Jesus, e “o desenvolvimento de lendas leva pelo menos duas gerações inteiras”¹¹. Com isso, escrever sobre um casamento de Jesus era uma mentira impensável e inviável na época da composição dos evangelhos gnósticos. Conforme vimos na *refutação histórica c*, o que os gnósticos desejavam era dar credibilidade à revelação e valorizar o papel das mulheres, e foi exatamente com este intuito que o Evangelho de Maria Madalena foi composto. E como Maria Madalena fora uma das discípulas mais influentes na época de Jesus, escrever um livro utilizando-se do nome dela foi a saída encontrada pelos gnósticos para dar credibilidade a obra deles. Para resumir, o importante a destacar é que nem de perto os textos gnósticos tentaram casar Jesus. Esta teoria é fruto de interpretações distorcidas bem posteriores à composição dos textos.
- f. De acordo com o que já foi brevemente citado na *refutação histórica b*, a idéia de que Maria Madalena é o Graal é bastante recente. Ela vem dos livros *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada* (1982) e *A Grande Heresia - O Segredo da Identidade do Cristo* (1997)ⁱ. Os autores do primeiro parecem ter sido os pioneiros em afirmar que o Graal era o sangue de Cristo – ou melhor, sua descendência –, ao passo que os autores do segundo foram os primeiros que “enxergaram” Maria Madalena ao lado de Jesus na obra *A Última Ceia*, de Leonardo Da Vinci, conforme veremos nas questões 6 e 7. É nestes livros recentes que Dan Brown se baseia para provar que Maria Madalena era o Graal. Todavia, tais livros não têm valor histórico e se baseiam em sucessivas lendas, conforme demonstramos no Apêndice 4.
- g. Na pg. 241 de OCDV é dito que “as vidas de Madalena e Sara foram detalhadamente registradas por seus protetores judeus”, onde Sara seria o nome de sua suposta filha. A citação do nome induz o leitor a crer Jesus realmente teve uma filha. Ao investigar a questão, descobrimos que Brown retira o nome Sara das obras esotéricas “*A Grande Heresia - O Segredo da Identidade do Cristo*” e de “*Maria Madalena e o Santo Graal - A Mulher do Vaso de Alabastro*”. O primeiro destes livros informa que o nome Sara é encontrado no chamado *Documento Montgomery*, onde é relatado que “a data de sua origem é incerta, mas a versão aqui referida origina-se no século XIX”. Por ser uma obra recente, qualquer tentativa de lhe atribuir antiguidade não passa de especulação. Este mesmo documento é transcrito no prólogo do segundo livro supra-citado, e nele há um relato sobre o casal Yoshua e Mirian e sobre o nascimento de uma menina chamada Sara. Para os esotéricos, a história fantasiosa se refere a Jesus (Yoshua) e Maria Madalena (Mirian). O que extraímos de palpável desta história é que a fonte mais antiga sobre o nome da suposta filha de Jesus é um relato do século XIX, ou seja, uma história escrita mais de 1800 anos após a morte e ressurreição de Jesus. Infelizmente Brown não informa que os evangelhos bíblicos – que nada falam sobre um casamento de Jesus – foram escritos no primeiro século da nossa era, e por isso são muito mais confiáveis que o chamado *Documento Montgomery*. Isso nos permite afirmar que a historicidade dos evangelhos bíblicos^j é incomparavelmente superior às histórias do século XIX, e não há razão para se priorizar a segunda em detrimento da primeira.
- h. Como última informação, é importante destacar que os livros citados nas *refutações f e g* são obras destacadamente esotéricas. E qual o problema do esoterismo? O problema é que ele é totalmente oposto ao cristianismo, uma vez que o esoterismo é uma “designação que abrange um complexo conjunto de doutrinas práticas e ensinamentos de teor religioso e espiritualista, em que se confundem influências de religiões orientais e ciências ocultas, associadas a técnicas terapêuticas, e que, supostamente, mobilizam energias não integrantes da ciência e que visam a iniciar o indivíduo nos caminhos do autoconhecimento, da paz

^h Vide *refutação histórica* da questão 15.

ⁱ Vide síntese destas obras nas pgs. 116-7.

^j Sobre a historicidade dos Evangelhos, vide questões 15 e 16.

espiritual, da sabedoria, da saúde, da imortalidade, etc”¹². Isso significa que, seja através de mentiras ou verdades, os esotéricos visam desacreditar o cristianismo, uma vez que este é oposto às *ciências ocultas e religiões orientais* praticadas por aquele. Como pressuposto, o cristianismo se propõe a buscar a verdade – “e conhecerão a verdade, e a verdade os libertará”¹³ – ao passo que o esoterismo se baseia em ciências ocultas, onde ocultistas famosos como Albert Pike declaram que as doutrinas secretas “não eram comunicadas a qualquer um [...] menos de um em cada grupo de mil a conheciam”¹⁴. Comparando as posições, a proposta cristã é que a verdade é acessível a todos, ao passo que no esoterismo a maioria que imagina conhecer a verdade está sendo premeditadamente enganada. A mensagem explícita é que o primeiro busca a verdade e o segundo celebra o engano. Se Brown se baseia no segundo, fica óbvia a falta de credibilidade histórica de *O Código Da Vinci*.

LÓGICA

- a. Como base na evidência do *argumento histórico g*, como é possível crer que Maria Madalena se casou com Jesus, uma vez que tal história só surgiu dezoito séculos após a vida dos personagens? Como é possível crer que Maria Madalena é o Graal, se o mito do Graal só surge no século XII, conforme mostrado na *refutação histórica b*?
- b. Segundo Dan Brown, Maria Madalena ameaçava o domínio dos partidários de Pedro (OCDV, pg. 227). Ora, historicamente, em caso de oposição os inimigos são ameaçados de morte e eventualmente assassinados, conforme vemos nos seguintes exemplos: Genro de Saddam Hussein, Martin Luther King, John Kennedy, Robespierre, Policarpo, Justino Martin, João Batista, o próprio Jesus, etc. Porque o partido de Pedro simplesmente não matou Maria Madalena, ainda mais se ela representava uma ameaça tão grande quanto Dan Brown alega?
- c. Uma vez que o partido de Pedro não matou Maria Madalena, seria no mínimo sensato excluir seu nome da história, ou então difamá-la. Contudo, nenhuma destas coisas ocorre na Bíblia^k. Ao contrário, os evangelhos lhe atribuem lugar de honra, conforme pode ser visto no relato de Marcos 16.9-10: “Quando Jesus ressuscitou, na madrugada do primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena, de quem havia expulsado sete demônios. Ela foi e contou aos que com ele tinham estado; eles estavam lamentando e chorando”. É no mínimo estranho alegar que “a igreja precisou difamar Maria Madalena” quando lhe é atribuída a honra de ser a primeira a ver ao Cristo ressurreto.
- d. O texto acima mostra duas coisas: primeiro, que Maria Madalena não foi difamada ou vilipendiada, como alega Brown; segundo, corrobora com a tese da *refutação histórica e* desta mesma questão, haja vista que mostra que os evangelhos gnósticos foram escritos com base nos evangelhos bíblicos, numa fracassada tentativa de acomodar a doutrina gnóstica ao registro do Novo Testamento.
- e. Se Jesus tinha “milhares de seguidores”, conforme o Código alega na pg. 220, é bem provável que eles teriam o conhecimento da importância de Maria Madalena caso Jesus desejasse fazer dela a líder do movimento que Ele iniciara. Como estes milhares de seguidores permitiriam que Pedro simplesmente modificasse o ensino de Jesus?
- f. Dan Brown alega que Pedro usurpou o lugar de Maria Madalena (que era o Santo Graal), e posteriormente Constantino excluiu os evangelhos que falavam do relacionamento de Jesus com ela. Tal colocação gera os seguintes questionamentos:
 - i. Como o nome de Maria Madalena resistiu a duas conspirações: a suposta de Pedro em sua época, e posteriormente em Nicéia? Porque seu nome não foi simplesmente apagado da história? Não seria melhor ter riscado da Bíblia, por completo, qualquer referência a ela?
 - ii. Como Constantino – aquele que “montou” a Bíblia – pôde excluir os evangelhos que falam do relacionamento de Jesus e Maria Madalena sem encontrar oposição dos cristãos da época?
 - iii. Porque Constantino precisava banir o suposto relacionamento de Jesus e Maria Madalena? Alguém pode responder que desta forma seria mais fácil “promover Jesus a divindade”, ou que com isso seria possível “unificar Roma sob uma única religião”

^k Sobre a difamação de Maria Madalena pela igreja (não pela Bíblia), vide *refutação histórica* da questão 20.

- (OCDV, pg. 220). Nenhuma destas respostas, todavia, faz sentido, uma vez que as divindades existentes até aquela época não eram, necessariamente, “solteiras”, e por isso Jesus também não precisaria ser. Em outras palavras, *se a divindade de Jesus fosse uma lenda*, não importaria se Jesus era casado ou solteiro, uma vez que as lendas da época (as mitologias gregas, romanas, etc.) tinham deuses “casados”. *Se a divindade de Jesus fosse uma lenda*, seria até melhor que ele fosse casado para se parecer com as divindades pagãs. Simplesmente não faz sentido o argumento da necessidade de ocultar a suposta família de Jesus para divinizá-lo.
- iv. Se Constantino banuiu os evangelhos que falam de Maria Madalena, o cristianismo após ele se modificou? Segundo o autor sim, porque “o feminino foi banido”. Todavia, se o cristianismo estava vencendo a corrida contra o paganismo (OCDV, pg.220), por que seria necessário modificar a “teologia” vencedora? Por que os “80 evangelhos” que falavam de Cristo em “aspectos mais humanos” deveriam ser rejeitados? Em qualquer um dos casos, a alegada tentativa de mudança do cristianismo não se justifica. Alguns podem dizer que tal modificação visava compatibilizar o paganismo com o cristianismo, mas neste caso respondemos com o *tópico iii* exposto acima, o qual mostra que tal atitude iria incompatibilizar as religiões, e não igualá-las.
- v. Segundo Brown, “Constantino moldou a face da cristandade como a conhecemos hoje em dia” (OCDV, pg. 222). Seu raciocínio ainda vai além, pois afirma que Constantino não moldou apenas o cristianismo, mas sim *toda a religiosidade romana*, uma vez que ele conseguiu “converter os pagãos adoradores do Sol em cristãos” (OCDV, pg. 220). Coloquemos esta teoria à luz da razão: Segundo Brown, um único homem, Constantino, engenhosamente “criou” a doutrina da divindade de Jesus; em uma reunião, no Concílio de Nicéia, ele convenceu 200 ou 300 religiosos (notem que não era um concílio de leigos) a aceitarem sua doutrina; estes, por sua vez, transmitiram a nova doutrina aos cristãos das igrejas, que foi aceita de bom grado; e como se não bastasse, os pagãos, adoradores do Sol, passaram também a adorar Jesus ao ouvir que Ele fora “transformado” em Deus. Seria mesmo tão fácil um único homem modificar toda a religiosidade romana através do *insight* de tornar Jesus divino? Se a idéia de divinizar Jesus fosse verdadeira, não seria mais provável que Constantino encontrasse oposição tanto dos cristãos quanto dos pagãos? A conclusão que chegamos é que crer na fábula de Brown é simplesmente contrariar o bom senso.
- g. A certa altura, o Código afirma que os “registros reais” de Maria Madalena foram encontrados pelos Templários em Jerusalém (pg. 153). Em outra parte afirma que os judeus da França é que ocultaram Maria Madalena e registraram sua genealogia (pg. 241). Porque o judeu da França levaria tais documentos a Jerusalém, se lá o suposto partido de Pedro (ou a Igreja Católica) era quem dominava? Não seria Jerusalém o local mais inseguro a abrigá-los? Mais uma vez o escrutínio lógico, à luz da razão, contraria a tese de Brown.

BÍBLICA

- a. Antes de insinuar que Jesus se casou, é preciso saber que praticamente todos os fatos mais marcantes da vida de Jesus foram profetizados pelo Antigo Testamento, sendo que nele não há a menor referência a Jesus deixar descendência; ao contrário, é profetizado que o seu governo jamais teria fim (Is 9.7). A existência de um *governo eterno* torna desnecessária a suposta descendência, uma vez que o trono jamais ficará vago¹. Para o cristão, o governo de Cristo é primeiramente espiritual e já foi estabelecido, e a existência da Igreja é prova dele, pois é na igreja que estão seus súditos.
- b. Na verdade, a missão de Jesus não era estabelecer descendência, como diz o Código, mas sim anunciar Deus aos homens e ser o caminho da salvação destes. Por isso Lc 4.42-44 declara: “Ao romper do dia, Jesus foi para um lugar solitário. As multidões o procuravam, e, quando chegaram até onde ele estava, insistiram que não as deixasse. Mas ele disse: ‘É necessário que eu pregue as boas novas do Reino de Deus noutras cidades também, porque para isso fui enviado’. E continuava pregando nas sinagogas da Judéia”. Aqui fica claro que sua missão era pregar as boas novas do Reino de Deus. Hoje, aqueles que aceitam sua missão também se integram espiritualmente ao seu reino.

¹ Toda a cristandade crê que Jesus *já está reinando*, porém crê também que *a plenitude deste reino ainda virá*, conforme dito em Atos 1.1-11, Apocalipse 22.12-16 e outros textos.

- c. Segundo Brown, Jesus veio restaurar, através de Maria Madalena, a adoração da deusa, o sagrado feminino. Brown acerta a missão de Jesus (restaurar), mas erra no objeto (que é a humanidade, e não o sagrado feminino). A Bíblia mostra que as “boas novas do Reino de Deus” era o anúncio de que Jesus era o enviado de Deus para restaurar a comunhão do homem com o Criador, conforme diz Lc 4.16-21: “Ele foi a Nazaré, onde havia sido criado, e no dia de sábado entrou na sinagoga, como era seu costume. E levantou-se para ler. Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías. Abriu-o e encontrou o lugar onde está escrito: ‘O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor’. Então ele fechou o livro, devolveu-o ao assistente e assentou-se. Na sinagoga todos tinham os olhos fixos nele; e ele começou a dizer-lhes: ‘Hoje se cumpriu a Escritura que vocês acabaram de ouvir’”. Aqui está implícito que a plenitude espiritual dependia da aceitação, por parte de seus ouvintes, de que Ele era o enviado de Deus.
- d. A clara mensagem de Jesus a Maria Madalena e aos demais discípulos foi a ordem de difundir o evangelho que Ele mesmo anunciara, isto é, as boas novas do Reino de Deus: “Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas. Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado” (Mc 16.15-16). Mas crer em que? Crer que Ele era aquele que João Batista anunciara: “Vejam! É o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo! [...] Eu vi e testifico que este é o Filho de Deus” (Jo 1.29,34). Concluímos dizendo que sua missão não foi estabelecer uma descendência para si; antes, consistia em mostrar ao mundo que Ele era o enviado de Deus. E de fato sua missão foi vitoriosa, pois Ele mesmo disse: “eles [aqueles que o Pai lhe dera] reconheceram de fato que vim de ti e creram que me enviaste” (Jo 17.8b).

CONCLUSÃO

- a. A associação do Graal a Maria Madalena é uma lenda que vem sendo progressivamente construída. Até o que se sabe, ela foi criada em 1982 no livro *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*. Todavia, nenhum meio acadêmico considera o livro como historicamente confiável. Ademais, os próprios autores alegam que o livro trata de hipóteses, não de fatos. Diante desta evidência, a associação do Graal a Maria Madalena tem apenas o status de mito, não de história.
- b. Embora Brown afirme que os evangelhos gnósticos contêm informações sobre Maria Madalena ser o Graal, vimos que tais documentos não citam nem o graal (objeto) nem descendentes dela, de modo que não é possível basear nestes documentos a tese que diz que Maria Madalena era o “vaso sagrado”.
- c. Através do mito do Graal Brown tenta desviar a atenção do leitor da essência do cristianismo, ofuscando a mensagem da salvação (principal ensinamento de Jesus) e a substituindo pelo mito da descendência. Uma vez alertados do engano, é importante que reafirmemos a mensagem de Jesus: “Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado” (Mc 16.16).
- d. cremos que *O Código da Vinci* insiste em forçar que existe uma descendência de Jesus para induzir o povo a crer que, caso surja um homem (ou mesmo mulher) que alegue ser descendente de Cristo, este seja bem recebido pelo mundo e, se possível, até pela Igreja. Podemos especular que este suposto descendente seja o Cristo da Nova Era, o qual é o anticristo da Bíblia^m. Lembremo-nos que o anticristo apresenta um poder de origem demoníaca (Ap 13.2-9), e este poder poderá ser utilizado como suposta prova de descendência do Cristo verdadeiro. Não nos enganemos.

^m Conforme 1Jo 2.22. Maiores detalhes, vide *refutação bíblica b* da questão 12. Vide também a análise apresentada na *Parte II* deste material.

2. É verdade que sempre existiu o chamado “sagrado feminino”?

ACUSAÇÃO

A humanidade sempre adorou o sagrado feminino, inclusive o antigo Judaísmo, onde a consorte feminina de Deus é a “Shekinah”.

“Historicamente, as relações sexuais eram o ato através do qual o homem e a mulher experimentavam o divino. Os antigos acreditavam que o masculino era espiritualmente incompleto antes de ter conhecimento carnal do sagrado feminino. A união física com a mulher era o único meio segundo o qual o homem podia se tornar espiritualmente completo e chegar a atingir a gnose – o conhecimento do divino. Desde a época de Ísis, os ritos sexuais vinham sendo considerados a única ponte entre a terra e o céu para o homem. Em comunhão com uma mulher, o homem podia atingir um instante de êxtase no qual sua mente ficava totalmente vazia e ele era capaz de ver Deus.” (OCDV, pg 291)

“Constantino e seus sucessores do sexo masculino conseguiram converter o mundo do paganismo matriarcal para o cristianismo patriarcal através de uma campanha de demonização do sagrado feminino, eliminando a deusa da religião moderna para sempre. [...] As mulheres, antes veneradas como parte essencial da iluminação espiritual, foram banidas dos templos do mundo” (OCDV, pg. 122)

“Os primeiros judeus acreditavam que o Santo dos Santos do Templo de Salomão abrigava não só Deus como também sua poderosa consorte feminina, Shekinah. [...] O tetragrama judaico YHWH – o nome sagrado de Deus – na verdade deriva de Jeová, uma união física andrógina entre o masculino, Jah, e o nome feminino pré-hebraico de Eva, Havah.” (OCDV, pg. 292)

REFUTAÇÃO

HISTÓRICA

- a. Não há evidência sustentável quanto à alegada exclusividade do sexo como meio de atingir o divino, pois nas culturas arcaicas existiam outras formas de hierofanias (manifestações do sagrado). O historiador Mircea Eliade reconhece que a questão sexual e de alimentação eram sacramentos nas culturas arcaicas, “cerimônias por cujo intermédio se comunica com a *força* que representa a própria vida”; porém o mesmo autor informa que os ciclos lunares, as estações, a iniciação sexual e social, e mesmo o simbolismo espacial (estrelas, etc), eram hierofanias presentes nas culturas primitivas¹⁵. Assim, vemos que o sexo era *uma* das várias práticas ligadas à religião no passado, e não a única.
- b. A idéia de que a humanidade *sempre* adorou o sagrado feminino também não é verdadeira. A veneração do feminino somente se inicia com o advento da agricultura. Historiadores contam que “com a agricultura, os ritmos da vida e as crenças religiosas mudam radicalmente. Entre os caçadores, o destino humano está intimamente ligado ao da caça; entre os agricultores, o objeto de solidariedade mística passa a ser a vegetação. [...] Com a agricultura, a religião passa a girar em torno dos mistérios da mulher: ela é comparada à terra nutriz, sua gestação é o símbolo da vida oculta da semente e da regeneração; seu ciclo menstrual passa a ser vinculado a todos os ciclos naturais, como o da lua, das marés, das plantas e das estações. A religião é centrada nas deusas”¹⁶. Contudo, “essa cultura de natureza harmônica, respeitadora da mulher, pacífica e igualitária prevaleceu naquilo que é hoje a Europa Ocidental [...], até que invasores indo-europeus varreram a região, introduzindo deuses guerreiros [...] e a civilização patriarcal”¹⁷. Diante desta evidência, fica difícil crer que a adoração do feminino sempre existiu. Na verdade ela teve um começo na época do início da prática agrícola, um ápice durante certo período na Europa, até uma constante diminuição após a invasão indo-europeia. Isso mostra que é inconsistente a afirmação de que o cristianismo é o responsável pela “proibição” da adoração do feminino, uma vez que o cristianismo surge bem depois da invasão dos indo-europeus.



Shiva, divindade feminina hindu.

Figura 3

- c. Não há evidências históricas que sustentem a afirmação de que o mundo (todo) seguia o paganismo matriarcal. O ponto acima nos mostra que existiram sim divindades femininas, mas este não foi um fenômeno de todas as culturas, o que impede a generalização imposta pelo autor do Código. Não temos como apresentar aqui uma lista completa com todas as religiões que reverenciavam divindades femininas. Contudo, apenas como ilustração e a título de esclarecimento, abaixo citamos duas crenças que possuem tais divindades:
- ✓ A adoração de figuras femininas, por exemplo, é uma crença hindu (politeísta e panteísta, com os principais deuses sendo Brama, Vishnu e Shiva), onde Shiva é uma conhecida divindade feminina.
 - ✓ Outro exemplo é encontrado na Wicca (magia branca). Nela ensinam que há duas divindades: O deus, senhor dos animais, da morte e do além; e a deusa, que é representada em três aspectos: Donzela (lua crescente), Mãe (lua cheia) e Anciã (lua minguante). A crença expressa por Dan Brown é muito similar à crença Wicca, o que nos faz supor que ele seja um praticante ou pelo menos um apreciador desta religião. A Wicca também apresenta dois dos símbolos mais difundidos pelo Código: o *Cálice*, que representa o útero da deusa-mãe; e o *Pentagrama*, que simboliza a energia feminina e os elementos, e que segundo a Wicca serve para invocar e prender gnomos, além de proteger objetos mágicos¹⁸.

A existência de umas poucas religiões que adoram divindades femininas não é suficiente para sustentar a tese de que sempre existiu o sagrado feminino. Ou Brown é mal informado quanto à história ou age de má fé, mentindo para seus leitores.

- d. Discorrendo especificamente sobre a época do império Romano, vemos que é um grave erro afirmar que “Constantino e seus sucessores do sexo masculino conseguiram converter o mundo do paganismo matriarcal para o cristianismo patriarcal”, uma vez que o Império não seguia o paganismo matriarcal antes de Constantino, e nem passou a seguir o cristianismo patriarcal após ele. Em termos religiosos, a grande mudança na época do Império a partir de César (45 a.C.) foi o surgimento do *Culto Imperial*, o qual foi acompanhado de uma síntese das doutrinas helenísticas e do mistério¹⁹. Quanto ao cristianismo do século IV, a única mudança substancial foi que, na época de Constantino, este “se torna *religio licita* [e] seus adeptos deixaram a clandestinidade”²⁰, isto é, o cristão deixa de ser perseguido. Na verdade Constantino não acabou como o paganismo, apenas “declarou que o cristianismo era uma das religiões oficiais do Império Romano. [...] Contudo não promoveria o cristianismo à custa de outras crenças, [pois] era realista e sabia que não podia se dar ao luxo de hostilizar seus súditos pagãos”²¹. Para fechar o assunto quanto à religião na época de Constantino, corrigimos duas falhas de Brown: A primeira é que Constantino não modificou nem o cristianismo nem o paganismo; a segunda é que antes de Constantino o paganismo já não tinha mais a característica matriarcal que Brown alega, conforme mostramos na *refutação b* acima.
- e. Quanto ao judaísmo, aproximadamente quatro milênios de história Judaica revelam que para o Judeu só há um Deus, ponto de vista também compartilhado pelos cristãos. Sobre os judeus, Raymond P. Scheindlin diz: “Únicos entre os povos de seu tempo, os israelitas eram monoteístas, isto é, reconheciam unicamente a Javé como Deus verdadeiro, criador do céu e da terra, mestre do mundo, controlador dos destinos de todos os povos”²².
- f. A historiadora Karen Armstrong aponta a crença no que Brown chama de “sagrado feminino” como parte de um mito da Cabala Judaica do Séc. XVI, onde a Shekinah era a noiva de Deus²³. Assim, Brown pega a exceção da Cabala e faz uma generalização do Judaísmo, em uma tentativa de distorcer a história para acomodá-la às suas doutrinas. Apesar de ótimo romancista, Brown é um péssimo historiador.
- g. Ainda sobre o judaísmo, quanto a acusação deste povo reverenciar o masculino e o feminino por meio do tetragrama “YH – WH”, Brown pode ter tirado este raciocínio da maçonaria (ou outra sociedade oculta), pois segundo a maçonaria, nos mais altos graus o nome de Deus, em três línguas distintas, é JAH – BUL – ON (Jeová, Baal e deus-sol egípcio)²⁴; levantamos esta hipótese porque como o tetragrama YHWH é vocalizado como Javé ou Jeová, há uma certa semelhança entre as iniciais YH do judaísmo e o JAH maçom. Isso não prova que YHWH é um tetragrama masculino-feminino; apenas aponta uma possível origem para o termo com base na similaridade encontrada na maçonaria, a qual por sinal tem pouca coisa de cristianismo em seus ritos, mas nada de cristianismo em sua essência (para maiores

informações, consulte o livro “Maçonaria: do outro lado da Luz”, da editora Luz e Vida; ou ainda “A maçonaria e a Igreja Cristã”, da livreria e editora Pendão Real).

- a. Brown afirma que “o tetragrama judaico YHWH deriva de Jeová”, mas na verdade é o nome Jeová quem deriva de YHWH, uma vez que a palavra Jeová só passou a ser utilizada a partir de 1518²⁵, ao passo que o vocábulo hebraico para YHWH (יהוה) remonta os tempos bíblicos. Outras fontes informam que somente por volta do século XII d.C. os judeus tomaram as vogais de Adonai e a inseriram em YHWH, de modo que a pronúncia – transliterada – passou a ser Jeová²⁶. Isso porque o “nome de Deus”, no original hebraico, não continha vogais^a e não era pronunciado pelos judeus, que o consideravam por demais sagrado^o. Ora, se o tetragrama YHWH só foi associada a Jeová, no caso mais antigo, no século XII *depois de Cristo*, não faz sentido Brown retroceder o termo Jeová a fim de associar YH a Jah na época do Templo de Salomão, construído por volta de 960 *Antes de Cristo*. Simplificando à questão, temos que Deus se auto-identificou a Moisés como YHWH (יהוה), que provavelmente se origina de EU SOU (אני), e isso ocorreu por volta de 1500 a.C. No Século XII a junção de YHWH com Adonai gerou o nome Jeová, e com base em Jeová Brown (ou alguma seita consultada por ele em suas “pesquisas”) criou as divindades Jah e Havah.

BÍBLICA

- a. A palavra “Shekinah” não existe na Bíblia. Ela só aparece a partir de textos rabínicos escritos na época da destruição do Templo de Jerusalém (70 d.C.). Provavelmente deriva da palavra hebraica שכן (“Shakhan” ou “Shakan”), a qual normalmente é traduzida pelo verbo “habitar”. Os rabinos utilizavam o termo Shekinah como sinônimo de “a presença de Deus”. Após a destruição do Templo de Jerusalém, alguns acreditavam que esta presença “quase física” passara do Santo dos Santos (local reservado à Arca da Aliança no Templo de Jerusalém) para o Muro das Lamentações²⁷ (única parede do Templo reconstruído por Herodes que não foi destruída em 70 d.C., sendo o local mais sagrado para o judeu atual); outros acreditavam que esta presença se fazia presente quando os Judeus se reuniam para estudar a Tora (a Bíblia judaica, composta pelos mesmos livros que o Antigo Testamento Protestante). Em épocas bem posteriores, por volta do século XVI, seguidores da Cabala Luriânica (ramo místico do judaísmo) foram além da posição destes rabinos, e criaram o *mito* de que a presença de Deus seria na verdade sua noiva, a qual ficara aprisionada na Terra quando Deus criou o mundo²⁸.
- b. Em se tratando de outros povos que não os Judeus, a Bíblia cita os seguintes deuses e suas respectivas localidades: Baal (Canaã), Camos (Moabe), Moloque/Milcon (Amon), Dagom (Filistia), Marduque/Bel (Babilônia), Nebo (Babilônia), etc. Como deusa cita apenas Astarote/Astarte, deusa adorada em Canaã e na Fenícia, e em épocas posterior adorada também pelos gregos e pelos romanos. Isso mostra uma preferência por divindades masculinas na região da Palestina nos tempos bíblicos, e corrobora com a tese de que a adoração do feminino não fazia parte de todas as culturas.
- c. Independente da representação do sagrado ser masculina ou feminina, as divindades são criações humanas para suprir a *necessidade do sagrado*^p pertinente à existência humana. Tais divindades, contudo, são impotentes (Sl 115.2-8).



Shekinah é um termo criado pelos rabinos e significa “A presença de Deus”. Alguns judeus criam que, após a destruição do Templo em 70 d.C., a presença de Deus passara do Santo dos Santos para o Muro das Lamentações, o qual está mostrado acima.

Figura 4

^a Na verdade, toda a língua hebraica não continha vogais na escrita, e a transmissão da pronúncia das palavras era feita de forma oral. As vogais só foram incluídas no texto hebraico a partir do chamado *texto massorético*.

^o Em função da santidade do Nome de Deus, por volta do ano de 200 a.C. o nome grego *Adonai* (Senhor) passou a ser usado em substituição a YHWH, na época da tradução para a versão grega da Bíblia, chamada de Septuaginta.

^p O argumento religioso se baseia na busca pelo sagrado verificada nas diversas sociedades. Esta necessidade, manifesta de formas variadas, é um indício de que o homem não é completo sem o transcendente, e “essa

- d. Quanto ao Deus Verdadeiro, para o judeu só há um, YHWH, que normalmente é traduzido por Jeová, Javé ou SENHOR (todas as letras em maiúsculo). Em Deuteronômio 6.4 é dito: “Ouça, ó Israel: o SENHOR, o nosso Deus, é o único SENHOR”.
- e. Em sintonia com a crença judaica, Jesus também afirmou que há um único Deus, o qual se revelou através da figura masculina^q. Jesus disse: “esta é a vida eterna: que te conheçam, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17.3).
- f. A adoração de falsos deuses, sejam eles masculinos ou femininos, é condenada pela Bíblia ao longo do Antigo Testamento, e a citação mais conhecida se encontra nos dois primeiros dos Dez Mandamentos: “Eu sou o SENHOR, o teu Deus, que te tirou do Egito, da terra da escravidão. Não terás outros deuses além de mim. Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem de qualquer coisa no céu, na terra, ou nas águas debaixo da terra” (Ex 20.2-4). O singular “Eu Sou” denota a exclusividade exigida por Deus para a sua adoração. Logo, crer em qualquer outro deus é um grave pecado.
- g. Os pontos acima mostram que é fictícia a crença na suposta deusa Shekinah ou quaisquer outros deuses. É idólatra aquele que não reconhece que só há um Deus, e Efésios 5.5 nos adverte: “Porque vocês podem estar certos disto: nenhum imoral, ou impuro, ou ganancioso, que é idólatra, tem herança no Reino de Cristo e de Deus”.
- h. Um dos objetivos do autor ao forçar a crença no sagrado feminino é induzir o povo à prostituição cultural. Na pg. 292 de *O Código Da Vinci* é dito: “Os homens que buscavam integridade espiritual vinham ao Templo visitar sacerdotisas, com as quais faziam amor e experimentavam o divino através da união física”. A afirmação de Dan Brown é tão falsa que nem existiam sacerdotisas que ministravam no Templo de Jerusalém, e isso pode ser visto no texto de Números 8.23-24: “O SENHOR disse ainda a Moisés: Isto diz respeito aos levitas: os *homens* de vinte e cinco anos para cima, aptos para servir, tomarão parte no trabalho que se faz na Tenda do Encontro”; aqui vemos que a ministração cabia aos *levitas homens* na Tenda do Encontro, também chamada de Tabernáculo, o precursor do Templo de Jerusalém. Se só haviam homens que ministravam no Templo, infere-se que eram somente homens que ministravam no Templo de Jerusalém, uma vez que não houve mudança substancial quando o culto judaico migrou de um para o outro. Ademais, a prostituição física (relação sexual ilícita) via de regra está associada à prostituição cultural (adoração de falsos deuses), e as duas formas de prostituição são veementemente condenadas na Bíblia, a exemplo do texto de Números 25.1-4.
- i. Como vimos acima, não há razão para crer que existiam sacerdotisas no Templo. Contudo, alguém pode tentar justificar tal tese com o seguinte texto: “Eli, já bem idoso, ficou sabendo de tudo o que seus filhos faziam a todo o Israel e que eles se deitavam com as mulheres que serviam junto à entrada da Tenda do Encontro” (1Sm 2.22). Aqui vemos que os filhos do sacerdote Eli se deitavam com mulheres que ficavam *à porta* do Tabernáculo, não dentro. Ademais, os que se relacionavam com as tais não “buscavam integridade espiritual”, com diz Brown; antes, rejeitavam e afrontavam ao Senhor, e por isso receberam a morte como punição (1Sm 4.11).
- j. Por último, citamos que a Bíblia condena tanto a prostituição quanto a idolatria, que é a adoração de outros deuses: “Felizes os que lavam as suas vestes, e assim têm direito à árvore da vida e podem entrar na cidade pelas portas. Fora ficam os cães [isto é, pessoas de mente impura], os que praticam feitiçaria, *os que cometem imoralidades sexuais*, os assassinos, os idólatras e todos os que amam e praticam a mentira” (Ap. 22.14-15). O veredicto para “os que ficam fora” é bastante duro; entretanto, não se deve enfatizar a última frase, que é a condenação, mas sim a primeira, que começa com “felizes” e explica a fórmula para se obter a salvação, a saber, lavar as vestes no sangue do Cordeiro, que significa receber o perdão disponibilizado através do sacrifício de Jesus. Para melhor entendimento de como “lavar as suas vestes”, vá ao tópico *Transformando mal em bem* (pg. 133) na Parte II deste trabalho.

necessidade em si é uma evidência da existência de Deus”. O argumento pode ser resumido como: 1. Os seres humanos precisam de Deus; 2. Aquilo de que os humanos realmente precisam provavelmente existe; 3. Logo, Deus realmente existe. Maiores detalhes, vide Manual de Apologética Cristã, pg. 258 em diante.

^q Não vamos discutir aqui a razão de Deus ter se identificado pela figura masculina, apenas apontamos o fato conforme a Bíblia relata. Uma das evidências que prova esta tese é o uso do substantivo masculino PAI quando Jesus fez a oração do Pai Nosso (Mt 6.9-13).

LÓGICA

- a. Se Jesus “pretendia que o futuro de Sua Igreja ficasse nas mãos de Maria Madalena” (OCDV, pg. 235), sua missão foi um fracasso. Nem como “grade líder” Dan Brown poderia classificá-lo, pois o legado de um grande líder não poderia ser encoberto por um mero pescador, no caso Pedro.
- b. Se a suposta deusa Shekinah “caiu no esquecimento”, de forma alguma ela pode ou deve ser adorada como deusa. Uma deusa esquecida se mostra impotente diante dos mortais, e é incoerente a crença em um deus ou deusa menos poderoso(a) que o homem. Em contrapartida, o conceito cristão de Deus é que Ele é Todo-Poderoso e se relaciona com suas criaturas, características impossíveis de se visualizar na suposta deusa, uma vez que ela foi “destronada” pela conspiração dos mortais.
- c. O povo judaico é um dos povos – para não dizer o povo – que mais preserva sua tradição. Se hoje eles são monoteístas, há boas razões para crermos que eles sempre adotaram esta posição. Pergunte para qualquer judeu quantos deuses existem, e ele lhe responderá que só há um Deus, o Deus dos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó.

CONCLUSÃO

- a. A idéia da adoração de figuras femininas só se inicia com o advento da agricultura. Logo, é mentirosa a afirmação de que sempre existiu o sagrado feminino. Na verdade, afirmar que sempre existiu o sagrado feminino é uma tentativa de levar o povo de volta ao paganismo, pois induz as pessoas a se curvarem à idolatria e à prostituição cultural como o caminho para se atingir o sagrado. Como tais práticas são condenadas pela Bíblia, podemos afirmar que, ao invés de aproximar, elas afastam as pessoas de Deus.
- b. Afirmar que Constantino converteu o império do paganismo matriarcal para o cristianismo patriarcal não procede. Apesar de declarar-se cristão, Constantino permitiu que a religião pagã continuasse normalmente com suas práticas.
- c. Quanto aos judeus, eles jamais tiveram uma deusa chamada “Shekinah”. Desde de a época de Abraão, eles só devem adorar ao único e verdadeiro Deus, conforme é explicitado pelas palavras de Moisés: “Ouça, ó Israel: o SENHOR, o nosso Deus, é o único SENHOR” (Dt. 6.4).
- d. A *adoração de falsos deuses* e o uso do *sexo ritualístico* são práticas comuns a diversas seitas que se opõe ao cristianismo, porém ambas são veementemente condenadas por Deus^r. A defesa que *O Código Da Vinci* faz de tais práticas é uma disseminação doutrinária, o que o coloca na categoria de livro religioso, conforme apontamos a partir da *Parte II* deste material.
- e. Na refutação histórica apontamos que o argumento de Brown pode ter vindo da wicca, do hinduísmo, da cabala, da maçonaria, ou de um apanhado destas religiões, mas de maneira alguma reflete a crença judaico-cristã. O cristianismo, por sinal, crê que só há um Deus, o qual subsiste em três pessoas: Deus Pai (YHWH), Deus Filho (Jesus Cristo) e o Espírito Santo.
- f. Para o cristão, a comunhão mística com o sagrado só é estabelecida pela aceitação do sacrifício de Jesus Cristo em prol daquele que nele crer, e não pela *gnose* ou pelo sexo ritualístico.

^r Vide questão 8, *refutação bíblica b, tópicos v e vi*. Também disponível nas *refutações bíblicas* de *f a j* nesta mesma questão.

- g. O cristianismo afirma que Jesus é o único caminho (Jo 14.6) para o encontro com Deus, e *O Código Da Vinci* afirma que este caminho é o ato sexual, principalmente quando praticado ritualisticamente (OCDV, pg. 291). Estas são duas crenças disponíveis e antagônicas de meios de salvação. Afirmando ao leitor, principalmente ao não cristão, que só o cristianismo é a forma válida. Fica aqui a recomendação para que você busque conhecer mais sobre a salvação propiciada por Jesus. A Bíblia é o melhor meio de se obter a resposta.

3. A Igreja ocultou o significado do Graal? Maria Madalena era o Graal?

ACUSAÇÃO

O verdadeiro papel de Maria Madalena foi ocultado na história do cristianismo, isso porque os homens estavam com medo de perder o “poder masculino”.

“O Graal é literalmente o símbolo antigo da feminilidade, e o Santo Graal representa o sagrado feminino e a deusa, o que, naturalmente, se perdeu nos dias de hoje, praticamente eliminado pela igreja. O poder da mulher e sua capacidade de gerar vida já foi muito sagrado, mas ameaçava a ascensão da Igreja Católica predominantemente masculina, de forma que o sagrado feminino foi demonizado e considerado impuro.” (OCDV, pg. 226-227)

“Jesus já desconfiava que vai ser logo preso e crucificado. Então dá a Maria Madalena instruções de como conduzir sua Igreja depois que Ele morrer. Em consequência disso, Pedro expressa seu descontentamento em ficar em segundo plano em relação a uma mulher.” (OCDV, pg 235)

“A Igreja precisou difamar Maria Madalena para encobrir o perigoso segredo dela – seu papel como Santo Graal.” (OCDV, pg. 231)

“[Jesus] pretendia que o futuro de sua Igreja ficasse nas mãos de Maria Madalena.” (OCDV, pg. 235)

“O Priorado, até hoje, ainda venera Maria Madalena como a Deusa, o Santo Graal, a Rosa e a Divina Mãe.” (OCDV, pg. 241)

REFUTAÇÃO

LÓGICA

- a. Qual a real motivação dos seguidores de Cristo esconderem aquilo que Ele havia revelado? A única resposta sensata seria a obtenção de vantagens como dinheiro, poder, etc. Só que estas vantagens não condizem com a realidade, principalmente porque *o cristianismo não oferecia nem lucro e nem poder durante ou após a vida de Jesus*. A única razão para explicar a atitude dos cristãos colocarem em risco a própria vida era a plena convicção de que Jesus Cristo era Deus (Senhor), e que valia a pena morrer em prol da verdade que transcendia aos bens materiais e à própria vida.
- b. Se Jesus tivesse ensinado aos seus discípulos que sua união com Maria Madalena era uma forma de restauração do sagrado feminino, somente “ciúmes” justificaria a rejeição desses discípulos ao seu principal ensino?
- c. Visto a ênfase que os apóstolos dão a Jesus no Novo Testamento, é sensato crer que eles deturpam os ensinamentos do seu mestre? A história mostra que dissidentes de algum grupo normalmente denigrem a imagem do líder anterior; no cristianismo, todavia, a exaltação deste líder se torna ainda maior após sua morte e ressurreição, de modo que esta constatação incompatibiliza a crença na suposta alteração de seus ensinamentos.
- d. Apenas com suposição, qual seria a probabilidade de todos os principais discípulos rejeitarem os ensinamentos de Jesus? Para a conspiração funcionar, todos os onze discípulos escolhidos (excluímos Judas Iscariotes) teriam que concordar com a farsa, o que parece muito pouco provável, ainda mais não havendo nenhum ganho direto em tal conspiração, conforme já vimos na *refutação* a acima.
- e. Se Jesus queria restaurar o sagrado feminino, porque seus principais seguidores seriam 12 homens? Ademais, porque Jesus teria uma figura feminina e 12 masculinas como seus principais seguidores? Nem de um jeito nem de outro a tese de *O Código Da Vinci* faz sentido.
- f. Segundo Brown, Jesus teve condição de prever sua morte (OCDV, pg. 235), e pôde prever também que Judas o trairia. Ora, se Jesus tinha a capacidade de prever estes eventos, por que Ele não anunciou ou impediu a traição de Pedro contra Maria Madalena, que, em última instância, era uma traição contra Ele mesmo?

- g. Brown alega que Pedro traiu Jesus e Maria Madalena. Todavia, se Pedro fez isso o Priorado de Sião também o faz (vide Nota 1, abaixo da conclusão desta questão), pois oculta o Graal da mesma forma que Pedro. Pela lógica, o Priorado é pró-Pedro, não pró-Maria Madalena!
- h. Com base no tópico acima, alguns podem alegar que o segredo de Maria Madalena tem a época certa para ser revelado (OCDV, pg. 373). Todavia tal alegação também não faz sentido, pois o mais coerente é crer que, se Jesus veio restaurar o sagrado feminino através de Maria Madalena, isso deveria ter ocorrido em sua época, não depois.
- i. Se Maria Madalena fugiu da responsabilidade de divulgar que ela era o Graal, ela também traiu Jesus por não assumir a condição de líder do movimento. Se Jesus veio restaurar o sagrado feminino através dela (OCDV, pg. 231) e ela optou por fazer a restauração em segredo, conclui-se que a vinda de Jesus foi desnecessária, pois antes dEle o sagrado feminino estava oculto (ou perdido), e depois de Sua morte (e ressurreição) também! Esta falácia lógica demonstra quão questionável é crer em religiões que se baseiam em segredos e mistérios.
- j. É estranho Jesus ter morrido por um ideal e Maria Madalena não fazer o mesmo, preferindo a fuga. Pior que isso, ela não honra a morte de seu suposto marido, tornando esta morte vã ao não anunciar sua missão de representante da deusa, simplesmente por medo do pescador Pedro.
- k. Dan Brown nega que Jesus seja divino, contudo afirma que Maria Madalena é o Graal, e que “o Santo Graal representa o sagrado feminino e a deusa”. Como ele pode negar a divindade de Jesus e afirmar a divindade de Maria Madalena? Embora não seja explícita, a alusão à divindade de Maria Madalena é expressa nas seguintes palavras: “A busca pelo Santo Graal é a busca para ajoelhar-se diante dos ossos de Maria Madalena. Uma jornada para orar aos pés da proscrita, do sagrado feminino perdido” (OCDV, pg 243). Assim, segundo o autor do Código, Jesus não era Deus, mas pôde tornar Maria Madalena deusa. Seria bom ele explicar como isso foi possível...
- l. Se porventura Jesus e Maria Madalena tivessem descendentes, quem deveria ser adorado, Jesus ou Maria Madalena, ou os descendentes, ou todos eles? Não é no mínimo tendenciosa a tentativa de Brown de exaltar Maria Madalena e seus descendentes, mas rejeitar qualquer forma de adoração a Jesus? Aqui fica evidente sua oposição ao cristianismo, bem como sua crença em uma doutrina ilógica.
- m. O próprio “Evangelho de Tomé”, que é um documento gnóstico e citado por Brown, vai contra o sagrado feminino. Veja o que Jesus supostamente diz quanto a Maria Madalena: “Eis que a atrairei para fazê-la masculino, para que também se faça um espírito vivo semelhante a vós homens, pois toda mulher que se transforma em varão entrará no reino do céu” (Evangelho de Tomé, dito 114). Se Maria Madalena era o Graal e representava a deusa, por que necessitaria se tornar homem? O Evangelho de Tomé e a tese de Brown não podem ser ambos verdadeiros, pois se contradizem. Na verdade, a única coisa que eles têm em comum é a apresentação de um Jesus fictício^s.
- n. O dito 114 também nos é útil para provar que não houve uma perseguição do cristianismo às mulheres, como alega Dan Brown em sua obra. Isso porque a forma como alguns gnósticos tratavam as mulheres – isto é, afirmando que elas deveriam se tornar homem para entrar no reino dos céus – demonstra que os gnósticos também atribuíam um papel secundário às mulheres, e que a “iluminação” delas dependia, de certa forma, de um “algo mais” para torná-las semelhante aos homens. A conclusão lógica é que as mulheres ocupavam um papel secundário dentro da *cultura da época*, não sendo esta característica uma exclusividade religiosa do cristianismo.
- o. Ainda sobre o Evangelho de Tomé, estudiosos afirmam que ele retrata a crença de um grupo dos séc. II e III, os gnósticos, crença esta que diferia da posição cristã ortodoxa. A Igreja jamais considerou este livro um documento canônico, isto é, ele nunca foi considerado inspirado por Deus. O valor do livro é puramente histórico, e apenas retrata a crença do grupo que o utilizava. No sentido histórico ele pode ser utilizado contra *O Código Da Vinci*, pois inviabiliza a crença na exaltação da figura feminina nos primórdios da igreja. Se o dito 114 lhe parece vago, veja agora o dito 12: Os discípulos disseram a Jesus: “Sabemos que tu

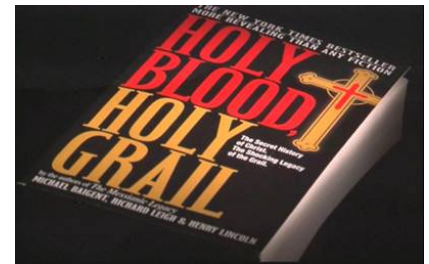
^s Para maiores informações sobre o Evangelho de Tomé, vide questão 19.

nos deixarás. Quem será nosso líder?’ Jesus disse-lhes: ‘Não importa onde estiverdes, deveis dirigir-vos a Tiago, o justo, para quem o céu e a terra foram feitos’.”²⁹ Assim, também para o grupo de gnósticos que escreveu o Evangelho de Tomé, o papel de Maria Madalena como líder do cristianismo simplesmente não existe.

- p. Novamente usaremos o Evangelho de Tomé como *documento* para derrubar a tese de Brown. De acordo com o autor, os registros antigos (isto é, os evangelhos gnósticos) indicam que a igreja deveria ficar nas mãos de Maria Madalena (OCDV, pg. 235). Ora, se o dito 12 do Evangelho de Tomé atribui a primazia a Tiago, o justo, como Brown pode sustentar a afirmação da primazia de Maria Madalena? Se Brown põe em tão alta estima os evangelhos gnósticos, é incoerente da parte dele contrariar tais documentos em um ponto tão explícito. Isso indica que Brown não é um devoto dos evangelhos gnósticos – ele apenas busca minar o cristianismo através de calúnias e distorções de textos antigos.
- q. Na pg. 233 de OCDV, o autor afirma que, quanto aos evangelhos gnósticos, “estranhamente eles não coincidem com os evangelhos que encontramos na Bíblia”. Tal afirmação é parcialmente correta, pois embora não coincidam com os evangelhos bíblicos, muitos dos textos ali expostos derivam do registro bíblico^t. Uma simples comparação mostra que o relato bíblico é superior ao texto gnóstico. A Bíblia narra, por exemplo, uma história praticamente cronológica, algo que o texto gnóstico não faz. A conclusão mais lógica é que o texto gnóstico se baseou na Bíblia.

HISTÓRICA

- a. Em um livro de conteúdo histórico questionável, sem apoio de nenhum meio acadêmico sério, os autores de *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*^u expandiram uma lenda francesa do século XX e passaram a sustentar a idéia de que Maria Madalena seria o Graal^v. Em seu livro, Dan Brown busca transformar a lenda do casamento de Jesus e Maria Madalena em história, e tenta difundir a crença de que a divindade de Jesus é lenda. A tese básica tanto de *O Código Da Vinci* quanto de *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada* é contrária à Bíblia, e o leitor deve escolher em qual dos livros é mais seguro acreditar. Para viabilizar a comparação, informamos que a Bíblia é um dos livros mais estudados e combatidos de todos os tempos, e apesar disso tem sua historicidade comprovada por fontes não-cristãs e pela arqueologia³⁰, para dizer pouco. Outros detalhes sobre a Bíblia podem ser vistos nas questões 14, 15 e 16.
- b. Outras refutações históricas aplicáveis estão disponíveis na questão 1, no tópico de *refutação histórica* daquela questão.



Livro do qual Dan Brown tirou muitas crenças expressas em O Código Da Vinci.

Figura 5

BÍBLICA

- a. Não há evidências do suposto Graal, isto é, de descendentes de Cristo, nem no Antigo e nem no Novo Testamento. O Antigo Testamento apresenta mais de 300 profecias relativas ao

^tA página http://www.gnosisonline.org/Teologia_Gnostica/O_Evangelho_de_Tome.shtml contém todos os 114 ditos do Evangelho de Tomé. Desconsiderando-se o texto introdutório, que traz a interpretação gnóstica atual do livro em questão, citamos o endereço para que o leitor compare o Evangelho de Tomé com o relato bíblico, confrontando, por exemplo, os ditos 5 e 6 com Mc 4.21-25, o dito 9 com Mc 4.1-20, o dito 90 com Mt. 11.28-30, etc. A comparação deixa evidente que o Evangelho de Tomé se baseou nos evangelhos bíblicos; todavia, em alguns trechos ele destoa da doutrina bíblica e insere as crenças gnósticas, conforme pode ser visto nos quatro primeiros ditos ali expostos.

^u O título original é *Holy Blood, Holy Grail*, de Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln. Sua edição inglesa é de 1982, sendo que o mesmo também foi publicado nos Estados Unidos em 1983 por *Dell Pub Co.*, 666 Fifth Avenue, NY. Segundo o autor de uma resenha extraída da Internet (<http://www.espada.eti.br/rv111.asp>), a editora está localizada em um enorme edifício que abriga a sede de organizações que estão liderando o movimento chamado de *Nova Ordem Mundial*. A resenha informa que o propósito dos autores de *Holy Blood, Holy Grail* é demonstrar o vínculo entre o misticismo, o ocultismo e os maçons, mostrando como estes grupos estão cooperando entre si para produzir a *Nova Ordem Mundial* e seu homem, o *anticristo* (para mais informações sobre a preparação do surgimento do anticristo, vide *Parte II* deste e-book).

^v No Apêndice 4 tentamos mostrar que a tese de Maria Madalena ser casada com Jesus só pode ser tratada como lenda, não como história.

Cristo, todas elas cabalmente cumpridas, e nenhuma faz a menor alusão a descendentes. Há referências ao filho (descendente) de Davi, mas nada relativo a filho(s) do Messias. Sobre Cristo é profetizado que o seu governo jamais teria fim (Is 9.7), o que torna desnecessária a suposta descendência.

- b. Dan Brown alega que a suposta descendência de Jesus seria uma prova de sua humanidade. Primeiro, é preciso deixar claro que o cristão considera Jesus completamente humano, e o fato de não ter gerado filhos não afeta sua humanidade. Segundo, ninguém jamais foi considerado humano apenas *após* ter tido filhos, o que torna falaciosa a tentativa de vincular a humanidade de Jesus a esta particularidade. Terceiro, além de ter um nascimento de uma mulher (logo, Jesus é humano), a humanidade de Jesus é assegurada pelo fato de ele possuir irmãos: “ ‘Alguém lhe disse: Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem ver-te’. Ele lhe respondeu: ‘Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a praticam’ ” (Lc 8.20-21). Sem negar que possuía irmãos carnis, Jesus enfatiza que seus “irmãos” não se limitavam ao grupo daqueles que haviam nascido da mesma mãe; antes, em um sentido espiritual, se tornam seus irmãos todos aqueles que ouvem e praticam a sua palavra.
- c. Segundo Brown, a igreja ocultou o papel de Maria Madalena, de modo que os evangelhos bíblicos são uma farsa comandada por Pedro. Se os evangelhos são uma farsa de Pedro, o que dizer sobre João Batista e Paulo, que tiveram contato com Cristo independente da “autoridade de Pedro”, mas que mantiveram a mesma crença de que Jesus era o Senhor, o Deus encarnado (conforme Jo 1.29-33 e 1Co 8.5-6)? A história de Paulo, por sinal, é um caso interessante de analisarmos, pois outrora perseguidor de Cristo e de sua Igreja (At 8.3), um dia ele teve um encontro com o Cristo glorificado (At 9.1-19). A exemplo de Brown, até então Paulo considerava Jesus um mero mortal, porém aquele encontro revelou quão errado ele estava. Após aquela data, Paulo passou a ser perseguido por amor ao nome de Jesus (Fl 3.8-11).
- d. Qual o sentido de Jesus entregar voluntariamente sua vida (Jo 10.17-18) se sua missão fosse apenas restaurar o sagrado feminino? Para restaurar o sagrado feminino ele não teria que morrer, e seria bom que nem o fizesse. Em contrapartida, para fazer a remissão dos pecados – algo que Dan Brown não menciona – a morte de Jesus era essencial, e esta foi a razão dela ter ocorrido. Por isso Hebreus 9.27-28 diz: “Da mesma forma, como o homem está destinado a morrer uma só vez e depois disso enfrentar o juízo, assim também Cristo foi oferecido em sacrifício uma única vez, para tirar os pecados de muitos; e aparecerá segunda vez, não para tirar o pecado, mas para trazer salvação aos que o aguardam”.

CONCLUSÃO

- a. A grande quantidade de refutações lógicas revela a inconsistência da crença de que Maria Madalena seja o Santo Graal. Não há sequer um documento antigo, isto é, da época de Jesus, que prove tal teoria. Até mesmos os textos gnósticos, que em tese seriam o carro chefe da teoria de Brown, nada falam sobre o suposto matrimônio de Jesus e Maria Madalena. Acreditar na história e na missão de Jesus conforme divulga *O Código Da Vinci* é uma crença cega em mitos, não em fatos.
- b. A busca pelo Graal, segundo a “teologia” de Brown, é uma busca interior pelo auto-conhecimento (conforme Nota 1). Nos primórdios da igreja, o movimento que buscava o místico pelo auto-conhecimento ficou conhecido como gnosticismo. No cristianismo, a busca por Deus se evidencia pela comunhão diária com o Senhor do Universo através da oração, e pelo conhecimento intelectual daquilo que este Senhor revelou por meio de sua Palavra, a Bíblia. Tudo mediado por Jesus, o Filho de Deus. No gnosticismo a ênfase está no homem, ao passo que no cristianismo ela está no próprio Deus. Consideramos a crença cristã mais racional porque, se Deus é tão grande quanto pressupõe-se que Ele seja, só faz sentido crer que o sagrado é atingido por iniciativa dele, e não nossa. Esta “iniciativa dele” foi o envio de

Jesus para tirar o pecado de muitos, conforme mostra o texto de Hebreus expresso na *refutação bíblica* d acima.

NOTA 1

“O Priorado sempre defendeu a idéia de que o Graal jamais deveria ser revelado. [...] É o mistério e a maravilha que alimentam as nossas almas, e não o Graal em si. A beleza do Graal reside na sua natureza etérea”.

Na seqüência, quando o prof. Langdon teme que a história de Maria Madalena venha a se perder para sempre, eis que ele recebe a seguinte resposta:

“Será? Olhe ao seu redor. A história dela [Maria Madalena] está sendo contada na arte, na música e nos livros. Cada vez mais a cada dia” (OCDV, pg 414).

4. Ser casado prejudicaria a imagem de Jesus?

ACUSAÇÃO

Não há registro de Jesus ter sido casado nos evangelhos conhecidos porque isso era óbvio nos tempos dele. O silêncio do evangelho quanto à questão é prova de que ele era casado.

“O casamento de Jesus e Maria Madalena faz parte dos registros históricos. [...] o decoro social daquela época praticamente proibia que um judeu fosse solteiro. De acordo com os costumes judaicos, o celibato era proibido. [...] Se Jesus não fosse casado, pelo menos um dos evangelhos da Bíblia teria mencionado isso e dado alguma explicação para o fato de ele ter ficado solteiro” (OCDV, pg. 232)

“A Igreja primitiva precisou convencer o mundo de que o profeta mortal Jesus era um ser divino. Portanto, quaisquer evangelhos que descrevessem aspectos terrenos da vida de Jesus precisavam ser omitidos da Bíblia.” (OCDV, pg. 231)

REFUTAÇÃO

LÓGICA

- a. O argumento do silêncio é sempre insuficiente para se provar ou refutar a maioria das questões. No nosso caso, podemos dizer que Jesus não se casou em virtude do mesmo silêncio dos evangelhos quanto ao assunto. Ademais, na falta da evidência de referências ao casamento, é mais fácil crer que Ele se manteve no estado civil que nasceu, isto é, solteiro.
- b. É muito fácil criar teorias quando não se apresenta evidências históricas. A Bíblia não fala nada sobre o casamento de Jesus, e Dan Brown usa o silêncio como prova de que Ele era casado. Se a Bíblia, contudo, explicitamente falasse que Ele se manteve solteiro, o autor simplesmente informaria que a afirmação é mentirosa. Em ambos os casos Dan Brown sairia “vitorioso”, não fosse a necessidade dele apresentar provas que justificassem sua teoria. Ora, criar teorias sem evidências concretas é características dos mitos, uma vez que mito é uma “forma de pensamento oposta à do pensamento lógico e científico”³¹, ou seja, no mito não há indícios passíveis de verificação. Ora, para a lenda de Brown adquirir o status de verdade, é fundamental a existência de documentos históricos do primeiro século que confirmem a teoria do casamento de Jesus e Maria Madalena. Temos visto, ao longo deste trabalho, que os documentos gnósticos seriam as “provas” mais antigas a sustentar a tese de Brown, porém mostramos que estes documentos nada falam sobre o casamento ou descendência de Jesus^w. Na falta de evidências concretas, citamos a própria *falta de provas* como prova de que a informação sobre o casamento de Jesus não passa de ficção.
- c. Vejamos quão mal-intencionado é o autor de *O Código Da Vinci*. Das citações supra-citadas, em uma Brown diz “se Jesus não fosse casado, pelo menos um dos evangelhos da Bíblia teria mencionado isso e dado alguma explicação para o fato de ele ter ficado solteiro” (OCDV, pg. 232); na outra ele diz “quaisquer evangelhos que descrevessem aspectos terrenos da vida de Jesus precisavam ser omitidos da Bíblia” (OCDV, pg. 231). Na primeira ele evoca os evangelhos bíblicos para “provar” sua tese, e na outra ele remove os “créditos” de outrora ao implicitamente afirmar que estes evangelhos não seriam confiáveis. O ato de atribuir e remover a credibilidade do texto bíblico conforme lhe convém apenas prova que Brown criou uma história sem qualquer comprometimento com a verdade em si.
- d. Diante do tópico acima, como Brown pode pedir evidências em um documento que ele mesmo desacredita, o Novo Testamento? Vemos que ele “joga” com os fatos em proveito próprio: o que o evangelho afirma ele nega, e o que o evangelho deixa em aberto ele faz suposições que lhe favorecem. É altamente questionável o uso seletivo da Bíblia feito pelo autor, e neste sentido Agostinho certa vez disse: “Se você acredita naquilo que gosta nos evangelhos e rejeita aquilo que não gosta, não é no evangelho que você crê, mas em você mesmo”.

^w Conforme apresentado na questão 19, onde há uma refutação específica aos evangelhos gnósticos.

- e. Se os evangelhos fossem uma fraude, aí sim seria coerente o Concílio de Nicéia ter incluído uma afirmação do tipo “Jesus não se casou”, para assim esconder aquilo que não gostariam que fosse revelado. Evidenciar o não-casamento de Jesus seria bastante interessante caso desejassem encobrir seu suposto casamento, uma vez que o cristão desde os primórdios acredita na infalibilidade da Bíblia. Como isso não ocorre, usamos o argumento como prova de não manipulação da Bíblia no Concílio de Nicéia (maiores detalhes, vide questão 11).

HISTÓRICA

- a. Segundo Brown, o celibato era uma prática proibida para o judeu. Isso não é verdade nem para a lei judaica, nem para os costumes da época. A verdade é que há sim exemplos de judeus celibatários: O profeta Jeremias no Antigo Testamento, e João Batista e os essênios na época de Jesus. João Batista – por sinal o maior dos profetas (Mt 11.11) – não tinha sua autoridade espiritual questionada pelos seus contemporâneos (Mt 21.24-27) mesmo sendo celibatário, o que derruba o argumento de que a autoridade de Jesus eventualmente dependeria dele ter se casado.
- b. Diferente do que Brown leva o leitor a crer, o celibato também não era uma exclusividade do cristianismo nos primeiros séculos da igreja. Segundo Justo L. Gonzalez, “a tradição estoica, muito difundida na época, ensinava que as paixões são o grande inimigo da verdadeira sabedoria, e que o sábio se dedica ao aperfeiçoamento da sua alma e ao domínio de suas paixões. Diversas religiões da costa do Mediterrâneo tinham virgens sagradas, sacerdotes solteiros, eunucos e outras pessoas que por seu estilo de vida se consideravam separadas para o serviço dos deuses”³². Vemos aqui que o celibato não é uma invenção cristã, conforme alega o autor do Código.

BÍBLICA

- a. Embora não existam afirmações *explicitas* sobre Jesus ter permanecido solteiro, há sim evidências *implícitas* de tal fato. Em 1 Coríntios 9.5 vemos, por exemplo, que era um caso de necessidade Paulo ter citado o casamento de Jesus (caso ele tivesse ocorrido) para fortalecer seu argumento durante uma controvérsia em que ele se encontrava. Paulo diz: “Não temos nós o direito de levar conosco uma esposa crente como fazem os outros apóstolos, os irmãos do Senhor e Pedro?”. Aqui Paulo afirma que os apóstolos tinham total liberdade para se casar, pois alguns dos opositores aparentemente questionavam este direito. Ora, se Paulo não utilizou o exemplo do casamento de Jesus em sua defesa, infere-se, biblicamente, que Jesus não era casado.
- b. Uma das profecias a respeito de Jesus dizia que haveria “paz sem fim [...] sobre o seu reino” (Is 9.7). O cumprimento da profecia era Nele, de modo que não havia nenhum plano divino para descendentes Dele. Em função disso, Jesus simplesmente não precisava se casar ou ter filhos.
- c. Em toda a Bíblia, não há projeto de Deus para uma suposta descendência de Jesus. Há sim o plano de dar a vida eterna a todo o que Nele crer: “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16).
- d. A Bíblia relata, simbolicamente, que haverá um casamento de Jesus, onde este “casamento místico” não ocorrerá com uma mulher especial, mas sim espiritualmente com a Igreja: “Então vi novos céus e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra tinham passado; e o mar já não existia. Vi a Cidade Santa, a nova Jerusalém, que descia dos céus, da parte de Deus, preparada como uma noiva adornada para o seu marido. Ouvi uma forte voz que vinha do trono e dizia: ‘Agora o tabernáculo de Deus está com os homens, com os quais ele viverá. Eles serão os seus povos; o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus’ ” (Ap 21.1-3).
- e. Alguns dizem que o ministério de Jesus começou aos 30 anos porque, como primogênito, ele teria que cuidar dos pais até esta idade. Esta seria a razão pela qual seu ministério teria se iniciado somente aos 30 anos. Neste ministério não havia espaço para casamento, uma vez que seu maior interesse não era terreno, mas sim espiritual, conforme ele mesmo defende em Mt 19.10-12.
- f. A Bíblia informa que Isaque se casou com 40 anos (Gn 25.20). Isso é mais uma prova de que não era nenhum absurdo Jesus, um judeu como Isaque, estar solteiro aos 30 anos de idade.

CONCLUSÃO

- a. Se Jesus era divino e se cassasse, e sabendo que a Bíblia afirma que o homem e a mulher se tornam uma só carne, necessariamente a esposa teria que se tornar divina também. Ao propor que ocorreu o casamento de Jesus, o *autor de O Código da Vinci* tenta ou afirmar a divindade de Maria Madalena, ou negar a divindade de Jesus. Todas as duas opções são uma afronta ao cristianismo, e são utilizadas para tentar desacreditar a fé cristã. Todavia, demonstramos que a possibilidade de Jesus ter se casado deve ser rejeitada, uma vez que ela é inconsistente com a Bíblia, com a História e com a Lógica.
- b. Jesus disse: “Pois desci dos céus, não para fazer a minha vontade, mas para fazer a vontade daquele que me enviou” (Jo 6.38). A vontade do Pai era que Jesus não se casasse, uma vez que o casamento terreno de Jesus era incompatível com os planos divinos. Citamos abaixo algumas hipóteses para o não-casamento de Jesus nos planos do Pai, todas elas sustentadas por textos bíblicos:
 - i. O casamento evita a solidão (Gn 2.18), mas Cristo sempre estava com o Pai e com o Espírito Santo (Mt 3.16-17), de modo que a união matrimonial a fim de evitar a solidão era desnecessária;
 - ii. O casamento tipifica Cristo e a Igreja (Ef 5.22-33). Se se cassasse, Seu casamento invalidaria a tipificação;
 - iii. O casamento é uma aliança terrena (Mc 12.24-25). Em contrapartida, Jesus incentivava seus seguidores a buscarem as coisas espirituais (Lc 18.29-30). Assim, Ele seria incoerente com Sua doutrina se priorizasse para si o casamento terreno^x;
 - iv. O casamento entre o homem e mulher é temporal (Lc 20.34-35). Como Cristo é eterno, não poderia se unir ao transitório.
 - v. O próprio Cristo incentiva o celibato espontâneo (não imposto, conforme ocorre no catolicismo) em prol do Reino dos céus (Mt 19.10-12). Se esta mensagem era pregada para os outros, certamente era um princípio que Ele mesmo seguia.
 - vi. O casamento torna duas pessoas uma só carne (Gn 2.24). Ora, Jesus era Santo, pois seu corpo não conhecia o pecado (1Pd 2.22), de modo que esta santidade seria maculada caso se unisse a qualquer mulher, pois todas são contaminadas pelo pecado (Rm 3.23). Ao invés de se unir a uma mulher específica, a Bíblia revela que a união de Cristo se dará com a Igreja, eternamente escolhida, separada e santificada (Ef 1.3-5; Hb 10.8-10).
- c. Tais argumentos provam que Cristo não se casou e nem poderia tê-lo feito. O objetivo de Brown, ao defender que Jesus eventualmente se casara, é, acima de tudo, negar sua divindade, criando assim sérios problemas teológicos, principalmente na questão da salvação propiciada por Cristo. Tenho ouvido vários pastores afirmarem que Cristo poderia ter se casado^y, porém esta hipótese é bíblicamente incompatível com os planos de Deus, conforme expusemos no tópico acima.



A Aliança é um símbolo ocidental do casamento.

Figura 6

^x Aqui, o termo *terreno* não tem o sentido de profano, conforme ocorre em alguns textos bíblicos. Antes, tem o sentido de *transitório*, isto é, que só é válido enquanto o ser humano viver sobre a Terra.

^y O erro destes pastores é pensar que o fato de Jesus ter se casado inviabilizaria apenas o celibato exigido dos ministros católicos, esquecendo-se da questão teológica em si.

- d. Brown tenta ofuscar a missão de Jesus como Salvador do mundo tornando-o um mortal como qualquer outro, que se casa e tem filhos. Contudo, os planos de Deus para Jesus transcendiam a estes aspectos secundários da existência humana (Mt 19.10-12), e por isso Jesus disse: “Eu vim ao mundo como luz, para que todo aquele que crê em mim não permaneça nas trevas” (Jo 12.46). Esta verdade está disponível a você, caro leitor, e até mesmo ao próprio Dan Brown caso ele se arrependa do mal que tem causado a ele mesmo e à Igreja de Cristo ao difundir falsos ensinamentos.

5. A Estrela-de-davi é um símbolo Masculino/Feminino?

ACUSAÇÃO

A Estrela-de-davi prova que os judeus adoravam ao masculino e ao feminino.

“A Estrela-de-davi... A união perfeita entre masculino e feminino... O selo-de-salomão... marcando o Santo dos Santos, em que se acreditava que as deidades masculina e feminina – Yahweh e Shekinah – residiam” (OCDV, pg. 416)

“Os primeiros judeus acreditavam que o Santo dos Santos do Templo de Salomão abrigava não só Deus como também sua poderosa consorte feminina, Shekinah.” (OCDV, pg. 292)



Representação da Bandeira de Israel. Nela, o uso da Estrela-de-davi tem conotação política, sendo uma alusão ao Rei Davi, o maior líder político-militar da história de Israel.

Figura 7

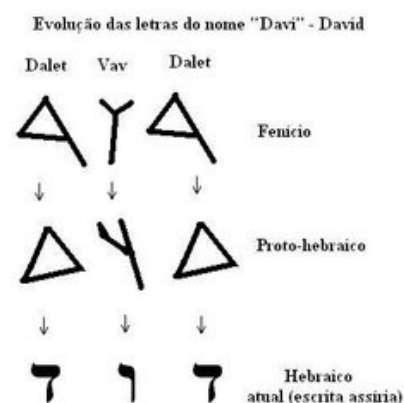
REFUTAÇÃO

LÓGICA

- Sendo uma religião dualista, o ocultismo usa a figura da “Estrela-de-davi” como um exemplo da crença nos opostos masculino/feminino, bem/mal, espiritual/material, etc. Esta própria diversidade impede que o símbolo expresse uma única realidade. Uma vez constatada a diversidade de interpretações, porque não interpretar este símbolo como sendo Deus se conectando a humanidade (triângulo para baixo) e a humanidade se conectando a Deus (triângulo para cima)? Em função da interpretação subjetiva, o uso que *O Código Da Vinci* faz do símbolo não pode ser usado como prova que os judeus crêem em duas divindades. Para descobrir o real significado do símbolo, sugiro que o leitor pergunte a qualquer judeu o significado da Estrela-de-davi, e será visto que é infundado o argumento de Brown.
- Diferentes culturas podem utilizar um mesmo símbolo e atribuir-lhe significados diferentes. Isso porque, para determinado grupo, o símbolo tem *um ou mais* sentidos, que podem ou não ser compartilhados por outros grupos. Tal diversidade indica que os símbolos não expressam, digamos, uma realidade universal. Assim, se o ocultista atribui um sentido ao símbolo, isso não quer dizer que o judeu ou qualquer outro grupo lhe dê o mesmo significado. Citemos o exemplo do Sol. Esta estrela é deus em algumas culturas, mas para o cristão é um astro criado por Deus para governar o dia (Gn 1.16). Outro exemplo é o Arco-Íris, um símbolo auto-adotado como identificação de grupos homossexuais, mas que é para o cristão um símbolo da aliança de Deus com a humanidade, onde Deus assegura não mais destruir a Terra pelo dilúvio (Gn 9.11-12). Diante do exposto, a Estrela-de-davi tem um significado para o judeu e outro para os ocultistas. Uma vez que Brown fornece a interpretação ocultista em seu livro, abaixo veremos o real significado do símbolo para o judeu.

HISTÓRICA

- Brown afirma, na pg. 226 de OCDV, que a origem da Estrela-de-davi é a união do falo (∧) e do útero (∨). Para o judeu, todavia, a origem da figura vem do “D duplo” da palavra *David*, onde o “D duplo” era arranjado de modo a se assemelhar com a figura de uma estrela de seis pontas. De acordo com a tradição judaica, este símbolo era desenhado ou encravado sobre os escudos dos guerreiros do exército do rei Davi³³. Apesar de ser uma explicação plausível, carece ainda de evidências históricas ou arqueológicas para prová-la.
- A forma atual da Estrela-de-davi já aparecia em diversas culturas do Extremo Oriente há milhares de anos, e só nas últimas centenas de anos mudou-se para um símbolo puramente judaico. Este símbolo apareceu primeiramente ligado aos judeus somente na Era do



Origem da Estrela-de-Davi, também chamada de Escudo de Davi ou Selo-de-Salomão.

Figura 8

Bronze – no século IV a.C – num selo judaico achado na cidade de Sidom. Na época do segundo Templo judaico, o símbolo aparece em algumas sinagogas antigas na terra de Israel. Até o que se sabe, não era dado ao símbolo um significado especial ou místico, mas puramente ornamental³⁴. O texto acima nos mostra que o símbolo dificilmente teria conotação religiosa para o povo judeu, pois o Deus zeloso jamais permitiria que símbolos de povos idólatras (Nm 33.50-52) fossem usados no culto que os israelitas deviam prestar-lhe. Outro aspecto a destacar é que o fato de ter sido encontrado o símbolo da Estrela-de-davi em sinagogas (e não no Templo, conforme alega Brown) é compatível com a tese de *símbolo político*, isto é, como forma de identificação do povo.

- c. O Rei Davi é considerado pelos judeus, até hoje, o maior líder político-militar daquela nação, ao passo que Moisés e Elias são os maiores líderes religiosos. Assim, é coerente pensar que os símbolos religiosos se associam a Moisés (A Tora e a Arca da Aliança, por exemplo), e o símbolo político se associa a Davi. Logo, a Estrela-de-davi era um símbolo político, não religioso. Era um símbolo nacional, o qual podemos comparar com as atuais bandeiras das nações.
- d. A Estrela-de-davi não fazia parte do Tabernáculo, haja vista que o Tabernáculo foi instituído em 1461 a.C.³⁵, bem antes da tomada de Jerusalém por Davi em 1018 a.C.³⁶. Ora, se o Tabernáculo é bem anterior ao reinado de Davi, não há razão para crer que existia a Estrela-de-davi no Tabernáculo, nem tampouco no Templo que o sucedeu. Logo, é inválida a tese de Brown que diz “os primeiros judeus acreditavam que o Santo dos Santos do Templo de Salomão abrigava não só Deus como também sua poderosa consorte feminina, Shekinah” (OCDV, pg. 292). Na verdade, os primeiros judeus não possuíam nem o Templo, muito menos o símbolo da Estrela-de-davi.
- e. Sabe-se que o Templo de Jerusalém foi construído em substituição ao Tabernáculo por volta de 975 a.C.³⁷. Não há a menor evidência de que Davi ou qualquer outra pessoa tenha introduzido a Estrela-de-davi no Templo de Jerusalém, conforme alega OCDV. Como o símbolo em questão não fazia parte do Tabernáculo, precursor do Templo, infere-se que ele também não foi introduzido no Templo de Jerusalém.
- f. A inserção de qualquer símbolo ou imagem no Templo judaico era considerada um ato de profanação. A história mostra que o judeu ficava desolado quando isso acontecia. Com exemplo citamos o caso do prefeito romano da Judéia, Pôncio Pilatos, que em 26 d.C. mandou que suas tropas entrassem em Jerusalém e colocassem bandeiras exibindo um retrato de César próximo ao pátio do Templo. Tal atitude provocou a ira dos judeus, os quais se prontificaram a serem mortos caso a ofensa permanecesse³⁸. Este exemplo mostra que era altamente improvável que o próprio judeu viesse a profanar o Templo inserindo ali uma imagem ou objeto não permitido por Deus.

BÍBLICA

- a. Tanto a descrição do Tabernáculo quanto do Templo foram sucintamente descritas por Deus quando Ele deu instruções a respeito das duas construções (Ex 25 a 31; 1Cr 28.11-21), e não há nestes textos nenhuma referência ao símbolo da Estrela-de-davi.
- b. Embora Davi fosse um proeminente “servo de Deus” (Sl 89.20; Is 37.35), Deus não permitiria que um “símbolo humano” fosse inserido em sua “morada”, pois ele não divide sua glória: “Eu sou o SENHOR; este é o meu nome! Não darei a outro a minha glória nem a imagens o meu louvor” (Isaías 42:8). Em contrapartida, Davi não inseriria tal símbolo no Templo por iniciativa própria, pois reconhecia sua dependência de Deus e evitava ofender ao Senhor: “Ensina-me o teu caminho, Senhor, para que eu ande na tua verdade; dá-me um coração inteiramente fiel, para que eu tema o teu nome. De todo o meu coração te louvarei, Senhor, meu Deus; glorificarei o teu nome para sempre” (Sl 86.11-12).
- c. Brown afirma que o Santo dos Santos (também chamado de Santíssimo Lugar) continha a Estrela-de-davi. Porém, a verdade é que no Santo dos Santos só existia a Arca da Aliança^z e sua tampa com dois querubins (Ex 25.17-22), conforme podemos ver em 2Cr 5.7: “Os sacerdotes levaram a arca da aliança do SENHOR para o seu lugar no santuário interno do templo, no Lugar Santíssimo, e a colocaram debaixo das asas dos querubins”. A arca da aliança, por sinal, era o mais forte símbolo religioso para os judeus, que chegaram ao

^z Dentro (ou em frente) da Arca existiam mais três objetos: a vara de Arão, o maná e as tábuas da aliança (Hb 9.4).

extremo de dizer “a glória se foi de Israel, pois a arca de Deus foi tomada” (1Sm 4.3), quando perderam este importante *símbolo* em uma batalha.

CONCLUSÃO

- a. De forma anacrônica, Brown tenta fazer com que a interpretação ocultista da Estrela-de-davi tenha conotação histórico-religiosa dentro do judaísmo. Ele afirma que os primeiros judeus adoravam a Shekinah no Templo (pg. 292), mas os primeiros judeus nem Templo tinham. Se desconsiderarmos a expressão “os primeiros” e mantivermos apenas o restante do texto, ainda assim Brown estará errado, pois os judeus adoravam somente a Deus, e por isso o judaísmo é considerado uma das poucas religiões *mono-teístas* do mundo. Deus mesmo disse: “Ouça, ó Israel: O SENHOR, o nosso Deus, é o único SENHOR” (Dt 6.4).
- b. Os judeus jamais tiveram uma divindade chamada Shekinah. A *refutação bíblica* a da questão 2 mostra que o termo Shekinah nem existia na época do Templo de Jerusalém.
- c. Temos que recorrer à história dos judeus para saber *a quem* e *como* eles adoravam. Esta história começa com Abraão, que foi chamado por Deus para que através dele fosse estabelecida uma nação que buscasse ao único e verdadeiro Deus (Gn 12.1-3). Através desta nação toda a terra seria abençoada (Gn 18.18). Antes de possuírem um local especial para cultuar, tanto Abraão como seus descendentes erigiam altares como forma de gratidão a Deus (Gn 12.7-8). Em épocas posteriores, após a saída do Egito, Deus dá instrução a Moisés para que fosse construído o Tabernáculo (1461 a.C.), o local *figurado* de sua habitação. O Templo só foi construído anos mais tarde (975 a.C.), na época de Davi e Salomão. Os textos supra-citados mostram que os descendentes de Abraão adoravam *apenas* a Deus, e a *forma* da adoração variava em aspectos externos, ora via construção de altares, ora através de rituais no Templo. Posteriormente Jesus veio para ensinar que a forma do culto era menos importante que a essência da adoração:

Disse a mulher: “Senhor, vejo que é profeta. Nossos antepassados adoraram neste monte, mas vocês, judeus, dizem que Jerusalém é o lugar onde se deve adorar”. Jesus declarou: “Creia em mim, mulher: está próxima a hora em que vocês não adorarão o Pai nem neste monte, nem em Jerusalém. Vocês, samaritanos, adoram o que não conhecem; nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus. No entanto, está chegando a hora, e de fato já chegou, em que *os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade*. São estes os adoradores que o Pai procura. Deus é espírito, e é necessário que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade” (Jo 4.19-24).

- d. Ainda de forma anacrônica, Brown tenta associar um mito da Cabala do Séc. XVI d.C. (a noiva de Deus chamada Shekinah) ao judaísmo da época da construção do Templo (aprox. 975 a.C.). Sua atitude mostra que, para provar sua tese, o autor do Código faz com que um mito retroceda 2500 anos. Tão grave quanto o anacronismo é a generalização, uma vez que ele atribui a crença de um pequeno grupo (os cabalistas) a todo um povo. Toda esta manobra mostra criatividade, mas não autenticidade.
- e. Uma vez dissociados da ficção de Brown, afirmamos com segurança que o judaísmo é estigmatizado justamente pelo seu monoteísmo, o que não dá a menor margem à crença de que o judeu tenha reverenciado algum dia ao sagrado feminino.

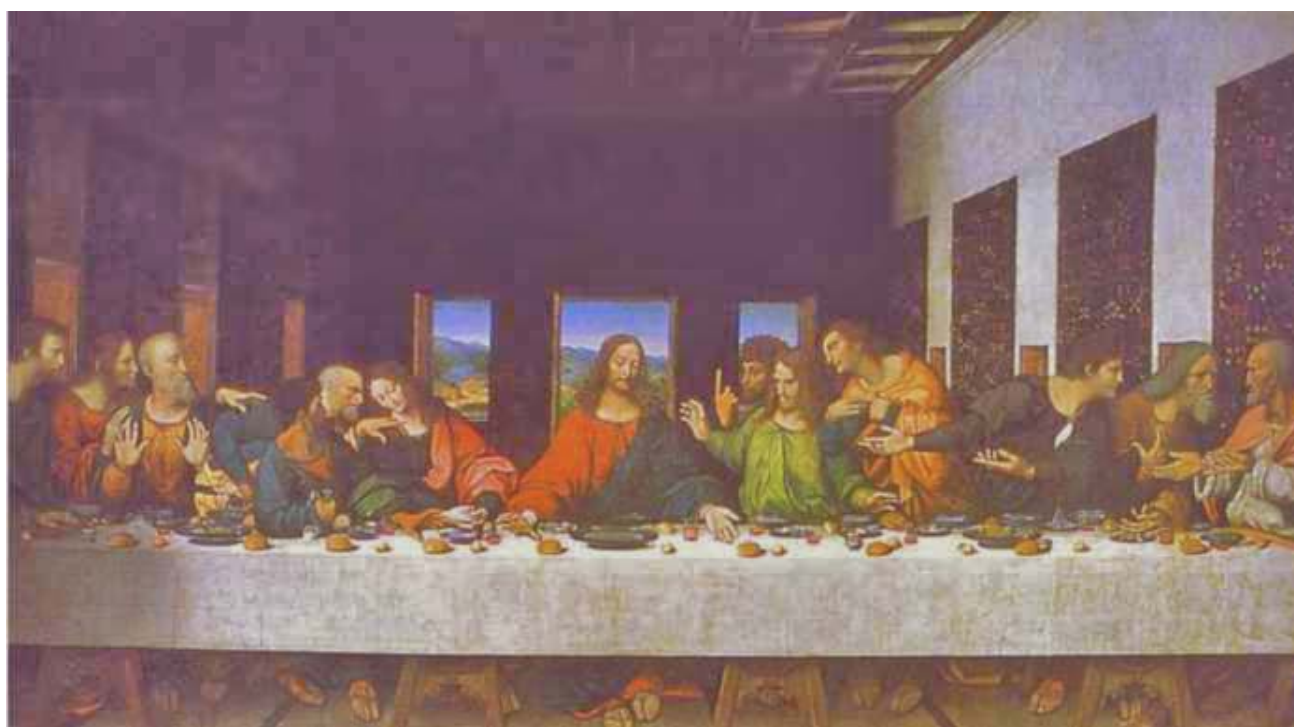
6. Leonardo Da Vinci retrata o segredo do Graal em *A Última Ceia*?

ACUSAÇÃO

A pintura *A Última Ceia*, de Leonardo Da Vinci, revela que Jesus e Maria Madalena eram casados.

“Os sentimentos de Leonardo sobre a Bíblia se relacionam diretamente com o Santo Graal. Aliás, Da Vinci pintou o verdadeiro Graal.” (OCDV, pg. 219)

Da Vinci mostra tudo aqui mesmo, na Última Ceia. [...] O Santo Graal não é um objeto. Na verdade... trata-se de uma pessoa.” (OCDV, pg. 225)



Representações de *A Última Ceia*, de Leonardo Da Vinci, extraídas da Internet. A figura 8 (imagem superior) é a pintura original de Leonardo, e é patente seu desgaste. A figura 9 (imagem inferior), apresenta a cena restaurada.

Figuras 9 e 10

REFUTAÇÃO

HISTÓRICA

- a. A pintura *A Última Ceia*^{aa} é uma das obras mais famosas de Leonardo da Vinci. Ela foi realizada em um mural de 4,6 x 8,8m, com a técnica de óleo e têmpera sobre o gesso, durante os anos de 1495 a 1498. A obra foi pintada na parede do refeitório do convento de *Santa Maria delle Grazie – Milão*, e lá esta até hoje. De tempos em tempos foram feitas tentativas de restaurá-la, mas atualmente todas as camadas de restauração foram removidas, de modo que hoje ela contém apenas os traços originais de Leonardo^{bb}, embora esteja extremamente desgastada pelo tempo. A maior evidência palpável da tese de Brown é esta pintura, sendo que a força de seu argumento está na feminilidade dos traços de João e na suposta ausência do Graal. Quanto a isso:
 - i. A *feminilidade* dos traços de João é refutada pela arte da época (vide figura 16, pg. 54);
 - ii. A *ausência do Graal* é fruto da construção de uma imagem equivocada a respeito o objeto em questão, onde se espera uma *taça de ouro* ao invés de uma *taça de barro ou vidro*, o verdadeiro material utilizado nos cálices na época da ceia de Jesus com os discípulos. O fato do Graal não estar ali representado da maneira mitológica induz as pessoas a acreditarem que não há nenhum graal na cena, mas colocamos a *hipótese* do graal ser o objeto mostrado na figura 13 (pg. 53). Opcionalmente, ainda que a imagem que propusemos não seja o graal, podemos supor que o graal não tenha sido retratado por Leonardo porque não era feita referência ao cálice no evangelho de João, o livro utilizado por ele como base para compor a cena da ceia (vide *refutação bíblica b* nesta mesma questão). Como o Evangelho de João não fala do cálice, não haveria sentido em pintá-lo.
- b. A teoria de que Maria Madalena está ao lado de Jesus só surgiu, até o que consta, na obra esotérica *A Grande Heresia - O Segredo da Identidade do Cristo*, editada em 1997 e de autoria do casal Lynn Picknett e Clive Prince. Por quase 500 anos ninguém havia cogitado a hipótese de existir uma mulher na cena. Se pensarmos que na época da pintura a mesma era ainda mais nítida, certamente alguém teria visto os “seios” em João que Brown alega existir.
- c. Como prova de que a teoria de OCDV é um apanhado de histórias dispares, citamos que os “historiadores” utilizados por Brown – os autores de *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada* – sustentavam que quem estava à direita de Jesus era Tomé, supostamente um irmão gêmeo de Jesus segundo a crença gnóstica. Tudo isso nos leva a concluir que por 500 anos creu-se que a pessoa a direita de Jesus era João, a partir de 1982 os esotéricos passaram a argumentar que era Tomé, e em 1997 a figura foi considerada por outros esotéricos como sendo Maria Madalena.

LÓGICA

Os argumentos de *a* a *f* se baseiam no diagrama ao lado.

- a. Tanto a *Bíblia* quanto *O Código Da Vinci* fazem referência a um fato histórico: a realização de uma ceia celebrada por Jesus antes da sua morte. Os dois livros diferem basicamente quando se interpreta quais eram os participantes deste evento. Para sistematizar o raciocínio, pedimos a atenção do leitor para a ilustração ao lado durante nossa exposição. Com base nela, vemos que há dois caminhos



Diagrama para avaliar o desenvolvimento da tese de Brown.

Figura 11

^{aa} A maior e melhor imagem encontrada de *A Última Ceia* está disponível para download no endereço eletrônico http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/08/Leonardo_da_Vinci_%281452-1519%29_-_The_Last_Supper_%281495-1498%29.jpg

^{bb} Embora Dan Brown prefira chamar o pintor de Da Vinci, nós o tratamos pelo seu primeiro nome porque, na história da arte, é com este nome que o pintor é conhecido.

distintos a seguir: pode se optar por crer que a ceia ocorreu conforme descrito nos quatro evangelhos bíblicos (quadro A), ou pode se acreditar que existam outras fontes de informação a respeito do evento (quadro D), onde estas informações teriam sido “ocultadas” para a maioria das pessoas. Como esta suposta fonte alternativa difere do ensino dos evangelhos, isto é, dos apóstolos que participaram da ceia, ambas não podem ser simultaneamente verdadeiras. Diante deste quadro, ou os apóstolos deliberadamente mentiram ao compor o evangelho, ou a fonte incerta – caso exista – não retrata a realidade.

- i. A favor dos evangelhos bíblicos temos uma história bem documentada quanto a sua autenticidade (vide questão 15), ao passo que quanto à fonte incerta, ela é realmente desconhecida, pois não há sequer um documento histórico disponível que afirme que Maria Madalena participou da ceia. Até que se prove o contrário, os documentos que sustentam o quadro D simplesmente não existem. Ainda que existissem, teríamos que confrontá-lo com o quadro A para verificar qual deles seria o mais fidedigno. Quanto ao quadro A, podemos afirmar que os evangelhos não foram contestados na época de sua composição, de modo que esta simples constatação lhe assegura autenticidade. Quando ao quadro D, como vimos, não existem evidências sequer de sua existência, o que o torna indigno de credibilidade.
- ii. Seguindo nossa análise, vemos que depois de 1400 anos Leonardo da Vinci retrata o evento da ceia (quadro B), e sua pintura condiz perfeitamente com o relato dos evangelhos (quadro A), destacadamente com o Evangelho de João. Em oposição à crença de que a inspiração de Leonardo tenha vindo dos evangelhos, alguns podem crer que a pintura contenha elementos ocultos baseados em documentos ocultos, isto é, que o quadro E tenha se baseado também no quadro D. Todavia, a evidência disponível – a pintura – é extremamente fiel aos evangelhos, isto é, contém *todos* os elementos do quadro A, de modo que Leonardo teria que ter “encaixado” os elementos dos quadros D para compor a obra conforme expresso pelo quadro E.
- iii. Avaliaremos agora a plausibilidade do quadro C quando confrontado como o quadro F. Ao escrever *O Código Da Vinci*, Dan Brown difunde uma história (quadro C) que se baseia apenas na pintura de Leonardo^{cc}, desprezando *completamente* o relato dos evangelhos, os documentos conhecidos mais próximos ao evento da ceia. Com isso Brown não reconstrói a história da ceia, mas sim, no melhor dos casos, a história da pintura. O autor se desvincula do *fato histórico* em si e se atém apenas a uma ilustração, pois com base na subjetividade da imagem ele fica livre para “criar” a história que desejar. Opcionalmente, pode se crer que Dan Brown possui um “conhecimento oculto” que lhe permite visualizar “significados ocultos” na pintura de Leonardo da Vinci (embora ela seja condizente com o evangelho), de modo que ele é capaz de “decodificar o oculto ocultado pelo pintor” (quadro F). A própria complexidade da “manobra” exigida para sustentar o argumento do quadro F indica sua inferioridade lógica.
- iv. Seguindo nossa análise, se a conclusão explicitada no quadro C for a verdadeira, Brown criou uma ficção, um conto. Se o quadro F for o correto, um segredo de fato está sendo revelado. A simples existência dos evangelhos bíblicos (quadro A) e a falta da fonte incerta (quadro D) indica uma clara vantagem do quadro C sobre o quadro F. A compatibilidade da pintura com o evangelho também nos leva a conclusão de que Leonardo dificilmente ocultou segredos em sua obra, tornando mais plausível o caminho traçado pelos quadros A–B–C. Ademais, ainda que Leonardo tivesse inserido símbolos ocultos em sua pintura, uma hipótese até então não sustentada por nenhum historiador do pintor, temos que o relato bíblico, escrito por contemporâneos de Jesus, é mais digno de confiança que uma pintura feita 1500 anos após o evento em si.
- b. É importante salientar que o método de Brown é altamente sugestivo. O leitor do Código vê somente aquilo que ele é induzido a ver, isto porque Dan Brown só usa um dos elementos disponíveis, a pintura, e abandona qualquer relato escrito. Assim, se o leitor simplesmente observa a pintura e lê o livro de Brown, acaba por concordar com o autor, uma vez que sua história *parece* fazer sentido. Contudo, a aparência de verdade não caracteriza a verdade em si. Toda a tese de Brown cai por terra quando se lê o Evangelho de João (vide *refutação bíblica b*) e se constata a fidelidade de Leonardo ao texto indicado.

^{cc} Como vimos a pouco, a criação da tese de Maria Madalena estar na cena não foi de Dan Brown, mas sim da obra esotérica chamada *A Grande Heresia*.

- c. Nas páginas de seu livro, Brown induz o leitor a crer que o suposto casamento de Jesus e Maria Madalena foi descrito por alguns judeus que viviam na França³⁹, uma vez que Maria Madalena teria fugido para lá com a filha de tivera de Jesus. Segundo Brown, ao fazer parte de um grupo com segredos ocultos (quadro D), Leonardo Da Vinci toma conhecimento deste documento de origem francesa e codifica a “verdade”: Maria Madalena também teria participado da ceia^{dd} (quadro E). Pela sequência dos quadros D-E-F, somos levados a crer que a verdade teria sido decodificada por Dan Brown conforme o quadro F. O problema é que hora nenhuma o autor informa que a pintura é *totalmente compatível* com o relato dos evangelhos bíblicos (quadro A). Pior que isso, para inserir Maria Madalena em *A Última Ceia* o autor teria que retirar um dos discípulos, e hora nenhuma ele explica qual dos discípulos está ausente.
- d. Em contrapartida, afirmamos ao leitor que os evangelhos bíblicos e a pintura (quadros A e B) são totalmente compatíveis entre si, o que torna difícil crer em significados ocultos na obra de Leonardo conforme proposto pelo quadro E. Neste caso o caminho mais coerente é o quadro C, que deixa evidente que a história de Brown é mera ficção. Para acreditar em Dan Brown é necessário dissociar o fato (a ceia em si) do seu relato mais fidedigno, que são os quatro evangelhos (quadro A). Numa tosca comparação, seria como rejeitar completamente o relato da *Independência do Brasil* existente nos livros de história para tentar descobrir a história da independência com base em uma única pintura de Dom Pedro às margens de Ipiranga.
- e. Como consequência dos pontos acima, afirmamos que, a respeito da ceia, é mais plausível crer na sequência A – B – C, considerando o quadro A a fonte mais fidedigna, do que crer que Leonardo dispunha dos elementos representados pelos quadros A e D, e que com esse conhecimento ele pintou conforme E, que levaria à interpretação F de Dan Brown. E ainda de Leonardo tivesse os documentos do quadro D, ainda assim teríamos que avaliar a autenticidade dos mesmos.
- f. Quanto ao quadro D, Brown induz o leitor a crer que os documentos por ele citados – o documento Q, os Rolos do Mar Morto e documentos de Nag Hammadi^{ee} – contêm a história do graal, mas nenhum deles fala nem do graal muito menos do evento da ceia. Esta é a razão de constantemente afirmarmos que o quadro D se baseia em documentos desconhecidos.
- g. A tese de Brown, para fazer sentido, depende da comprovação de que Leonardo da Vinci foi membro do Priorado de Sião ou de um outro grupo ocultista com idéias similares às apresentadas em *O Código Da Vinci*. Como a existência antiga do Priorado de Sião foi refutada na questão 10, não existindo sequer uma evidência real da participação de Leonardo em grupos ocultistas, temos aqui mais um argumento contra a tese de que Maria Madalena esteja representada na pintura do artista.
- h. Conforme é possível perceber na arte de Leonardo, o pintor buscava retratar a realidade como ela era. Quando Leonardo pensou sobre a noite da ceia, qual era a probabilidade de Jesus e os discípulos disporem de uma “taça especial”, feita em ouro e incrustada de pedras preciosas? Sendo realista, certamente Leonardo desprezaria a aparência mitológica e consideraria o objeto conforme ele provavelmente era no primeiro século, isto é, elaborado em cerâmica ou vidro. A taça da figura 13, mais discreta que a taça do mito, não é mais condizente com a realidade que Leonardo desejava retratar?
- i. Ademais, se a ausência do cálice fosse tão grave quanto Brown tenta fazer parecer, não teriam os contemporâneos de Leonardo reclamado sobre a falta do objeto na cena? Das duas uma: ou o objeto de fato estava em cena, conforme supomos no item acima, ou os contemporâneos de Leonardo não davam a menor ênfase a ele. De qualquer forma, ambas as respostas provam que o cálice não era tão enfatizado como Brown faz parecer.
- j. A *Edição Ilustrada de O Código Da Vinci* também mostra o cálice que existe na pintura original, porém ele é colocado quase que na divisória da página dupla, de modo que fique disfarçado. Será que Brown e os editores do livro fizeram isso por acaso?

^{dd} Não é possível afirmar com segurança se Brown crê que a pintura retrata a *presença física* de Maria Madalena na ceia ou se apenas *simboliza* seu papel como graal. O argumento se baseia na primeira opção, pois cremos que esta é a impressão dos leitores do Código.

^{ee} Analisamos estes documentos, respectivamente, nas questões 17 a 19.

- k. Por incrível que pareça, existem imagens restauradas de *A Última Ceia* que banem o cálice da ilustração (vide figuras 10 e 14. pg. 47 e 53). Se a omissão for consciente, existem pessoas ou que querem enganar aos outros ou querem enganar a si mesmas. Não dá para saber o que é mais grave.
- l. Quanto à suposta imagem de Maria Madalena, o autor informa que nela “o peito era levemente arredondado, sugerindo a presença de seios” (OCDV, pg. 250). Olhe atentamente a figura 9 (pg. 47) e responda: é possível visualizar seios ali? Se existissem seios na pintura quando Leonardo a desenhou, seriam eles tão sutis ao ponto de passarem despercebidos aos observadores de sua época? Sendo o gênio que era, aceitaria o próprio Leonardo e seu público a imperfeição da aparência de seios em um homem?
- m. Se compararmos o que diz a Bíblia e o Código sobre *A Última Ceia*, podemos traçar as seguintes diferenças de interpretação:

Interpretação convencional, conforme a Bíblia	Interpretação alternativa, conforme O Código Da Vinci
Leonardo retrata o momento em que Jesus anuncia o traidor (Jo 13.21-24).	Para Brown, o foco da pintura é a instituição do Sacramento da ceia.
Pela arte da época, os traços femininos representavam a pouca idade dos discípulos mais jovens. Este seria o caso de João, ao lado de Jesus.	Os traços femininos do discípulo ao lado de Jesus evidenciam que a pessoa representada é Maria Madalena.
A faca simboliza o temperamento de Pedro. Também pode representar o ímpeto de Pedro de “matar o traidor” caso Jesus viesse a apontar aquele que o trairia, no caso Judas Iscariotes. Esta faca, por sinal, não está em uma mão sem corpo, conforme diz OCDV na pg. 235, mas sim é segurada por Pedro, conforme desmistifica a figura 10.	A faca simboliza a ameaça a Maria Madalena. (É estranho que a faca ameace a Maria Madalena, uma vez que está em sentido contrário a ela). Segundo Brown, a faca é uma ameaça oculta, pois está em uma mão sem corpo.
Há, sim, um aparente cálice (Graal) na cena (vide figura 13). Ele não tem a aparência mitológica (de ouro e pedras preciosas), mas é um cálice de vidro ^{ff} diferente das taças individuais, bastante condizente com a realidade que Leonardo desejava retratar.	Dan Brown não vê (ou não mostra) o Graal na cena, pois assim ele pode afirmar que o Graal retratado pelas lendas seja Maria Madalena.
Há treze pessoas na cena: Jesus mais os 12 discípulos. Esta composição é fiel à Bíblia e à pintura de Leonardo.	Há treze pessoas na cena: Jesus, mais 11 discípulos, mais Maria Madalena. Falta Brown explicar o que foi feito ao discípulo faltante.

BÍBLICA

- a. Jesus celebra a ceia acompanhado dos doze discípulos (Mt 26.20), o que é compatível com a pintura de Leonardo, que tem 13 pessoas. Este era um momento íntimo para Jesus, e por esta razão Ele estava apenas com seus amigos mais íntimos, os doze discípulos;
- b. Historiadores são unânimes em afirmar que, ao pintar *A Última Ceia*, Leonardo retrata a conversa entre Pedro e João conforme descrito em Jo 13.23-24 (ARA)^{gg}: “Ora, ali estava conchegado a Jesus um dos seus discípulos, aquele a quem ele amava; a esse fez Simão Pedro sinal, dizendo-lhe: Pergunta a quem ele se refere”. Brown alega que na pintura Pedro

^{ff} Apesar de a pintura estar muito desgastada, cremos que o objeto ali retratado por Leonardo seja realmente o cálice que Jesus dividiu com seus discípulos. Todavia, é estranho que nenhum dos críticos do Código que pesquisamos tenha se referido ao objeto. Em função disso, não consideramos o argumento conclusivo, apenas hipotético e bastante plausível.

^{gg} Aqui e em citações posteriores, ARA refere-se à Tradução de João Ferreira de Almeida, conforme versão Revista e Atualizada.

está a ameaçar Maria Madalena, mas na verdade a cena retrata Pedro pedindo a João que pergunte a Jesus quem era o traidor.

- c. Tanto a tradução “copo” como “cálice” vêm do grego *poterion*, e os historiadores crêem que na época de Jesus esta peça era de cerâmica ou vidro, condizente com o hipotético objeto presente na pintura *A Última Ceia*. A Bíblia informa que de fato existia, durante a celebração da ceia, um cálice que era compartilhado entre os celebrantes (Mc 14.23), e este cálice provavelmente se assemelhava ao objeto em detalhe na figura 13.

CONCLUSÃO

- a. Afora as especulações infundadas, não há nenhum segredo na pintura *A Última Ceia*. A revelação de “Maria como cálice” não vem da pintura, mas sim do autor de *O Código Da Vinci*, pois ele induz o leitor a conclusões que não condizem nem com a pintura em si, muito menos com os evangelhos ou com os registros históricos. A suposta ausência do cálice é a maior evidência do segredo sustentado pelo autor, mas vimos ao longo das refutações que nenhum contemporâneo de Leonardo se importou com a alegada ausência do objeto, o que nos permite concluir que *ou o objeto não era importante* na época de Leonardo, *ou ele de fato está na cena*, conforme hipótese sustentada pela figura 13.
- b. O autor só consegue sustentar sua tese se baseá-la *apenas* na pintura, desvinculando-a do relato bíblico que lhe deu origem. Contudo, a fonte de informação mais confiável sobre a ceia não é nem *O Código Da Vinci* nem a pintura de Leonardo, mas sim o relato dos evangelhos. Se o leitor deseja realmente conhecer o que aconteceu na ceia, a melhor fonte de informação são os textos de Mt 26.20-30; Mc 14.17-26; Lc 22.14-20 e Jo 13.1-30.
- c. Outro dado importante a destacar é que a “descoberta” de Maria Madalena na pintura só se deu 1997, quando divulgada no livro *A Grande Heresia – O Segredo da identidade de Cristo*. Nos 500 anos anteriores ninguém tinha “visto” Maria Madalena na cena. Ora, se os contemporâneos de Leonardo não viram nenhuma mulher na cena quando a pintura foi elaborada, ocasião em que ela era infinitamente mais nítida, não há razão para crermos nesta hipótese hoje.

7. Maria Madalena está presente em A Última Ceia de Leonardo?

ACUSAÇÃO

Maria Madalena está à direita de Jesus na obra *A Última Ceia*. Ela é o Graal omitido.

“A mulher à direita de Jesus era jovem, tinha uma expressão piedosa, um rosto sério, lindos cabelos ruivos e mãos comportadamente entrelaçadas. [...] Essa é Maria Madalena.” (OCDV, pg. 231)

“Brilhando no centro da pintura estava o contorno incontestável de uma letra M enorme absolutamente perfeita. [...] Os teóricos da conspiração lhe dirão que ele representa Matrimônio ou Maria Madalena.” (OCDV, pg. 231)



Principais elementos da ceia. Da esquerda para a direita temos as cabeças de Judas, Pedro, João e Jesus, e no canto inferior direito há o brilho de um possível cálice.

Figura 12

REFUTAÇÃO

LÓGICA

- Se Maria Madalena está na última ceia, qual discípulo não está?
- Se Brown usa os corpos de Jesus e João para provar que existe um “M” entre eles ($\wedge$) e com isso alegar que a letra é uma referência a Maria ou a Matrimônio, usaremos a própria simbologia do livro para construir uma tese que se opõe a do autor. Conforme mostrado na pg. 226 de OCDV, a figura masculina é representada pelo símbolo $\wedge$, chamado em alguns lugares de faca. Assim, argumentamos que há um $\wedge$ que contorna o corpo de Jesus e que revela que ele é um homem, e a mesma figura $\wedge$ ao redor do corpo de João explicita que ele também é um homem. Logo, a figura “ $\wedge$ e $\wedge$ ” representa dois homens. O que ocorre aqui é que Dan Brown atribuiu um significado à imagem e nós outro, mas nenhuma das hipóteses pode provar que haja uma mensagem subliminar intencional na pintura de Leonardo.
- Brown alega que Maria está presente na figura porque aparentemente não há nenhum cálice. Tal argumento é um sofisma (definido pelo dicionário como “argumento aparentemente válido, mas, na realidade, não conclusivo, e que supõe má-fé por parte de quem o apresenta”), pois é infundado o argumento de “exigir” que haja um cálice na pintura de Leonardo, como se sua ausência fosse algo impensável. Tanto a conclusão a da questão 6 quanto a figura 15 mostram que o cálice não era tão importante nem na época da composição dos evangelhos nem na época da pintura de Leonardo. Além disso, já mostramos que parece existir um cálice na cena (figura 13), de modo que até mesmo a alegada ausência do cálice parece não existir.



Detalhes obtidos, respectivamente, das figuras 9 e 10. Notem que, propositadamente ou não, na segunda imagem o cálice foi omitido.

Figuras 13 e 14



Representação da ceia contemporânea à pintura de Leonardo. Semelhante a A Última Ceia, temos Pedro portando uma faca, há a ausência do cálice e João também apresenta traços femininos.

Figura 15

- d. Brown induz o leitor a crer que *toda* representação da ceia *deve* incluir o cálice. Como o cálice aparentemente não existe na ceia de Leonardo, ele conclui que o cálice é uma pessoa. Todavia, a conclusão de Brown não é válida, pois ainda que o objeto da figura 13 não seja o cálice, existem outras imagens da ceia (Figura 15) que também não mostram nem o cálice nem “a mulher”.
- e. Brown comete outro grave ao afirmar que Jesus e a suposta Maria Madalena tinham cores opostas e que “Jesus usava uma túnica vermelha com manto azul; Maria Madalena, um vestido azul e um manto vermelho. *Yin e Yang*” (OCDV, pg. 231). A idéia é interessante mas não resiste aos fatos. Primeiro, porque as cores ditas opostas simplesmente não existem, conforme pode ser visto na figura 12 (pg.53). Segundo porque, de acordo com a física, a cor oposta ao azul é o amarelo, e a oposta ao vermelho é o verde.

HISTÓRICA

As características femininas de João são parte da arte da época de Leonardo Da Vinci para retratar os jovens rapazes. Abaixo temos algumas imagens que provam esta tese.



Pinturas contemporâneas a A Última Ceia de Leonardo. No primeiro quadro temos novamente João com traços levemente efeminados. No segundo há a imagem de um jovem rapaz com traços destacadamente femininos. No último, o discípulo vestindo verde e vermelho se parece com o João pintado por Leonardo, e também apresenta aspectos femininos.

Figura 16

BÍBLICA

- a. Quanto àqueles que participaram da ceia, todos os 12 discípulos estavam presentes nela, de modo que não há espaço, nem na pintura nem no texto bíblico, para a inserção de Maria Madalena no evento. Vejamos o que dizem respectivamente os textos de Lc 6. 12-16 e Mc 14.16-17:

“Num daqueles dias, Jesus saiu para o monte a fim de orar, e passou a noite orando a Deus. Ao amanhecer, chamou seus discípulos e escolheu doze deles, a quem também designou apóstolos: Simão, a quem deu o nome de Pedro; seu irmão André; Tiago; João; Filipe; Bartolomeu; Mateus; Tomé; Tiago, filho de Alfeu; Simão, chamado zelote; Judas, filho de Tiago; e Judas Iscariotes, que veio a ser o traidor”.

“Os discípulos se retiraram, entraram na cidade e encontraram tudo como Jesus lhes tinha dito. E prepararam a Páscoa. Ao anoitecer, Jesus chegou com os doze”.

- b. Quanto ao texto base utilizado por Leonardo na composição da obra, o exato momento retratado pelo pintor foi composto baseado em Jo 13.23-24 (ARA):

“Ora, ali estava conchegado a Jesus um dos seus discípulos, aquele a quem ele amava; a esse fez Simão Pedro sinal, dizendo-lhe: Pergunta a quem ele se refere”.

CONCLUSÃO

Brown força a presença de Maria Madalena, para forçar a idéia que Maria Madalena era o Graal, para forçar a crença no sagrado feminino. As três farsas se apóiam, mas não se sustentam. Caso o Graal esteja na figura (conforme indica a figura 13), a tese de que Maria Madalena esteja na ceia é completamente desmontada. Todavia, ainda que não exista o cálice em cena, vimos que a ausência do objeto não é suficiente para sustentar que Maria Madalena seja o Graal, pois explica-se que o relato base utilizado por Leonardo (Jo 13.23-24) nada fala sobre o cálice. Tal tentativa não passa de um sofisma.

8. A Igreja demoniza o sexo?

ACUSAÇÃO

A igreja demoniza o sexo, pois assim ela coíbe a restauração do sagrado feminino.

“O poder da mulher e sua capacidade de gerar vida já foi muito sagrado, mas ameaçava a ascensão da Igreja Católica predominantemente masculina, de forma que o sagrado feminino foi demonizado e considerado impuro.” (OCDV, pg. 227)

“A religião moderna deprecia o sexo, considerando-o vergonhoso, ensinando-nos a temer os nossos desejos sexuais como se fossem inspirações demoníacas. [...] Para a igreja dos primeiros tempos, o uso do sexo pela humanidade para comungar diretamente com Deus representava uma séria ameaça à base de poder católica. Aquilo deixava a Igreja de fora debilitando o status que ela mesma se atribuía de único caminho para Deus”. (OCDV, pg. 227)

REFUTAÇÃO

LÓGICA

- a. Se a Igreja demonizasse o sexo, ela nem realizaria casamentos.
- b. Afirmar que a igreja demoniza o sexo não procede. A real mensagem da Igreja, como um todo, é que *o sexo é um presente de Deus para ser praticado dentro do casamento*. É verdade que dentro da cristandade há casos de incentivo ao celibato, e algumas seitas de fato consideram o sexo impuro. Todavia, estes são casos de exceções, e tratar exceção como regra é faltar com a verdade.

BÍBLICA

A acusação de que “a igreja demoniza o sexo” deve ser combatida em duas frentes. Na primeira delas mostramos que a Bíblia condena a imposição do celibato, e por isso discordamos da prática católica. Na segunda, mostramos que a acusação de Brown não é verdadeira, pois a Bíblia não condena o sexo, o que faz com que toda a igreja que verdadeiramente segue a Bíblia não o condene também. Vejamos o que a Bíblia diz a respeito de cada um dos casos.

- a. Algumas referências contra a exigência do Celibato imposta pela Igreja Católica Romana:
 - i. Quando questionado sobre o divórcio, Jesus enfaticamente afirmou que as pessoas não deveriam se separar. Diante de tão dura resposta, os discípulos concluíram que era melhor ao homem não se casar. Em réplica, Jesus afirmou que o celibato era uma escolha individual, e não algo a ser imposto: “Os discípulos lhe disseram: ‘Se esta é a situação entre o homem e sua mulher, é melhor não casar’. Jesus respondeu: ‘Nem todos têm condições de aceitar esta palavra; somente aqueles a quem isso é dado. Alguns são eunucos porque nasceram assim; outros foram feitos assim pelos homens; outros ainda se fizeram eunucos por causa do Reino dos céus. Quem puder aceitar isso, aceite.’” (Mt 19.10-12). Aqui fica explícito que o celibato não deve ser exigido sob nenhuma circunstância.
 - ii. O próprio apóstolo Pedro – segundo os católicos, o primeiro Papa – era casado, e quatro passagens bíblicas evidenciam este fato (Mt 8.14; Mc 1.30; Lc 4.38 e 1Co 9.5). Mais uma vez evidência-se que não igreja primitiva não havia qualquer restrição ao casamento.
 - iii. Ser bom marido e bom pai era uma das características que o aspirante a oficial da igreja deveria apresentar: “É necessário, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma só mulher, moderado, sensato, respeitável, hospitaleiro e apto para ensinar; não deve ser apegado ao vinho, nem violento, mas sim amável, pacífico e não apegado ao dinheiro. Ele deve governar bem sua própria família, tendo os filhos sujeitos a ele, com toda a dignidade. Pois, se alguém não sabe governar sua própria família, como poderá cuidar da igreja de Deus?” (1Tm 3.2-5). Ao exigir o celibato de seus clérigos, a Igreja Católica contraria o claro preceito bíblico acima exposto.
- b. Algumas referências contra o argumento da demonização do sexo:
 - i. Eis um dos textos bíblicos que “prova” que é infundada a alegação de que a igreja demoniza o sexo: “Seja bendito o teu manancial, e alegra-te com a mulher da tua

mocidade, corça de amores e gazela graciosa. Saciem-te os seus seios em todo o tempo; e embriaga-te sempre com as suas carícias” (Pv 5.18-19 - ARA). Este poema se encontra na Bíblia, a mesma Bíblia que Brown alega condenar o sexo.

- ii. O sexo foi criado por Deus para a procriação (Gn 1.28), mas também para o prazer do casal. O prazer da vida a dois, inclusive na área sexual, é celebrado no livro bíblico de Cantares, donde extraímos o seguinte texto: “Que belo é o teu amor, ó minha irmã, noiva minha! Quanto melhor é o teu amor do que o vinho, e o aroma dos teus ungüentos do que toda sorte de especiarias!” (Ct 4.10 - ARA).
- iii. No início do Antigo Testamento, o casamento não era oficializado por cerimônias civis ou religiosas, mas pelo ato sexual em si; isso não é demonizar o sexo, e sim atribuir-lhe grande significado e importância. Tal prática pode ser vista na história de Isaque: “Isaque levou Rebeca para a tenda de sua mãe Sara; fez dela sua *mulher*, e a amou” (Gn 24.67a). Pelo texto original, o termo *esposa* seria melhor que *mulher*. Caso similar ocorre na história de Davi e Abigail (1Sm 25.39-42).
- iv. Embora seja incentivado por Cristo (Mt 19.10-12), o celibato é um dom dado apenas para alguns poucos que o receberam. A *regra* é a união através do casamento (1Co 7.1-2), sendo o celibato a *exceção*.
- v. A Bíblia não restringe o sexo, mas sim a promiscuidade. Segundo Paulo, o homem e a mulher deviam manter a pureza dos corpos, uma vez que, após o casamento, o corpo da mulher pertence ao marido e vice-versa (1Co 7.4).
- vi. A pureza também é exigida porque, antes de pertencer ao cônjuge, o corpo pertence a Deus (1 Co 6.15), e por isso não deve ser maculado por relações sexuais fora do casamento. Ainda em defesa da santidade do corpo, na primeira carta aos Coríntios Paulo condena a prostituição (1Co 6.15-20).
- vii. Também contra a promiscuidade, citamos Hebreus 13.4: “O casamento deve ser honrado por todos; o leito conjugal, conservado puro; pois Deus julgará os imorais e os adúlteros”. Aqui vemos que não há restrição quanto ao sexo, que é puro; o problema está em macular o leito (isto é, transgredir a fidelidade pressuposta no casamento) através da imoralidade ou do adultério.

HISTÓRICA

- a. Antes de falarmos do celibato clerical em si, seria interessante abordar o elemento central da acusação de Brown, a idéia de que a condenação do sexo faria da Igreja o “único caminho para Deus” (OCDV, pg. 227). Eis uma concepção errada a respeito do cristianismo que tentaremos corrigir. O primeiro ponto a destacar é que nenhum historiador sério jamais afirmou que o ato sexual seria uma forma “alternativa” de se atingir o sagrado dentro do cristianismo ortodoxo. Esta é uma inferência falaciosa baseada no celibato católico (que analisaremos na *refutação histórica b* abaixo), mas que não encontra nenhum apoio nos ensinamentos de Jesus ou nos primórdios do cristianismo. Jesus, por sinal, informou que Ele era o único caminho para Deus. A comunhão com Deus Pai não era obtida pela igreja muito menos pelo ato sexual. Analisando o papel da Igreja e da exclusividade de Cristo dentro do cristianismo, temos o seguinte desenvolvimento:
 - i. No papel de Salvador da humanidade, Jesus Cristo se colocou como o *único* mediador entre Deus e o homem. Ele mesmo disse “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim” (Jo 14.6). Aqui Ele coloca que a comunhão com Deus seria obtida através Dele, não da Igreja. Podemos dizer que esta é a condição fundamental para se comungar com Deus Pai: ter Jesus (não a igreja) como mediador.
 - ii. Uma vez unidos a Deus através de Jesus, a evidência externa desta união é a prática do amor ao próximo: “Um novo mandamento lhes dou: Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros. Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros” (Jo 13.34-35).
 - iii. Surge então a comunidade daqueles que se comprometem à prática do amor: a Igreja. Para Jesus, esta igreja deveria nascer pelo testemunho dos discípulos. Jesus orou em prol de seus discípulos e pela igreja com as seguintes palavras: “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade. Assim como me enviaste ao mundo, eu os enviei ao mundo. Em favor deles eu me santifico, para que também eles sejam santificados pela verdade. Minha oração não é apenas por eles. Rogo também por aqueles que crerão em

- mim [isto é, pela igreja], por meio da mensagem deles [isto é, dos discípulos], para que todos sejam um, Pai, como tu estás em mim e eu em ti. Que eles também estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17.17-21). Vemos que a Igreja seria fundamental para propagar a mensagem da salvação propiciada por Jesus, e não para dizer que a salvação estaria na Igreja em si.
- iv. Mostrando que Cristo é mais importante que todas as coisas, inclusive que a Igreja, Paulo se refere a Jesus com as seguintes palavras: “Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste. Ele é a cabeça do corpo, que é a igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a supremacia” (Cl 1.17-18). A Idéia da igreja ser um organismo vivo atuante é um tema recorrente nas cartas de Paulo, conforme pode ser visto também em Rm 12.4-5 e 1Co 12. A comparação com o corpo visa transmitir o conceito que não há vida na cabeça sem o corpo e nem no corpo sem a cabeça, da mesma maneira que não é possível existir um organismo sadio caso se separe Cristo da Igreja ou a Igreja de Cristo. A figura da cabeça, contudo, salvaguarda a primazia de Jesus sobre a igreja, e retrata que Ele é o responsável pelo direcionamento do corpo.
- v. O conceito acima leva a conclusão de que é infantil crer que é possível pertencer a Cristo (o cabeça) sem fazer parte do corpo (a igreja). Se enganam aqueles que estão fora de uma comunidade eclesial e afirmam ter comunhão com Cristo, pelo simples fato da impossibilidade do membro (indivíduo) viver fora do corpo (igreja). Ainda que a igreja tenha apenas dois ou três membros (Mt 18.20), a *comunhão* é uma característica *sine qua non* sua e deve ser praticada. Podemos dizer que a união à Igreja evidencia a união com Cristo. O autor da carta aos Hebreus também sustenta que aqueles que pertenciam a Cristo (isto é, faziam parte do corpo) deveriam se reunir constantemente para se edificarem mutuamente: “Não deixemos de reunir-nos como igreja, segundo o costume de alguns, mas procuremos encorajar-nos uns aos outros, ainda mais quando vocês vêem que se aproxima o Dia^{hh}” (Hb 10.25). Todo o discorrer dos tópicos acima nos permite concluir que a salvação era propiciada pela união com Cristo (o cabeça) e evidenciada pela comunhão com a igreja (o corpo). Esta é a visão bíblica da questão.
- vi. Amparados pela idéia da comunhão com Cristo ser expressa pela inserção na igreja, homens como Cipriano chegaram a dizer que “sem a igreja como mãe você não pode ter Deus como seu Pai”⁴⁰. Tomada fora de contexto, a citação acima parece corroborar com a tese de Brown de que a igreja era “o único caminho para Deus”. Todavia, não era esta a idéia de Cipriano ao proferir tais palavras; antes, sua citação é extraída de um contexto que envolvia a defesa da unidade da igreja contra grupos cismáticos que visavam dividi-la. Para Cipriano, os cismáticos não teriam vida espiritual fora da igreja instituída. Assim, Cipriano não sustentava que a igreja fosse o meio de salvação; antes, sustentava que era somente através dela que o fiel poderia evidenciar que pertencia a Cristo.
- vii. Sendo tarefa relativamente simples “freqüentar” ou seguir algumas práticas propostas pela igreja, alguns passaram a crer que a participação física da congregação fosse suficiente para a salvação, esquecendo-se que o mais importante era a união com Cristo. A fim de corrigir esta visão errada, Agostinho criou a idéia da *Igreja Invisível*⁴¹ no intuito de diferenciá-la da *Igreja Institucional*. Em síntese, para Agostinho a igreja institucional abrigava os cristãos nominais, isto é, aqueles que *se diziam* cristãos; porém apenas Deus conhecia a Igreja Invisível, isto é, aqueles *verdadeiramente* cristãos.
- viii. Houve um período na Idade Média em que se acreditou que não haveria salvação fora da Igreja, e Lutero foi um dos reformadores que resgatou a idéia de que a salvação dependia de Cristo e não da igreja institucional.
- b. Uma vez mostrado que Cristo sempre foi o *único* caminho da Salvação, mostraremos agora que o celibato católico não foi instituído como forma de impedir a comunhão direta com Deus (OCDV, pg.227). A história do celibato clerical é bem posterior ao período apostólico (século I) e também ao governo de Constantino (início do séc. IV), de modo que é falacioso o

^{hh} O dia em que Cristo voltará do céu, ressuscitará os mortos, levará a cabo o julgamento final e estabelecerá o seu reino de forma plena.

argumento de que Pedro ou Constantino tenham usado o celibato como forma de reprimir o sagrado feminino. Eis a história de como o celibato clerical foi gradativamente se desenvolvendo:

- i. A primeira referência ao celibato clerical que se tem conhecimento data de 386 d.C.. Na ocasião o celibato foi instituído apenas em Roma (ou seja, não era de caráter universal) pelo bispo local chamado Sicirio⁴².
- ii. O ano de 1054 d.C. é a data que marca o cisma entre a Igreja Ocidental e a Igreja Oriental, representadas respectivamente por Roma e Constantinopla. Na história, estes dois ramos da cristandade são chamados de Igreja Católica e Igreja Ortodoxa. Dentre as diferenças doutrinárias e litúrgicas que levaram à divisão, apresentaremos apenas aquela que nos interessa – a questão do celibato. Na igreja oriental era permitido aos homens casados serem ordenados sacerdotes, sendo o celibato exigido apenas para aqueles que desejavam se tornar monges. A outra restrição dizia que o aspirante ao sacerdócio não deveria se casar caso fosse solteiro na época de sua ordenação. A igreja ocidental, em contrapartida, desenvolveu paulatinamente a prática do celibato sacerdotal universal, não permitindo que homens casados compusessem o clero. Para a igreja do ocidente, todos os sacerdotes deveriam permanecer solteiros e castos⁴³.
- iii. O Celibato Sacerdotal só foi imposto oficialmente pela Igreja Católica na época do papa Gregório VII, em 1074 d.C.⁴⁴. Aproveitamos a oportunidade para informar que foi Gregório VII quem restringiu o título de Papa ao bispo de Roma, pois a história nos conta que anteriormente o título era atribuído a todos os bispos ocidentais⁴⁵.
- iv. Após romper oficialmente com a Igreja Católica em 1520, como consequência do chamado movimento de Reforma que se iniciara em 1517, o ex-monge Martinho Lutero retoma o padrão bíblico (e não da tradição) sobre o casamento e se casa em 1925 com Catarina de Bora, uma ex-religiosa que havia fugido de um convento após tomar conhecimento do evangelho pregado pela reforma⁴⁶. O casamento de Lutero é mais um exemplo de conquista da emergente Igreja Reformada, pois esta eliminou o Celibato Sacerdotal de sua doutrina.
- v. A Igreja Católica Apostólica Brasileira é dissidente do Catolicismo Romano e, embora tenha práticas comuns à igreja que a originou, difere desta na questão do celibato, pois permite que seus padres se casem.
- vi. Resumindo os pontos acima, vemos que a prática anti-bíblica do Celibato Sacerdotal é utilizada por Brown para provar que o cristianismo demoniza o sexo. Todavia, mostramos que, historicamente, *o celibato não é uma prática exigida* nem no tempo de Pedro (Séc. I), e nem no tempo de Constantino (Séc. IV). Ao invés disso, é uma prática oficialmente instituída em uma época tardia da Igreja (Séc. XI). Tal prática ainda é defendida e adotada pela Igreja Católica Romana, mas não é comum a toda a cristandade. Tais evidências tornam que é improcedente afirmar que o celibato foi uma forma de coibir a adoração do suposto sagrado feminino nos primórdios da igreja. Terminamos informando que, para alguns, o celibato clerical dentro do catolicismo tem razões bem menos nobres do que a adoração ou não do sagrado feminino – ele foi instituído como forma de preservação financeira do Vaticano.

CONCLUSÃO

Ao contrário do que Brown afirma, a Igreja não condena o sexo, mas sim a promiscuidade sexual. A Bíblia mostra que o sexo é uma dádiva de Deus para ser praticado dentro do casamento. Infelizmente o catolicismo *impõe* o celibato, contrariando as Escrituras. Todavia, esta prática não tem nada a ver com a idéia de que ela fora adotada a fim de se restringir o suposto sagrado feminino; antes, o celibato foi instituído como forma de preservação financeira do Vaticano, tendo se tornado, para os clérigos, uma exigência oficial a partir 1074 d.C..

Brown tenta ressuscitar a crença pagã de que o ato sexual propicia a união com o divino, mas tal crença não fazia parte do judaísmo ortodoxo, tampouco fez parte dos ensinamentos de Jesus durante sua vida, e também jamais ocorreu dentro do cristianismo ortodoxo.

SEÇÃO 2 – Instituições

9. O que é o Opus Dei?

ACUSAÇÃO

O Opus Dei é uma organização ligada à Igreja Católica, cujo principal objetivo é impedir que o Priorado de Sião revele o segredo do Graal.

Ao dizer que membros do Priorado de Sião estavam sendo assassinados pelo Opus Dei, o Código diz: *“Esse tipo de infiltração só pode ter partido do mais antigo inimigo do Priorado, a Igreja. Roma já anda atrás do Graal por séculos”* (pg. 251).

Em *O Código Da Vinci*, o monge Silas, integrante do Opus Dei, é o representante da Igreja que tenta descobrir o segredo do Graal (OCDV, pg. 278) para que, de posse do segredo, impeça o Vaticano de destituir a prelazia do Opus Dei (conforme OCDV, pg. 388).

“Todos os seguidores sinceros do Caminho [do Opus Dei] usavam aquele instrumento [a cinta de cilício] – uma tira de couro, coberta de espinhos de metal aguçados que penetravam na carne como lembrança perpétua do sofrimento de Cristo. A dor causada pelo instrumento também ajudava a controlar os desejos da carne.” (OCDV, pg. 21)



Josemaría Escrivá, Fundador do Opus Dei. Figura 17

REFUTAÇÃO

LÓGICA

- Na pg. 35 de OCDV, o próprio autor reconhece que o Opus Dei é uma instituição do século XX. Isso posto, quem combatia o Priorado de Sião antes do Opus Dei, uma vez que o Priorado de Sião – “inimigo” do Opus Dei – supostamente existe desde a época dos Templários?
- Se o Opus Dei é o braço de combate da Igreja (conforme OCDV, pg. 251), porque só recentemente a instituição teria sido criada para combater o Priorado de Sião?
- O suposto combate contra o Priorado de Sião é totalmente contrário à doutrina do Opus Dei. Além disso, não há indícios de que o Opus Dei tenha “atividades ocultas”, de modo que não se justifica a crença em uma “missão secreta” do grupo. Sabemos que tais atividades são práticas comuns a religiões ocultistas, porém não existem no cristianismo, que por sinal condena este tipo de procedimento.

HISTÓRICA

- O *Opus Dei* (“Obra de Deus” em latim) é uma prelazia do Vaticano fundada em 1928. Na pg. 35 de *O Código da Vinci*, o autor fornece a seguinte informação sobre a instituição: “A congregação, fundada em 1928 pelo Padre espanhol Josemaría Escrivá, promovia o retorno aos valores conservadores católicos e incentivava seus membros a fazer sacrifícios imensos em suas vidas em nome da Obra de Deus”. Em linhas gerais, a descrição feita por Brown está correta, exceto pela expressão “sacrifícios imensos”. No texto citado, ao reconhecer que o Opus Dei promove os “valores conservadores católicos”, sem perceber o autor se contradiz. Isso porque as supostas “atividades ocultas” insinuadas por Brown não são compatíveis com os “valores católicos” ou



Uma ex-integrante do Opus Dei mostra o cilício, objeto utilizado na prática da mortificação corporal. Imagens extraídas do documentário Da Vinci Revelado, da Natinal Geographic. Figura 18

cristãos, pois o cristianismo explicitamente rejeita práticas ocultas, conforme é possível ver no seguinte texto: “Ninguém os engane com palavras tolas, pois é por causa dessas coisas que a ira de Deus vem sobre os que vivem na desobediência. Portanto, não participem com eles dessas coisas. Porque outrora vocês eram trevas, mas agora são luz no Senhor. Vivam como filhos da luz, pois o fruto da luz consiste em toda bondade, justiça e verdade; e aprendam a discernir o que é agradável ao Senhor. Não participem das obras infrutíferas das trevas; antes, exponham-nas à luz. Porque aquilo que eles fazem em oculto, até mencionar é vergonhoso. Mas, tudo o que é exposto pela luz torna-se visível, pois a luz torna visíveis todas as coisas” (Ef 5.6-13). Como vemos, as obras da luz consistem de *bondade, justiça e verdade*, virtudes incompatíveis com as práticas como assassinatos, conspirações e atividades ocultas.

- b. A organização Opus Dei não esconde que “mortificações corporais” fazem parte de sua doutrina. Segundo apregoam, “o espírito do Opus Dei incentiva a cultivar a oração e a penitência, como meios de manter o empenho por santificar as ocupações habituais”⁴⁷. O próprio fundador da instituição escreveu: “Bendita seja a dor. Amada seja a dor. Santificada seja a dor... Glorificada seja a dor!”⁴⁸ e “Nenhum ideal se torna realidade sem sacrifício. - Nega-te a ti mesmo. - É tão belo ser vítima!”⁴⁹. O Padre Josemaria escreveu ainda: “Jesus sofre para cumprir a Vontade do Pai... E tu, que também queres cumprir a Santíssima Vontade de Deus, seguindo os passos do Mestre, poderás queixar-te se encontras por companheiro de caminho o sofrimento?”⁵⁰. Todos estes textos mostram que o Opus Dei de fato valoriza o sofrimento e a penitência. Contudo, é importante salientar que a mortificação corporal visando a santificação não encontra sustentação bíblica (vide *refutação bíblica* a seguir). Além disso, é importante esclarecer que a mortificação corporal faz parte de diversas religiões, não sendo exclusividade do cristianismo.
- c. Ex-integrantes do Opus Dei confirmam que usaram a cinta de cilício enquanto faziam parte da instituição (vide figura 18). Todavia, o uso não é obrigatório⁵¹. Segundo os adeptos da cinta de cilício, seu uso é uma forma de penitência, aproximação de Cristo e auto-disciplina.
- d. O grande problema criado pelo Código é atribuir atividades até então desconhecidas a respeito do Opus Dei sem, contudo, apresentar as devidas provas. Como exemplo, na pg. 48 de OCDV o autor diz que “as mulheres que pertenciam a organização eram obrigadas a limpar a residência dos homens sem remuneração, enquanto estes estavam na missa; dormiam em assoalhos duros, enquanto os homens tinham esteiras; e eram obrigadas a agüentar exigências redobradas de mortificação corporal... tudo como penitência extra pelo pecado original”. Felizmente, não há evidências de que esta prática seja uma *doutrina* do Opus Dei. Ainda que o relato acima tenha de fato sido ouvido pelo autor do Código (embora eu particularmente creia que seja mais um devaneio dele), tal afirmação parece ser muito mais um reflexo de casos isolados do que uma prática doutrinária comum à instituição. Quanto ao possível rebaixamento feminino, a seguinte declaração da supranumeráriaⁱⁱ Marta Brancatisano retrata a doutrina do Opus Dei quanto ao papel feminino, uma vez que ela reconhece que “o cuidado da família e da casa são atividades eminentemente femininas”⁵². O fato do Opus Dei pregar que as atividades domésticas devam ser executadas destacadamente pelas mulheres não implica em dizer que as mulheres são exploradas pela instituição. A verdade é que há um pequeno abismo entre a citação de Brancatisano e a afirmação de Brown.

BÍBLICA

- a. Práticas de mortificação corporal, conforme ocorre no Opus Dei, não fazem parte do cristianismo bíblico, pois a Bíblia implicitamente condena a auto-flagelação: “Vocês são os filhos do SENHOR, o seu Deus. Não façam cortes no corpo” (Dt 14.1a).
- b. Questões como tortura e auto-flagelação são distorções provocadas por má interpretação das Escrituras, passíveis de acontecer devido à falibilidade humana ao interpretar a Palavra de Deus. Como exemplo deste tipo de equívoco, a história nos conta que Orígenes⁵³, um famoso “pai da Igreja”, se castrou no séc III por má interpretação de Mt 5.27-30, onde Jesus usa uma hipérbole para dizer que se o olho ou a mão fizessem tropeçar, estes deveriam ser arrancados.

ⁱⁱ Membros supranumerários são geralmente homens ou mulheres casados, que seguem carreiras convencionais e para quem a santificação dos deveres profissionais e familiares é parte principal da vida cristã.

- c. Àqueles que consideram a mortificação corporal como um meio de purificação, citamos 1Pd 2.20b-21: “Mas se vocês suportam o sofrimento por terem feito o bem, isso é louvável diante de Deus. Para isso vocês foram chamados, pois também Cristo sofreu no lugar de vocês, deixando-lhes exemplo, para que sigam os seus passos”. Aqui é dito que se sofremos por sermos perseguidos pelo nome de Cristo, isso é agradável a Deus (Também em Mt 5.11-12); todavia, o mesmo texto rejeita a auto-flagelação como meio de purificação, uma vez que é dito que Cristo *já sofreu* em nosso lugar.
- d. Ainda sobre o sofrimento, a Bíblia nos informa que Jesus “quando insultado, não revidava; quando *sofria*, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga com justiça” (1Pe 2.23), ainda outras passagens falam sobre o sofrimento dele (At 3.18, At 17.3, etc). Quanto a Paulo, o Senhor diz “este homem é meu instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e seus reis, e perante o povo de Israel. Mostrarei a ele *o quanto deve sofrer* pelo meu nome”. Como último exemplo, informamos que praticamente todos os apóstolos também sofreram pela fé professada: “[os líderes religiosos de Israel] chamaram os apóstolos e mandaram *açoiá-los*. Depois, ordenaram-lhes que não falassem no nome de Jesus e os deixaram sair em liberdade. Os apóstolos saíram do Sinédrio, alegres por terem sido considerados *dignos de serem humilhados* por causa do Nome [de Jesus]” (At 5.40b-41). Todos estes textos mostram que o sofrimento muitas vezes está associado ao cristianismo autêntico. Contudo, mais importante ainda é destacar que em nenhum caso há o registro ou o incentivo à auto-flagelação.

CONCLUSÃO

- a. O objetivo de Brown ao inserir o Opus Dei no livro é sustentar a tese de que existe uma conspiração para impedir que a pseudo-verdade do Graal seja revelada. Para funcionar, o livro precisa de um vilão, e o vilão para o autor do Código é o Opus Dei, uma controversa instituição da Igreja Católica. É preciso deixar claro, contudo, que apesar de citar com mais veemência o catolicismo e o Opus Dei, o autor visa desacreditar todo o cristianismo, uma vez que toda a cristandade, segundo ele, se baseia em um falso cristianismo.
- b. cremos que Brown escolhe o Opus Dei como vilão porque a instituição é uma entidade ativa mas controversa, e as controvérsias desta instituição são habilmente usadas pelo autor em seu intento de desacreditar o cristianismo. A título de conhecimento, informamos ao leitor que a história do cristianismo apresenta falhas até mais graves do que práticas como a mortificação corporal presente no Opus Dei, mas tais falhas não inviabilizam o cristianismo em si.
- c. Para mais informações sobre o que é o Opus Dei, sugerimos consulta ao endereço eletrônico http://pt.wikipedia.org/wiki/Opus_Dei.

10. O que é o Priorado de Sião?

AFIRMAÇÃO

O Priorado de Sião é uma instituição criada em 1099 d.C. para proteger o Segredo do Graal, isto é, para proteger a linhagem secreta de Jesus.

“O Priorado de Sião – sociedade secreta européia fundada em 1099 – existe de fato. Em 1975, a Biblioteca Nacional de Paris descobriu pergaminhos conhecidos como Os Dossiês Secretos, que identificavam inúmeros membros do Priorado de Sião, inclusive Sir Issac Newton, Botticelli, Vitor Hugo e Leonardo da Vinci.” (OCDV, pg. preliminar)

“O Priorado tem uma história bem documentada de reverência ao sagrado feminino. [...] São conhecidos como os guardiões de um segredo milenar. Um segredo que os tornou incomensuravelmente poderosos.” (OCDV, pg. 113)

“O Priorado de Sião foi fundado em Jerusalém em 1099 por um rei francês chamado Godofredo de Bouillon. O rei Godofredo supostamente detinha um poderoso segredo – um segredo guardado por sua família desde os tempos de Cristo. [...] Para recuperar os segredos que estavam sobre as ruínas [do Templo de Herodes, que havia sido construído sobre as ruínas do Templo de Salomão], o Priorado criou uma ramificação militar – um grupo de nove cavaleiros chamado Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão. Mais conhecida como os Cavaleiros Templários.” (OCDV, pg. 152)

“A linhagem de Jesus cresceu em silêncio, às escondidas, na França, até tomar uma iniciativa ousada no século V, quando os descendentes de Jesus começaram a se casar com pessoas de sangue real francês e geraram a dinastia que hoje se conhece como merovíngia. [...] Restam apenas duas linhas diretas de merovíngios. Os sobrenomes são Plantard e Saint-Clair” (OCDV, pg. 243-5)



Pierre Plantard. Em 1956 d.C. ele criou o grupo chamado Priorado de Sião. Figura 19

REFUTAÇÃO

HISTÓRICA

- a. O nome Priorado de Sião foi usado pela primeira vez por um grupo que surgiu na “França no final do século XIX, um grupo de direita dedicado a lutar contra o governo representativo”⁵⁴. É importante frisar que não é a este grupo que *O Código Da Vinci* se refere.

- b. Posteriormente, o mesmo nome passou a ser adotado para o grupo anti-semita criado em 1956 d.C. pelo francês Pierre Plantard (1920-2000). Como criador do grupo, Plantard e seus comparsas criaram também os chamados *Dossiês Secretos*, e é este documento forjado que afirma que o Priorado de Sião existe desde 1099 d.C.. Ao investigar a real origem dos *Dossiês Secretos*, a polícia de Paris constatou que os documentos foram colocados pelo próprio Pierre Plantard na Biblioteca de Paris em 1967, sendo resgatados em 1975 pela mesma pessoa que lá os colocara, *monsieur* Plantard.

- c. Quanto ao conteúdo dos *Dossiês Secretos*, os mesmos continham uma lista que afirmava que Plantard era descendente dos merovíngios, uma dinastia que governara a França entre os

Ordre de la Rose-Croix -véritas-		IRISJ
98 Jean de Gisors	de 1188 à 1220 porte le titre de JEAN II	
108 Marie de St.Clair	- 1220 - 1266	JEANNE I
118 Guillaume de Gisors	- 1266 - 1307	JEAN III
128 Edouard de Bar	- 1307 - 1336	— IV
138 Jeanne de Bar	- 1336 - 1351	JEANNE II
148 Jean de St.Clair	- 1351 - 1366	JEAN V
158 Blanche d'Evreux	- 1366 - 1398	JEANNE III
168 Nicolas Flamet	- 1398 - 1418	JEAN VI
178 René d'Anjou (A)	- 1418 - 1480	— VII
188 Isidore de Bar	- 1480 - 1483	JEANNE IV
198 Sandro Filipepi	- 1483 - 1510	JEAN VII
208 Léonard de Vinci	- 1510 - 1519	— IX
218 Connétable de Bourbon	- 1519 - 1527	— X
228 Ferdinand de Gonzague	- 1527 - 1575	— XI
238 Louis de Nevers	- 1575 - 1595	— XII
248 Robert Fludd	- 1595 - 1637	— XIII
258 J. Valentin Andréa	- 1637 - 1654	— XIV

Lista de grão-mestres do Priorado de Sião criada por Plantard e transcrita no Código (pg. 306). Figura 20

séculos V e VII. A fraude foi criada para que Plantard reclamasse para si o direito à coroa francesa. Documentos da polícia de Paris (estes sim verdadeiros) registram que Plantard confessou o crime à justiça francesa em 1992⁵⁵.

- d. É importante destacar que os Dossiês Secretos nada falam sobre a suposta genealogia de Jesus. Conforme vimos, eles tratam da genealogia merovíngia. Todavia, o conteúdo dos Dossiês Secretos permitiu que os autores de *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada* passassem a difundir a crença – ou hipótese – de que o sangue merovíngio de Plantard advinha de uma linhagem secreta de Jesus (para uma descrição detalhada da evolução do mito, vide *Apêndice 4*). Sabe-se, contudo, que até mesmo Pierre Plantard, criador dos Dossiês Secretos, rejeitou a idéia da genealogia merovíngia ser oriunda da suposta descendência de Jesus⁵⁶.
- e. Quanto à referência da página preliminar, onde é dito que o Priorado de Sião existe desde de 1099 d.C., explica-se que o uso de tal data se deve à associação que Dan Brown faz entre os Templários e o Priorado, uma vez que Pierre Plantard a havia sugerido nos dossiês. Todavia, o próprio Dan Brown deve saber que em 1989 Plantard mudou a data da criação do Priorado de Sião para 1681 d.C., pois estava sendo difícil sustentar a associação que ele fizera aos Templários⁵⁷. Por fim, nenhuma das duas datas foi sustentada posteriormente por Plantard, uma vez que, conforme já vimos, em 1992 ele confessou a forja dos Dossiês Secretos à justiça francesa. Se Brown fosse o pesquisador sério que alega ser, certamente não teria incluído a falsa data de 1099 d.C. como o ano da criação do Priorado de Sião na página de fatos, uma vez que foi provado que tal data de fundação *não é um fato*.
- f. As referências à Sir Issac Newton, Botticelli, Vitor Hugo e Leonardo da Vinci também são invenções de Plantard e não têm autoridade nem sustentação histórica. Segundo consta, “já nos anos 1970, um dos confederados de Plantard admitiu tê-lo ajudado a fabricar os materiais, inclusive os quadros genealógicos que identificam Plantard como um descendente dos merovíngios, e a lista dos ‘grão-mestres’ do Priorado já falecidos”⁵⁸. É dessa lista forjada que vem o nome de Leonardo Da Vinci e outras personalidades. Diante deste quadro, ainda que Leonardo Da Vinci fosse um ocultistaⁱⁱ, certamente ele não fez parte do Priorado de Sião, pelo simples fato do grupo não existir em sua época.
- g. Em sua página preliminar, que deveria conter apenas fatos, Dan Brown habilmente informa que os Dossiês Secretos são *pergaminhos* encontrados na Biblioteca de Paris. Aqui cai por terra qualquer tentativa de ver em Dan Brown um autor sério e digno de credibilidade, uma vez que ele sabe que os Dossiês Secretos não são *pergaminhos*, mas sim uma coletânea de documentos redigidos em papel moderno. O uso inapropriado da palavra *pergaminho* induz o leitor a crer numa antiguidade do documento que simplesmente não existe. Ora, se um autor de ficção comete tamanha desonestidade na página que deveria conter apenas fatos, não devemos esperar absolutamente nada digno de *credibilidade histórica* na parte da ficção.
- h. Nos tópicos anteriores foi feita referência aos Templários, grupo diversas vezes citado por Brown, e por isso seria bom fazermos alguns esclarecimentos sobre a instituição em questão. Darrel L. Buck, autor cristão de *Quebrando O Código da Vinci*, informa no glossário de seu livro que os Cavaleiros Templários eram uma “ordem militar monástica formada ao final da Primeira Cruzada com a finalidade de proteger os peregrinos cristãos a caminho da Terra Sagrada. Surgiram em algum momento no ano 1118. Nunca antes disso um grupo secular de cavaleiros havia recebido os votos monásticos. Dessa forma, foram os primeiros monges guerreiros. Os Templários lutaram ao lado do rei inglês Ricardo I – o Ricardo Coração de Leão – rei de 1189 a 1199, e ao lado de outros cruzados nas batalhas pela Terra Sagrada. Os últimos destes cavaleiros foram executados pelo papa e outros legisladores entre os anos 1307 e 1314”. Em sintonia com a versão dos historiadores, o texto mostra que “Os Cavaleiros Templários” foi um grupo criado por volta de 1118 d.C. e dissolvido entre 1307 e 1314 d.C.. À parte a versão oficial, alguns sustentam a crença de que os Cavaleiros Templários tinham vínculos com o ocultismo. Simon Cox, um autor propenso a concordar com Brown, em seu livro *O Código da Vinci Descodificado* escreveu: “a ordem [Cavaleiros do Templo] obteve a reputação de ser reservada e obcecada com rituais, e esta reputação, em conjunto com o enorme poder financeiro e militar dos Cavaleiros, foi provavelmente o motivo para a sua queda em 1307. A 13 de Outubro de 1307, uma sexta-feira (a origem da idéia de má sorte caindo numa sexta-feira 13), um número substancial de Cavaleiros do Templo na

ⁱⁱ Não há evidências neste sentido, porém alguns grupos esotéricos sustentam tal crença.

França foram presos por Filipe, o Belo da França. Muitos foram torturados e executados, e outros foram forçados a admitir que a ordem praticava atos heréticos, incluindo a adoração de Baphomet, um ídolo com uma cabeça de cabra. O Papa Clemente V emitiu uma Bula Papal dissolvendo a ordem e, oficialmente, esta deixou de existir.” Até aqui a afirmação de Cox também condiz com os historiadores, uma vez que os Templários realmente haviam sido acusados de sodomia, adoração a Baphomet, etc. (discute-se apenas se as acusações eram ou não verdadeiras).

- i. Ainda falando sobre os Templários, Simon Cox continua: “Parece que remanescentes da ordem permaneceram especialmente em Portugal e na Escócia. [...] Desde que a ordem foi dispersa cresceu a especulação que eles tinham descoberto um enorme tesouro sob o Monte do Templo. Persistem histórias de muitas arcas, cheias de livros e documentos que estes teriam ocultado e levado da França nas vésperas da sua queda - muitos localizaram o destino destes documentos na Inglaterra e na Escócia. Abundam teorias que eles encontraram não apenas uma enorme riqueza sob o Monte do Templo, mas também a Arca da Aliança e até o próprio Santo Graal – informação que seria prejudicial para a Igreja. Rumores e lendas também associam os Templários com a Capela Rosslyn e com Rennes-le-Château no sul de França, um local central para a história do Priorado de Sião. [...] Será que os Templários protegeram o conhecimento do Santo Graal e o que este era? Provavelmente não, mas a não ser que o tesouro seja encontrado nunca o saberemos”. Este trecho da citação de Cox não encontra apoio histórico; apenas reflete a crença sustentada por grupos como a maçonaria e por obras esotéricas (a semelhança das obras utilizadas por Brown na composição de OCDV). Em suma, podemos dizer que tais crenças não passam de *especulações*, isto é, são teses sustentadas apenas por grupos ocultistas, e não por historiadores.
- j. Existem grupos, ainda hoje, que alegam ter suas origens nos Templários. A Maçonaria é um deles, assim como algumas ramificações do Satanismo. Não é nosso objetivo avaliar se a associação é falsa ou verdadeira, uma vez que a história dos Templários – bem como a história destes grupos – é bastante controversa. Apenas salientamos que a tese de *O Código Da Vinci* parece estar antenada à crença de grupos secretos que têm objetivos comuns, a saber, buscam desacreditar o cristianismo.
- k. Para não tornar esta questão demasiadamente longa, uma abordagem cronológica sobre o desenvolvimento do Priorado de Sião – bem como sobre o mito do Graal – está colocada no Apêndice 4.

LÓGICA

- a. A história do Priorado de Sião só pode ser tratada com ficção, uma vez que a investigação policial e o próprio Pierre Plantard demonstraram que o Priorado de Sião é uma instituição recente sem qualquer valor histórico. Se não existiu o Priorado conforme *O Código Da Vinci* conta, torna-se sem valor a associação feita entre o Priorado e Leonardo da Vinci. Com isso, torna-se fictícia também a história do Priorado de Sião guardar “o segredo do Graal”.
- b. Na página preliminar, que em tese trata de “verdades”, Dan Brown enfatiza que o Priorado existe desde 1099 d.C.. Partindo do pressuposto que o autor estudou para compor o Código, certamente ele sabe que a alegada data de criação do Priorado de Sião não é verdadeira. O fato dele sustentar esta falsa data na página de fatos lhe tira a autoridade de pretenso historiador.
- c. Se é o Priorado de Sião quem protege o Graal, quem o fazia antes deste, uma vez que, conforme documentação disponível, o grupo só foi formado no século XX? Ora, se o Priorado de Sião não existiu conforme defende o Código, fica difícil crer na existência do segredo do Graal.
- d. Só há duas formas de dar veracidade à história do Graal proposta por Brown: ou via documentos, ou via um grupo que transmite de geração em geração a crença no Graal. A maioria dos grupos ocultistas escolhe a segunda maneira porque ela é a melhor forma de enganar o iniciado. A grosso modo, é exatamente isso que ocorre em OCDV: somos bombardeados com informações aparentemente verdadeiras, mas que carecem de evidências quanto submetidas a uma investigação mais criteriosa. O leitor é informado, por exemplo, que o Priorado de Sião tem ocultado um segredo há quase mil anos, mas a verdade é que o

grupo é extremamente recente (50 anos), o que deveria nos levar a desacreditar na existência do segredo em si.

- e. A falta de necessidade de comprovação histórica é um método de engano utilizado pelos grupos ocultistas, pois os integrantes são iludidos com a promessa de aperfeiçoamento do conhecimento em níveis superiores. Todavia, é importante informar que tal aperfeiçoamento pode nunca acontecer. O Maçom Albert Pike informa: “A maçonaria, como todas as religiões, todos os mistérios, o hermetismo e a alquimia, encobre seus segredos de todos, exceto dos adeptos e sábios, ou eleitos, e usa explicações falsas e interpretações errôneas dos seus símbolos para desencaminhar aqueles que só merecem ser desencaminhados”⁵⁹. Aqui Pike dá a entender que nem mesmo todos os adeptos da maçonaria chegam a conhecer “os mistérios”, apenas os eleitos. Assim, “a verdade” que o iniciado conhece pode não ser “a verdade” pregada pelas altas hierarquias do grupo, a qual, por sua vez, pode nem ser “a verdade em si”, pois aqueles que enganam seus iniciados provavelmente estão sendo enganados pelo Pai da Mentira (Jo 8.44). Isso mostra que integrar grupos secretos é como assinar um cheque em branco espiritual. Ora, se a maioria de nós não faz isso com a conta bancária, por que o fazer com a própria alma? Ao invés de ser enganado pelos ocultistas e por obras com OCDV, recomendamos ao leitor que busque conhecer, através da Bíblia, a verdadeira história de Jesus, o qual se auto-identificou como “A Verdade” (Jo 14.6).
- f. As histórias do Graal e da suposta relação entre Jesus e Maria Madalena só existem em documentos relativamente recentes^{kk}, o que torna altamente questionável a historicidade do fato pretendido.
- g. Conforme dito na *refutação lógica g* da questão 1, como os documentos secretos (vide texto da pg. 245, transcrito abaixo da *Afirmção*) foram da França para o Templo de Jerusalém?
- h. Conhecendo a natureza egoísta e usurpadora do homem, por que ninguém alegou ser descendente de Jesus até hoje, em quase 2000 mil anos? Cremos que a crença na existência de um descendente de Jesus faça parte do movimento de preparação da chegada do anticristo, conforme descrevemos a partir da *Parte II* deste material (pg. 113).

CONCLUSÃO

- a. Vimos ao longo da refutação que é infundada a proposição de que o Priorado exista a mais de 50 anos, assim como é infundada a crença de que o grupo em questão tem ocultado a suposta descendência de Jesus. Na verdade, a idéia da descendência de Jesus *baseou-se* nos *Dossiês Secretos*, documentos provavelmente criados a partir de 1956 d.C. (data da criação do Priorado de Sião). O mais interessante a notar é que nem mesmo os *Dossiês Secretos* falam sobre Jesus ter tido descendentes. A evolução deste mito pode ser vista no Apêndice 4.
- b. Brown tenta ligar o Priorado de Sião aos Cavaleiros Templários, uma vez que o grupo de outrora daria uma certa autoridade de 1000 anos à “estória” contada pelo Código. Todavia, após investigação policial Pierre Plantard (o criador do Priorado) negou a associação, de modo que se constitui um ato de má fé da parte de Brown afirmar que o Priorado de Sião fora formado em 1099 d.C..
- c. Por falar em Templários, alguns grupos afirmam que se originaram da história conturbada destes cavaleiros, sendo a maçonaria um deles. Quando um dos personagens afirma existir “fraternidades de Templários até hoje” (OCDV, pg. 154), certamente ele se refere aos maçons e outras correntes filosófico-religiosas que não são cristãs. Todos estes grupos se opõem ao cristianismo, principalmente por rejeitarem a mensagem cristã de que a salvação depende única e exclusivamente da aceitação do sacrifício de Jesus.

^{kk} Os livros que sustentam a tese de Brown, listados no início do Capítulo 60, são todos documentos recentes. Os evangelhos gnósticos, que são mais antigos, nada falam sobre a suposta descendência de Jesus ou sobre o graal, conforme mostrado na questão 19 e outras.

SEÇÃO 3 – Eventos

11. Que foi o Concílio de Nicéia?

ACUSAÇÃO

Com objetivos políticos, o Concílio de Nicéia foi uma reunião entre os bispos convocada para propagar a invenção de que Jesus era divino.

“Roma estava passando por uma revolução religiosa cada vez mais intensa. Três séculos depois da crucificação de Cristo, seus seguidores haviam se multiplicado exponencialmente. Os cristãos e pagãos começaram a lutar entre si, e o conflito chegou a proporções tais que ameaçou dividir Roma ao meio. Constantino viu que precisava tomar uma atitude. Em 325 d.C., ele resolveu unificar Roma sob uma única religião: o cristianismo. [...Constantino] enxergou a ascensão do cristianismo e simplesmente apostou no cavalo que estava vencendo.” (OCDV, pg. 220)

“Até aquele momento da História, Jesus era visto por seus seguidores como um profeta normal [...] um grande e poderoso homem, mas não mais que um homem.” (OCDV, pg. 251)

“Jesus só passou a ser visto como ‘Filho de Deus’ no Concílio de Nicéia, depois que esse título foi proposto e aprovado por votação. [...] E um resultado meio apertado, por sinal” (OCDV, pg. 222).

“Mais de 80 evangelhos foram estudados para compor o Novo Testamento, e no entanto apenas alguns foram escolhidos – Mateus, Marcos, Lucas e João. [...] A Bíblia, conforme a conhecemos hoje, foi uma colagem composta pelo imperador romano Constantino, o Grande.” (OCDV, pg. 220)

“[No Concílio de Nicéia] Constantino mandou fazer uma Bíblia novinha em folha, que omitia os evangelhos que falavam do aspecto humano de Cristo e enfatizava aqueles que o tratavam como divino.” (OCDV, pg. 222-3)

REFUTAÇÃO

HISTÓRICA

- a. Antes de falarmos sobre o Concílio de Nicéia em si, seria interessante apresentar o contexto político-religioso romano na época de Constantino. Os subitens abaixo nos auxiliarão nesta tarefa.
 - i. Ao observarmos o contexto religioso romano do início do século IV, veremos que é pura fantasia afirmar que a “luta” entre pagãos e cristãos ameaçava dividir o império ao meio. Isso porque, segundo o historiador Roger Olson, “ninguém sabe dizer exatamente quantos cidadãos ou súditos do império eram cristãos já naqueles tempos [300 d.C.], mas uma estimativa razoável giraria em torno de 5%”⁶⁰. A verdade é que o cristianismo era formado por uma minoria de pessoas submissas ao império romano, tendo crescido grande parte do tempo em meio à clandestinidade.
 - ii. Quanto à unificação religiosa do império, esta também é uma ficção de *O Código Da Vinci*. Na verdade, sob o império de Constantino o cristianismo apenas *deixou de ser perseguido* pelo governo. Antes dele, a maioria dos imperadores achava inadmissível que o grupo cristão afirmasse que “só Jesus era Senhor (Deus)”, onde esta afirmação era uma explícita rejeição a todas as divindades romanas e ao próprio Imperador, que muitas vezes se considerava divino. Durante seu governo, mais precisamente em 313 d.C., Constantino publicou o *Édito de Milão*, no qual concedia liberdade religiosa a todo o povo, o que beneficiou destacadamente aos cristãos outrora perseguidos. O *Édito* dizia: “Nosso propósito é garantir tanto aos cristãos quanto a todos os outros a plena autoridade de seguir qualquer culto que o homem desejar”⁶¹. A história relata que o próprio Constantino tornara-se cristão no ano anterior ao da publicação do *Édito de Milão*, mas de maneira nenhuma ele impôs o cristianismo ao Império.
 - iii. Anterior ao *Édito de Milão*, um outro acontecimento já havia diminuído o julgo sobre os cristãos. Em 311 d.C., o César do oriente Galério, radicalmente anticristão, promulgara o

Édito de Tolerância poucos dias antes de falecer. Nele Galério desistia de perseguir o cristianismo e declarava: “será tarefa deles [dos cristãos] orar ao seu Deus em benefício de nosso Estado [o Império Romano]”⁶². Este fato histórico demonstra que a legalização do cristianismo não foi um “golpe político” de Constantino; ao invés disso, demonstra que a atitude de Constantino refletia uma tendência da época ou mesmo uma intervenção divina.

- iv. É verdade que a conversão do Imperador Constantino (312 d.C.) e a posterior legitimação do cristianismo como religião oficial do império (fim do século IV) trouxe consigo a vinda de antigos pagãos para dentro da igreja, sendo que estes trouxeram consigo práticas estranhas ao cristianismo. Esequias Soares informa que “a igreja, aos poucos, foi incorporando no seu bojo práticas estranhas e muitas delas de origem pagã como a missa em latim, salvação pelas obras, culto dos santos e da virgem Maria, culto pelos mortos, purgatório, celibato clerical, tradição no lugar da Bíblia, proibição da leitura da Bíblia aos leigos, batismo de crianças, a figura do papa e outros dogmas”⁶³. Em concordância, Justo L. Gonzalez também relata que o culto sofrera modificações devido ao protocolo imperial: “o incenso, que até então tinha sido sinal do culto ao imperador, apareceu nas igrejas cristãs. Os ministros que oficiavam no culto começaram a usar vestimentas ricamente ornamentadas durante o mesmo, em sinal de respeito pelo que estava tendo lugar. Pela mesma razão vários gestos de respeito normalmente feitos diante do imperador começaram a surgir também no culto. Além disso apareceu o costume de iniciar-se o culto com uma procissão”⁶⁴. Todos estes relatos indicam uma mudança na forma de culto no final do século IV, mas esta constatação está longe de comprovar a idéia de que Constantino deliberadamente tentou “unificar Roma sob uma única religião”.
- b. Especificamente quanto ao Concílio de Nicéia, este foi uma reunião convocada entre os bispos cristãos com o intuito de discutir a nova doutrina de um homem chamado Ário, que dizia que o Filho Jesus era uma Criação de Deus e, portanto, um pouco menor que o Pai. Ário considerava Jesus como superior ao homem, reconhecendo que Cristo era um intermediário entre Deus e a humanidade; o problema é que ele defendia que a posição de Filho tornava Jesus menor que o Pai, estabelecendo assim certa hierarquia na Trindade (vide Apêndice 3). Este novo ensino começou a ser assimilado por alguns cristãos, de modo que o Concílio teve que ser convocado para discutir a questão. Em oposição a Ário, a ortodoxia afirmava que Jesus era Um com o Pai, da mesma essência e igualmente eterno.
- c. Ao contrário do que Brown diz, não foi o título “Filho de Deus”¹¹ que foi votado e aprovado. Analisada e votada foi a polêmica provocada pelo arianismo. O resultado da votação foi que aproximadamente 220 bispos reafirmaram que Jesus era da mesma essência que o Pai, isto é, igualmente divino⁶⁵. A doutrina de Ário encontrou apenas dois que lhe deram voto favorável durante o Concílio, embora sua doutrina tenha perdurado em alguns locais do império mesmo após sua condenação. Outras fontes afirmam que o resultado foi mais de 300 votos contra e 2 votos a favor do arianismo⁶⁶. Independente da precisão dos números, o fato é que o arianismo foi esmagadoramente rejeitado durante o Concílio de Nicéia.
- d. A decisão do Concílio foi expressa em um credo (declaração de crença) que combatia o arianismo. O *Credo de Nicéia* dizia:

*Nós cremos em um Deus, o Pai todo poderoso, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis. E em um Senhor Jesus Cristo, o filho de Deus, gerado do Pai, isto é, da substância do Pai. Ele é Deus de Deus, luz de luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado não criado, de uma substância com o Pai. Por ele todas as coisas foram feitas, as coisas no céu e sobre a terra. Por nós homens e para a nossa salvação ele desceu, foi feito carne e tornou-se homem. Ele sofreu, ressuscitou ao terceiro dia e ascendeu aos céus. Ele virá novamente para julgar os vivos e os mortos. E no Espírito Santo.*⁶⁷

Com esta declaração, o Concílio de Nicéia ratificou a crença cristã na divindade de Jesus. Já o repúdio ao Arianismo foi explicitado com a seguinte sentença:

Mas a santa igreja católica apostólica excomunga [amaldiçoa] aqueles que dizem: “Houve um tempo quando ele não existia” e “ele não era antes de ter sido gerado” e “ele foi

¹¹ A questão 22 mostra que o termo “Filho de Deus” já existia muito antes do Concílio de Nicéia.

*feito do nada” e aqueles que afirmam que ele é de algum ser ou outra substância senão a do Pai ou que é mutável ou passível de mudança.*⁶⁸

- e. Quanto à influência de Constantino na questão, sabe-se que ele convocou e abriu o Concílio, acompanhando à discussão sentado em um trono que ficava acima da sala onde os bispos debatiam. Valendo-se de sua posição de Imperador, afirmou que a divisão da Igreja seria pior que uma guerra, pois a questão tratava de algo de suma importância: a alma do homem⁶⁹. O Imperador “deixou absolutamente claro nas suas observações preliminares que pretendia agir como ‘bispo dos bispos’ e guiar e orientar as deliberações até que se chegasse a uma conclusão satisfatória”⁷⁰. Todavia, sua participação não deve ter sido das maiores, pois ele entendia bem pouco de Teologia⁷¹. Uma vez que Constantino não era teólogo, sua participação no Concílio pode parecer estranha a nós hoje, mas o fato é que o imperador, naquela época, era considerado uma espécie de Sumo Sacerdote, o *pontifex maximus* das religiões do Império, e tal título lhe outorgava o privilégio de deliberar em assuntos religiosos, inclusive dentro do cristianismo. Ademais, quem seria o cristão corajoso o suficiente para barrar ou mesmo questionar a presença do Imperador no evento?
- f. O autor do Código diz que a suposta divinização de Jesus foi “encomendada” por Constantino. Contudo, a história nos conta que por 300 anos os cristãos haviam sido mortos e perseguidos justamente por afirmarem o Senhorio (*Kirios*) de Jesus, isto é, criam que só Jesus era Deus^{mm}. Esta constatação torna improcedente o argumento de Brown.
- g. Uma prova histórica que Jesus era considerado divino muito antes do Concílio de Nicéia vem do docetismo⁷², um movimento do primeiro século que se opunha a ortodoxia e que negava a humanidade de Jesus, *enfatizando apenas sua divindade* (vide figura 21, pg. 73). Ora, se havia existido um movimento que considerava Jesus *apenas divino* antes de Nicéia, é descabido afirmar que a divindade de Jesus foi uma criação de Constantino. Apenas com curiosidade, foi provavelmente contra o docetismo que o apóstolo João escreveu que “Jesus veio em carne” (1Jo 4.2), ressaltando assim a humanidade de Cristo.
- h. Outro movimento que enfatizou a divindade de Jesus foi o gnosticismo⁷³, grupo erroneamente utilizado por Brown como defensor da humanidade de Jesusⁿⁿ.
- i. Até mesmo historiadores seculares reconhecem que os cristãos criam na divindade de Jesus antes do Concílio de Nicéia. Ao falar sobre o evento, Karen Armstrong afirma que “os cristãos acreditavam durante muito tempo que Jesus era Deus, mas até então não haviam chegado a um consenso sobre o que isso realmente significava”⁷⁴. O Concílio de Nicéia foi justamente a oportunidade de pensar sobre este significado, de modo que o entendimento fosse compatível com as Escrituras e que viesse a sanar as dúvidas da cristandade sobre a questão.
- j. Ao contrário do que Brown diz, Jesus foi gradativamente sendo visto e adorado como divino *durante* seu ministério entre os homens, conforme mostraremos na *refutação bíblica* a seguir. É verdade que existiam também grupos que o rejeitaram como divino, mas isso não implica em dizer que *ninguém* o considerava como tal. Durante a vida de Jesus, os evangelhos bíblicos mostram que grande parte dos religiosos judaicos – destacadamente os fariseus – rejeitavam a idéia de que Ele fosse Deus, o Cristo profetizado e aguardado^{oo}. De forma semelhante, posteriormente os Ebonitas (ou Ebionitas) criam que Jesus era o Messias, porém rejeitavam completamente sua divindade⁷⁵.
- k. Quanto à suposta composição da Bíblia por determinação de Constantino em Nicéia, a verdade é que o Imperador determinou que Eusébio de Cesaréia fizesse 50 cópias do Cânon vigente⁷⁶. O Novo Testamento era exatamente igual ao Novo Testamento de hoje, sendo

^{mm} O termo *Kirios* (Senhor = Deus) foi utilizado para substituir YHWH quando os judeus traduziram o Antigo Testamento hebraico para o grego, na versão conhecida como Septuaginta. Posteriormente, o Novo Testamento e a Igreja Primitiva equiparam Jesus a Deus Pai quando lhe atribuíram tal título.

ⁿⁿ A título de informação, as principais crenças gnósticas eram: i) Em uma visão dualista do mundo, onde havia o bem e o mal espirituais, sendo que a matéria faz parte do mundo mal; ii) A salvação viria pela gnosis, isto é, por um autoconhecimento existencial; iii) O batismo e a Ceia eram símbolos espirituais da gnose; iv) Havia uma posição confusa quanto à moralidade: alguns praticavam deliberadamente a promiscuidade, porém a maioria tinha uma posição ascética quanto ao sexo e ao casamento, uma vez que a matéria era vista como má; e v) Existia a proeminência feminina em algumas das ramificações dos gnósticos.

^{oo} De forma simplificada, podemos dizer que esta rejeição se devia ao fato destes líderes imaginarem que não precisavam de Jesus para ter comunhão com Deus (Jo 8.31-36). Coincidentemente, idéia similar é vendida em *O Código Da Vinci*.

incertas apenas a presença dos livros de Hebreus e Apocalipse (pois estes livros tinham suas autorias questionadas na época. Vide Apêndice 1 para maiores detalhes). Infelizmente nenhuma destas 50 cópias sobreviveu ao tempo.

LÓGICA

- a. *O Código da Vinci* se contradiz – parte I. Quando Dan Brown diz que o título “Filho de Deus” foi votado e aprovado em Nicéia, pelo simples fato de existir a discussão nós somos levados a crer que alguns bispos consideravam Jesus divino, outros não. Só isso já é suficiente para rebater a afirmação de que “até aquele momento da História, Jesus era visto por seus seguidores como um profeta normal”. De acordo com este raciocínio, no pior dos casos, pelo menos alguns (por sinal a maioria) de fato criam que Jesus era o Filho de Deus, uma vez que eles votaram a favor da divindade de forma não coagida.
- b. *O Código da Vinci* se contradiz – parte II. Quando Dan Brown informa que “mais de 80 evangelhos foram estudados para compor o Novo Testamento, e no entanto apenas alguns foram escolhidos”, ele implicitamente reconhece que os evangelhos bíblicos eram historicamente válidos, uma vez que, segundo ele, os quatro evangelhos bíblicos faziam parte do grupo dos 80 disponíveis. Ora, se os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João afirmam que Jesus é Deus, eles provam que é falsa a afirmação de que até o Concílio de Nicéia “Jesus era visto por seus seguidores como um profeta normal”.
- c. Outra prova da inconsistência do argumento de Brown é que seria impossível para um grupo caminhar por 300 anos com a crença dividida quanto à divindade ou não de Jesus, ainda mais se tratando de um ponto que é a essência da crença deste grupo.
- d. Segundo *O Código Da Vinci*, a igreja considerava Jesus “um profeta normal” até 325 d.C., e do dia pra noite ele foi considerado Deus. Com esta afirmação, o autor tenta induzir à crença de que “a divindade de Jesus é uma lenda”. Todavia, ressaltamos que “o desenvolvimento de lendas leva pelo menos duas gerações inteiras”⁷⁷, e sustentar que um mito é criado do dia pra noite contraria o bom senso.
- e. Ademais, uma “eleição apertada” quanto à divindade de Jesus, conforme sustentado pelo Código, provavelmente causaria a divisão da Igreja, uma vez que a metade derrotada dificilmente aceitaria a suposta divinização. Contudo, não se sabe de nenhuma divisão igualitária devido a controvérsia ariana.
- f. Segundo Brown, “os cristãos e pagãos começaram a lutar entre si”, e para não dividir o Império Constantino convocou o Concílio de Nicéia e “resolveu unificar Roma sob uma única religião: o cristianismo”. Ora, se para os pagãos existiam vários deuses, e se para o cristão ninguém era Deus (segundo Brown afirma), como a decisão de torna Jesus Deus uniria as religiões?!? Ademais, porque o pagão iria trocar seus diversos deuses pelo deus-Jesus criado por Constantino? Este argumento não justificaria a aceitação da divindade de Jesus por nenhum dos grupos em questão.
- g. Até mesmo o livro *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, um dos livros-base de Brown, reconhece a divindade de Jesus (embora afirme, erroneamente, que Jesus tivera filhos). Citamos a seguinte frase dos inspiradores de Brown: “Simplesmente não há razão para que Jesus, *enquanto ser divino*, não possa ter se casado e gerado filhos”⁷⁸.

BÍBLICA

- a. No Antigo Testamento a divindade de Jesus é anunciada em expressões como Emanuel, que quer dizer “Deus-conosco” (Is 7.14; também em Mt 1.23) e Deus-Forte (Is 9.6). Estes textos mostram que os judeus esperavam que Deus viesse a habitar entre eles – logo, a “idéia” da divindade não é uma invenção de Constantino, mas sim uma realidade profetizada pela Bíblia. Jesus foi o cumprimento desta profecia feita por volta de 730 a.C.
- b. No Novo Testamento o próprio Jesus se identifica com divino (Jo 10.30), e os apóstolos também dão o mesmo testemunho sobre Ele (1Co 8:6). Maria Madalena, personagem em destaque na história de Brown, enquanto judia sabia que só Deus deveria ser adorado (Dt 6.13), e prova que reconhecia que Jesus era divino ao adorá-lo após a ressurreição (Mt 28.9). Outro que explicitamente reconhece que Jesus é exaltado e está à direita de Deus é Pedro (At 2.33-35). Todos estes textos evidenciam que Jesus era tido como divino muito antes de Nicéia.

- c. Brown comete um erro muito grave ao afirmar que Jesus só foi chamado de “Filho de Deus” após Nicéia, pois despreza que esta citação era comum a Ele no Novo Testamento (vide *refutação bíblica* da questão 22). Só os Evangelhos citam Jesus como Filho de Deus em 23 passagens, e no Novo Testamento todo são quase 40 citações. Ora, como o Novo Testamento é uma composição do primeiro século, a informação do Código é, no melhor dos casos ficção, ou mentirosa no pior.

CONCLUSÃO

- a. No contexto político-religioso romano, o cristianismo deixou de ser perseguido em 311 d.C. graças ao Édito promulgado por Galério, César do Oriente. Com a conversão de Constantino, em menos de 10 anos o cristianismo se transformou de religião perseguida na religião do próprio Imperador, mas isso nada tem a ver com uma suposta unificação religiosa orquestrada por Constantino.
- b. De fato o Concílio de Nicéia foi um evento convocado por Constantino, mas com objetivo diferente do alegado pelo autor do Código. O objetivo era combater o arianismo, doutrina que, baseada na filosofia grega (vide Apêndice 3), afirmava que Jesus era menor do que o Pai, pois fora criado por Deus. Em Nicéia, a esmagadora maioria dos participantes *reafirmou* que Jesus era Deus, *ênfatizando* que Ele era eternamente igual a Deus Pai. Assim, em Nicéia Jesus não foi “tornado divino”; antes, lá foi reafirmado que ele era divino e eterno.
- c. Quanto ao suposto risco de divisão do império em função do crescimento do cristianismo, vemos que tal informação não procede. Na verdade, Constantino temia a *divisão da Igreja* caso a doutrina de Ário crescesse, *não a divisão do Império* (vide questão 21, *refutação histórica a*).
- d. Em oposição aos grupos que não criam na divindade de Jesus (os ebonitas e os fariseus são casos típicos), existiam aqueles que não criam em sua humanidade, considerando-o *somente divino*. A simples existência destes grupos é uma prova contra a tese da divindade tardia de Jesus, isto é, a tese de que Ele só foi considerado divino a partir de Nicéia.
- e. A postura ortodoxa quando a Jesus é de que Ele é 100% Deus e 100% homem. O cristão busca entender, ainda hoje, como isso é possível. Tal questão tem intrigado tanto teólogos quanto incrédulo ao longo dos séculos. Contudo, o não entendimento desta realidade não impede que a posição seja verdadeira. Os bispos em Nicéia se depararam com este dilema que atordoa a muitos ainda hoje, porém isso não impediu que eles professassem sua crença conforme exposta no Credo de Nicéia, o qual foi transcrito na *refutação histórica d*.

12. Havia competição no início do cristianismo?

ACUSAÇÃO

Na disputa entre Maria Madalena e Pedro, o “combate” foi vencido e a história foi escrita de modo a privilegiar os vencedores, no caso os partidários de Pedro.

“A história sempre é escrita pelos vencedores. Quando duas culturas entram em conflito, o perdedor é obliterado, e o vencedor escreve a história – livros que glorificam sua própria causa e menosprezam a do inimigo perdedor.” (OCDV, pg. 242)

“[Jesus] pretendia que o futuro de sua Igreja ficasse nas mãos de Maria Madalena.” (OCDV, pg. 235)

REFUTAÇÃO

BÍBLICA

A idéia de que Jesus pretendia que o futuro de sua Igreja ficasse nas mãos de Maria Madalena é tão subjetiva que fica até difícil traçar sua origem. Todavia, esta é apenas mais uma falsa doutrina que tem surgido ao longo do cristianismo. Todo cristão estudioso da Bíblia sabe que a existência de falsas doutrinas é uma realidade que certamente acompanhará o cristianismo até o fim dos tempos, conforme os apóstolos já advertiam nos primórdios da Igreja:

a. 2Pd 2.1-3

“No passado surgiram falsos profetas no meio do povo, como também surgirão entre vocês falsos mestres. Estes introduzirão secretamente heresias destruidoras, chegando a negar o Soberano que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição. Muitos seguirão os caminhos vergonhosos desses homens e, por causa deles, será difamado o caminho da verdade. Em sua cobiça, tais mestres os explorarão com histórias que inventaram. Há muito tempo a sua condenação paira sobre eles, e a sua destruição não tarda.”

b. 1Jo 2.22

“Quem é o mentiroso, senão aquele que nega^{pp} que Jesus é o Cristo? Este é o anticristo: aquele que nega o Pai e o Filho”.

c. Jd 17-19

“Todavia, amados, lembrem-se do que foi predito pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo. Eles diziam a vocês: ‘Nos últimos tempos haverá zombadores que seguirão os seus próprios desejos ímpios’. Estes são os que causam divisões entre vocês, os quais seguem a tendência da sua própria alma e não têm o Espírito”.

Todos estes textos mostram que era comum os apóstolos se depararem com a rejeição ao evangelho pregado por eles. Esta rejeição podia ser total ou parcial, porém todas igualmente danosas. A fim de se evitar incorrer nas condenações expostas nos versículos acima, todo o cristão deve se apegar cada vez mais ao cristianismo pregado pela Bíblia, a palavra de Deus, rejeitando as fábulas e as heresias destruidoras semelhantes às apregoadas pelo Código.

HISTÓRICA

- a. Algumas seitas gnósticas do final do Séc. II concediam importância a Maria Madalena em seus textos com o intuito de diminuir o papel de Pedro e dos apóstolos⁷⁹. A ênfase a Maria Madalena era mais em escape à ortodoxia do que uma afronta à suposta realidade obscurecida pelos apóstolos. Na verdade, os gnósticos não representavam um partido pró-Maria, mas sim um movimento “anti-ortodoxo”.

^{pp} Aqui, o verbo negar (arneomai), não significa “não afirmar”, mas sim “não aceitar” que Jesus é o Cristo. Se for corretamente compreendido, o texto mostra que o anticristo pode até afirmar que Jesus é o Cristo, mas ele deliberadamente *rejeita a missão de Cristo como Salvador*. Coincidência ou não, é exatamente esta a idéia disseminada pelo Código. Para mais informações sobre o anticristo, vide *Parte II* de nosso trabalho.

- b. Veremos que a idéia de competição entre Pedro e Maria Madalena é refutada pelo próprio evangelho a ela atribuído. Nele há o seguinte diálogo: “Pedro disse a Maria: ‘Irmã, sabemos que o Salvador te amava⁹⁹ mais do que qualquer outra mulher. Conta-nos as palavras do Salvador, as de que te lembras, aquelas que só tu sabes e nós nem ouvimos’”. Para os cristãos este é um diálogo que nunca existiu (vide questão 19, *refutação histórica b iii*), porém Brown acredita nos evangelhos gnósticos como a fonte de informação mais precisa sobre a vida de Jesus. Pela ótica do autor e analisando exclusivamente o texto, é correto insinuar que Pedro e Maria fossem inimigos? De modo nenhum! Ainda que tal diálogo tivesse existido, o que vemos é uma mútua cordialidade entre eles. Com isso, o texto em questão prova duas coisas: primeiro, que Brown não é fiel nem para com os textos que amparam suas teses, de modo que a tese em si não passa de uma farsa; segundo, que o uso seletivo que Brown faz do Evangelho de Maria Madalena desabona qualquer tentativa de considerar o autor como um historiador digno de credibilidade.
- c. Ainda falando sobre os evangelhos gnósticos, se nos basearmos no Evangelho de Tomé, a primazia na Igreja não era nem de Pedro nem de Maria Madalena, mas sim de Tiago, o justo, conforme mostrado na *refutação lógica* o da questão 3. Citamos este caso não porque ele retrate a realidade do fato, mas porque há uma refutação do argumento de Brown advinda de um texto que ele mesmo dá credibilidade. A conclusão que extraímos é que ou Brown está equivocado, ou o Evangelho de Tomé, ou ambos. Nosso trabalho tem mostrado que a última hipótese é a verdadeira.
- d. Se a Igreja Primitiva tivesse desejado banir a figura de Maria Madalena, dificilmente existiriam evidências históricas que a exaltassem. Contudo, sabe-se que “Hipólito, ao escrever em Roma no final do século 2 e início do século 3, descreve Maria Madalena como a nova Eva, cuja fidelidade se opõe ao pecado de Eva no jardim do Éden (uma imagem usada muitas vezes também para Maria, mãe de Jesus). Ele também chama Maria Madalena ‘o apóstolo para os apóstolos’. Santo Ambrósio e Santo Agostinho, ambos escrevendo mais ou menos um século depois, também falam de Maria Madalena como a nova Eva⁸⁰. Embora a referência a Eva possa dar conotação marital a Maria Madalena (uma vez que, segundo a Bíblia, Jesus é o novo Adão), o intuito dos autores da comparação não era este; antes, citavam Maria Madalena como exemplo de mulher a ser seguida em função de sua fé, fazendo oposição a atitude de Eva no passado. O substantivo *apóstolo* lhe é outorgado porque literalmente significa “mensageiro” ou “enviado”, de modo que o termo “apóstolo para os apóstolos” lhe foi atribuído porque foi Maria Madalena quem primeiro levou aos apóstolos a notícia de que Jesus havia ressuscitado (Mc 16.9-11). Maiores informações sobre Maria Madalena podem ser vistas na questão 20.
- e. Ao contrário do que é dito no Código, as competições do início do cristianismo não foram contra Maria Madalena, mas contra os gnósticos que, dentre outras coisas, utilizaram-se do nome dela alguns séculos após a morte de Jesus para compor o chamado *Evangelho de Maria Madalena*^{rr}. A verdade é que Maria Madalena simplesmente não compôs o evangelho que leva seu nome.

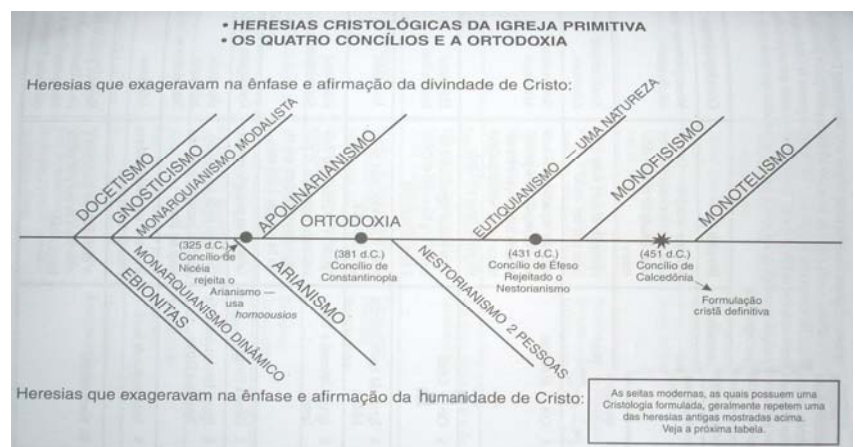


Gráfico extraído do “Dicionário de Religiões, Crenças e Ocultismo”. Através dele é possível verificar as correntes doutrinárias heréticas que surgiram ao longo do cristianismo, as quais se dividem em doutrinas que enfatizam a divindade de Jesus e doutrinas que enfatizam sua humanidade. São apontados também os quatro primeiros Concílios, os quais muitas vezes tratavam das heresias anteriores. O Concílio de Nicéia, como vemos, abordou principalmente o Arianismo.

Figura 21

⁹⁹ Quanto ao uso do termo “amava”, vide questão 1, *refutação histórica c*. O mesmo tópico informa – e prova – que o discurso sustentado pelo evangelho de Maria Madalena nunca existiu.

^{rr} Para maiores detalhes sobre o conteúdo do texto falsamente atribuído à Maria Madalena, vide questão 1, *refutação histórica c*; e questão 19, *refutação histórica a*.

- f. A figura 21 (pg. 73) mostra que existiram vários embates ao longo da história da igreja cristã, porém não da forma que Brown alega. Na verdade, as discussões existiam porque a Igreja lutava por manter a ortodoxia contra as crenças que emergiam. Dentre os diversos problemas enfrentados, um erro bastante comum era a tendência de se *humanizar* ou *divinizar* em demasia a pessoa de Jesus. Todavia, todas as duas tendências criavam sérios problemas teológicos. Eles podem ser resumidos da seguinte maneira: Jesus tratado como meramente humano faz dele um grande mestre, mas não Salvador, pois se não fosse Deus Ele não poderia ter vivido uma vida santa que o habilitasse a morrer em prol daqueles que o recebessem. Em contrapartida, Jesus tido apenas como divino inviabilizaria sua pessoa com representante da humanidade por não compartilhar dos nossos sofrimentos, o que também invalidaria sua missão de Salvador. Devido a estas dificuldades, com o passar do tempo a Igreja se viu na necessidade de combater ambos os extremos, de modo que a integridade da pessoa e da missão de Jesus fosse mantida.

LÓGICA

- a. Se a questão da competição contra Maria Madalena fosse real, não haveria sequer vestígio de seu nome nos evangelhos. A ênfase que lhe é dada tanto pela Bíblia quanto pelos pais da Igreja tornam improcedente o argumento da competição entre Maria Madalena e Pedro.
- b. Se Pedro traiu Jesus ao usurpar o lugar de Maria Madalena, é de se esperar que ele também menosprezasse seu mentor, Jesus, e exaltasse a si próprio. É isso que Dan Brown deve ter em mente ao dizer que o vencedor, no caso Pedro, escreve livros “que glorificam sua própria causa e menosprezam a do inimigo perdedor”. Todavia, Dan Brown se trai duas vezes com esta colocação: em primeiro lugar, porque o Novo Testamento mostra Pedro exaltando sobremaneira a Jesus (At 2.22) e rejeitando adoração para si mesmo (At 10.25-26), o que evidencia que ele não “glorificou a si mesmo”; em segundo, porque o Evangelho de Marcos, escrito com base no relato de Pedro⁸¹, aponta que Maria Madalena teve o privilégio de ser a primeira pessoa a ver ao Cristo glorificado (Mc 16.9), de modo que é impossível afirmar que a causa do suposto “inimigo perdedor” tenha sido menosprezada. Diante dos textos apresentados, fica comprovada a inconsistência lógica do argumento de Dan Brown.

CONCLUSÃO

- a. Maria Madalena e Pedro jamais disputaram à primazia da Igreja. Antes, ambos reconheceram que a primazia da Igreja deveria ser atribuída a Jesus. Maria Madalena o chama de mestre (Jo 20.15-16). Pedro diz que Jesus Cristo era a pedra angular sob a qual a Igreja seria edificada (At 4.8-11). Os textos mostram que ambos exaltavam a Jesus, de modo que é completamente falaciosa a afirmação de competição entre eles.
- b. Ademais, mesmo os evangelhos gnósticos de Maria Madalena (*refutação histórica b*) e de Tomé (*refutação histórica c*) claramente rejeitam a teoria de disputa entre Maria Madalena e Pedro.
- c. A História da Igreja nos mostra que vários grupos cismáticos foram surgindo enquanto a igreja ia se desenvolvendo (figura 21, pg. 73). Não obstante, todos estes conflitos foram muito bem relatados pelos historiadores, sendo que nenhum historiador antigo jamais sustentou a tese do conflito entre Pedro e Maria Madalena.
- d. Na verdade, a maioria das “competições” na história da igreja era iniciada por grupos que visavam desviar o ensino vigente. Cabia então à Igreja manter as práticas de acordo com a Bíblia, e não modificá-las.

13. A Igreja matou 5.000.000 de mulheres na Idade Média?

ACUSAÇÃO

O incidente relatado revela a tendência da Igreja em querer minimizar a influência das mulheres no cristianismo.

“Durante 300 anos de caça às bruxas, a igreja queimou na fogueira a quantidade impressionante de cinco milhões de mulheres.” (OCDV, pg. 122)

“O poder da mulher e sua capacidade de gerar vida já foi muito sagrado, mas ameaçava a ascensão da Igreja Católica predominantemente masculina.” (OCDV, pg. 227)

REFUTAÇÃO

HISTÓRICA

Dados históricos estimam que o número de mortes no período retratado por Brown tenha sido 50.000, onde a maior parte das mortes são atribuídas ao governo, não à Igreja. Algo em torno de 20% desse número é relativo à morte de homens, demonstrando que a perseguição não era exclusiva às mulheres, mas sim à bruxaria (praticantes de ocultismo) em geral⁸². Se dividirmos a perseguição governo/igreja em meio a meio, teremos o seguinte resultado: o número de mulheres mortas por perseguição da Igreja cai de 5.000.000 para menos de 20.000, isso num período de 300 anos. Este é um índice triste porém verdadeiro, contudo representa apenas 0,4% do número apresentado por Brown.

LÓGICA

- a. Se as mulheres são desprezadas, porque as igrejas têm adotado, então, a participação delas nos cultos? Se a alegação de Brown fosse verdadeira, não teríamos tamanha influência feminina na Igreja hoje. Mesmo na Igreja Católica as mulheres têm seu espaço de atuação garantido, sendo-lhes restrito apenas o sacerdócio.
- b. A questão do papel da mulher na igreja é muito mais cultural do que fruto de conspirações. Algumas sociedades restringem a participação feminina em várias atividades, ao passo que outras minimizam ou extinguem tais distinções. A diferenciação de gênero não é exclusividade da Igreja e do cristianismo; antes, é uma manifestação de origem cultural, vista também em religiões como o islamismo e em sociedades como a japonesa. Estes dois exemplos mostram que não é sensato culpar exclusivamente o cristianismo pela diferenciação de gênero que presenciamos ainda hoje.
- c. Como toda instituição, o cristianismo também tem falhas e teve suas crises. Tais incidentes, todavia, provam justamente aquilo que o cristianismo a certa altura alega: que o homem é pecador e propenso ao erro. Esta tendência ao erro (pecado) é a maior evidência de que ninguém pode se salvar por si mesmo, e por isso necessitamos de Jesus como intermediário entre nós e Deus (Rm 3.23-24).
- d. Para aqueles que alegam que o cristianismo é uma farsa em virtude da atrocidade relatada (que de fato o foi, embora menor do que o divulgado por OCDV), perguntamos: Quem parou de ler o livro de Dan Brown por uma única página de erro quanto à historicidade dos fatos? Na história do cristianismo o erro existe, mas pelo menos não é ocultado. Melhor do que isso, o erro já foi corrigido (pois a igreja não mata mais), ao passo que os erros no livro de Dan Brown continuam a confundir as pessoas.

BÍBLICA

- a. O período retratado por Brown ocorreu devido a *caça às bruxas*, um movimento perpetrado pela Igreja e pelo Estado contra a magia. Analisando o caso, a pergunta que surge é: É correto matar em nome de Deus? Antes da resposta em si (peço vossa paciência), é necessário mostrar que há de fato um embasamento bíblico contra a bruxaria em Lv 20.6-7: *“Voltarei o meu rosto contra quem consulta espíritos e contra quem procurar médiuns para segui-los, prostituindo-se com eles. Eu o eliminarei do meio do seu povo. Consagrem-se, porém, e sejam santos, porque eu sou o SENHOR, o Deus de vocês”*. Também em Dt 13.1-5 é dito que

“Se aparecer entre vocês um profeta ou alguém que faz predições por meio de sonhos e lhes anunciar um sinal miraculoso ou um prodígio, e se o sinal ou prodígio de que ele falou acontecer, e ele disser: ‘Vamos seguir outros deuses que vocês não conhecem e vamos adorá-los’, não dêem ouvidos às palavras daquele profeta ou sonhador. O SENHOR, o seu Deus, está pondo vocês à prova para ver se o amam de todo o coração e de toda a alma. Sigam somente o SENHOR, o seu Deus, e temam a ele somente. Cumpram os seus mandamentos e obedecem-lhe; sirvam-no e apeguem-se a ele. Aquele profeta ou sonhador terá que ser morto, pois pregou rebelião contra o SENHOR, o seu Deus, que os tirou do Egito e os redimiu da terra da escravidão; ele tentou afastá-los do caminho que o SENHOR, o seu Deus, lhes ordenou que seguissem. Eliminem o mal do meio de vocês”. Respondendo agora à pergunta sobre o “direito de matar”, a resposta é que era (passado) sim permitido ao povo de Deus (Israel) matar aos falsos profetas, bruxos e feiticeiros. Dentro do contexto judaico no Antigo Testamento, o objetivo de Deus com esta instrução era manter a santidade do povo, para o bem do próprio povo, pois a prática da bruxaria era uma afronta a submissão a Deus, o Criador de todas as coisas. Notem que esta era uma permissão restrita ao povo judaico antes da vinda de Jesus, e não à Igreja.

- b. Os textos acima nos mostram que a Bíblia condena a bruxaria e a idolatria (mesmo que existam sinais que pareçam autenticar tais práticas), de modo que elas não deviam ser toleradas entre o povo de Israel. Entretanto, a Bíblia condena também o assassinato e a injustiça, indicando assim que a Igreja não tem, em hipótese alguma, o direito de matar. Ao colocar as duas questões na balança, é possível constatar que a igreja errou ao matar no passado, mas felizmente abandonou tal prática. Bom seria se os bruxos também abandonassem suas práticas bíblicamente condenáveis.
- c. Com a vinda de Cristo, os feiticeiros têm a oportunidade de se arrependerem de seus pecados e clamar pelo perdão divino, pois Jesus disse que “não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Eu não vim para chamar justos, mas pecadores” (Mc 2.17). Caso o feiticeiro abandone suas práticas reprováveis e reconheça o sacrifício de Jesus como o único meio de salvação, ele pode crer que será aceito por Cristo, pois Ele disse: “Todo aquele que o Pai me der virá a mim, e quem vier a mim eu jamais rejeitarei” (Jo 6.37). Cabe a igreja anunciar esta verdade, ao invés de punir aos bruxos como o fez na Idade Média. Para aqueles interessados, a *Parte II* de nosso trabalho aborda a questão do pecado humano e do perdão divino.
- d. Uma vez anunciado o caminho do perdão, precisamos informar também a sentença do juízo caso não haja arrependimento por parte dos feiticeiros: *“Mas os covardes, os incrédulos, os depravados, os assassinos, os que cometem imoralidade sexual, os que praticam feitiçaria, os idólatras e todos os mentirosos — o lugar deles será no lago de fogo que arde com enxofre. Esta é a segunda morte”* (Ap. 21.8).

CONCLUSÃO

- a. A caça às bruxas, infelizmente, é uma mancha na história da Igreja e da humanidade. Todavia, o dano causado pela igreja é bem menor que o expressado por Brown, pois o número estimado de mulheres assassinadas é de 20.000 nos 300 anos de perseguição, e não cinco milhões. Ademais, não ocorreu uma perseguição exclusiva às mulheres, mas sim à bruxaria em geral, sendo que esta perseguição teve mais motivos políticos que religiosos.
- b. Embora o período da caça às bruxas seja uma página triste na história da igreja, ele não inviabiliza a credibilidade do cristianismo como um todo. Ao contrário, o erro do passado deve nos ensinar a não mais cometê-lo nem no presente nem no futuro.
- c. Deus abomina a bruxaria, porém mesmo os bruxos podem ser remidos pelo sangue de Jesus caso haja arrependimento e abandono das práticas condenáveis. Para “descobrir” como obter o favor de Deus, solicitamos que seja lida toda a *Parte II* deste e-book.

SEÇÃO 4 – Documentos

14. A Bíblia é confiável? As traduções não são uma prova de falibilidade?

ACUSAÇÃO

Sabe-se que a Bíblia não chegou por fax. Com isso, subentende-se que ela foi montada por homens a revelia.

“A Bíblia não chegou por fax do céu [e] é um produto do homem, não de Deus [...] O homem a criou como relato histórico de uma época conturbada, e ela se desenvolveu através de incontáveis traduções, acréscimos e revisões. A História jamais teve uma versão definitiva do livro.” (OCDV, pg. 219-20).

“A Bíblia, conforme a conhecemos hoje, foi uma colagem composta pelo imperador romano Constantino, o Grande.” (OCDV, pg. 220)

REFUTAÇÃO

LÓGICA

- a. Dentre os problemas levantados por Brown, um deles é que as *traduções* tirariam a autenticidade da Bíblia. Ora, alegar traduções como prova de manipulação é o mesmo que dizer que o livro de Dan Brown em português é “diferente” do livro em inglês e que a cópia em nosso idioma não condiz com o livro original. Até o que sabemos, nenhum leitor tem uma postura tão radical quanto à leitura do Código, o que tecnicamente impede tamanho rigor em se questionar a fidedignidade da Bíblia em função das traduções.
- b. Em complemento ao tópico acima, vemos que a tradução brasileira de OCDV, na pg. 251, fala que Constantino “promoveu a divindade de Jesus quase quatro séculos após sua morte”, sendo que a tradução correta seria “três séculos”. Todavia, tal equívoco não invalida a cópia em português. Aqui há um erro de tradução, facilmente identificável e corrigível. Problemas semelhantes ocorrem ocasionalmente na tradução do texto bíblico, pois o copista ou o tradutor pode ter esquecido ou inadvertidamente alterado uns poucos caracteres. Todavia, o estudo dos diversos manuscritos permite aos tradutores compararem os textos, descobrindo assim o erro e permitindo sua posterior correção. Vejamos um exemplo proposto por Norman Geisler: Imagine que determinado indivíduo tenha recebido a seguinte mensagem: “ocê ganhou R\$10 milhões”, e no dia seguinte o mesmo indivíduo recebe uma nova carta dizendo “vcê ganhou 10 milhões”; embora existam dois erros evidentes, a mensagem foi transmitida a contento, de modo que os erros mais se complementam do que se excluem⁸³. Este exemplo mostra que as variações textuais, via de regra, mais agregam do que prejudicam a comparação dos textos sob análise. Mais importante ainda, mostram que tais erros não inviabilizam a mensagem original. Neste tipo de incidente, o principal – a mensagem – foi preservado.
- c. Qualquer pessoa pode comparar duas ou mais Bíblias e ver que, independente da versão utilizada, *a mensagem é sempre a mesma*. Toda e qualquer eventual diferença é explicada, como veremos, pelos motivos apontados na *refutação histórica* que apresentaremos a seguir.
- d. Quando se avalia a fidedignidade de um texto, sabe-se que a ciência procura “rastrear” a origem e validade do documento, isto é, busca comprovação arqueológica, geográfica, histórica, etc. Neste quesito a Bíblia tem muito mais autoridade do que todos os livros da antiguidade, inclusive quando comparada aos evangelhos gnósticos. Por exemplo, a descrição da geografia bíblica dos evangelhos tradicionais é tida com inquestionável, ao passo que os textos gnósticos sequer fornecem este tipo de informação. Se a Bíblia se mostra verdadeira quanto ao relato geográfico, mesmo sem ser um “livro de geografia”, porque não acreditar nas informações do seu conteúdo principal, isto é, sobre aquilo que ela diz sobre a vida e missão de Jesus?
- e. Dan Brown leva o leitor do Código a imaginar que ou a Bíblia não existia até o Concílio de Nicéia, ou ela era substancialmente diferente até aquela ocasião. Tal colocação é totalmente

infundada. No Apêndice 1 montamos uma tabela que demonstra que a “evolução” do Cânon Sagrado se deu muito antes do Concílio de Nicéia. Também as questões 15 e 16 provam que os livros bíblicos foram compostos bem antes da época do Imperador Constantino.

HISTÓRICA

Tentaremos tratar distintamente os três “problemas” apontados por Brown quanto a confiabilidade dos textos bíblicos: a.Tradução, b.Revisão e c.Acréscimos.

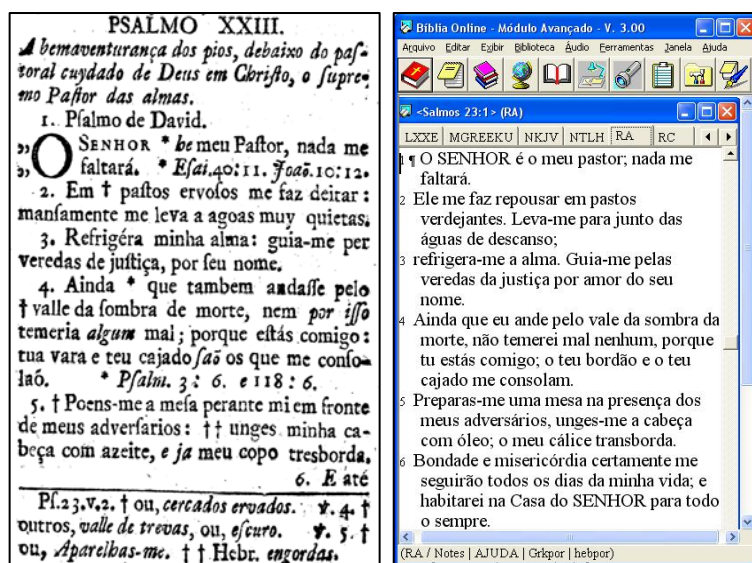
a. Quanto à questão da *tradução*, qualquer texto apresenta as seguintes dificuldades ao ser traduzido, inclusive a Bíblia:

i. *Quanto ao método de tradução*: Se o tradutor opta pelo modelo “idéia a idéia”, surge o inconveniente da abertura em demasia do leque de interpretações. Se optar por trabalhar traduzindo “palavra por palavra”, o tradutor pode defrontar-se com o problema da falta de palavras equivalentes que expressem com perfeição a palavra original. Ambos os métodos são tecnicamente válidos e, independente das *palavras* escolhidas, a *mensagem* via de regra permanece a mesma.

ii. *Quanto à linguagem utilizada*: Como a linguagem é dinâmica, sofrendo variação com o tempo, surge a necessidade de se atualizar o texto conforme a época. A figura 22 nos mostra um destes casos. Com base no exemplo apresentado, podemos concluir que novas versões da Bíblia não invalidam as anteriores, apenas tornam os textos inteligíveis à presente geração.

iii. *Em alguns casos, não se traduz do texto original, mas de versões secundárias*. Embora não seja a melhor opção – pois este procedimento pode potencializar os erros de tradução –, via de regra é a mais viável. No caso da língua portuguesa, a primeira tradução da Bíblia teve como origem a *Vulgata*, a versão em Latim das Escrituras. Esta tradução foi feita pelo rei lusitano d. Diniz (1279-1325), e na ocasião foram traduzidos os vinte primeiros capítulos de Gênesis. Só em 1681 foi publicado em português um texto que se originou diretamente dos textos originais. O autor deste trabalho foi João Ferreira de Almeida, que na ocasião havia traduzido o Novo Testamento. Infelizmente ele morreu em 1691, deixando o Antigo Testamento traduzido até o livro de Ezequiel. Embora o ideal seja que a tradução ocorra direto do original, muitas vezes esta opção é impossível. Hoje em dia, por exemplo, se um missionário brasileiro deseja traduzir a Bíblia para um dialeto indígena, certamente usará versões disponíveis em português como referência; este missionário acredita que as versões que tem em mãos são bastante fiéis ao original (como de fato o são), e por isso as utilizará como referência para elaborar uma tradução a fim de abençoar aquele povo.

iv. A tradução que utilizamos na maioria dos textos que citamos neste trabalho vem da NVI, que na seção *Histórico e definição* traz o seguinte texto: “A Nova Versão Internacional (NVI) da Bíblia é uma nova tradução das Escrituras Sagradas feita com base nas línguas originais, isto é, do hebraico, do aramaico e do grego. [...] A NVI define-se como uma tradução da Bíblia evangélica, fiel ao original e contemporânea. Não se trata de uma tradução literal do texto bíblico, do tipo palavra por palavra. Não obstante, a NVI não é uma tradução livre nem uma simples paráfrase. Sua fidelidade está no sentido do original mais do que na forma. A NVI não rejeita, porém, a forma do texto original desnecessariamente. Na verdade, o alvo da NVI é comunicar a Palavra de Deus ao leitor moderno com a mesma clareza e impacto que teve o texto bíblico original entre os



Salmo 23 em Português, traduzido por João Ferreira de Almeida. Versão revisada em 1742 d.C. (esquerda), e texto conforme revisão em 1993 d.C. (direita)

primeiros leitores”⁸⁴. Tal declaração demonstra que temos em português uma versão moderna e fiel aos originais, da mesma maneira que também o são as demais traduções em português. Como foi dito na *refutação lógica b*, tal diversidade é bem-vinda.

As explanações acima nos permitem concluir, mais uma vez, que a coerência das versões é mais prova de autenticidade do que de manipulação.

b. Quanto à questão das *revisões*, conforme representado pela figura 22, a NVI também aponta algumas das mudanças na língua que exigiram revisões e novas traduções da Bíblia. Destacam-se as seguintes razões:

- i. Palavras que caíram em desuso e não são mais entendidas - Há termos como reбуçar, alígera, coscorão, opróbrio, etc., utilizados no vocabulário evangélico antigo, que deixaram de ser usados.
- ii. Palavras que mudaram de sentido - Podemos destacar termos como jornaleiro (sinônimo de diarista), vagabundo (sinônimo de peregrino, andarilho), fazenda (sinônimo de bens ou riquezas no linguajar comum), buzina (sinônimo de trombeta).
- iii. Palavras que adquiriram sentido pejorativo ou chulo - Aqui estão alguns exemplos: fezes (significava resíduo em geral); bostela (queria dizer mancha na pele); obrar (equivalia a fazer, realizar).
- iv. Palavras novas - Antes de 1969 ninguém conhecia a palavra alunissar (descer na lua). De igual modo, há outros termos que foram criados há algumas décadas e passaram a fazer parte da língua. Tais termos terão pouco impacto na tradução de um texto tão antigo como o da Bíblia. No entanto, alguns termos antigos podem ser substituídos por outros mais recentes.
- v. Sintaxe contemporânea - A maneira de dizer a mesma coisa mudou. Atualmente preferem-se períodos mais curtos, e as subordinações frasais são menos empregadas do que há algumas décadas. Ocorreram também mudanças de preferência quanto à regência de verbos e de outras classes de palavras.
- vi. Ortografia - As reformas ortográficas são importantes e necessárias. A última reforma ocorrida no Brasil foi em 1971. Toda tradução bíblica digna deve respeitar as regras da língua receptora.

Concluindo, podemos dizer que as revisões existem para tornar o texto inteligível para a geração que o receberá, mas sempre buscando fidelidade ao texto que o originou.

c. Quanto a acusação de *constantemente* *acréscimos*, a única inserção digna de nota ocorrida na Bíblia gira em torno da inclusão de alguns livros escritos em grego ao Cânon do Antigo Testamento. Estes livros são chamados de apócrifos pelos evangélicos e deuterocanônicos pelos católicos. Embora não seja nosso objetivo discutir e analisar esta alteração, sabe-se que ela ocorreu em 1546 d.C., quando a Igreja Católica acrescentou alguns livros em grego às escrituras do Antigo Testamento para combater a reforma protestante, uma vez que os livros adicionados justificavam práticas até então contrárias à Bíblia, como a oração pelos mortos. Até mesmo a *Bíblia de Jerusalém*, uma edição Católica, reconhece que o Cânon da Bíblia hebraica é igual ao Antigo Testamento Evangélico, pois os judeus e os evangélicos rejeitam os adicionais em grego existentes na Septuaginta⁸⁵. Diante deste único fato histórico de acréscimo, por sinal muito bem documentado por toda a cristandade, é leviana a acusação de Brown de dizer que existiram “diversos acréscimos” as Escrituras, pois induz o leitor a crer que existiram sucessivas adições ao longo dos séculos, o que simplesmente não é verdade.

Uma vez refutadas as acusações de tradução, revisão e acréscimos, partiremos agora para outras refutações históricas pertinentes quanto à composição da Bíblia.

d. Algumas edições bíblicas realmente são questionáveis, não tanto por problemas intrínsecos à tradução, mas sim por questões teológicas, uma vez que em alguns casos a Bíblia foi propositadamente alterada em função dos interesses da seita que a utiliza. Josh McDowell e Don Stewart falam sobre estas exceções:

Apenas algumas seitas publicam sua própria Bíblia. Estão entre as poucas os Mórmons, os Testemunhas de Jeová, os Cristadelfinos e O Caminho Internacional. As demais seitas se dão por satisfeitas com redefinições das palavras da Bíblia. Isso, com efeito, destrói a tradução válida.⁸⁶

Infelizmente a ortodoxia não consegue impedir tais desvios, pois qualquer desvairado pode editar a Bíblia conforme lhe agrade e com ela atrair seguidores para si. Cabe à ortodoxia preservar sua história e os manuscritos antigos, para que com eles assegure sua confiabilidade quando leigos e estudiosos se propuserem a examinar a fundo à questão. O mais importante a destacar é que a existência destas “Bíblías questionáveis” não invalida as versões bíblicas fiéis aos originais.

- e. Em termos de quantidade de manuscritos disponíveis para comparação, a Bíblia é historicamente insuperável quanto confrontada com outros manuscritos da antiguidade. Veja o quadro:

Documento	Data estimada da <i>composição</i>	Data da <i>cópia</i> mais antiga	Quantidade de cópias
Iliadas de Homero	800 a.C.	II e III d.C.	643
Escritos de Aristóteles	343 a.C.	1100 d.C.	?
Novo Testamento	50 a 100 d.C.	50 d.C.*	5686

* o Fragmento 7Q5 de Qumram é, possivelmente, o relato de Mc 6.52 e 53, e foi datado como sendo de 50 d.C.. É o trecho mais antigo do Novo Testamento.

- f. A autoridade da Bíblia é evidenciada por sua *Inerrância*, a qual, a grosso modo, independe da tradução. Isso porque “a Inerrância da Escritura significa que a Escritura, nos seus manuscritos originais, não afirma nada que seja contrário ao fato”⁸⁷. Tal conceito exclui as variações textuais, que é o maior problema apontado pelos críticos da Bíblia. Assim, ainda que as cópias atuais contenham erros de grafia, isso não invalida a autoridade da Bíblia enquanto Palavra de Deus. Não há espaço suficiente para discutirmos a Inerrância bíblica aqui, mas é importante frisar que a quantidade de manuscritos existentes, bem como seus conteúdos, asseguram a fidelidade dos textos bíblicos que porventura venhamos a ler, independente da tradução utilizada.
- g. A maioria absoluta dos erros apontados pelos críticos ocorrem em discrepâncias de datas e coisas do gênero, de modo que, independente da cópia, a mensagem principal de todas as passagens bíblicas é preservada. Segundo o estudioso textual Philip Schaff, das variantes textuais conhecidas, “nenhuma afetava um artigo de fé ou um preceito de dever que não seja absolutamente sustentado por outras passagens incontestáveis ou pelo teor geral do ensinamento bíblico”⁸⁸. Em outras palavras, o especialista em manuscritos afirma que as variações existentes não comprometem a mensagem.
- h. Quanto a acusação de Constantino ter feito uma colagem, temos aqui mais um argumento distorcido de Brown. Sabe-se que o Imperador solicitou, durante o Concílio, a elaboração de 50 cópias da Bíblia vigentes⁸⁹, e não a “criação” de uma nova Bíblia. Maiores detalhes, vide questão 11, *refutação histórica k*.
- i. A despeito de toda a discussão em torno do conteúdo e da autenticidade histórica da bíblica, vemos nela uma enorme auto-concordância e auto-sustentação. Sobre este assunto Geiler afirmou: “Deve-se observar, no entanto, a unidade incrível. Esses 66 livros revelam uma história contínua de redenção, do paraíso perdido ao paraíso recuperado, a criação e a consumação de todas as coisas. Há um tema central, a pessoa de Jesus Cristo, até por simples implicação do AT (Lc 24.27). No AT Cristo é previsto; no NT ele é revelado (Mt 5.17,18). Há uma só mensagem: o problema da humanidade é o pecado, e a solução é a salvação por meio de Cristo (Mc 10.45; Lc 19.10)”⁹⁰.

BÍBLICA

- a. O fato da Bíblia não ter chegado “por fax do céu” não representa um problema para o cristão, uma vez que cremos que os livros originais da Bíblia foram *inspirados* por Deus: “Toda a Escritura é *inspirada por Deus* e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra” (2Tm 3.16-17 – grifo nosso). A expressão “inspirada por Deus” vem do grego *θεοπνευστος* (theopneustos) e em toda a Bíblia só aparece no texto em questão. Ela significa uma “influência especial do Espírito Santo ao guiar alguns dos seus servos do passado para dizerem ou escreverem aquilo que ele quis comunicar aos seres humanos”⁹¹. Com isso, ao invés de *escrever* seu livro (como fez com as tábuas dos 10 Mandamentos em

Ex 24.12), Deus *revelou* sua Palavra a homens que Ele mesmo escolhera e capacitara para tão nobre missão.

- b. Quanto à autenticidade dos textos oriundos dos originais, Deus preordenou que as cópias fossem tão fiéis quanto possível: “Declaro a todos os que ouvem as palavras da profecia deste livro: Se alguém lhe acrescentar algo, Deus lhe acrescentará as pragas descritas neste livro. Se alguém tirar alguma palavra deste livro de profecia, Deus tirará dele a sua parte na árvore da vida e na cidade santa, que são descritas neste livro” (Ap 22.18-19). Com base neste texto, infere-se que todos os que se aventuraram a traduzir a Bíblia estavam cientes da seriedade do ato, e certamente fizeram o melhor que lhes era possível.
- c. Em favor da autenticidade da Bíblia, é possível rastrear grande parte de sua composição através dela mesma. A evolução do Cânon do Antigo Testamento, por exemplo, é evidenciada dentro do próprio Antigo Testamento através dos seguintes relatos:
 - i. O primeiro escritor da Bíblia, Moisés, deixou a advertência: “Guardem no coração todas as palavras que hoje lhes declarei solenemente, para que ordenem aos seus filhos que obedeçam fielmente a todas as palavras desta lei” (Dt 32.46). No texto há a instrução para se guardar a história e os mandamentos recebidos por Deus até aquele momento. É bem provável Moisés estivesse se referindo à preservação dos cinco primeiros livros da Bíblia.
 - ii. Quando Deus chama a Josué, a Escritura Sagrada disponível era os cinco livros de Moisés, chamados de Livro da Lei (cf. Dt 31.24-25). Josué é então instruído por Deus a perseverar no aprendizado e no ensino destes livros. Deus lhe disse: “Não deixe de falar as palavras deste Livro da Lei e de meditar nelas de dia e de noite, para que você cumpra fielmente tudo o que nele está escrito. Só então os seus caminhos prosperarão e você será bem-sucedido” (Js 1.8).
 - iii. O segundo autor bíblico, Josué, também registra os feitos de Deus que testemunhara: “Josué registrou essas coisas no Livro da Lei de Deus. Depois ergueu uma grande pedra ali, sob a Grande Árvore, perto do santuário do SENHOR” (Js 24.26). O registro citado é o próprio Livro de Josué, o sexto da Bíblia Sagrada.
 - iv. Na evolução do Cânon há registros esparsos de auto-autenticação. Samuel, por exemplo, registra sua época (1Sm 10.25). Daniel, em seu tempo, possuía o livro de Jeremias (Dn 9.2) e a lei de Moisés (Dn 9.11). Estes textos nos dão algumas dicas de como o Antigo Testamento foi se desenvolvendo, e mostram que os autores posteriores tinham os autores anteriores como porta-vozes de Deus, independente da mensagem divina ter ou não “chegado por fax do céu”.
 - v. A seqüência dos pontos acima nos revela que os autores do Antigo Testamento foram homens (e mulheres) variados em épocas variadas, e uma leitura da Bíblia revelará que os estilos literários também eram diferentes. Contudo, todos tinham em comum a convicção de que seus relatos obedeciam às ordens do próprio Deus. Esta obediência e fidelidade existia porque as gerações posteriores consideravam os livros anteriores como fruto da inspiração divina, conforme vimos a pouco na *refutação bíblica a*.
- d. O Novo Testamento também tem suas referências internas que indicam uma certa cronologia da composição dos relatos. Vemos que Pedro cita Paulo: “Tenham em mente que a paciência de nosso Senhor significa salvação, como também o nosso amado irmão Paulo lhes escreveu, com a sabedoria que Deus lhe deu. Ele escreve da mesma forma em todas as suas cartas, falando nelas destes assuntos. Suas cartas contêm algumas coisas difíceis de entender, as quais os ignorantes e instáveis torcem, como também o fazem com as demais Escrituras, para a própria destruição deles” (2Pd 3.15-16). No texto Pedro deixa implícito que as cartas de Paulo tinham o status de Escritura Sagrada. Já Paulo, por sua vez, cita Lc 10.7 em 1Tm 5.18, demonstrando que o evangelho em questão também tinha status de Escritura: “pois a Escritura diz: ‘Não amordace o boi enquanto está debulhando o cereal’, e ‘o trabalhador merece o seu salário’”.
- e. Há diversas outras referências da Bíblia se autenticando. Quando faz referência ao Antigo Testamento, normalmente usa-se a expressão “a Lei e os Profetas” (Mt 7.12; Mt 22.40, Lc 24.44, etc). Já o Novo Testamento é citado pelo termo “Apóstolos e Profetas” (Ef 2.20, Ef 3.5). Quanto ao termo “Escrituras” encontrado na Bíblia, este pode se referir tanto ao Antigo quanto ao Novo Testamento, ou mesmo a ambos quando aplicável (Dn 9.2, Mt 21.42, Mc 12.24, Lc 24.27, At 17.11, 1Co 15.3-4, 2Pd 3.15-16, etc).

- f. Muito importante é citar que a inerrância (Vide *refutação histórica f*) fazia parte do critério de avaliação daqueles que se auto-proclamavam mensageiros de Deus. Segundo a própria Bíblia, o povo não deveria temer e dar atenção aos falsos profetas: “ ‘Se alguém não ouvir as minhas palavras, que o profeta falará em meu nome, eu mesmo lhe pedirei contas. Mas o profeta que ousar falar em meu nome alguma coisa que não lhe ordenei, ou que falar em nome de outros deuses, terá que ser morto’. Mas talvez vocês perguntem a si mesmos: ‘Como saberemos se uma mensagem não vem do SENHOR?’ Se o que o profeta proclamar em nome do SENHOR não acontecer nem se cumprir, essa mensagem não vem do SENHOR. Aquele profeta falou com presunção. Não tenham medo dele” (Dt 18.19-22). Ora, se os profetas que compuseram a Bíblia não foram mortos, subentende-se que suas mensagens e profecias foram tidas como verdadeiras por seus contemporâneos, de modo que não há razão para não crermos que elas sejam autênticas ainda hoje.

CONCLUSÃO

- a. Mostramos que a Bíblia, independente da tradução, é digna de confiança e credibilidade. Quanto aos manuscritos, Geisler informa que “Deus, na sua providência preservou as cópias de erros substâncias. Na verdade, o nível de precisão é maior que em qualquer outro livro do mundo antigo, excedendo os 99%”⁹².
- b. A providência divina, conforme demonstrada pelo tópico acima, nos permite dizer: “O cristão pode pegar a Bíblia toda na mão e dizer sem medo nem hesitação que segura a palavra de Deus, passada sem perda essencial de geração a geração ao longo dos séculos”⁹³.
- c. É verdadeira a afirmação de que “a Bíblia não chegou por fax do céu”, uma vez que ela não foi psicografada. Porém é falsa a tentativa do autor em afirmar que este seria o único método de se ter um livro autenticamente divino. Deus deu inteligência ao homem, e é com base nesta inteligência que podemos verificar a autenticidade da Bíblia, principalmente por sua integridade de ter sido um livro escrito por aproximadamente 40 autores em um intervalo de 1500 anos (1400 a.C. a 100 d.C.)⁹⁴, e mesmo assim não apresentar contradições quanto devidamente estudada (para maiores detalhes sobre as aparentes contradições bíblicas, sugiro a leitura do livro “Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e ‘contradições’ da Bíblia”).
- d. Independente das “traduções, acréscimos e revisões” da Bíblia, sua mensagem principal permaneceu e permanecerá inalterada. Esta mensagem consiste em afirmar que

Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que este fosse salvo por meio dele. *Quem nele crê não é condenado, mas quem não crê já está condenado*, por não crer no nome do Filho Unigênito de Deus. Este é o julgamento: a luz veio ao mundo, mas os homens amaram as trevas, e não a luz, porque as suas obras eram más. Quem pratica o mal odeia a luz e não se aproxima da luz, temendo que as suas obras sejam manifestas. Mas quem pratica a verdade vem para a luz, para que se veja claramente que as suas obras são realizadas por intermédio de Deus (Jo 3.16-21 – grifo nosso).

15. Como os evangelhos foram escritos? Porque só quatro foram adotados pela Igreja?

ACUSAÇÃO

A Igreja escolheu os evangelhos que comporiam o Cânon de acordo com seus interesses.

Mais de 80 evangelhos foram estudados para compor o Novo Testamento, e no entanto apenas alguns foram escolhidos – Mateus, Marcos, Lucas e João.” (OCDV, pg. 220)

“A Igreja primitiva precisou convencer o mundo de que o profeta mortal Jesus era um ser divino. Portanto, quaisquer evangelhos que descrevessem aspectos terrenos da vida de Jesus precisavam ser omitidos da Bíblia.” (OCDV, pg. 231)

REFUTAÇÃO

BÍBLICA

a. A composição dos evangelhos e do Novo Testamento foi fruto da *necessidade de registro escrito* para a Igreja emergente, e não fruto de uma conspiração para modificar os ensinamentos de Cristo. Após a morte de Jesus, seus ensinamentos começaram a ser transmitidos oralmente pelos apóstolos (At 4.1-2; At 4.33; At 15.1-21; etc.). Em um primeiro momento eles se utilizaram exclusivamente do Antigo Testamento – principalmente na evangelização do judeu – para “provar” que Jesus era o Messias prometido (At 17.1-3). Com o tempo, todavia, eles começaram também a escrever suas histórias e passaram a enviar algumas cartas aos novos convertidos e às igrejas que cresciam (At 15. 23-35; Cl 4.16; etc.). O livro de Atos dos Apóstolos é um exemplo da propagação do evangelho, e nele estão registrados vários eventos importantes, tais como a primeira conversão em massa, na chamada “descida do Espírito Santo” (At 2); a história do primeiro mártir, Estevão (At 7); a conversão dos primeiros gentios, isto é, dos não judeus (At 10); as viagens missionárias de Paulo (At 16 em diante); e a chegada de Paulo à Roma, Capital do Império (At 28). Com o passar do tempo a análise dos livros compostos pelos apóstolos e seus companheiros (vide *refutação histórica b*) revelou que os mesmos haviam sido *inspirados* por Deus (vide questão 14, *refutação bíblica a*). São estes *livros inspirados* que compõem o Novo Testamento, onde os quatro evangelhos são os textos que descrevem a vida, morte e ressurreição de Jesus.



Figura 23

b. Especificamente quanto aos evangelhos bíblicos, cada um deles foi escrito a um público específico. Abaixo listamos a quem foi destinado, no princípio, cada livro:

- Mateus: dirigido fundamentalmente a leitores de origem judaica.
- Marcos: provavelmente escrito aos crentes de Roma.
- Lucas: escreveu ao recém convertido Teófilo. Seu evangelho mostra que a graça de Deus transcende ao judeu (o povo escolhido) e alcança o mundo inteiro.

- iv. João: escrito para os seguidores não judeus de Jesus, especialmente àqueles que se debatiam com as filosofias gregas⁹⁵.
- c. Quanto às cartas do Novo Testamento, tomemos como exemplo Paulo, o apóstolo de maior volume de composições neotestamentárias. Conhecido como “o apóstolo dos gentios”, Paulo fundara várias igrejas. Quando elas se tornavam uma comunidade auto-suficiente, Paulo partia para outra cidade. Todavia, constantemente chegava-lhe relatos de problemas nas comunidades que ele fundara. Paulo então escrevia cartas direcionadas exclusivamente àquelas comunidades, de modo que as instruções viessem a corrigir os problemas apontados, e assim ele pudesse continuar sua missão de implantar novas Igrejas sem a necessidade de interrupção de seu trabalho. Embora tais cartas fossem personalizadas, as instruções nelas contidas eram preciosas instruções teológicas também para outras comunidades. Com o tempo, verificou-se que as cartas poderiam (e deveriam) ser utilizadas também em outras igrejas, pois se os problemas encontrados fossem os mesmos, certamente as “soluções” relatadas por Paulo também seriam as mesmas. As cartas de Paulo também traziam preciosos ensinamentos e esclarecimentos sobre a pessoa de Jesus e sobre o proceder esperado do cristão; estas instruções também poderiam ser compartilhadas entre as igrejas, independente da comunidade à qual a carta fora endereçada.
- d. Somos confrontados com um grande equívoco quando o Código diz que “quaisquer evangelhos que descrevessem aspectos terrenos da vida de Jesus precisavam ser omitidos da Bíblia”. Tal afirmação dá a entender que, de acordo como os evangelhos, Jesus não fazia nada que fosse “humano”^{ss}. Um simples exame às Escrituras mostrará que o raciocínio de Brown está completamente equivocado, pois os evangelhos bíblicos afirmam que Jesus comia (Mt 9.10), dormia (Mc 4.38), chorava (Jo 11.35), se angustiava (Lc 22-34), etc. Em oposição, nenhuma destas “características humanas” é apontada pelos evangelhos gnósticos. Diante deste quadro, em que é mais fácil crer como fidedignos: nos evangelhos bíblicos, que *de fato descrevem aspectos terrenos* e nada dizem sobre o casamento de Jesus; ou nos evangelhos gnósticos, que nada falam sobre aspectos terrenos e também não fazem alusão ao suposto relacionamento de Jesus e Maria Madalena?

HISTÓRICA

- a. Após a morte de Jesus, a responsabilidade por dar continuidade aos ensinamentos dele recaiu sobre os apóstolos, que cumpriram com presteza a missão. A figura 23 mostra que os apóstolos sentiram a necessidade de registrar a vida e os feitos de Jesus (Evangelhos), bem como descrever o desenvolvimento da igreja em seus primeiros anos (expressos pelos demais textos do Novo Testamento). Com o passar do tempo os apóstolos foram morrendo, e a principal fonte de autoridade para a igreja passou a ser – ao lado do Antigo Testamento – o ensino deles, o qual se evidenciava principalmente pelos evangelhos e cartas que eles haviam escrito. Estes relatos são utilizados até hoje como fonte de autoridade máxima dentro da Igreja Protestante^{tt}. De posse dos escritos dos apóstolos, as igrejas que os possuíam iniciaram um processo natural e gradativo de cópias dos mesmos, pois as instruções poderiam e deveriam ser disseminadas para outras comunidades.



Crerios utilizados para avaliar se o livro era ou não inspirado por Deus. Só “passavam” no teste aqueles que satisfizessem todos os três critérios (região em roxo).

Figura 24

^{ss} Na verdade, o argumento de Brown visa apenas sustentar que os evangelhos bíblicos omitiam o suposto casamento de Jesus e Maria Madalena. As questões 1, 3 e 19 mostram que esta afirmação é imprecisa, pois nem mesmo os evangelhos gnósticos falam que Jesus se casou.

^{tt} Os Católicos também consideram a Bíblia como autoridade, mas a colocam em pé de igualdade com a tradição e com as determinações papais (doutrina na infalibilidade papal em assuntos *ex cathedra*). Estes dois últimos dogmas foram criados, respectivamente, em 1546 e 1870 d.C. Não é nosso objetivo discutirmos aqui as consequências desta diferença, porém informamos que elas são mais profundas do que parecerem à primeira vista.

- b. A própria igreja adotou, desde os primórdios, os seguintes critérios para apurar a inspiração dos livros sagrados:
- Origem Apostólica;
 - Uso edificante por parte da Igreja Primitiva;
 - Não contradição com demais “Escrituras”.

Embora o critério seja um tanto quanto pragmático, ele é altamente eficiente, pois o livro só seria considerado inspirado se *todos* os critérios acima fossem satisfeitos (Figura 24, pg. 84). A *origem apostólica* dificultaria que ensinamentos diferentes do de Cristo se infiltrassem na Igreja, pois os apóstolos que o próprio Cristo escolhera seriam as testemunhas oculares – de sua vida e ressurreição – que não deturpariam seu ensino; assim, embora Marcos, por exemplo, não tenha sido próximo a Jesus, ele escreveu com base nas informações fornecidas por Pedro, que era um dos doze. O segundo critério, o *uso edificante na Igreja Primitiva*, asseguraria a historicidade do livro, pois se surgisse, por exemplo, um “livro oculto” atribuído ao apóstolo Tomé anos após sua morte, este seria rejeitado como inspirado por não ter uma história de uso dentro da igreja (isso porque dificilmente um apóstolo escreveria um livro que se perderia ou seria ocultado); este critério foi bastante útil para que a igreja rejeitasse aos livros gnósticos. Por fim, o filtro da *não contradição com as demais Escrituras* (isto é, não contradição com o Antigo Testamento ou com os livros do Novo Testamento já aceitos como inspirados) também foi um precioso critério de seleção, pois se Deus é perfeito ele não se contradiz, e se ele não se contradiz, sua Escritura também não deve fazê-lo, como de fato não fazem os 66 livros da Bíblia Protestante^{uu}.

LÓGICA

- a. Qual a fonte mais confiável: pessoas que andaram com Jesus, sendo contemporâneas a Ele, ou pessoas que escreveram pelo menos um século^{vv} após sua morte? Os quatro evangelhos aceitos se enquadram no primeiro caso, e os evangelhos gnósticos, que visam sustentar os argumentos propostos por Brown, se encaixam no segundo.
- b. Quem seriam as pessoas mais indicadas para fazer um relato acurado da vida de Jesus? Não seriam aqueles doze apóstolos que Ele escolhera para andar consigo? Destes, quatro estão representados na Bíblia e, embora destinados a público diferente, os quatro evangelhos se harmonizam e se complementam.
- c. Um dos argumentos de Brown é que a Bíblia é uma montagem baseada na versão de Pedro. Ora, se os quatro evangelhos aceitos são fruto da conspiração de Pedro, porque Pedro se auto-condenaria como aquele que negou a Jesus? (Mc 14.29-31; Mc 14.72).

CONCLUSÃO

- a. Os evangelhos canônicos, isto é, Mateus, Marcos, Lucas e João, foram escolhidos porque foram escritos por pessoas que, de fato, andaram com Jesus ou eram próximas aos apóstolos outrora escolhidos por Ele. A proximidade a Jesus demonstra que os apóstolos eram os mais indicados para a tarefa de relatar a vida do mestre.
- b. Vemos que é totalmente falsa a afirmação de que “os evangelhos que descreviam aspectos terrenos da vida de Jesus foram omitidos”, e provamos que os evangelhos bíblicos descrevem muito mais os “aspectos terrenos da vida de Jesus” do que os evangelhos gnósticos. Estes, por sinal, foram rejeitados por todas as três razões que apresentamos: Não tinham origem apostólica (apenas o nome de um apóstolo, recurso utilizado para tentar dar autenticidade ao livro), não tinham uma história de uso na igreja, e em várias partes contradiziam as Escrituras.

^{uu} Sobre a exclusividade da Bíblia Protestante, vide questão 14, *refutações históricas c e d*.

^{vv} Data normalmente atribuída à composição dos primeiros evangelhos gnósticos, conforme mostrado na questão 19.

16. Como se formou o Novo Testamento?

ACUSAÇÃO

A Bíblia (ou o Novo Testamento) que temos hoje é fruto de uma conspiração entre Constantino e a Igreja por poder. Eles destruíram muitos documentos antigos que mostravam Jesus como homem.

“A Bíblia, conforme a conhecemos hoje, foi uma colagem composta pelo imperador romano Constantino, o Grande” (OCDV, pg. 220)

“A Igreja primitiva precisou convencer o mundo de que o profeta mortal Jesus era um ser divino. Portanto, quaisquer evangelhos que descrevessem aspectos terrenos da vida de Jesus precisavam ser omitidos da Bíblia.” (OCDV, pg. 231)

Mais de 80 evangelhos foram estudados para compor o Novo Testamento, e no entanto apenas alguns foram escolhidos – Mateus, Marcos, Lucas e João.” (OCDV, pg. 220)

REFUTAÇÃO

BÍBLICA

a. A composição do Novo Testamento foi fruto da necessidade de registro da vida de Jesus (evangelhos), bem como da necessidade de perpetuação daquilo que os apóstolos haviam ensinado aos primeiros cristãos (demais livros do NT). Quanto ao primeiro caso, Lucas explica o motivo que o impeliu a compor o evangelho que leva seu nome: “Muitos já se dedicaram a elaborar um *relato dos fatos* que se cumpriram entre nós, conforme nos foram transmitidos por aqueles que desde o início foram *testemunhas oculares* e *servos da palavra*. Eu mesmo investiguei tudo cuidadosamente, desde o começo, e decidi escrever-te um *relato ordenado*, ô excelentíssimo Teófilo, para que tenhas a *certeza das coisas que te foram ensinadas*” (Lc 1.1-4, grifo nosso). Este texto introdutório mostra a seriedade do trabalho de pesquisa executado por Lucas ao procurar as melhores fontes de informação – as “testemunhas oculares” e os “servos da palavra”, mui provavelmente em alusão aos apóstolos –, para que assim pudesse obter um relato fidedigno dos *fatos*. Na sequência ele inicia uma narrativa histórico-cronológica que precede à concepção de Jesus, passa por seu nascimento, narra seu ministério e, ao final, termina registrando a ressurreição de Cristo e Sua ascensão aos céus, conforme explicitado pelo texto a seguir: “Tendo-os levado até as proximidades de Betânia, Jesus ergueu as mãos e os abençoou. Estando ainda a abençoá-los, ele os deixou e foi elevado ao céu. Então eles o adoraram e voltaram para Jerusalém com grande alegria. E permaneciam constantemente no templo, louvando a Deus” (Lc 24.50-53). Quanto à composição dos demais escritos do Novo Testamento, vide *refutação bíblica c* da questão 15.

b. Especificamente quanto aos evangelhos bíblicos, é falsa a afirmação que “quaisquer evangelhos que descrevessem aspectos terrenos da vida de Jesus precisavam ser omitidos da Bíblia”, pelo simples fato de que o Novo Testamento aponta diversas características humanas de Jesus, conforme vemos nos textos abaixo:

- i. “Então Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo Diabo. Depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, *teve fome*” (Lc 4.1-2).
- ii. “Levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a *entristecer-se* e a *angustiar-se*. Disse-lhes então: “A minha alma está profundamente triste, numa tristeza mortal. Fiquem aqui e vigiem comigo” (Mt 26.37-38).
- iii. “De repente, uma violenta tempestade abateu-se sobre o mar, de forma que as ondas inundavam o barco. *Jesus, porém, dormia*” (Mt 8.24).

Ora, se *ter fome*, *tristeza* e *dormir* não são aspectos humanos, Brown precisa redefinir para nós o que quer dizer com a expressão “aspectos terrenos”!

c. Além de demonstrar as *características humanas* de Jesus, os evangelhos também apontam sua *autoridade divina* tanto em *curar* como em *perdoar pecados*, conforme vemos em Lc 5.17-26:

Certo dia, quando ele [Jesus] ensinava, estavam sentados ali fariseus e mestres da lei, procedentes de todos os povoados da Galiléia, da Judéia e de Jerusalém. *E o poder do Senhor estava com ele para curar os doentes.* Vieram alguns homens trazendo um paralítico numa maca e tentaram fazê-lo entrar na casa, para colocá-lo diante de Jesus. Não conseguindo fazer isso, por causa da multidão, subiram ao terraço e o baixaram em sua maca, através de uma abertura, até o meio da multidão, bem em frente de Jesus. Vendo a fé que eles tinham, Jesus disse: “Homem, os seus pecados estão perdoados”. Os fariseus e os mestres da lei começaram a pensar: “Quem é esse que blasfema? Quem pode perdoar pecados, a não ser somente Deus?” Jesus, sabendo o que eles estavam pensando, perguntou: “Por que vocês estão pensando assim? Que é mais fácil dizer: ‘Os seus pecados estão perdoados’, ou: ‘Levante-se e ande’? Mas, para que vocês saibam que *o Filho do homem tem na terra autoridade para perdoar pecados*” disse ao paralítico “eu lhe digo: Levante-se, pegue a sua maca e vá para casa”. Imediatamente ele se levantou na frente deles, pegou a maca em que estivera deitado e foi para casa louvando a Deus. Todos ficaram atônitos e glorificavam a Deus, e, cheios de temor, diziam: “Hoje vimos coisas extraordinárias!”.

- d. Como conclusão, vemos que pelos relatos bíblicos Jesus era considerado tanto divino como humano. Definir como isso era possível tem inquietado diversos céticos e teólogos ao longo dos séculos (e o faz ainda hoje). Contudo, o cristianismo tem aceitado a divindade de Jesus desde o Século I, conforme atesta o Novo Testamento composto pouco tempo após Sua ressurreição.

HISTÓRICA

- a. Aparentemente Brown não nega que os livros do Novo Testamento tenham sido escritos no primeiro século. Seu argumento é que estes livros foram escolhidos por Constantino apenas em 325 d.C.. Por se tratar de uma explicação um tanto quanto extensa, abordamos a questão da composição do Cânon no Apêndice 1.
- b. Brown também não afirma explicitamente que os evangelhos são falsos, mas busca sustentar que estes evangelhos seriam incompletos, isto é, não retratariam toda a vida de Jesus. Na *refutação bíblica b* vimos que os aspectos humanos da vida de Jesus são sim retratados nos evangelhos bíblicos, de modo que a preocupação de Brown não é com os aspectos humanos *em si*, mas sim com a ausência do relato do suposto casamento de Jesus. Todavia, já vimos nas questões 1, 3 e 19 que nem mesmo os evangelhos gnósticos falam sobre o suposto casamento de Jesus, evidenciando que a tese de Brown não passa de especulação historicamente infundada.
- c. Quanto ao Novo Testamento, de fato não foi toda a vida de Jesus que foi descrita nos evangelhos – apenas sua mensagem e *feitos mais relevantes*^{ww}. Neste sentido o apóstolo João escreveu que “Jesus fez também muitas outras coisas. Se cada uma delas fosse escrita, penso que nem mesmo no mundo inteiro haveria espaço suficiente para os livros que seriam escritos” (Jo 21.25).

LÓGICA

- a. Não há fundamento para a informação extrapolada de 80 evangelhos^{xx}. Todavia, ainda que existissem mil deles, todos os livros ou evangelhos candidatos a “obras inspiradas” teriam que passar pelo coerente filtro que a Igreja adotara: i) Ter sido escrito por um apóstolo ou pessoa ligada a eles; ii) Não contradizer outras escrituras conhecidas (o Antigo Testamento, por exemplo) e iii) ter uso edificante na igreja, conforme mostramos na *refutação histórica b* da questão 15. Lembramos que este critério não foi só usado para os quatro evangelhos, mas para todo o Novo Testamento.
- b. Ao afirmar que o Novo Testamento é uma colagem de Constantino, Dan Brown negligencia quase 300 anos de história da Igreja e história secular, as quais atestam a divindade de

^{ww} Caso Jesus tivesse se casado, este seria *um fato relevante* e digno de ser incluído nos evangelhos. Como os evangelhos nada falam sobre este suposto casamento, a conclusão é óbvia: tal casamento jamais existiu! Sobre as razões para Jesus não ter se casado, vide *conclusão* da questão 4.

^{xx} Até o que se sabe, são 26 os evangelhos extra-canônicos reconhecidos. Todavia, como Brown afirma (sem evidências) que muitos livros foram exterminados, só nos resta concluir que o número de 80 evangelhos é mais um dos muitos desatinos do autor.

Jesus muito antes do Concílio de Nicéia. Conforme mostramos na questão 22, a crença na divindade de Jesus é coberta por uma série de relatos cristãos e não-cristãos. A evidência mostra que Brown ou é mau historiador ou mal intencionado. Ou ambos.

CONCLUSÃO

- a. Especificamente quanto à pergunta “Como se formou o Novo Testamento?”, a resposta é a demonstração disponível no *Apêndice 1*, onde há uma breve descrição de como os escritos apostólicos foram ganhando cada vez mais autoridade dentro das igrejas recém estabelecidas.
- b. De forma mais ampla, ao longo desta questão nos dedicamos a mostrar que o Novo Testamento contém a descrição tanto da vida como dos ensinamentos de Jesus, englobando sim diversos aspectos terrenos de Sua estada entre nós. O NT contém também preciosas instruções para a formação e manutenção da Igreja, as quais têm se mostrado válidas ainda hoje – e o serão até a consumação dos séculos.
- c. Particularmente quanto aos evangelhos bíblicos, eles são o relato da manifestação físico-temporal de Cristo na História. Foram escritos por inspiração divina e compilados com a orientação do Espírito Santo (vide *refutação bíblica a* da questão 14). Neles Jesus é a revelação máxima de Deus (Hb 1.1-4).
- d. Até mesmo a história secular (vide questão 22) tem mostrado que a crença na divindade de Jesus é bem anterior ao século IV, de modo que é completamente falacioso o argumento que diz que Jesus foi “tornado divino” apenas após o Concílio de Nicéia.
- e. A integridade do Novo e do Antigo Testamento é umas das maiores evidências da autoridade bíblica – ambos revelam que a salvação só pode ser obtida por intermédio de Jesus Cristo, o Messias.

17. O que é o documento “Q”?

ACUSAÇÃO

Jesus mantinha um registro escrito de seus feitos. Este documento tem sido guardado pelo Priorado de Sião, e certamente é a fonte mais fidedigna do ministério de Cristo.

Após afirmar que testemunhas oculares da descendência de Jesus registraram a história dele com Maria Madalena, é dito: “*Também se diz que parte do tesouro é o lendário Documento “Q”, um manuscrito que até mesmo o Vaticano admite crer que exista. Supostamente, trata-se de um livro contendo os ensinamentos de Jesus, talvez escrito por ele mesmo. [...] Por que Jesus não manteria um diário de seu ministério? A maioria das pessoas fazia isso naquela época.*” (OCDV, pg. 242)

REFUTAÇÃO

LÓGICA

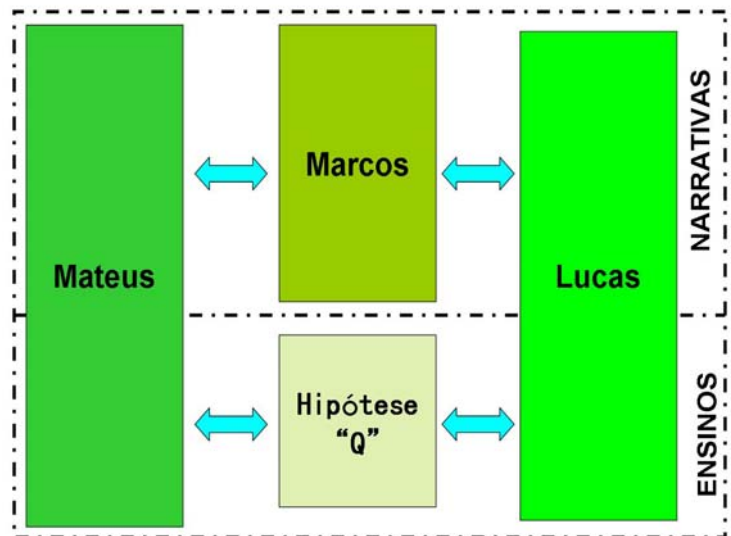
- a. Brown diz que a semelhança entre os evangelhos indica que eles foram baseados em uma fonte comum, a saber, no chamado *Documento Q*. Todavia, tal semelhança não se justifica necessariamente em um suposto documento escrito por Jesus, mas sim pela simples *convivência dos apóstolos com Ele*. Cremos que Jesus não deixou escritos pelo fato de não existir qualquer menção deste suposto *documento Q* em nenhum dos evangelhos. Muitas citações do Novo Testamento vêm do Antigo Testamento, e seria no mínimo estranho os evangelistas citarem o Antigo Testamento e não citarem os escritos de Jesus. Se há citações do Antigo Testamento e nada é dito sobre o conjunto de textos escritos por Jesus, infere-se que este último simplesmente jamais existiu.
- b. Quando registram as palavras de Jesus, os autores dos evangelhos inserem expressões do tipo “Jesus disse”, e nunca “Jesus escreveu” ou “Jesus registrou”; isso prova que a convivência dos discípulos permitiu que eles tivessem visto o mestre *proferindo* tais palavras. Já as citações do Antigo Testamento são acompanhadas pela expressão “...para que se cumprisse a Escritura...” (Conforme Jo 17.12 e outros), atestando que o evento relatado era o cumprimento de profecias a respeito de Jesus que se encontravam no Antigo Testamento.
- c. Se Jesus tivesse realmente deixado escritos, será mesmo que eles se perderiam ou seriam ocultados? Tal hipótese é bastante implausível, uma vez que objetos muito menos representativos – como o “santo sudário” ou “lascas da cruz” – são quase que idolatrados por alguns ramos do cristianismo.
- d. Quanto o autor do Código fala sobre “o lendário documento Q”, ele vende a idéia de que realmente há um manuscrito escrito por Jesus com o Priorado de Sião. Contudo, se Jesus de fato tivesse escrito um documento, dada sua importância, certamente várias cópias teriam sido feitas (pelo menos foi este o processo de cópias ocorrido com os livros do Novo Testamento – vide questão 15, *refutação histórica a*). Por simples analogia, as cópias de Q teriam então se perpetuado de forma similar aos livros do Novo Testamento, e fatalmente teriam sido integradas à Bíblia. Como não há sequer uma cópia do suposto Documento Q disponível (exceto na mente de Brown), infere-se com bastante segurança que o documento não exista.

HISTÓRICA

O *Documento Q* citado por Brown seria mais bem definido pelo termo *hipótese Q*, pois trata de uma especulação teórica, e não de uma evidência factual baseada em um documento real. A *hipótese Q* (a letra “Q” vem do alemão *Quelle*, que quer dizer “fonte”) é uma doutrina proposta por biblistas cristãos no século XIX, onde eles tentam explicar as semelhanças de Mateus e Lucas que não constam em Marcos. O material comum aos três evangelhos são *narrativas* a respeito de Jesus, ao passo que Mateus e Lucas registrar adicionalmente os *ensinos* de Cristo⁹⁶.

Segundo a *hipótese Q*, só Mateus e Lucas tiveram acesso a um documento que Marcos não conhecera, e alguns teólogos propõem que este documento teria sido escrito pelo próprio Jesus.

Todavia, a *hipótese Q* é mera conjectura, e seria estranho os próprios autores bíblicos não fazerem referência ao material, uma vez que era comum a citação de escritos conhecidos ao longo dos evangelhos (Mt 4.4; Mc 1.2; Lc 2.23; Jo 2.17; etc.). Muito mais fácil é explicar que Mateus e Lucas, além de *narrar os fatos*, desejaram também *descrever os ensinios* de Jesus aos seus leitores, pois Mateus desejava provar para os judeus que os ensinios de Jesus eram condizentes com o do Messias esperado, e Lucas, escrevendo a Teófilo, desejava dar um relato completo da pessoa de Cristo. Marcos, que escrevia aos crentes de Roma, simplesmente se propôs a um evangelho mais sucinto, se atendo apenas a narrar os fatos que Pedro presenciara. Quanto às semelhanças encontradas entre Mateus e Lucas sobre a descrição dos *ensinios* de Jesus, a própria convivência dos apóstolos com Cristo é a fonte das coincidências, e não necessariamente possíveis registros deixados por Ele.



Como há material em Mateus e Lucas que não existe em Marcos, alguns biblistas levantaram a hipótese de Mateus e Lucas terem tido acesso a um documento que Marcos não conheceu. Esta especulação teórica recebeu o nome de Hipótese "Q".

Figura 26

BÍBLICA

- O conteúdo dos evangelhos é apenas uma pequena amostragem do que Jesus fez e ensinou: "Jesus fez também muitas outras coisas. Se cada uma delas fosse escrita, penso que nem mesmo no mundo inteiro haveria espaço suficiente para os livros que seriam escritos" (Jo 21.25). Assim, os evangelhos não descrevem todos os fatos da vida de Jesus, contudo relatam tudo aquilo que precisamos saber sobre Ele. Dentro desta "liberdade" de descrever apenas aqui que julgavam interessante, vemos que Marcos é um evangelista mais direto. Sem delongas, ele inicia seu relato dizendo: "Princípio do evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus" (Mc 1.1). O fato de ser mais sucinto em sua exposição não faz de Marcos menos digno de crédito do que os outros evangelistas, muito menos permite que se conclua que ele não dispusesse do suposto *documento "Q"*. Como já dissemos, foi apenas uma opção sua não registrar os *ensinios* de Jesus.
- Não há sentido em alegar, como alguns podem pensar, que tenha ocorrido por parte dos evangelistas uma tentativa de se "esconder" o suposto livro escrito por Jesus. Isso porque foi aos Seus próprios discípulos que Jesus delegou a tarefa de continuar a igreja ao dizer-lhes: "mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra" (At 1.8 – ARA). Este *testemunho* foi dado tanto em vida quanto após a morte dos apóstolos, haja vista que seus ensinios se perpetuam através do Novo Testamento.
- Parece que Dan Brown cita a *hipótese Q* para tentar diminuir a importância dos evangelhos, pois o documento supostamente escrito por Jesus teria, em tese, maior autoridade, colocando assim em descrédito os evangelhos bíblicos. Todavia, o próprio Jesus refuta a ideia de não validade de textos sagrados escrito por outros, pois endossa os escritos dos profetas que o antecederam ao ordenar que fosse seguida a Lei e os Profetas (Mt 22.37-40; Lc 16.31). Aqui Ele se referia ao Antigo Testamento, o qual era "a Bíblia da época". A fala de Jesus revela que a fonte de autoridade não estava em Seus supostos escritos, mas nas *Escrituras Inspiradas por Deus* ao longo da história de Israel (sobre a *Inspiração*, vide *refutação bíblica* a da questão 14).
- No Novo Testamento, fazendo coro ao próprio Cristo, o apóstolo Paulo escreveu: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra" (2Tm 3.16). Assim, a fonte de autoridade não está necessariamente em

quem escreveu o livro, porém em Deus, que é quem o inspirou, isto é, quem orientou o autor a descrever as verdades encontradas na Bíblia. Por isso Pedro diz: “Antes de mais nada, saibam que nenhuma profecia da Escritura provém de interpretação pessoal, pois jamais a profecia teve origem na vontade humana, mas homens [santos] falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo” (2 Pd 1.20-21).

CONCLUSÃO

- a. A *hipótese Q* não é uma prova de escritos de Jesus. Como o nome diz, é apenas uma hipótese, sem nenhuma comprovação factual. Brown fala no suposto *Documento “Q”* visando desacreditar os evangelhos bíblicos. Contudo, ainda que existisse um documento escrito por Jesus, este não desautorizaria as demais Escrituras Sagradas, pois o próprio Jesus havia endossado a validade da Bíblia (Mt 22.37-40; Lc 16.31).
- b. Ademais, é altamente improvável que Jesus tenha deixado registros, pois Ele afirmou que poderia ser conhecido através da leitura da lei e dos profetas (Lc 24.27), outorgando assim autoridade à revelação dada por Deus aos homens que o antecederam. Daqui infere-se que Ele faz o mesmo quando aos homens que o sucederam, a saber, os Apóstolos, os quais escreveram o Novo Testamento. Tanto é que foi a estes Apóstolos que Ele delegou a tarefa de continuar a igreja ao dizer-lhes: “mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis *minhas testemunhas* tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra” (At 1.8 – ARA). Todo o Novo Testamento é parte deste testemunho.

18. O que são os Rolos do Mar Morto?

ACUSAÇÃO

Os rolos do Mar Morto são documentos que falam de um Jesus “mais humano”. Falam também do casamento dele com Maria Madalena.

A respeito dos evangelhos gnósticos, é dito que os manuscritos “são os mais antigos registros cristãos. Estranhamente eles não coincidem com os evangelhos que encontramos na Bíblia”. Citando um trecho do Evangelho de Filipe, é dito “e a companheira do Salvador é Maria Madalena”, e a respeito do verbete “companheira” o livro explica que “como qualquer estudioso do aramaico poderá lhe explicar, a palavra companheira, naquela época, literalmente significava esposa” (todas as citações da pg. 233 de OCDV)

“De acordo com estes evangelhos originais e inalterados [o Evangelho de Maria Madalena e Filipe], não foi a Pedro que Cristo deu instruções para fundar a Igreja Cristã. Foi a Maria Madalena.” (OCDV, pg. 235)



Ruínas de Qumran, local onde foram encontrados os manuscritos do Mar Morto.
Figura 27

REFUTAÇÃO

HISTÓRICA

- a. Também chamados de “Biblioteca de Qumran”, os rolos (ou manuscritos) do Mar Morto foram descobertos no deserto da Judéia a partir de 1948 d.C.. Eles contêm aprox. 800 fragmentos de manuscritos produzidos entre os séculos III a.C. e I d.C., os quais se encontravam dentro de vasos enterrados em onze cavernas da região^{yy}. Os Manuscritos do Mar Morto antecedem em aproximadamente 1000 anos ao texto massorético mais antigo até então conhecido, sendo possível comprovar através deles que o texto do Antigo Testamento foi preservado de maneira extraordinária, isto é, eles mostram que o Antigo Testamento que temos hoje é extremamente fiel aos fragmentos encontrados em Qumran.
- b. A maioria dos historiadores acredita que os documentos pertenciam aos essênios, uma das quatro ramificações do judaísmo na época de Jesus. Vejamos o principal conteúdo do achado:
 - i. Um livro inteiro do Antigo Testamento, o do profeta Isaías;
 - ii. Fragmentos de todos os livros do Antigo Testamento, exceto Ester.

Graças ao conteúdo dos manuscritos, ao contrário do que Brown tenciona, estes documentos têm sido utilizados pelos apologetas cristãos como prova de autenticidade e preservação do Antigo Testamento, não o inverso.
- c. Explicitamos a seguir algumas informações importantes a respeito dos Manuscritos:
 - i. Não há entre eles nenhum evangelho^{yy}, o que torna falsa a informação de que teriam sido encontrados indícios do chamado “Evangelho de Filipe” em Qumran;
 - ii. Por conter basicamente apenas textos do Antigo Testamento, não há neles nenhuma referência a Jesus, nem a Maria Madalena, muito menos ao Graal, de modo que é infundado afirmar que os rolos do Mar Morto apresentam um “Jesus mais humano”.
- d. Em 1972 o Paleógrafo Jesuíta José O’Callahan afirmou ter encontrado citações do Evangelho de Marcos entre os fragmentos de Qumran^{zz}. Este seria o registro mais antigo do Novo Testamento e foi datado como tendo sido escrito no ano 50 d.C

^{yy} Exceto alguns prováveis trechos dos evangelhos bíblicos, conforme proposto pelo Paleógrafo Jesuíta José O’Callahan na *letra d* a seguir.

^{zz} Em função de o material ser de difícil identificação, alguns estudiosos questionam as conclusões de O’Callahan.

- e. Ao contrário do que Brown leva a crer nas pg. 233 e 235 de OCDV, os Evangelhos de Maria Madalena e de Filipe não foram encontrados nos Manuscritos do Mar Morto, e por isso não é necessário refutá-los aqui. Os evangelhos gnósticos são rebatidos na questão seguinte.

LÓGICA

- a. Tendo estudado para poder criar *O Código Da Vinci*, o autor certamente sabe que Jesus não é citado pelos manuscritos em questão, muito menos um suposto casamento dele. Assim, é uma ofensa gratuita ao cristianismo Brown afirmar que “estes documentos falam do ministério de Cristo em termos muito humanos”. A verdade é que os Manuscritos do Mar Morto não têm absolutamente nada que fortaleça o argumento do autor. O único sentido em incluí-los em seu livro é atribuir *histórias irreais* a um *documento real*, pois a estratégia de engano é capaz de convencer ao leitor desinformado.
- b. Vamos mostrar que a citação que Dan Brown faz dos manuscritos do Mar Morto é contrária a sua teoria de que “a Bíblia foi uma colagem composta por Constantino”. O método é simples: quando Dan Brown fala “Bíblia”, a expressão necessariamente se refere ao Antigo e ao Novo Testamento. Como o Antigo Testamento é confirmado pelos manuscritos do Mar Morto (vide *refutação histórica*), e estes manuscritos têm seu conteúdo datado como antes de 100 d.C. (conforme *refutação histórica a*), podemos seguramente afirmar que o Antigo Testamento não foi escolhido por Constantino em 325 d.C.. Com isso, os Manuscritos do Mar mortos confirmam que o Antigo Testamento já havia sido consolidado pelo menos 200 anos do Concílio de Nicéia.

CONCLUSÃO

- a. É totalmente infundada a tese de que os rolos do Mar Morto apontam que Jesus tenha se casado com Maria Madalena, pois os rolos do Mar Morto consistem basicamente de fragmentos do Antigo Testamento.
- b. Na verdade, os Manuscritos do Mar Morto têm sido utilizados muito mais como evidência a favor do cristianismo do que o contrário. Fazendo coro com as *conclusões a e b* da questão 14, os Manuscritos do Mar Morto mostram que Deus tem preservado sua Palavra – a Bíblia – isenta de modificações na mensagem ao longo dos séculos.

19. O que são os documentos de Nag Hammadi?

ACUSAÇÃO

A exemplo dos rolos do Mar Morto, os documentos encontrados em Nag Hammadi apontam que Jesus era casado com Maria Madalena.

“[Os evangelhos gnósticos] são os mais antigos registros cristãos. Estranhamente eles não coincidem com os evangelhos que encontramos na Bíblia”. Citando um trecho do Evangelho de Filipe, é dito “e a companheira do Salvador é Maria Madalena”, e a respeito do verbete “companheira” o livro explica que “a palavra companheira, naquela época, literalmente significava esposa” (todas as citações da pg. 233 de OCDV)

“[os Manuscritos do Mar Morto e o Manuscritos de Nag Hammadi] falam do ministério de Cristo em termos muito humanos.” (OCDV, pg. 223)

“De acordo com estes evangelhos originais e inalterados [o Evangelho de Maria Madalena e Filipe], não foi a Pedro que Cristo deu instruções para fundar a Igreja Cristã. Foi a Maria Madalena.” (OCDV, pg. 235)

REFUTAÇÃO

HISTÓRICA

- a. Os chamados Documentos de Nag Hammadi são *Códices* (manuscritos em forma de livro) descobertos em 1945 d.C.. Escritos em Copta nos séculos II e III, eles se constituem de 48 ou 49 documentos, os quais estão encadernados em 13 Códices de Papiro. A lista completa destes livros está colocada no Apêndice 2. Os evangelhos encontrados em Nag Hammadi são:

Evangelho da verdade – Provavelmente composto por volta de 150 d.C. pelo líder gnóstico Valentino, traz uma meditação especulativa sobre a mensagem cristã⁹⁸. Este evangelho não é citado em OCDV.

Evangelho de Filipe – Existe um único fragmento copta do Evangelho de Filipe, o qual tem sua datação variando entre 180 e 250 d.C.⁹⁹. Embora esteja escrito em Copta, tanto estudiosos cristãos quanto gnósticos afirmam que a versão existente se originou de um texto anterior grego. A exemplo dos outros evangelhos gnósticos, o texto em questão não foi produzido pelo discípulo Filipe, mas sim por gnósticos influenciados pela filosofia e cultura grega^{aaa}. Transcrito logo abaixo da *Acusação*, o texto da pg. 233 de OCDV afirma que a palavra “companheira” encontrada no Evangelho de Filipe significa “esposa”. Para fazermos nossa defesa, faz-se necessário reescrever o texto conforme ele de fato aparece no Evangelho de Filipe:

A Sophia, que é chamada de “a estéril”, é a mãe (dos) anjos. E a companheira do (Salvador é) Maria Madalena. (Cristo amava-a) mais do que (todos) os discípulos (e costumava) beijá-la (frequentemente) em seus (lábios). Os demais (discípulos) ofendiam-se com isso e expressavam sua desaprovação). Eles lhe disseram: “Por que a amas mais do que a todos nós?”. O Salvador respondeu dizendo: “Por que não os amo como a ela? Quando um cego e uma pessoa normal estão juntos na escuridão, não são diferentes um do outro. Quando chega a luz, então, aquele que vê verá a luz, e o cego permanecerá na escuridão”.^{bbb}



Foto dos Códices de Nag Hammadi.
Figura 28

^{aaa} Sobre a autoria dos evangelhos gnósticos, vide questão 1, *refutação histórica d*.

^{bbb} Citação extraída da página http://www.geocities.com/ana_ligia_s/Filipe.html, acessada pela última vez em 30/11/2006. Os textos em parênteses foram completados de modo que o parágrafo se mantivesse semelhante ao texto da pg. 233 de OCDV, uma vez que a tradução de Brown está de acordo com o texto do Evangelho de Filipe

As seguintes considerações devem ser feitas a respeito do texto acima:

- i. Em primeiro lugar, é importante lembrar que os textos entre parênteses não existem no fragmentado texto original, de modo que o conteúdo existente nos parênteses não passa de conjectura. Todavia, ainda que o texto original tivesse nas lacunas um complemento similar ao apresentado, o espanto dos discípulos ao verem Jesus beijar Maria Madalena não favorece a idéia de que fossem casados.
- ii. O estudo de textos antigos parece não ser o forte de Brown, pois a palavra traduzida por *companheira* no Evangelho de Tomé não é aramaica, mas sim copta. Por sinal, a palavra copta **KOI** derivada do grego *Koinonos*, que por sua vez significa “companheiro(a)”^{ccc} no sentido de “amigo(a)” e não de “esposo(a)”.
- iii. Ao contrário do que Brown diz, esposa não é a única tradução para a palavra *companheira*, nem a mais indicada. Extraído de um dicionário interlinear copta-inglês, o termo em questão é **T.KOI**¹⁰⁰, que significa *the-companion* em inglês e literalmente *a companheira* em português. Nosso argumento ganha mais força quando se constata que há duas referências explícitas ao termo “esposa” no Evangelho de Filipe^{ddd}, onde o termo utilizado pelo autor copta é **NOY.EPHY**¹⁰¹, *their-mutuality* em inglês, que em português teria o sentido de *seu(sua)-cônjuge*. Diante do exposto, parece correto concluir que o autor do Evangelho de Filipe usava **KOI** para *companheiro(a)/amigo(a)* e **EPHY** para *esposa/mulher*.
- iv. Ainda sobre o termo traduzido por *companheira* existente no texto sob análise, um glossário¹⁰² encontrado na internet explicitamente informa que o feminino da palavra **KOINΩNOΣ** (*koinonos*) nunca significava *esposa* nos textos gregos. Como **KOI** é um empréstimo do grego *koinonos*, infere-se que também em copta o termo **KOI** não deva ser traduzido por *esposa*, como de fato nenhum tradutor o faz^{eee}.
- v. Se voltarmos ao texto sob análise, veremos que a resposta enigmática (falsamente atribuída a Jesus) à suposta pergunta dos discípulos é complementada pelo texto subsequente. Ali o autor gnóstico informa que todas as pessoas estão na escuridão até atingirem a *gnose*, quanto então passam a enxergar. Segundo o autor, Maria Madalena era cega por ser mulher. Ela estava na escuridão e não poderia enxergar, a não ser que o beijo de Jesus (real ou figurado) a tornasse homem^{fff}, para que assim ela pudesse contemplar a luz. Interpretado pelo ponto de vista gnóstico, o texto não faz alusão a nenhum relacionamento matrimonial^{ggg}.
- vi. Ainda falando sobre o Evangelho de Filipe, existe nele um outro texto contendo um substantivo diferente para a palavra *companheira*. É o termo **KOINΩNOC** (*koinwnos*). Ele é utilizado na seguinte passagem: “Havia três que sempre caminhavam com o Senhor: sua mãe, Maria, sua irmã e Madalena, que era chamada sua companheira. Sua irmã, sua mãe e sua companheira todas chamavam-se Maria”. A exemplo do

em inglês extraído da página <http://www.metalog.org/philip.html>, dito 59 e 60, acessada pela última vez em 03/10/2006.

^{ccc} No Novo Testamento há dez ocorrências da palavra grega *Koinonos* (verbetes 2844 no Léxico Grego de Strong). Sempre a tradução é *companheiro*, *co-participante*, *associado* ou *cúmplice*.

^{ddd} Ocorrência 1: “Ninguém (pode) saber quando (o marido) e a esposa têm relações sexuais, a não ser os dois”.

Ocorrência 2: “Porém, se vêem um homem com sua esposa juntos, a fêmea não pode se aproximar do homem, nem o macho da mulher”. Citações extraídas da página http://www.geocities.com/ana_ligia_s/Filipe.html, acessada pela última vez em 30/11/2006.

^{eee} Para o texto sob análise, todas as traduções encontradas para **KOI** utilizam a palavra *companheira*. Em inglês, os verbetes encontrados foram *companion* (*companheira*, *sócia*, etc) e *mate* (*companheira*, *colega*, *cônjuge*). Note que embora o termo *mate* possa significar *cônjuge*, não parece ser este o sentido pretendido pelo autor da tradução do copta para o inglês. Se o fosse, provavelmente ele teria preferido os termos *wife* ou *woman*, mais específicos). Já o termo **EPHY** sempre é traduzido em português por *esposa* ou *mulher* e em inglês por *wife* (*esposa*) ou *woman* (*mulher* ou *esposa*). Em suma, a análise mostra que **KOI** significa *amiga (companheira)* e **EPHY** significa *esposa*.

^{fff} Raciocínio extraído de outro texto gnóstico, o Evangelho de Tomé: “Eis que a atrairei para fazê-la masculino, para que também se faça um espírito vivo semelhante a vós homens, pois, toda mulher que se transforma em varão entrará no reino dos céus” (dito 114).

^{ggg} Se corretamente interpretados, nenhum texto gnóstico faz alusão a uma relação marital de Jesus. Uma breve exposição sobre esta particularidade foi exposta na *refutação histórica* e da questão 1 após discorrer sobre uma citação do Evangelho de Maria Madalena (*refutação histórica c* da mesma questão).

descrito nos itens *ii* a *iv* acima, a palavra não tem conotação matrimonial, sendo um substantivo semelhante a *KOI*. Como vimos, o termo próprio para esposa seria *ΕΡΗΥ*.

Evangelho de Tomé – Provavelmente composto entre 140 e 170 d.C.¹⁰³, contém 144 “ditos secretos” de Jesus. De acordo com o conteúdo do livro, as declarações são feitas pelo Cristo ressurreto. Claramente um documento gnóstico, o *Evangelho de Tomé* trás a seguinte afirmação no dito 11: “A salvação só é possível para aqueles que entendem isso e adquirem o conhecimento necessário para fugir do corpo”. A afirmação sob análise revela a incompatibilidade entre a doutrina gnóstica e o cristianismo ortodoxo, uma vez que este último afirma que a salvação não se dá pelo conhecimento, mas sim por Cristo, conforme diz At 4.11-12:

Este Jesus é “a pedra que vocês, construtores, rejeitaram, e que se tornou a pedra angular”. Não há salvação em nenhum outro, pois, debaixo do céu não há nenhum outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos.

Outra questão interessante no *Evangelho de Tomé* é a evidência de que ele é oposto à tese de Brown quanto ao sagrado feminino. Segundo o *Evangelho de Tomé*, Jesus disse: “Toda Mulher que se fizer homem entrará no reino dos céus” (dito 114). O texto mostra que nem o *Evangelho de Tomé* faz alusão ao suposto desejo de Jesus em restaurar o sagrado feminino. Para ser coerente consigo mesmo, ou Dan Brown deve rejeitar o *Evangelho de Tomé* como documento confiável, ou ele deve rejeitar a crença no sagrado feminino. A Bíblia rejeita ambos.

Evangelho de Maria Madalena^{hhh}– Segundo Darrel L Buck, o texto foi composto na segunda metade do século III, cerca de 200 anos após a época de Jesus¹⁰⁴. Bill Mitchell, especialista em tradução da Bíblia, resume o histórico do *Evangelho de Maria Madalena* com as seguintes palavras: “Esse texto é atribuído a Maria Madalena e foi preservado em dois fragmentos gregos do terceiro século (P. Rylands 463 e P. Oxyrhynchus 3525), bem como num manuscrito copta fragmentário do quinto século (Berolinensis Gnosticus 8052,1). O livro provavelmente foi escrito em língua grega no final do segundo século. Contém idéias a respeito de salvação que são muito parecidas com as que se encontram em outros textos gnósticos. O texto pertence ao gênero conhecido como ‘diálogo gnóstico’ e reflete algumas das tensões que surgiram no cristianismo do segundo século. Pedro e André representam o ponto de vista ortodoxo que nega o valor das visões e rejeita a autoridade de mulheres para ensinarem na igreja. Maria aparece como estando acima de tudo isso, por causa de um relacionamento especial com Jesus”¹⁰⁵. Para ver mais sobre um trecho específico do *Evangelho de Maria Madalena* citado pelo Código, vide questão 1, *refutação histórica c*.

- b. Quando comparados, os evangelhos gnósticos se mostram bastante inferiores aos evangelhos bíblicos. Citamos apenas os seguintes aspectos quanto aos textos gnósticos:
 - i. Eles ignoram, por exemplo, a paixão e morte de Jesus. Diante desta realidade, é infundada a tese de Brown de que os gnósticos descrevem Jesus em termos “muito humanos”. O que vemos é exatamente o contrário, isto é, os evangelhos bíblicos é quem melhor descrevem os aspectos humanos da vida de Jesus.
 - ii. Neles não há descrições geográficas, nem informações sobre os líderes políticos e religiosos do tempo de Jesus, nem citações das festas judaicas (que permitiriam colocar os eventos em ordem cronológica), nem mesmo descrição sobre a família de Jesus. A quase totalidade dos textos gnósticos não passa de mensagem especulativa a respeito de supostos ditos e segredos de Jesus. Em suma, estes textos são um conjunto de doutrinas dispare, e não um registro de fatos.
 - iii. Absolutamente todos os evangelhos gnósticos foram escritos posteriormente aos evangelhos bíblicos, de modo que não é possível que tenham sido escritos pelos

^{hhh} Alguns autores informam, erroneamente, que o *Evangelho de Maria Madalena* é um dos documentos de Nag Hammadi. Tal informação não procede, mas a colocamos nesta questão justamente em função da sua constante ligação indevida com Nag Hammadi. Na verdade, o *Evangelho de Maria* (o complemento “Madalena” é uma inferência) é o primeiro tratado do Códice Berolinensis. Ele foi adquirido no Cairo por C. Reinhardt e tem sido conservado, desde 1896, no departamento de Egiptologia dos Museus Nacionais de Berlim. Ele foi encontrado num antiquário da cidade de Achmin. A cópia em questão é do início do século V.

discípulos de Jesus (vide questão 1, *refutação histórica d*). Tanto a *data tardia* quanto a *falsa autoria* os tornam menos aptos a relatar a vida de Cristo.

- iv. Limitam-se especialmente a exposição de “pensamentos” como fonte de sabedoria, sendo que estes pensamentos se opõe tanto ao Novo quanto ao Antigo Testamento. Os evangelhos bíblicos, por sua vez, se harmonizam tanto com o Antigo quanto com o Novo Testamento, conforme pode ser visto na figura 23 (pg. 83). A compatibilidade com os outros textos bíblicos torna os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João mais dignos de crédito.
- v. Possuem contradições e doutrinas no mínimo “estranhas”, do tipo afirmar que Maria Madalena deveria se tornar homem.

CONCLUSÃO

Ao falar sobre os evangelhos gnósticos, Brown faz uma rara colocação correta ao dizer que “estranhamente eles não coincidem com os evangelhos que encontramos no Bíblia” (OCDV, 233). Para encontrar a razão da diferença, comparemos as duas correntes doutrinárias. O autor bíblico Lucas afirmou: “*Muitos* já se dedicaram a elaborar um *relato dos fatos que se cumpriram entre nós*, conforme nos foram transmitidos por aqueles que desde o início foram *testemunhas oculares* e servos da palavra. Eu mesmo investiguei tudo cuidadosamente, desde o começo, e decidi escrever-te um *relato ordenado*, ó excelentíssimo Teófilo, para que tenhas a certeza das coisas que te foram ensinadas” (Lc 1.1-4). Do outro lado, o autor do Evangelho de Tomé diz: “Estes são os *ensinamentos ocultos* expostos por Jesus, o vivo, que Judas Tomé, o gêmeo, escreveu. E ele disse: ‘Quem descobrir o significado interior destes ensinamentos não provará a morte’. Jesus disse: ‘Aquele que busca continue buscando até encontrar. Quando encontrar, ele se perturbará. Ao se perturbar, ficará maravilhado e reinará sobre o Todo’ ” (Evangelho de Tomé, ditos 1 e 2). Vimos que Lucas relata fatos da vida de Jesus *presenciados por muitos*. Em contrapartida Tomé relata *experiências ocultas*, que não podem sequer serem comprovadas. Este pequeno exemplo claramente revela a superioridade dos evangelhos bíblicos. Ele explica a falta de coincidência entre os textos bíblicos e os gnósticos.

SEÇÃO 5 – Pessoas

20. Quem foi Maria Madalena?

ACUSAÇÃO

Maria Madalena foi marginalizada como uma prostituta para que assim seu papel de esposa de Jesus fosse encoberto.

“A igreja precisou difamar Maria Madalena para encobrir o perigoso segredo dela – seu papel como Santo Graal. [...] (Leonardo) da Vinci sabia disso. A Última Ceia praticamente proclama àqueles que a contemplam que Jesus e Maria Madalena eram um casal.” (OCDV, pg. 231)

REFUTAÇÃO

LÓGICA

Simplemente não faz sentido afirmar que Maria Madalena foi marginalizada como prostituta. Isso porque tanto o cristianismo Ocidental como o Oriental a consideravam (e consideram) Santa, conforme mostra a primeira imagem da *figura 29* e a *refutação histórica b*. Além disso, há diversas igrejas cristãs construídas em sua homenagem, fato este que impede dizer que ela foi perseguida desde os primórdios da igreja.

Também não há a menor evidência de que Pedro (séc. I) ou Constantino (séc. IV) lhe tivessem difamado. Na verdade, sua difamação só ocorreu séculos depois (séc. VI, conforme explicitado na *refutação histórica a*), de modo que é falacioso o argumento da conspiração.

HISTÓRICA

- a. Especificamente quanto à difamação de Maria Madalena, temos que antes da renascença sua imagem era de uma mulher de virtudes. No ano 591 d.C. o Papa Gregório a associou erroneamente a prostituta descrita em Lc 7, criando assim a falsa idéia de que Maria Madalena fora uma prostituta antes de conhecer Jesus. Todavia, em 1969 d.C. o Vaticano se retratou do equívoco. Com isso, vemos que Maria Madalena não foi difamada nem por Pedro e nem por Constantino – conforme *O Código Da Vinci* faz pensar –, mas sim um Papa em época bem posterior ao início do cristianismo.

- b. Documentos anteriores ao erro do Papa Gregório revelam que Maria Madalena era tida em alta honra nos primórdios da igreja. Amy Welborn informa que “Hipólito, ao escrever em Roma no final do século 2 e início do século 3, descreve Maria Madalena com a Nova Eva, cuja fidelidade se opõe ao pecado de Eva no Jardim do Éden. Ele também chama Maria Madalena ‘o apóstolo para os apóstolos’. Santo Ambrósio e Santo Agostinho, ambos escrevendo mais ou menos um século depois, também falam de Maria Madalena como a Nova Eva”¹⁰⁶. Conforme dito na questão 12, embora a referência a Eva possa dar conotação marital a Maria Madalena (uma vez que, segundo a Bíblia, Jesus é o novo Adão), o intuito dos autores da comparação não era esse; antes, citavam Maria Madalena como exemplo de mulher a ser seguida – em oposição a Eva no passado – em função da sua fé. Já o substantivo *apóstolo* lhe é outorgado porque literalmente significa “mensageiro” ou “enviado”; assim, o termo “apóstolo para os apóstolos” provavelmente foi



Até o século V Maria Madalena era considerada Santa, conforme mostra a auréola ao redor de sua cabeça na figura da esquerda.

Após o Papa Gregório associá-la injustamente a prostituta de Lc 7, Maria Madalena teve sua iconografia modificada para a imagem de prostituta, conforme visto na imagem à direita.

Figura 29

usado em função de ter sido Maria Madalena quem primeiro levou aos apóstolos a notícia de que Jesus havia ressuscitado, conforme relata Mc 16.9-11.

- c. A certa altura Brown afirma que Maria Madalena teria ido para a França para fugir dos partidários de Pedro. A idéia de Maria Madalena ter *fugido* é fictícia e não consta em nenhum registro antigo. Na verdade, a lenda da fuga de Maria é uma doutrina esotérica do século XIX (maiores detalhes, vide questão 1, *refutações históricas f e g*).
- d. A própria ida ou não de Maria Madalena a França é incerta. Isso porque, segundo a tradição católica, Maria Madalena foi para o sul da França, em Provença, a fim de evangelizar as pessoas daquela região. Já a tradição cristã oriental afirma que ela foi a Éfeso e lá evangelizou com o apóstolo João¹⁰⁷. A discrepância entre a tradição Católica (oriental) e a tradição Ortodoxa (ocidental) impede afirmar com segurança o real destino de Maria Madalena, de modo que é praticamente impossível reconstruir com precisão sua história no período posterior à ressurreição de Jesus.
- e. Brown induz o leitor a crer que a difamação de Maria Madalena visava encobrir o suposto casamento dela com Jesus. Informamos que tal hipótese já foi refutada na questão 1. Quanto à polêmica de Leonardo ter feito ou não referência ao suposto casamento de Jesus em *A Última Ceia*, vide questões 6 e 7.

BÍBLICA

- a. Segundo a Bíblia, eis as corretas interpretações de quem foi Maria Madalena:
 - i. Maria Madalena, junto com outras mulheres, prestava grande auxílio ao ministério de Jesus: *“Depois disso Jesus ia passando pelas cidades e povoados proclamando as boas novas do Reino de Deus. Os Doze estavam com ele, e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e doenças: Maria, chamada Madalena, de quem haviam saído sete demônios; Joana, mulher de Cuza, administrador da casa de Herodes; Susana e muitas outras. Essas mulheres ajudavam a sustentá-los com os seus bens”* (Lc 8.1-3).
 - ii. Maria Madalena foi a primeira a ver ao Cristo ressurreto, e esta primazia lhe conferiu grande honra no início do cristianismo: *“Maria, porém, ficou à entrada do sepulcro, chorando. Enquanto chorava, curvou-se para olhar dentro do sepulcro e viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde estivera o corpo de Jesus, um à cabeceira e o outro aos pés. Eles lhe perguntaram: ‘Mulher, por que você está chorando?’ ‘Levaram embora o meu Senhor’, respondeu ela, ‘e não sei onde o puseram’. Nisso ela se voltou e viu Jesus ali, em pé, mas não o reconheceu. Disse ele: ‘Mulher, por que está chorando? Quem você está procurando?’ Pensando que fosse o jardineiro, ela disse: ‘Se o senhor o levou embora, diga-me onde o colocou, e eu o levarei’. Jesus lhe disse: ‘Maria!’ Então, voltando-se para ele, Maria exclamou em aramaico: ‘Rabôni!’ (que significa ‘Mestre!’). Jesus disse: ‘Não me segure, pois ainda não voltei para o Pai. Vá, porém, a meus irmãos e diga-lhes: Estou voltando para meu Pai e Pai de vocês, para meu Deus e Deus de vocês’. Maria Madalena foi e anunciou aos discípulos: ‘Eu vi o Senhor!’ E contou o que ele lhe dissera”* (Jo 20.11-18).
 - iii. Outra passagem, falando do encontro de Jesus com Maria Madalena e a outra Maria após sua ressurreição, diz: *“De repente, Jesus as encontrou e disse: ‘Salve!’ Elas se aproximaram dele, abraçaram-lhe os pés e o adoraram”* (Mt 28.9). Esta passagem é importante em dois aspectos: primeiro, prova que o tratamento dispensado pelas duas mulheres foi exatamente o mesmo, ou seja, nenhuma era “mais chegada” a Jesus do que a outra, de modo que cai por terra a idéia de casamento ou preferência de Jesus por Maria Madalena; segundo, o ato das mulheres adorarem a Jesus revela que elas o consideravam Deus, uma vez que para o judeu só Deus deveria ser adorado (conforme Ex 20.1-5).
- b. O nome Maria é bastante comum na Bíblia, o que exige um cuidado especial ao identificar cada uma delas. Maria Madalena, por exemplo, recebe este nome porque provavelmente era da aldeia de Magdala (ou Magdalena), localizada na praia ocidental do Mar da Galiléia¹⁰⁸. Alguns dos autores esotéricos utilizados por Brown associam erroneamente Maria Madalena à Maria irmã de Marta e de Lázaro, uma família que vivia em Betânia. Aqui está implícito que ambas não podem ser a mesma pessoa, pois está claro que uma é da aldeia de Magdala e a outra de Betânia.

CONCLUSÃO

Maria Madalena foi a primeira pessoa que viu Jesus após a ressurreição. Ela foi considerada santa nos primórdios da cristandade, até que em 591 d.C. o Papa Gregório erroneamente a associou a uma prostituta. Todavia, o erro do Papa Gregório não pode ser utilizado para sustentar a tese de que existiu uma conspiração contra Maria Madalena, pelo simples fato do erro ser bem posterior ao Concílio de Nicéia.

21. Quem foi e o que fez Constantino?

ACUSAÇÃO

Constantino foi um pagão que “paganizou” o cristianismo.

Os cristãos e pagãos começaram a lutar entre si, e o conflito chegou a proporções tais que ameaçou dividir Roma ao meio. Constantino viu que precisava tomar uma atitude. Em 325 d.C., ele resolveu unificar Roma sob uma única religião: o cristianismo. [...] (Constantino) enxergou a ascensão do cristianismo e simplesmente apostou no cavalo que estava vencendo.” (OCDV, pg 220)

“(Constantino) foi pagão a vida inteira, batizado apenas na hora da morte.” (OCDV, pg. 220)

Constantino tirou vantagem da substancial influência e importância de Cristo. E, ao fazer isso, moldou a face da cristandade como a conhecemos hoje em dia.” (OCDV, pg. 222)

REFUTAÇÃO

HISTÓRICA

- a. Segundo a história, Constantino converteu-se em 312 d.C., e no ano seguinte proclamou a liberdade religiosa no Império (Édito de Milão). Pouco tempo após sua conversão, o cristianismo foi confrontado pela doutrina de Ário, que em sua obra chamada *Thalia* considerava Jesus divinoⁱⁱⁱ, porém negava que Ele fosse Deus (vide Apêndice 3). A polêmica criada rapidamente se alastrou, colocando em risco a unidade da igreja. Constantino temia que a controvérsia chegasse ao ponto de dividir a Igreja, o que, na visão dele, seria pior que uma guerra, pois o assunto religioso envolvia a alma eterna¹⁰⁹. O Concílio de Nicéia foi então convocado para tratar prioritariamente desta questão, e não para “paganizar” o cristianismo, conforme diz Brown.
- b. A conversão de Constantino de fato foi um marco na história do cristianismo, porém não da forma apresentada pelo Código. Na época, a maior mudança foi o cristianismo deixar de ser perseguido para se tornar a *religião do Imperador* (e não a *religião do império*). Conforme informa Brown, o fim da perseguição representou um ganho óbvio para o cristianismo: agora os cristãos estavam livres para publicamente adorarem a Cristo. Contudo, o lado negativo da história é que a doutrina cristã passou a ser seguida também por antigos pagãos, muitas vezes não-convertidos, que gradativamente começaram a inserir crenças estranhas ao cristianismo dentro da igreja. Surgiram muitos cristãos apenas nominais, fazendo com que as bases da igreja ficassem expostas ao problema da chegada de pseudo-cristãos que não seguiam a fé cristã conforme se esperava.
- c. Quanto a acusação de Constantino ser “batizado apenas na hora da morte”, vejamos a explicação dada por Amy Welborn: “Não era fora do comum para aqueles que desejavam tornar-se cristãos esperar até quase a hora da morte para serem batizados, especialmente aqueles que ocupavam posições cujo exercício podia envolver algum pecado como tirar a vida de outra pessoa. O pecado pós-batismal era encarado muito seriamente naquele tempo, e a pena para pecados graves incluía algo que se aproxima da excomunhão da comunidade cristã”¹¹⁰.
- d. É difícil definir se Constantino foi apenas um simpatizante ou se de fato tornou-se Cristão. Sabe-se que ele sempre atribuiu suas vitórias militares ao Deus dos cristãos, mas em contrapartida ele não aboliu práticas incompatíveis com a fé cristã, pois manteve o título de *pontifex maximus* (uma espécie de sumo sacerdote da religião pagã), mantendo também o velho culto ao imperador¹¹¹. Além disso, certo autor diz que “parece que Constantino cria mesmo no poder de Jesus Cristo. [...] Para Constantino o Deus dos cristãos era um ser extremamente poderoso, que estava disposto a ajudá-lo sempre e quando ele favorecesse os seus fiéis. Quando Constantino, portanto, começou a construir igrejas e proclamar leis favoráveis ao cristianismo, ele não estava tanto buscando o favor dos cristãos, mas o do seu

ⁱⁱⁱ Precisamos contextualizar a palavra *divino* aqui utilizada. Segundo os autores de *Os 100 acontecimentos mais importantes do Cristianismo* (pg. 39), Jesus era, na visão de Ário, “um tipo de super-herói divino, não muito diferente dos heróis humanos-divinos da mitologia grega”.

Deus. Este Deus lhe tinha dado a vitória na Ponte Mílvio, e muitas outras que se seguiram”¹¹². Contudo, segundo o mesmo autor, “Constantino interpretava a fé em Jesus Cristo de uma maneira que não o impedia de adorar outros deuses”. Diante deste quadro, fica difícil definir se Constantino de fato se converteu ou se ele era apenas um admirador do Deus dos cristãos. Todavia, tal incerteza não permite afirmar que ele pagанизou o cristianismo.

- e. Ao contrário do que é dito pelo Código, Constantino não fez do cristianismo a religião oficial do Império¹¹³. Na verdade, o cristianismo só se tornou a religião oficial do Império durante o governo do Imperador Teodósio, que governou entre 379 d.C. e 395 d.C.¹¹⁴.
- f. Os pontos anteriores mostram que Constantino iniciou a era da não-perseguição à Igreja, e após 70 anos o cristianismo se tornou a religião oficial do império. Aspectos positivos e negativos surgiram como consequência. Segundo Tony Lane, conferencista e doutor em teologia cristã, “muitos hoje considerariam a aliança com o estado e a transformação do cristianismo na religião oficial como sendo, no máximo, uma benção misturada, se não uma maldição de fato”¹¹⁵. Isso porque o cristianismo passou a ser gradativamente maculado por práticas de origem pagã. Como conclusão, reconhecemos que o cristianismo sofreu muitas modificações ao ter se tornado a religião oficial do império. Todavia, é infundada a acusação de que esta modificação tenha sido um golpe conscientemente deliberado por Constantino no intuito de pagанизar o cristianismo, pois, como dissemos, tais modificações não ocorreram durante seu governo.
- g. Brown alega que Constantino “criou” a Bíblia conforme interesses próprios em Nicéia. Aqui há a deturpação de um fato histórico. A verdade por trás desta acusação é que o Imperador determinou que Eusébio de Cesaréia fizesse 50 cópias do Cânon vigente, o qual era exatamente igual ao Novo Testamento de hoje, sendo incerta apenas a presença dos livros de Hebreus e Apocalipse, conforme mostramos no Apêndice 1.
- h. Por fim, também é falsa a idéia de que Constantino engenhosamente tenha criado a divindade de Jesus. Tal argumento é mais uma falácia do autor, conforme mostraremos na *refutação histórica* da questão 22. Sobre a incoerência lógica da afirmação de Brown, vide também as *refutações lógicas* da questão 11.

LÓGICA

Ao se converter, Constantino (280-337 d.C.) trás consigo uma “bagagem” pagã contrária ao cristianismo, como, por exemplo, a adoração aos astros. Embora do ponto de vista idealizado o sujeito deva se moldar à nova religião, na prática a posição de Imperador dificultava sua catequese. Isso explica o padrão de comportamento dubio demonstrado por ele (conforme apontado na *refutação histórica d*), aparentando hora um cristão sincero, hora um homem arraigado ao paganismo do passado. Fora esta inconstância, não há nenhum indício de tentativa de unificação religiosa imposta por Constantinoⁱⁱⁱ.

BÍBLICA

Refutando a tese de que Constantino “tornou” Jesus Filho de Deus no Concílio de Nicéia em 325 d.C., citamos que a divindade de Cristo já era expressa em vários textos bíblicos, os quais são comprovadamente datados como pertencentes ao primeiro século de nossa era, tendo sido escritos no mínimo 200 anos antes do Concílio de Nicéia (vide Apêndice 1). Eis alguns textos:

“Princípio do evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus” (Mc 1.1).

“Eu vi e testifico que este é o Filho de Deus” (Jo 1.34).

“Ele é a imagem do Deus invisível, o *primogênito*^{kkk} de toda a criação, pois nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele” (Cl 1.15-16).

Estes poucos exemplos (há vários outros) mostram o quão falaciosa é a afirmação de Brown.

ⁱⁱⁱ A historiadora Karen Armstrong informa que Constantino “não promoveria o cristianismo à custa de outras crenças, [pois] era realista e sabia que não podia se dar ao luxo de hostilizar seus súditos pagãos” (Jerusalém: uma cidade, três religiões, 209). Eis mais uma prova de que ele não tentou “unificar o cristianismo”.

^{kkk} Aqui a palavra *primogênito* (literalmente “o primeiro gerado”) faz alusão à sua filiação divina.

CONCLUSÃO

- a. Constantino foi um imperador romano que, segundo a história, se converteu ao cristianismo em 312 d.C.. No ano seguinte à sua conversão ele publicou o Édito de Milão, no qual concedia liberdade religiosa a todas as pessoas do império, beneficiando com isso principalmente aos cristãos, até então perseguidos pelos imperadores anteriores. A conversão de Constantino não impediu que ele mantivesse o título de *pontifex maximus* (sumo sacerdote das religiões do império), o que lhe dava, em tese, o direito de deliberar a respeito dos problemas peculiares a cada religião. Este status também lhe permitiu convocar o Concílio de Nicéia, onde o objetivo principal foi abordar a doutrina de Ário, a qual consistia em afirmar que Jesus era um ser divino, porém menor do que Deus Pai (vide Apêndice 3). O fato é que Constantino não criou nem a divindade de Jesus nem uma nova Bíblia, uma vez que a natureza divina de Jesus já o acompanhava desde sua concepção (conforme Lc 1.26-35) e todos os livros da Bíblia estavam escritos pelo menos 200 anos antes da sua conversão (Vide Apêndice 1).
- b. Constantino é apontado, erroneamente, como o Imperador que iniciou o fim da perseguição aos cristãos no séc. IV. Isso ocorre em função de sua importância histórica como o *primeiro Imperador Cristão de Roma*. Todavia, vimos na questão 11, *refutação histórica a iii*, que o primeiro Imperador a efetivamente aliviar o fardo sobre os cristãos fora Galério, Cêsar do Oriente.
- c. Outra confusão comum é dizer que durante o governo de Constantino o cristianismo se tornou a religião oficial do império. Na verdade, isso só ocorreu no final do século IV, sob o governo do imperador Teodósio (379-395 d.C.).

22. Quem é, realmente, Jesus? A crença em sua divindade só ocorreu em 325 d.C.?

ACUSAÇÃO

Jesus só foi considerado divino em 325 d.C., no Concílio de Nicéia.

“Até aquele momento da história [o Concílio de Nicéia – 325 d.C.], Jesus era visto pelos seus discípulos como um mero profeta mortal ... um grande e poderoso homem, mas que não passava de um homem. Um mortal. [...] Jesus só passou a ser visto como “Filho de Deus” no Concílio de Nicéia, depois que esse título foi proposto e aprovado por votação.” (OCDV, pg.221-222)

“As ardilosas manobras políticas de Constantino não diminuíram a majestade da vida de Cristo. Ninguém aqui está dizendo que Cristo foi uma fraude, nem negando que Ele tenha passado pela Terra e inspirado milhões de pessoas a levar vidas melhores. Só estamos afirmando que Constantino tirou vantagem da substancial influência e importância de Cristo.” (OCDV, pg.221-222)

REFUTAÇÃO

HISTÓRICA

- a. Jesus foi um judeu que viveu na palestina no primeiro século da nossa era. Disseminador de uma nova doutrina^{III}, ele encontrou forte oposição dos religiosos de seu povo e, em menor escala, dos líderes romanos, sendo crucificado com a concordância destes dois grupos. Até aqui há uma concordância entre o cristianismo e *O Código Da Vinci*.
- b. As diferenças começam a surgir quando se analisa a missão de Jesus. Segundo *O Código Da Vinci*, Jesus foi um grande líder que tentou restaurar o sagrado feminino através de Maria Madalena (OCDV, pg. 235). Segundo o cristianismo, Jesus é Deus encarnado, que se fez homem para restaurar a união entre Deus e a humanidade; isso só foi possível porque ele viveu uma vida santa, sem transgredir nenhum dos mandamentos do Pai, o que lhe conferiu o direito de ser oferecido em sacrifício no lugar daqueles que cressem que Ele era o unigênito Filho de Deus. O Apóstolo Paulo fornece o seguinte testemunho a respeito de Jesus em Fl 2.5-11, onde a expressão “sendo Deus” revela que Jesus é Deus e existe desde toda a eternidade:

Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que, *embora sendo Deus*, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz! Por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai.

- c. Após a era dos apóstolos (séc. I), as gerações de cristãos seguintes também reconheciam a divindade de Jesus e o uso do termo “Filho de Deus”, sendo que muitos foram martirizados em função desta crença. Abaixo citamos o depoimento de alguns mártires a respeito da divindade Dele:
 - i. Inácio de Antioquia (Início do séc. II): “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que por sua grande e generosa bondade quis que eu partilhasse dos sofrimentos de seu Cristo e que eu fosse uma testemunha fiel e verdadeira de sua *divindade*”¹¹⁶.
 - ii. Carpo de Guido (morto em 250 d.C.): “Vós me perguntais o que sou. Eu sou cristão. Eu adoro a Cristo, o *Filho de Deus*, pois ele veio nos últimos dias para nos salvar e nos libertou das ciladas do maligno. Eu não oferecerei sacrifícios a ídolos. Os vivos não oferecem sacrifícios aos mortos”¹¹⁷.

^{III} Ou melhor, uma doutrina antiga, só que em Jesus obteve a correta interpretação à lei judaica do Antigo Testamento. No texto foi utilizada a palavra *nova* porque alguns ouvintes de Jesus assim a consideravam, conforme pode ser visto em Mc 1.23-27.

- iii. Policarpo de Esmirna (queimado e morto em 156 d.C.) – Como último exemplo citaremos o caso de Policarpo, que se recusava a acender incenso (conforme o costume pagão) e a dizer “César é Senhor”, pois para o cristão só Jesus merecia o título. Correndo risco de morte, o procônsul o instigou com as seguintes palavras: “Jura e te darei a liberdade. Blasfema contra Cristo”, ao que Policarpo respondeu: “Durante oitenta e seis anos o tenho servido, e nunca me fez mal algum. Como blasfêmia eu contra o meu Rei, que me tem salvado?”¹¹⁸. Tão comovente depoimento é um exemplo de que, para os cristãos, Jesus foi e sempre será Deus, sendo o único digno de receber adoração.
- d. Alguns podem argumentar que as evidências cristãs são insuficientes para provar que Jesus era considerado divino antes de Nicéia, pois poderiam ter sido manipuladas. Apesar deste argumento não ser válido^{mmm}, o fato é que existem também *evidências históricas não-cristãs sobre a divindade de Jesus*, que em alguns casos é identificado pelo título Cristo. Embora existam outras evidências menos explícitas a respeito da divindade de Jesus, limitaremos-nos a citar apenas três fontes distintas¹¹⁹:
 - i. Flávio Josefo (37-97 d.C) – O historiador judeu leal aos romanos escreveu: “Havia um homem sábio chamado Jesus. Seu comportamento era bom, e sabe-se que era uma pessoa de virtudes. Muitos dentre os judeus de outras nações tornaram-se seus discípulos. Pilatos o condenou à crucificação e à morte. E aqueles que haviam sido seus discípulos não deixaram de segui-lo. Eles relataram que ele lhes havia aparecido três dias depois da crucificação e que estava vivo [...] talvez ele fosse o Messias, sobre o qual os profetas relatavam maravilhas”. A citação feita por Josefo revela que seu relato é totalmente compatível com o texto bíblico do Novo Testamento. É importante lembrar que Josefo foi contemporâneo à primeira geração de cristãos, de modo que, como já vimos (questão 11, *refutação lógica d*), não existia o intervalo de tempo necessário para que a vida de Jesus tivesse sido maculada por lendas. Interessante é notar que Josefo tinha conhecimento da crucificação e da crença na ressurreição de Jesus, o que nos permite afirmar que a ressurreição era algo tão vivo para o cristão da época que até um historiador secular a reconheceu. Além disso, por ser judeu Josefo conhecia bem o significado da palavra hebraica *Messias* (Salvador), de modo que o simples fato de utilizá-la demonstra que para os seguidores de Jesus Ele era o Messias, isto é, o Emanuel (que significa Deus-Conosco, cf. Is 7.14 e Mt 1.23) profetizado no Antigo Testamento.
 - ii. Plínio, autor e administrador romano, por volta de 112 d.C. escreveu uma carta ao Imperador Trajano, onde dizia que os primeiros cristãos tinham “o costume de se reunir antes do amanhecer num certo dia, quando então cantavam responsivamente versos de um hino a Cristo, tratando-o como Deus, e prometiam solenemente uns aos outros a não cometerem maldade alguma, não defraudar, não roubar, não adulterar, nunca mentir, e a não negar a fé quando fossem instados a fazê-lo” (destaque nosso). Aqui, ao contrário do que é dito por Brown, um autor não-cristão reconhece que Cristo, leia-se Jesus, era explicitamente considerado Deus pelos cristãos.
 - iii. Luciano de Samota (autor grego do século II) foi um opositor da igreja que satirizava o cristianismo. Em um de seus relatos ele escreveu: “os cristãos, como sabes, *adoram* um homem até hoje – o personagem distinto que introduziu seus rituais insólitos, e foi crucificado por isso”. Continuando a narrativa, informa que os cristãos “são todos irmãos desde o momento que se convertem, e negam os deuses da Grécia, e *adoram o sábio crucificado*, e vivem segundo suas leis” (destaque nosso). Para entender melhor este texto é preciso saber que o cristianismo se baseia no Antigo Testamento, o qual diz que só Deus deve ser adorado (Dt 6.13). Logo, se Jesus era adorado, ele era considerado Deus pelos cristãos do século II.
- e. Evidências da divindade de Jesus nos evangelhos gnósticos – Citaremos os evangelhos gnósticos em função da alta estima que Brown tem para com os mesmos. Neles encontramos explícitas evidências de que os gnósticos também criam na divindade de Jesus. Confesso que fiquei impressionado com a quantidade de citações encontradas, sejam elas diretas ou

^{mmm} A título de comparação, não aceitar estes testemunhos seria semelhante a rejeitar o testemunho dos refugiados judeus, que sofreram durante o nazismo, alegando parcialidade. Frequentemente o testemunho dos refugiados (vítimas) é tido como mais fidedigno que o dos próprios nazistas, de modo que não há razão para se duvidar do testemunho dos mártires cristãos.

indiretas. Apesar das ressalvas quando ao conteúdo doutrinário destas obras, faremos uso dos mesmos apenas como *documentos históricos* que mostram que a crença na divindade de Jesus e o termo “Filho de Deus” já existiam muito antes do Concílio de Nicéia (325 d.C.).

Evidências no Evangelho de Filipe¹²⁰ (180-250 d.C.):

- i. “Portanto, vós que viveis com o *Filho de Deus*, não ameis o mundo, mas sim o Senhor, para que os filhos que vierdes a engendrar não se parecem com o mundo, mas com o Senhor”. No texto em questão o título Filho de Deus é sinônimo de Senhor e está sendo aplicado a Jesus.
- ii. “quando veio Cristo, o *homem perfeito*, ele trouxe pão dos céus para que o homem pudesse ser nutrido com o alimento de homem”. O texto não fala explicitamente sobre a divindade, porém nos permite extrair duas conclusões: Primeiro, Jesus é Deus porque foi considerando um homem perfeito; afirmamos isso porque, de acordo com a crença gnóstica (altamente baseada na filosofia grega), a idéia da perfeição está intimamente associada ao próprio Deus. Segundo, seja ou não em sentido figurado, os gnósticos reconhecem que Jesus veio dos céus ao dizer que ele “trouxe pão dos céus”. Ora, se apenas os anjos e Deus habitam os céus, e se Jesus não é tido como anjo (pois recebe o título de homem), só é possível concluir que Ele era considerado divino.
- iii. “Quem recebe tudo (...) deste lado (...) será capaz (...) aquele lugar, mas vai (... o meio) como imperfeito. *Somente Jesus sabe o fim desta pessoa*”.ⁿⁿⁿ Embora esteja faltando trechos do texto original, o importante a se visualizar aqui é que o autor reconhece que Jesus possuía o atributo divino da Onisciência (Jó 42.1-2, Sl 139.1-4).
- iv. “Cristo veio para resgatar alguns, salvar outros para redimir ainda outros. Ele resgatou os forasteiros e fê-los seus. E colocou os seus separados, aqueles que havia dado como garantia segundo seu plano. Não foi só quando apareceu que Cristo ofereceu voluntariamente sua vida, mas ofereceu-a voluntariamente *desde o dia em que o mundo surgiu*”. Se Cristo ofereceu sua vida desde que o mundo surgiu, infere-se que Ele já existia antes da criação do próprio mundo. Aqui temos o registro de outro atributo divino: a Eternidade.
- v. “O Pai estava no Filho e o Filho no Pai. Isto é o Reino dos Céus”. Aqui Jesus é reconhecido como o Filho do Pai, o que equivale a chamá-Lo de Filho de Deus. Ademais, o texto mostra a união entre o Pai e o Filho, condizente com a afirmação “Eu e o Pai somos um” (Jo 10.30) proferida por Jesus.

A divindade de Jesus conforme o Evangelho de Maria Madalena¹²¹ (texto composto na segunda metade do século III¹²²):

- vi. “Quando o *Filho de Deus* assim falou, saudou a todos dizendo: ‘A Paz esteja convosco. Recebei minha paz. Tomai cuidado para que ninguém vos afaste do Caminho, dizendo: ‘Por aqui’ ou ‘Por lá’, pois o Filho do Homem está dentro de vós. Segui-o. Quem o procurar, o encontrará. Prossegui agora, então, pregai o evangelho do Reino. Não estabeleçais outras regras, além das que vos mostrei, e não instituais como legislador, senão sereis cerceados por elas’. Após dizer tudo isso, partiu” (Evangelho de Maria Madalena, Capítulo 4). No contexto do qual foi extraída, a suposta declaração foi feita aos discípulos pelo Cristo ressurreto. Além de evidenciar a expressão “filho de Deus”, ela testemunha que os gnósticos dos primeiros séculos também criam na ressurreição.

A divindade de Jesus conforme o Evangelho de Tomé¹²³ (140-170 d.C.):

- vii. “Jesus disse: “Quem blasfemar contra o Pai será perdoado e quem blasfemar *contra o Filho* será perdoado, mas quem blasfemar contra o Espírito Santo não será perdoado nem na terra nem no céu’ ” (dito 44). Nesta passagem Jesus é identificado como o Filho de Deus. A passagem também testemunha a crença na doutrina cristã da Trindade,

ⁿⁿⁿ Um complemento opcional para o texto em questão seria: “Aquele que tem recebido tudo e não se libertou destes lugares não estará apto a partilhar naquele lugar, mas irá para o meio como imperfeito. Só Jesus conhece o fim desta pessoa” (fonte: <http://www.goodnewsinc.net/othbooks/philip.html> - texto em inglês). Preferimos deixar a versão apresentada com os espaços incompletos porque, exceto pela tradução em si, é exatamente desta maneira que o Evangelho de Filipe foi encontrado.

pois a exemplo do texto de Lc 12.9-10 (à luz de Mt 28.19), tanto os gnósticos quanto a Bíblia equiparam Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo.

- viii. “O senhor disse ao servo: ‘Vai lá fora pelos caminhos e traze os que encontrares para que possam ceiar. Os homens de negócios e mercadores não entrarão no recinto de *meu Pai*’. Ele disse-lhe: ‘Bem-aventurados os que ouviram a palavra do Pai e que realmente a guardaram’ ” (dito 64). Jesus mais uma vez é indiretamente identificado como Filho de Deus.
- ix. “Os discípulos disseram-lhe: ‘Teus irmãos e tua mãe estão aguardando lá fora’. Ele disse-lhes: ‘Estes que estão aqui que fazem a vontade de *meu Pai* são meus irmãos e minha mãe. São eles que entrarão no *Reino de meu Pai*’ ” (dito 99). A exemplo dos textos do Evangelho de Tomé acima citados, este também condiz com o Novo Testamento (do qual deve ter se originado) e reconhece que Jesus é Filho de Deus.

Para finalizar, o Proto-evangelho de Tiago, também chamado de Livro de Tiago¹²⁴ (séc. I ou II), é um outro documento gnóstico encontrado em Nag-Hammadi. Nele há mais uma evidência de que a divindade de Jesus transcende aos relatos do Novo Testamento:

- x. “Não será assim, Maria, pois que a virtude do Senhor te cobrirá com sua sombra. Depois, o fruto santo que deverá nascer de ti será chamado de *Filho do Altíssimo*. Chamar-lhe-ás Jesus, pois Ele salvará seu povo de suas iniquidades. Então, disse Maria: - Eis aqui a escrava do Senhor em Sua presença. Que isto aconteça a mim conforme Sua palavra”. Semelhante a Lc 1.28-38, este texto testemunha a divindade e o nascimento sobrenatural de Jesus.

LÓGICA

- a. Uma das características mais marcantes do cristianismo dos primeiros séculos era a perseguição sofrida pelos cristãos ao rejeitarem chamar César (título imperial) de senhor (Kirios), pois para o cristão só Jesus era digno do adjetivo. Muitos cristãos foram mortos por esta convicção. Diante desta realidade, é sensato crer que os cristãos tenham morrido por um mero mortal? Não seria esta mais uma evidência de que Jesus realmente era único em sua natureza divina e que a fidelidade a Ele valia mais que a própria vida?
- b. *O Código Da Vinci* coloca Jesus como um grande líder, porém nega sua divindade ao chamá-lo de mero mortal. Todavia, a combinação *grande líder e mero mortal* dificilmente pode ser aplicada a Jesus, e no livro *Cristianismo puro e simples* o escritor C.S. Lewis apresenta o erro deste raciocínio: “Estou tentando evitar que se diga a coisa mais tola que muita gente diz por aí a respeito de Cristo: ‘Estou pronto para aceitar que Jesus foi um grande mestre da moral, mas não aceito a sua prerrogativa de ser Deus’. Eis aí precisamente o que não podemos dizer. Um homem que fosse só homem, e dissesse as coisas que Jesus disse, não seria um grande mestre da moral: seria ou um lunático, em pé de igualdade com quem diz ser um ovo cozido, ou então será o Demônio”¹²⁵. Aqui C.S. Lewis faz um contraste entre raciocínios lógicos e ilógicos: ele deixa implícito que a posição lógica reconhece que Jesus é um grande mestre da moral porque é Deus, e considera ilógica a postura daqueles que, apesar da admirarem os ensinamentos de Jesus, negam Sua divindade. A incoerência existe porque um mestre da moral em hipótese alguma diria coisas do tipo “eu e o Pai somos um” (Jo 10.30) ou que ressuscitaria em três dias (Mc 9.31).

BÍBLICA

A divindade de Jesus é evidenciada tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Buscando apresentar os textos em ordem cronológica, abaixo transcrevemos algumas referências à divindade de Jesus conforme consta no *Antigo Testamento*, nos *Evangelhos* e em outros livros do *Novo Testamento*.

Evidências no Antigo Testamento:

- i. “Por isso o Senhor mesmo lhes dará um sinal: a virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e o chamará *Emanuel*” (Is 7.14). Aqui é profetizado que Deus se encarnaria e habitaria entre os homens, haja vista que a palavra Emanuel significa “Deus Conosco” (Mt 1.23).
- ii. “Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, e o governo está sobre os seus ombros. E ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, *Deus Poderoso*, Pai Eterno, Príncipe

da Paz. Ele estenderá o seu domínio, e haverá paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, estabelecido e mantido com justiça e retidão, desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos Exércitos fará isso” (Is 9.6-7). O texto em questão faz alusão à chegada de Jesus, que nasceria entre os homens e seria chamado de “Deus Poderoso”.

- iii. “O SENHOR Deus diz ainda: Está chegando o tempo em que farei com que de Davi venha um descendente que seja um rei justo. Esse rei governará com sabedoria e fará o que é certo e honesto no país inteiro. Quando isso acontecer, o povo de Judá ficará seguro, e o povo de Israel viverá em paz. Esse rei será chamado de ‘SENHOR, nossa Salvação’ ” (Jr 23.5,6 - NTLH). O texto do profeta Jeremias anuncia que o Messias prometido governaria como rei justo. O ato de ser chamado de SENHOR (יהוה - Jeová) aponta a natureza divina deste rei.
- iv. “O SENHOR [Jeová] disse ao meu Senhor [Adonai/Adone]: Senta-te à minha direita até que eu faça dos teus inimigos um estrado para os teus pés” (Sl 110.1). No texto em questão, o salmista Davi reconhece que Deus Pai, aqui identificado como Jeová, concede a Deus Filho (Adonai) o privilégio de governar sobre as nações. Posteriormente Jesus cita esta passagem (Mt 22.44) diante dos fariseus para defender sua prerrogativa de ser superior a Davi.

Evidências nos Evangelhos.

- v. O evangelista Marcos, escrevendo por volta do ano 50 d.C., apresenta de forma direta a visão dos discípulos a respeito da natureza de Jesus: “Princípio do evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus” (Mc 1.1).
- vi. Uma vez evidenciado que Jesus era tido como divino, vamos apresentar uma pequena narrativa da sua vida. Começemos pelo seu nascimento: “ ‘José, filho de Davi, não tema receber Maria como sua esposa, pois o que nela foi gerado procede do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, e você deverá dar-lhe o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados’. Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor dissera pelo profeta: ‘A virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e lhe chamarão Emanuel’, que significa ‘Deus conosco’ ”(Mt 1.20a-23). O texto em questão é o cumprimento da profecia de Isaías expressa no *sub-item i*. Jesus, sendo Deus, foi concebido pelo Espírito Santo (natureza divina) e gerado no ventre de Maria (natureza humana). Esta combinação única lhe permitiu ser o Salvador daqueles que nele cressem.
- vii. Por serem seres espirituais, os demônios estavam entre os primeiros que reconheceram que Jesus era o Filho de Deus encarnado: “Além disso, de muitas pessoas saíam demônios gritando: ‘Tu és o Filho de Deus!’ Ele, porém, os repreendia e não permitia que falassem, porque sabiam que ele era o Cristo” (Lc 4.41).
- viii. No início do Seu ministério, apesar dos depoimentos proferidos pelos demônios, ainda assim existiam dúvidas sobre quem Jesus era e o que Ele pretendia. O texto a seguir é uma pequena amostra dos questionamentos da época: “Jesus e os seus discípulos dirigiram-se para os povoados nas proximidades de Cesaréia de Filipe. No caminho, ele lhes perguntou: ‘Quem o povo diz que eu sou?’ Eles responderam: ‘Alguns dizem que és João Batista; outros, Elias; e, ainda outros, um dos profetas’. ‘E vocês?’, perguntou ele. ‘Quem vocês dizem que eu sou?’ Pedro respondeu: ‘Tu és o Cristo’. Jesus os advertiu que não falassem a ninguém a seu respeito” (Mc 8.27-30).
- ix. O texto acima mostra que a missão de Jesus parecia estar clara para seus discípulos mais próximos, porém poucos eram aqueles que reconheciam e aceitavam que Jesus era o Messias. Principalmente os religiosos judaicos discordavam Dele, e por isso Jesus lhes propôs o seguinte questionamento: “Estando os fariseus reunidos, Jesus lhes perguntou: ‘O que vocês pensam a respeito do Cristo? De quem ele é filho?’ ‘É filho de Davi’, responderam eles. Ele lhes disse: ‘Então, como é que Davi, falando pelo Espírito, o chama Senhor? Pois ele afirma: “O SENHOR disse ao meu Senhor: Senta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo de teus pés”. Se, pois, Davi o chama Senhor, como pode ser ele seu filho?’ Ninguém conseguia responder-lhe uma palavra; e daquele dia em diante, ninguém jamais se atreveu a lhe fazer perguntas” (Mt 22.41-46). Aqui Jesus mostra aos seus perseguidores que Ele conhecia o Antigo Testamento mais do que eles. Ele explicou aos fariseus que o Cristo profetizado era maior que Davi, até então o maior líder político de Israel.

- x. Apesar de “ocultar” sua missão de Messias (pois Jesus pretendia que sua vida falasse mais que suas palavras), houve um momento em que Ele explicitamente declarou sua missão: “Depois o sumo sacerdote levantou-se diante deles e perguntou a Jesus: ‘Você não vai responder à acusação que estes lhe fazem?’ Mas Jesus permaneceu em silêncio e nada respondeu. Outra vez o sumo sacerdote lhe perguntou: ‘Você é o Cristo, o Filho do Deus Bendito?’ ‘Sou’, disse Jesus. ‘E vereis o Filho do homem assentado à direita do Poderoso vindo com as nuvens do céu’ ” (Mc 14.60-62, vide também Lc 23.2). De acordo com a Lei judaica, ninguém poderia se auto-demoninar Deus, a não ser que o fosse de fato, como era o caso de Jesus. Como o Sumo Sacerdote se recusou a reconhecer a divindade de Jesus, ele mesmo encaminhou a Cristo para que Ele fosse condenado pelas autoridades romanas.
- xi. A Bíblia fala que Jesus foi condenado, morto e sepultado, porém ao terceiro dia a morte não mais o deteve e Ele ressuscitou. Ele consolou os seus discípulos com as seguintes palavras após ter ressuscitado: “E disse-lhes: ‘Foi isso que eu lhes falei enquanto ainda estava com vocês: Era necessário que se cumprisse tudo o que a meu respeito está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos’. Então lhes abriu o entendimento, para que pudessem compreender as Escrituras. E lhes disse: ‘Está escrito que o Cristo haveria de sofrer e ressuscitar dos mortos no terceiro dia, e que em seu nome seria pregado o arrependimento para perdão de pecados a todas as nações, começando por Jerusalém. Vocês são testemunhas destas coisas’ ” (Lc 24.44-48). No texto Jesus claramente diz que Sua ressurreição era uma prova de Sua divindade, pois ela era o cumprimento de uma profecia sobre o Cristo profetizado no Antigo Testamento.

Evidências nos demais livros do Novo Testamento:

- xii. São várias as passagens que apontam Jesus com Filho de Deus ao longo do Novo Testamento. A primeira passagem que usaremos fala de um homem chamado Saulo, que até então era um dos mais ferrenhos perseguidores do cristianismo. O Novo Testamento mostra que em determinado momento Saulo reconheceu a singularidade da natureza de Jesus, e sobre a questão Lucas fornece o seguinte relato: “[Saulo] logo começou a pregar nas sinagogas que Jesus é o Filho de Deus” (At 9.20).
- xiii. O próprio Saulo (que teve o nome mudado para Paulo) evidencia a divindade de Jesus ao fazer a seguinte declaração no início de uma de suas cartas: “Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus, o qual foi prometido por ele de antemão por meio dos seus profetas nas Escrituras Sagradas, acerca de seu *Filho*, que, como homem, era descendente de Davi, e que mediante o Espírito de santidade foi declarado *Filho de Deus* com poder, pela sua ressurreição dentre os mortos: Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 1.1-4).
- xiv. O apóstolo João também relata sua crença na divindade de Jesus: “Se alguém confessa publicamente que Jesus é o *Filho de Deus*, Deus permanece nele, e ele em Deus” (1Jo 4.15).
- xv. Como último exemplo, citamos o relato do autor do livro de hebreus: “Portanto, visto que temos um grande sumo sacerdote que adentrou os céus, Jesus, o *Filho de Deus*, apeguemo-nos com toda a firmeza à fé que professamos” (Hb 4.14).

CONCLUSÃO

- a. Dizer que Jesus só foi considerado divino em 325 d.C. é muito mais que um erro histórico – é uma mentira conscientemente difundida pelo autor. Uma coisa é o indivíduo não crer na divindade de Jesus – atitude semelhante foi demonstrada por pessoas contemporâneas a Ele –; outra completamente diferente (e mais grave) é rejeitar, diante das evidências, que Jesus era considerado Deus por muitos de seus seguidores e contemporâneos. Mostramos, ao longo das refutações, que diferentes autores, com diferentes motivações, reconheceram que os discípulos de Jesus criam em Sua divindade, sendo que até mesmo os textos gnósticos, tão celebrados por Brown, dão o mesmo testemunho.

- b. Reconhecemos que é um tanto quanto inusitado um homem se proclamar divino, porém foi exatamente isso que ocorreu na Judéia a 2000 anos atrás. Enquanto investigadores, devemos avaliar a plausibilidade da afirmação. No intuito de trazer mais informação ao leitor, a favor da divindade de Jesus citamos a posição defendida por Norman Geisler: “Jesus afirmou ser Deus e provou isso pela convergência de três conjuntos de milagres inéditos: profecias cumpridas, uma vida milagrosa e sua ressurreição dos mortos. Essa convergência única de eventos sobrenaturais confirma suas alegações de ser Deus em carne humana”¹²⁶. Da síntese de Geisler, nas páginas acima vimos algumas das profecias que ele cumpriu; quanto aos milagres realizados por Jesus, estes não foram rejeitados nem pelos seus maiores opositores (Lc 11.14-21); por fim, quanto à ressurreição, sabe-se que mais de quinhentas pessoas (1Co 15.6) viram ao Cristo ressurreto. Estes pontos mostram a singularidade da pessoa de Jesus, uma vez que nenhum outro jamais preencheu ou preencherá tais requisitos.
- c. Caso o leitor ainda não creia na divindade de Jesus, incentivamo-lo a continuar com a busca pela verdade. Conforme dissemos na Apresentação deste trabalho, a verdade é cognoscível. Pode ser que não demonstramos argumentos suficientes para levá-lo a ela, porém fica aqui o incentivo para que o leitor busque conhecer a Cristo pela leitura dos evangelhos ou por meio da participação em uma igreja evangélica, ou melhor ainda, pela união de ambos.
- d. Uma das melhores respostas à pergunta “quem é Jesus?” partiu de um homem chamado João Batista, contemporâneo a Cristo e divinamente incumbido de preparar o coração do povo para receber ao Messias. Ao ver o mestre João Batista disse: “Vejam! É o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo! [...] Eu vi e testifico que este é o Filho de Deus” (Jo 1.29,34). Posteriormente outro João, o discípulo amado (aquele à direita de Cristo na pintura “A Última Ceia” de Leonardo), também afirmou: “Se alguém confessa publicamente que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele, e ele em Deus” (1Jo 4.15). A mensagem é clara: Só quem reconhece Jesus como Filho de Deus é que tem comunhão com Deus Pai. Só Ele é o Caminho. Para aqueles que ainda não tiveram um relacionamento com Jesus, ainda é tempo de atender ao chamado do profeta Isaías: “Buscai o SENHOR enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto. Deixei o perverso o seu caminho, o iníquo, os seus pensamentos; converta-se ao SENHOR, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar” (Is 55. 6-7).

PARTE II

Além de O Código Da Vinci

O Código Da Vinci: Mais que ficção?

Nas páginas anteriores nos propusemos a combater as teorias anticristãs existentes em *O Código Da Vinci*, sendo que nos valem de 22 perguntas para apresentar e refutar *questões específicas* abordadas pela obra. A partir de agora nos propomos a analisar a questão do ponto de vista *macro*, isto é, verificaremos se há um propósito na “história” difundida pelo livro. Embora pudéssemos ter exposto anteriormente às conclusões que se seguem, preferimos tê-las deixados exclusivamente para esta que chamamos de “Parte II”, haja vista a importância das mesmas e a necessidade de um raciocínio mais linear do que teríamos apresentado outrora. Aqui, a nova luz que lançaremos sobre o Código nos permitirá revelar o que está oculto em suas páginas. Nosso objetivo é *informar*, e nossa oração é para que Deus o leve a *crer* naquilo que apresentaremos.

Iniciaremos a análise macro reconhecendo que a história relata por *O Código Da Vinci* é extremamente envolvente. Se analisarmos o livro simplesmente pelo quesito entretenimento, mérito para o autor, que tem sido considerado por alguns um *gênio do romance*. Todavia, este romance pretende ser, de forma velada, um livro histórico, e é exatamente neste ponto que a obra se revela danosa. Não é por acaso que muitos leitores começam a crer que a ficção é que é a realidade, e passam então a considerar como verdadeiras as teorias apresentadas pelo autor. Neste caso, o autor difunde uma crença, concorde ou não com ela, e isso faz dele um *religioso*, uma vez que ele está disseminando uma doutrina. Em função disso, embora poucos encarem a questão por este prisma, afirmamos que *O Código Da Vinci é um livro religioso*.

Talvez esta classificação assuste o leitor, mas provaremos que ela não é injusta. Valendo-nos do verbete *religião* no Dicionário Aurélio Eletrônico, vemos que uma definição para o termo é “a crença na existência de uma força ou forças sobrenaturais, considerada(s) como criadora(s) do Universo, e que como tal deve(m) ser adorada(s) e obedecida(s)”; outra definição diz que religião é “qualquer filiação a um sistema específico de pensamento ou crença que envolve uma posição filosófica, ética, metafísica, etc”. Ora, ao longo do Código há referências a deus e deusa (que são forças sobrenaturais), e existem afirmações que incentivam a adoração do transcendente, do tipo “a busca pelo Santo Graal é a busca para ajoelhar-se diante dos ossos de Maria Madalena. Uma jornada para orar aos pés da proscrita, do sagrado feminino perdido” (OCDV, pg. 243). Tais colocações indubitavelmente dão ao Código o status de livro religioso, mesmo que ele esteja travestido de ficção. Nesta seção trataremo-lo como tal.

Comparando os parágrafos anteriores, que adjetivo define melhor Dan Brown, *gênio do romance* ou *guru dum movimento religioso*? Particularmente considero o autor um pouco de cada, mas creio que ele é muito mais guru do que gênio. Apesar dos méritos como escritor, não podemos considerar o autor tão genial assim, uma vez que os elementos centrais da trama não são fruto de um *insight* pessoal; antes, foram inspirados em pelo menos outras quatro fontes^{ooo}, todas elas consideradas esotéricas ou pseudo-históricas, as quais são citadas por ele mesmo no início do capítulo 60 de seu livro. Em contrapartida, consideramos o autor um guru pelo simples fato de que sua obra *ensina* doutrinas religiosas, o que faz dele um líder religioso.

Ao longo de nosso trabalho mostramos que o conteúdo do Código é um apanhado de doutrinas esotéricas (wicca, hinduísmo, cabala, rosa-cruzismo, Nova

^{ooo} Além destas quatro fontes, Brown busca sustentar sua tese valendo-se do uso seletivo dos evangelhos gnósticos.

Era, maçonaria, etc.). Também de conotação religiosa, o autor se baseia ainda na chamada doutrina gnóstica^{PPP}, a qual se opunha à ortodoxia nos primórdios da Igreja (vide questão 12, *refutação histórica*). Para aqueles que acham que é forçar a barra atribuir conotação religiosa ao Código, citaremos a seguinte declaração do próprio autor: “A teoria descrita no meu livro é muito antiga e hoje sou um crente desta teoria [...]. Esta teoria faz muito mais sentido para mim do que o que me foi ensinado quando era criança”¹²⁷. Aqui Brown afirma que se baseou em uma “teoria [religiosa] antiga”, o que mais uma vez prova que ele tem pouco de gênio e muito de guru. Ao dizer “esta teoria faz muito mais sentido para mim do que o que me foi ensinado quando era criança”, Brown declara veladamente sua repulsa ao cristianismo – a doutrina aprendida na infância –, confirmando e endossando a tentativa de desacreditá-lo mostrada ao longo do livro. Com base no depoimento e obra do autor, podemos concluir que além de guru, hoje ele é anticristão. Esta constatação não pode passar despercebida, pois o leitor do Código precisa saber que o autor fez sua escolha religiosa e tentará defendê-la a qualquer custo, mesmo que seja necessário comprometer a verdade. E é exatamente esse comprometimento que vemos ao longo do livro.

Para sustentar sua trama, no capítulo 60 o autor de *O Código Da Vinci* cita algumas fontes que embasam a teoria dos seus personagens. Brown faz ainda o uso seletivo de trechos dos evangelhos gnósticos que coadunam com seus propósitos. cremos que estas fontes são, em última instância, os documentos que sustentam a crença do próprio autor. Abaixo listamos um resumo do conteúdo de cada uma destas obras.

1. Livro *The Templar Revelation* (A Grande Heresia: O Segredo da Identidade do Cristo), escrito por Lynn Picknett & Clive Prince

Síntese da obra: O livro discorre sobre Maria Madalena e o chamado sagrado feminino. As principais teses defendidas pelos autores são afirmar que Maria Madalena era a pessoa que iniciaria a Igreja e afirmar que ritos do Novo Testamento (leia-se “práticas sexuais”) foram censurados pela igreja como forma de coibir a adoração do sagrado feminino. Como se não bastasse, a obra ainda coloca João Batista como superior ao próprio Jesus. O livro é escrito à luz das crenças ocultistas.

2. Livro *The Woman with The alabaster Jar: Mary Magdalene and the Holy Grail* (Maria Madalena e o Santo Graal: A Mulher do Vaso de Alabastro), escrito por Margaret Starbird

Síntese da Obra: Vejamos as palavras da própria autora no prefácio de seu livro: “Eu não posso provar que os dogmas da heresia do Graal são verdadeiros - nem que Jesus se casou, nem que Maria Madalena era mãe de seu filho. Não posso sequer provar que Maria Madalena era a mulher do vaso de alabastro que ungiu Jesus em Betânia. Mas posso constatar que esses eram dogmas de uma heresia amplamente aceita na Idade Média e que seus resquícios estão contidos em numerosos trabalhos de arte e literatura”. Embora a autora reconheça não poder provar nenhum dos pontos destacados, a obra visa levar o leitor a acreditar em cada uma das conjecturas ali apresentadas. O livro termina incentivando a busca da restauração do princípio feminino expresso na pessoa de Maria Madalena.

3. Livro *The Goddess in the Gospels: Reclaiming the Sacred Feminine* (A deusa nos evangelhos: O resgate do sagrado feminino, aparentemente não disponível em português), escrito também por Margaret Starbird

^{PPP} Em resumo, o gnosticismo foi um movimento que afirmava que o ser humano podia atingir o sagrado através da *gnosis* (conhecimento), a exemplo do que acontece com o Prof. Langdon ao término do livro *O Código Da Vinci*.

Síntese da Obra: De conteúdo similar ao encontrado no livro anterior, a autora informa que o Novo Testamento apresenta, de forma codificada, Maria Madalena como deusa. Informa ainda que ela viveu na cidade gnóstica de Alexandria, fato este que justificaria os numerosos cultos dedicados a ela na região ao redor do Mediterrâneo durante os primeiros séculos.

4. Livro *Holy Blood, Holy Graal* (O Santo Graal e a Linhagem Sagrada), escrito em 1982 por Henry Lincoln, Richard Leigh e Michael Baigent

Síntese da Obra: Valendo-se de lendas francesas dos séculos XIX e XX, os autores sustentam a hipótese de Jesus ter se casado e deixado descendentes. Falam ainda que a suposta genealogia de Jesus pode dar início ao movimento maçônico e ocultista chamado de Nova Ordem Mundial.

5. Os *Evangelhos Gnósticos*, compilado de escritos de alguns documentos encontrados em Nag Hammadi em 1945.

Síntese da obra: Os evangelhos gnósticos são compostos pela coleção dos Evangelhos de Tomé, de Filipe, da Verdade e de Maria^{qqq}. Maiores detalhes podem ser vistos na questão 19, *refutação histórica a*.

O que é comum a estes documentos é a confrontação que eles fazem ao cristianismo ortodoxo. Neste sentido, não é exagero afirmar que Dan Brown é um expoente de todo um movimento contrário ao cristianismo. Muitos acreditam, erroneamente, que o autor se opõe ao catolicismo, mas a verdade é que embora o catolicismo seja mais veementemente citado (e atacado), o objetivo do autor é atingir o cerne da fé cristã – a divindade e humanidade de Jesus –, minando assim toda a cristandade. Caso a divindade de Jesus seja negada, todas as demais doutrinas cristãs perdem sua razão de existir. Idéias similares à de Dan Brown são encontradas em um movimento conhecido como Nova Era. Sobre a oposição que a Nova Era faz ao cristianismo, vejamos o que dizem os autores cristãos Josh McDowell e Don Stewart:

A antipatia ao cristianismo é a concordância uniforme da Nova Era. Rotulam o cristianismo como estreito, dogmático e autoritário. Negam a doutrina de um Deus em três pessoas. *Negam que Jesus seja o Cristo. Negam que Jesus Cristo seja exclusivamente Deus em forma humana.* Negam o Espírito Santo como a terceira pessoa da Trindade. *Rejeitam a expiação do sangue de Jesus Cristo para nossa salvação.* Negam a doutrina bíblica do céu e inferno. *Negam a salvação pela graça mediante a fé em Jesus Cristo*¹²⁸.

A Nova Era nega as principais doutrinas cristãs, e no texto acima demos ênfase às rejeições peculiares à pessoa de Jesus Cristo. Em seu livro Dan Brown faz colocações similares ao abordar a vida de Jesus, conforme já expusemos ao longo da seção de *Perguntas & Respostas*. Não é apenas *O Código Da Vinci* ou a *Nova Era* que negam tais doutrinas; de fato, a repulsa ao cristianismo e suas principais crenças é algo comum a praticamente todas as outras religiões, e tal característica deveria levar o leitor a se perguntar qual seria a razão de tamanho ímpeto contra a religião do Caminho^{rrr}. Alguns costumam dizer que “todas as religiões levam a Deus”, contudo a visão da Nova Era é “todas as religiões levam a Deus, menos o cristianismo”. Nós cristãos, enquanto fiéis a Bíblia, cremos que só *Jesus leva a Deus*. Como só o cristianismo prega esta mensagem, só ele é a religião válida. Tal crença realmente faz do cristianismo uma religião dogmática. A veemência da postura não é fruto de arrogância – ela se deve à plena convicção sobre a verdade apresentada.

Esperamos ter deixado claro que a obra de Brown *pretende ser* mais que uma simples ficção. A trama criada é uma maneira “inteligente” – pra não dizer desonesta – de difundir uma crença religiosa antagônica ao cristianismo.

^{qqq} Alguns parecem acrescentar a esta lista o chamado *proto-evangelho de Tiago*, conforme brevemente apresentado na questão 22, *refutação histórica d*, sub-item x.

^{rrr} Nos primórdios da Igreja, os cristãos eram chamados de *os do Caminho*, conforme pode ser visto em At 9.2.

Alguns leitores podem estar se perguntando se a afronta ao cristianismo existente no Código é tão grande quanto a temos feito parecer. Na verdade, cremos que o ataque é *maior* do que parece. A fim de justificar nossa posição, vamos simplificar, para fins didáticos, as insinuações feitas por *O Código Da Vinci* contra os dogmas cristãos classificando-as em quatro vertentes principais. Vemos que o Código:

- *Ataca a crença em que só há um Deus*, pois ele traz a tona a crença pagã em uma divindade feminina;
- *Ataca a crença de que Jesus Cristo é Deus e o Salvador do mundo*, pois o autor rebaixa Jesus a um mero mortal e o considera apenas como um grande líder, omitindo (e conseqüentemente negando) sua missão de Salvador;
- *Ataca a crença de que a Igreja é formada e sustentada por Jesus*, pois afirma que ela é fruto de uma conspiração; e
- *Ataca a crença de que a Bíblia é fruto da revelação divina*, pois ele coloca a Palavra de Deus como uma mera colagem humana.

As acusações acima já foram rebatidas – direta ou indiretamente – ao longo da seção de *Perguntas & Respostas*, e consideramos desnecessário discutirmo-las novamente aqui. Fica apenas o registro para que caso o leitor deseje defender a fé cristã, ele deve saber defender, prioritariamente, os quatro pontos que acabamos de destacar.

Antes de passarmos para o próximo tópico, julgamos necessário explicitar a crença cristã de forma concisa. Para isso nos valeremos do chamado *Credo Apostólico*, um texto composto no final do século II ou início do século III e que sintetiza as principais crenças cristãs. Ele diz:

*Creio em Deus, Pai onipotente, criador do céu e da terra. Creio em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor. Ele foi concebido pelo poder do Espírito Santo e Nasceu da Virgem Maria. Padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado. Desceu aos mortos. Ressuscitou no terceiro dia. Subiu ao céu, e está sentado ao lado do Pai. Voltará para julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo, na santa Igreja Católica, na comunhão dos santos, no perdão dos pecados, na ressurreição do corpo, e na vida eterna. Amém.*¹²⁹

O Credo Apostólico permite aos cristãos e não-cristãos conhecerem a ortodoxia. Toda Igreja verdadeiramente cristã deve, no mínimo, concordar com as declarações presentes nele. Uma vez claramente conhecida a crença cristã, está na hora de a compararmos com as doutrinas disseminadas por Brown e pela Nova Era. Apresentaremos os “caminhos espirituais” disponíveis e antagônicos defendidos por cada grupo, para que com base na comparação entre eles o leitor possa fazer uma “escolha” consciente.

Tempo do Fim ou Era de Aquário?

Pelo que vimos até aqui, parece certo afirmar que *a obra de Dan Brown não é um livro de ficção que fala de religião*; antes, *é um livro religioso que se vale da ficção* como elemento disseminador de uma doutrina religiosa. Esta constatação nos leva a frisar que todos os leitores de *O Código Da Vinci* leram um livro religioso e mui provavelmente nem se deram conta disso. Uma vez que o nosso leitor foi avisado sobre a mudança da categoria bibliográfica do livro, a partir de agora o trataremos como o livro religioso que ele o é.

Nas páginas seguintes nos concentraremos em abordar a doutrina que *O Código Da Vinci* defende quanto ao futuro. Trata-se da chamada *Era de Aquário*. Alguns podem pensar que a Era de Aquário seja mera especulação, contudo veremos na seqüência que ela tem fundamentos, pois trás certas semelhanças com a crença cristã quanto a eventos que realizar-se-ão. Comparemos então a *crença cristã* e a *crença da Nova Era* (e de Brown) quanto ao futuro.

A transformação: Com ou sem Deus?

Um dos objetivos das religiões é oferecer ao homem uma perspectiva de futuro melhor. Neste sentido *O Código Da Vinci* relata:

Em termos proféticos, estamos em uma época de enormes mudanças. O milênio terminou recentemente e, com ele, a era astrológica de Peixes, de dois mil anos – o peixe, que também é símbolo de Jesus. [...] agora, porém, *estamos entrando na Era de Aquário, cujos ideais rezam que o homem irá conhecer a verdade e ser capaz de pensar por si mesmo*. A mudança ideológica é enorme e está ocorrendo neste exato momento. (OCDV, pg. 253 - destaque nosso)

O final da era de Peixes e início da era de Aquário era supostamente o marco histórico da ocasião em que o Priorado pretendia revelar os documentos Sangreal para o mundo. Mas o milênio veio e se foi sem novidades, deixando os historiadores incertos quanto à data em que a verdade seria revelada. (OCDV, pg. 373)

Segundo o Código, a era do cristianismo (peixes) está para acabar (ou já acabou). Para os adeptos desta doutrina, um novo ciclo para o homem está surgindo, e esse ciclo é uma superação do anterior. Essa superação consiste em crer que, em *termos espirituais*, o homem será auto-suficiente. De forma similar à defendida pelo Código, para a Nova Era as pessoas não precisam mais crer que exista um Deus transcendente conforme concebido pelos cristãos. Citemos novamente McDowell e Stewart:

[Os adeptos da Nova Era] têm o compromisso declarado de fomentar a Nova Era (isto é, a era de Aquário). [...] Sua meta é sempre a mesma: Transforme a pessoa e então transforme o mundo. (Os Enganadores, pg. 173)

Os líderes da Nova Era ensinam seus seguidores que a verdade está dentro deles, mas “verdade” assumiu um significado diferente. A palavra verdade está sendo substituída por experiência relativa, de modo que o resultado de qualquer experiência da Nova Era é conseqüentemente chamado de “verdade”. (Os Enganadores, pg. 180)

Vemos na primeira das citações que a bandeira da Nova Era é “transforme a pessoa e então transforme o mundo”. A mensagem aqui consiste em levar o homem a crer que ele será auto-suficiente em termos espirituais, onde esta auto-suficiência será capaz de resolver os problemas políticos, sociais, econômicos e espirituais do homem. Para a Nova Era, a transformação do mundo é possível independente de Deus (na verdade, nem mesmo a idéia de um Deus transcendente é necessária). Conforme expõe a segunda citação, o indivíduo é o agente ativo (e único) da transformação, cabendo a ele apenas encontrar “sua verdade”^{sss}.

Em oposição à crença na auto-suficiência, o cristianismo declara que o homem deve se reconciliar com o Criador a fim de desfrutar de um mundo melhor. Esta melhora é tanto imediata (pois haverá paz com Deus) quanto futura, pois um dia Deus remirá toda a criação, dando-nos um Novo Céu e uma Nova Terra. Só aqueles que reconhecerem Jesus como Senhor de todas as coisas herdarão esta promessa.

^{sss} Na *Apresentação* fizemos uma reflexão sobre a invalidade na crença em verdades relativas (subjettivas). Esta reflexão se encontra nos dois primeiros parágrafos da página 11.

Em resumo, para a Nova Era a transformação do mundo é possível no tempo futuro e sem a necessidade de Deus, ao passo que para o cristão a transformação pessoal – isto é, a conversão – lhe permite desfrutar instantaneamente da paz que só Jesus concede (Jo 14.27), bem como lhe assegura que a transformação (leia-se restauração) de todas as coisas ocorrerá no tempo futuro, quando todas as lágrimas serão enxutas. Vejamos o que a Bíblia diz sobre esta gloriosa época vindoura:

Então vi novos céus e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra tinham passado; e o mar já não existia. Vi a Cidade Santa, a nova Jerusalém, que descia dos céus, da parte de Deus, preparada como uma noiva adornada para o seu marido. Ouvi uma forte voz que vinha do trono e dizia: “Agora o tabernáculo de Deus está com os homens, com os quais ele viverá. Eles serão os seus povos; o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus. Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou.” (Ap. 21.1-4)

Unificação político-religiosa: Problema inicial ou Solução final?

Embora não esteja explícito no Código, o ato de apontar o cristianismo ortodoxo como falso poderá (hipótese) permitir que seja difundida a crença em um cristianismo *pseudo-verdadeiro* (isto é, que se passa por verdadeiro, porém é falso). Em negação ao cristianismo ortodoxo Brown escreve:

“O que estou querendo dizer é que quase tudo que nossos pais nos ensinaram sobre Jesus Cristo é mentira.” (OCDV, pg. 223)

O que acontecerá [...] se surgirem indícios científicos e persuasivos de que a versão da Igreja para a história de Cristo é imprecisa e que a maior história já contada é, de fato, a maior história já cortada?” (OCDV, pg. 252)

As citações acima indicam uma preparação para uma mudança da percepção do Cristo, tanto em sua pessoa quanto em sua missão. De forma similar ao Código, para a Nova Era Jesus não foi *O Cristo*, mas sim *Um Cristo*. O objetivo da Nova Era é sustentar que se Ele foi um, deve(m) existir outro(s) cristo(s). Abaixo apontamos a crença de Benjamin Creme, um dos maiores expositores da Nova Era, que erroneamente crê, a exemplo dos gnósticos do primeiro século, que o Cristo possa ser dissociado de Jesus:

O gnosticismo ainda prevalece nos ensinamentos da Nova Era: “O Cristo assumiu o corpo de Jesus e se manifestou através dele durante os últimos três anos” (the reappearance of Christ, p. 53). Ele [Benjamin Creme] repete: “Quando digo ‘a vinda do Cristo’, não quero dizer ‘a vida de Deus’... O Cristo é o mestre de todos os mestres, mas ele não é Deus e nunca reivindicou ser Deus”. (Os Enganadores, pg. 182)

Faremos apenas dois comentários quanto à fala de Benjamin Creme. O primeiro é quanto ao desconhecimento das Escrituras por parte do autor, uma vez que a Palavra de Deus derruba à falsa idéia de que Jesus nunca reivindicou ser Deus, pois Ele mesmo disse “eu e o Pai somos um” (Jo 10.30). Ora, se o Pai é Deus e Jesus é um com Ele, ambos são Um Deus^{ttt}. O segundo ponto a destacar é a crença da Nova Era na *Vinda de Cristo*, onde este cristo não é Jesus. De fato, a obra de Creme, intitulada *The reappearance of Christ* (A reaparição de Cristo), é uma preparação para a chegada de um *novo cristo*. Em sintonia com esta preparação, uma conhecida atriz americana endossa a “época de enormes mudanças” (OCDV, pg. 253) retratada por Brown:

^{ttt} O terceiro integrante da Trindade é o Espírito Santo, de modo que Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo são um único Deus que subsiste em três pessoas. Esta doutrina, chamada de doutrina da Trindade, é aceita desde os primórdios da igreja, e pode ser encontrada no *Credo Apostólico* da pg. 118.

Marilyn Ferguson popularizou a Nova Era por meio de seu livro *A Conspiração de Aquário*. Esboçou a visão de mundo do movimento da Nova Era, em termos políticos e religiosos, falando de seu objetivo de *uma só religião e um só governo* num único mundo. (Os Enganadores, pg. 175 – grifo nosso)

Juntemos agora os raciocínios de Brown, Creme e Ferguson. O primeiro é um expoente que se propõe a alterar a história de Jesus Cristo, em uma clara tentativa de diminuir sua missão e importância; o segundo prevê a chegada de um novo cristo; e a terceira propõe uma era de um único governo e de uma única religião, onde esta religião certamente não será o cristianismo histórico-ortodoxo. Endossando o raciocínio acima, os autores maçons de *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada* fizeram, já em 1982, uma previsão do futuro da sociedade moderna. Embora tenham colocado suas idéias com especulativas, eles falaram de alguns “planos futuros” que pareciam

incluir um *Estados Unidos da Europa* de inspiração teocrática, um confederação trans ou pan-européia reunida em um império moderno e governada por uma dinastia descendente de Jesus. Esta dinastia não só ocuparia um trono com poder político ou secular, mas também o trono de São Pedro. (*O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, pg. 348-9)

Vemos aqui que o chamado *Estados Unidos da Europa* já havia sido previsto em 1982, muito antes da criação da *Comunidade Européia*. Uma outra observação importante a extrair do parágrafo acima é que para os autores este líder seria descendente de Jesus (ou de Davi). Em outra passagem eles explicitam ainda mais o raciocínio:

Existe também, crescentemente, um desejo de um verdadeiro líder - não um Führer, mas uma espécie de figura sábia e benigna, um “rei-sacerdote” no qual a humanidade possa repousar sua confiança. [...] Como seria interpretado o advento de um descendente direto de Jesus? Para uma audiência receptiva, poderia ser uma espécie de Segunda Vinda. [Ibidem, pg. 350-51]

Sintetizando as citações até aqui apresentadas, vemos que um único governo e uma única religião seriam dirigidos, segundo a Nova Era e a Maçonaria (que é a orientação filosófico-espiritual dos autores de *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*), por um rei-sacerdote descendente de Jesus. Para estes grupos, esta seria a *solução final* para os problemas da humanidade. Ambos os grupos chamam este movimento de *Nova Ordem Mundial*. Em síntese, a Nova Ordem Mundial se propõe a salvar o planeta dos problemas sociais e ambientais, e busca também o fim das guerras e da diversidade religiosa, apontada muitas vezes como a causa da maioria dos conflitos atuais. Tudo aparentemente muito belo, não fosse o desejo de realizar a tarefa *sem Deus*.

Ainda temos mais informações a apresentar a respeito do movimento político-religioso vindouro. Conforme dissemos outrora, os autores de *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada* pertencem à maçonaria, donde inferimos que suas idéias estão antenadas à crença daquela sociedade. A fim de nos aprofundarmos na questão, nos valeremos do relato de Willian Schnoebelen, antigo maçom e praticante da Wicca e outras ciência ocultas, porém hoje um crente em Jesus. Schnoebelen informa que:

Os atuais líderes do movimento da Nova Era estão dizendo que a maçonaria será tanto o canal político como o espiritual pelo qual o “cristo” se manifestará. Uma carta do centro Tara, um dos principais grupos da Nova Era, afirma: “O movimento maçônico é um dos três canais principais pelos quais prossegue a preparação para a Nova Era. Nele encontram-se discípulos dos Grandes que estão persistentemente ganhando ímpeto e irão em breve assumir sua tarefa designada. [O movimento Maçônico] atenderá a necessidade daqueles que podem e devem exercer poder. [A maçonaria] é uma organização muito mais oculta do que se pode perceber, e é planejada como a escola de treinamento para os futuros ocultistas avançados”. (Maçonaria – O

outro lado da Luz, pg. 262, citando Cary N. Dolinko et al, Freemasonry, 19 de maio de 1987, Tara Center].

Todas as citações apresentadas nos levam a crer que o desenvolvimento de um movimento político-religioso coordenado por sociedades secretas é algo bastante concreto. Outrora oculto, ele vem sendo paulatinamente revelado à sociedade. O *Código Da Vinci* apresenta sua parcela de contribuição ao promover a Era de Aquário. Daniel Mastral, um cristão outrora satanista, em seu livreto *satanismo* relata que durante sua permanência na Irmandade^{uuu} ele “foi treinado para ser um dos homens que prepararia o Brasil para a vinda do anticristo”. Felizmente não houve tempo para ele atingir o cargo pretendido, pois pela graça de Deus ele se converteu a Cristo na década de 90. Por ter um conhecimento relativamente profundo das doutrinas do satanismo, hoje Mastral divulga algumas das diversas doutrinas que aprendeu durante sua estada na Irmandade. Vejamos os planos do satanismo segundo Mastral:

Em todos os pontos do globo deverão ser criadas as circunstâncias necessárias para que se faça necessário um Governo Mundial. É preciso que o mundo venha cogitar esta possibilidade. Havendo um Governo Mundial o passo imediato é que haja um Líder Mundial. Os próprios governantes no mundo deverão estar sugerindo isso. (Satanismo, pg. 36)

Há que se quebrar as bases da sociedade a nível mundo. O processo começa a nível regional e se espalha. Em cada canto do planeta o objetivo será o mesmo. Deverá acontecer uma falência do Sistema Econômico Financeiro Mundial. É necessário que seja implantado o caos Mundial nesse sentido para que o anticristo possa trazer as soluções. A unificação da Moeda será outro passo a ser conquistado depois desse colapso econômico. (Ibidem)

[O anticristo] será um homem descendente de judeu. E extremamente carismático. Inteligentíssimo. Terá poderes e faculdades extraordinárias, assombrará a humanidade com sua sabedoria e conhecimento. Fará tais prodígios que o mundo o aceitará e o adorará como Deus. (Ibid, pg. 52)

O anticristo também deixará bem claro que somente com a extirpação do cristianismo haverá solução para todos. Mostrará que tudo o que gira em torno do cristianismo é nocivo e contrário a uma sociedade plena, saudável e gloriosa. Dar-se-á novamente início à perseguição dos cristãos, só que desta vez será sem precedentes. Não será uma perseguição qualquer. Jamais a humanidade presenciou e nem presenciará tal massacre! (Ibid, pg. 53)

É importante frisar que tais “previsões” foram feitas por volta do final da década de 80, antes das tendências de unificação mundial como a comunidade européia e globalização, e antes mesmo da queda do comunismo, que ainda dividia o mundo em dois blocos distintos.

As diferentes fontes de informação revelam que há um plano comum de unificação orquestrado pelas sociedades secretas acima citadas, isto é, pela Nova Era, Maçonaria, Wicca e Satanismo, dentre outros. Diante da evidência de que os eventos mundiais parecem estar ocorrendo conforme previsto por estas sociedades, fica uma certa impressão de que elas possuem o “poder” de concretizar seus objetivos.

É diante desta aparente concretização que o cristianismo começa a revelar sua superioridade. A primeira ressalva a fazer é que, de acordo como a Bíblia, “o coração do homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios vem do SENHOR” (Pv. 16.1 – ARA). Esta citação assegura que Deus está no controle de todas as coisas. Ante esta certeza, a história tem tomado o rumo que temos visto porque Deus a tem direcionando desta maneira. Em linhas gerais, afirmamos que o “sucesso” dos planos destes grupos está no fato de estarem antenados, saibam eles ou não, com a descrição de eventos futuros conforme profetizado pela Bíblia. Na verdade, os eventos descritos

^{uuu} Nome dado ao grupo de abrangência mundial que se considera a alta cúpula do satanismo.

pela Nova Era são exatamente iguais àqueles traçados pela Palavra de Deus, sendo que os grupos ocultistas apenas lhes dão uma roupagem diferenciada. Nossa afirmação será sustentada por relatos bíblicos, os quais contêm profecias sobre o futuro da humanidade.

A Verdade sobre A Era de Aquário

Qualquer cristão com o mínimo de conhecimento bíblico sabe que a Palavra de Deus contém a chamada doutrina do fim dos tempos, também conhecida como *escatologia*. Veremos que a Era de Aquário nada mais é que um mascaramento desta doutrina. Com isso, sem saber, os adeptos da Nova Era têm dado andamento a uma doutrina revelada pelo próprio Deus através da Bíblia. Neste tópico evidenciaremos a crença sobre os eventos futuros conforme profetizado pelas Escrituras, para que na seqüência seja feita a comparação entre a crença da Nova Era (Era de Aquário) e a crença cristã (doutrina do fim dos tempos). São diversas as passagens bíblicas sobre a escatologia, e um dos relatos mais importantes sobre o fim dos tempos foi proferido pelo próprio Cristo. Vejamos o que Ele disse:

Tendo Jesus se assentado no monte das Oliveiras, os discípulos dirigiram-se a ele em particular e disseram: “Dize-nos, quando acontecerão essas coisas? E qual será o sinal da tua vinda e do fim dos tempos?”

Jesus respondeu: “Cuidado, que ninguém os engane. Pois muitos virão em meu nome, dizendo: ‘Eu sou o Cristo!’ e enganarão a muitos. Vocês ouvirão falar de guerras e rumores de guerras, mas não tenham medo. É necessário que tais coisas aconteçam, mas ainda não é o fim. Nação se levantará contra nação, e reino contra reino. Haverá fomes e terremotos em vários lugares. Tudo isso será o início das dores.

Então eles os entregarão para serem perseguidos e condenados à morte, e vocês serão odiados por todas as nações por minha causa. Naquele tempo muitos ficarão escandalizados, trairão e odiarão uns aos outros, e numerosos falsos profetas surgirão e enganarão a muitos. Devido ao aumento da maldade, o amor de muitos esfriará, mas aquele que perseverar até o fim será salvo. E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo como testemunho a todas as nações, e então virá o fim.

Assim, quando vocês virem ‘o sacrilégio terrível’, do qual falou o profeta Daniel, no Lugar Santo (quem lê, entenda), então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes. Quem estiver no telhado de sua casa não desça para tirar dela coisa alguma. Quem estiver no campo não volte para pegar seu manto. Como serão terríveis aqueles dias para as grávidas e para as que estiverem amamentando! Orem para que a fuga de vocês não aconteça no inverno nem no sábado. Porque haverá então grande tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem jamais haverá. Se aqueles dias não fossem abreviados, ninguém sobreviveria; mas, por causa dos eleitos, aqueles dias serão abreviados. Se, então, alguém lhes disser: ‘Vejam, aqui está o Cristo!’ ou: ‘Ali está ele!’, não acreditem. Pois aparecerão falsos cristos e falsos profetas que realizarão grandes sinais e maravilhas para, se possível, enganar até os eleitos. Vejam que eu os avisei antecipadamente.

Assim, se alguém lhes disser: ‘Ele está lá, no deserto!’, não saiam; ou: ‘Ali está ele, dentro da casa!’, não acreditem. Porque assim como o relâmpago sai do Oriente e se mostra no Ocidente, assim será a vinda do Filho do homem. Onde houver um cadáver, aí se ajuntarão os abutres.

Imediatamente após a tribulação daqueles dias ‘o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz; as estrelas cairão do céu, e os poderes celestes serão abalados’. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem, e todas as nações da terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo nas nuvens do céu com poder e grande glória. (Mt 24.3-30)

Segundo o texto acima e com o auxílio de outros textos escatológicos, os acontecimentos vindouros podem ser previstos mais ou menos na seguinte ordem:

a. Pregação do evangelho a todas as nações – Embora a narrativa de Mateus não comece pela afirmação de que o evangelho deveria ser pregado em toda a terra antes do fim, o contexto favorece a idéia de que a pregação do evangelho a todas as nações deva preceder à seqüência dos eventos relatados. Isso porque a certa altura Jesus disse:

E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo como testemunho a todas as nações, e então virá o fim. (Mt 24.14)

b. O princípio das dores – O próprio Cristo, quando questionado por seus discípulos sobre o fim dos tempos, informou que inúmeras guerras, fomes e terremotos precederiam sua vinda. Relatou também que este período seria acompanhado pelo surgimento de “cristos”^{vvv}. O cristo da Nova Era provavelmente é um destes “cristos”. De qualquer forma, o alerta deixado é que a simples menção de cristos e eventos catastróficos (época atual) é um indicativo de *proximidade* do fim dos tempos:

Cuidado, que ninguém os engane. Pois muitos virão em meu nome, dizendo: “Eu sou o Cristo!” e enganarão a muitos. Vocês ouvirão falar de guerras e rumores de guerras, mas não tenham medo. É necessário que tais coisas aconteçam, mas ainda não é o fim. Nação se levantará contra nação, e reino contra reino. Haverá fomes e terremotos em vários lugares. Tudo isso será o início das dores. (Mt 24.4-8)

c. A perseguição – Jesus alerta que a igreja fiel à sua palavra seria perseguida:

“Então eles os entregarão para serem perseguidos e condenados à morte, e vocês serão odiados por todas as nações por minha causa. Naquele tempo muitos ficarão escandalizados, trairão e odiarão uns aos outros, e numerosos falsos profetas surgirão e enganarão a muitos. Devido ao aumento da maldade, o amor de muitos esfriará, mas aquele que perseverar até o fim será salvo. E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo como testemunho a todas as nações, e então virá o fim. (Mt 24.9-14)

d. A apostasia – O texto acima mostra que “numerosos falsos profetas surgirão e enganarão a muitos”, num período chamado de apostasia, quando muitos se afastarão do verdadeiro evangelho. A própria expressão “falsos profetas” dá a entender que estes indivíduos serão “cristãos nominais”, porém estarão pregando uma mensagem substancialmente diferente daquela deixada por Jesus. É importante salientar que a *apostasia* (abandono da fé verdadeira) é um fenômeno que acometerá à Igreja, que passará a aceitar falsas doutrinas. Estas, por sinal, já podem estar inseridas em igrejas pseudo-cristãs. Corroborando com a narrativa de Jesus, vejamos o período da apostasia citado por Paulo:

Irmãos, quanto à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, rogamos a vocês que não se deixem abalar nem alarmar tão facilmente, quer por profecia, quer por palavra, quer por carta supostamente vinda de nós, como se o dia do Senhor já tivesse chegado. Não deixem que ninguém os engane de modo algum. Antes daquele dia virá a apostasia e, então, será revelado o homem do pecado, o filho da perdição. (2Ts 2.1-3)

e. O surgimento do homem do pecado, o anticristo – Concomitantemente a apostasia, surgirá aquele que Paulo chama de “filho da perdição” (2Ts 2.3), João chama de anticristo (1Jo 2.22), Daniel chama de “assolador” (Dn 9.27 - RA), e Jesus chama de “falso cristo” (Mt 24.24). Abaixo citamos algumas destas passagens:

Este [o filho da perdição] se opõe e se exalta acima de tudo o que se chama Deus ou é objeto de adoração, chegando até a assentar-se no santuário de Deus, proclamando que ele mesmo é Deus. A vinda desse perverso é segundo a ação de Satanás, com todo o poder, com

^{vvv} Pode ser que estes falsos cristos surjam tanto dentro quanto fora da igreja, ou mesmo que um único cristo seja aceito por setores de ambos os grupos.

sinais e com maravilhas enganadoras. Ele fará uso de todas as formas de engano da injustiça para os que estão perecendo, porquanto rejeitaram o amor à verdade que os poderia salvar. Por essa razão Deus lhes envia um poder sedutor, a fim de que creiam na mentira, e sejam condenados todos os que não creram na verdade, mas tiveram prazer na injustiça. (2Ts 2.4,9-12)

Quem é o mentiroso, senão aquele que nega^{www} que Jesus é o Cristo? Este é o *anticristo*: aquele que nega o Pai e o Filho. Todo o que nega o Filho também não tem o Pai; quem confessa publicamente o Filho tem também o Pai. Quanto a vocês, cuidem para que aquilo que ouviram desde o princípio permaneça em vocês. Se o que ouviram desde o princípio permanecer em vocês, vocês também permanecerão no Filho e no Pai. (1Jo 2.22-24)

o povo de *um príncipe que há de vir* destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será num dilúvio, e até ao fim haverá guerra; desolações são determinadas. Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o *assolador*, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele. (Dn 9.26b-27 - ARA)

O anticristo governará por sete anos (as *sete semanas de Daniel*, conforme texto acima). A primeira metade deste período será de aparente prosperidade mundial, mesmo que mediante o uso da força:

Quando a rebelião dos ímpios tiver chegado ao máximo, surgirá um rei de duro semblante, mestre em astúcias. Ele se tornará muito forte, mas não pelo seu próprio poder. Provocará devastações terríveis e *será bem-sucedido em tudo o que fizer*. Destruirá os homens poderosos e o povo santo. Com o intuito de prosperar, *ele enganará a muitos* e se considerará superior aos outros. Destruirá muitos que nele confiam e se insurgirá contra o Príncipe dos príncipes. Apesar disso, ele será destruído, mas não pelo poder dos homens. (Dn 8.23a-25)

À besta foi dada uma boca para falar palavras arrogantes e blasfemas, e lhe foi dada autoridade para agir durante quarenta e dois meses [i.e, três anos e meio]. Ela abriu a boca para blasfemar contra Deus e amaldiçoar o seu nome e o seu tabernáculo, os que habitam nos céus. Foi-lhe dado poder para guerrear contra os santos e vencê-los. Foi-lhe dada autoridade sobre toda tribo, povo, língua e nação. Todos os habitantes da terra adorarão a besta, a saber, todos aqueles que não tiveram seus nomes escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a criação do mundo. (Ap 13.5-8)

Ao falar sobre a segunda metade do governo do anticristo, Daniel, Paulo e Jesus profetizam que a aparente paz propiciada será rompida. Este período é conhecido como a grande tribulação:

Com muitos ele fará uma aliança que durará uma semana. No meio da semana ele dará fim ao sacrifício e à oferta. E numa ala do templo será colocado o sacrilégio terrível, até que chegue sobre ele o fim que lhe está decretado. (Dn 9.27)

Irmãos, quanto aos tempos e épocas, não precisamos escrever-lhes, pois vocês mesmos sabem perfeitamente que o dia do Senhor virá como ladrão à noite. Quando disserem: “Paz e segurança”, a destruição virá sobre eles de repente, como as dores de parto à mulher grávida; e de modo nenhum escaparão. (1Ts 5.1-3)

[A grande tribulação ocorrerá] quando vocês virem ‘o sacrilégio terrível’, do qual falou o profeta Daniel, no Lugar Santo^{xxx} [...]. Porque haverá então grande tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem jamais haverá. Se aqueles dias não fossem abreviados, ninguém sobreviveria; mas, por causa dos eleitos, aqueles dias serão abreviados. Se, então, alguém lhes disser: ‘Vejam, aqui está o Cristo!’ ou: ‘Ali está ele!’, não acreditem. Pois aparecerão falsos cristos e falsos profetas que realizarão grandes sinais e maravilhas para, se possível, enganar até os eleitos. Vejam que eu os avisei antecipadamente. (Mt 24.15,21-25)

^{www} O verbo negar (arneomai), não significa “não afirmar”, mas sim “não aceitar” que Jesus é o Cristo. Assim, o anticristo pode até afirmar que Jesus é o Cristo, mas ele deliberadamente rejeita a missão de Jesus Cristo como Salvador.

^{xxx} O “sacrilégio terrível” é normalmente interpretado como sendo a profanação do Santíssimo Lugar no Templo judaico, que provavelmente será reconstruído antes ou durante o governo do anticristo.

Ainda falando sobre o anticristo, alguns textos bíblicos parecem sugerir que ele terá origem judaica, de modo que os judeus fariam a aliança com um compatriota. Este seria um pré-requisito para que o anticristo fosse aceito como o Messias (Cristo) esperado pelos judeus:

Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele. (Dn 9.27 - ARA).

f. A iminência da segunda vinda de Cristo – Uma vez cumpridos os eventos anteriores, a iminência do retorno de Cristo será atestada por sinais astronômicos sem precedentes.

Imediatamente após a tribulação daqueles dias ‘o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz; as estrelas cairão do céu, e os poderes celestes serão abalados’. (Mt. 24.29)

g. O Retorno de Cristo, a ressurreição dos mortos e o arrebatamento da igreja – A característica peculiar do retorno de Cristo é que ele voltará nas nuvens (Mt 24.30, Mt 26.64, Ap 1.7), onde se encontrará com a Igreja, isto é, com os salvos (1Ts 4.17), sendo a ressurreição dos mortos (1Ts 4.16) o evento imediatamente posterior à sua vinda:

Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem, e todas as nações da terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo nas nuvens do céu com poder e grande glória. E ele enviará os seus anjos com grande som de trombeta, e estes reunirão os seus eleitos dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus. (Mt 24.30-31)

Pois, dada a ordem, com a voz do arcanjo e o ressoar da trombeta de Deus, o próprio Senhor descenderá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que estivermos vivos seremos arrebatados com eles nas nuvens, para o encontro com o Senhor nos ares. E assim estaremos com o Senhor para sempre. Consolem-se uns aos outros com essas palavras. (1Ts 4.16-18)

O texto citado fala sobre um momento glorioso, quando a Igreja, isto é, os salvos, se encontrarão com Jesus, o Salvador daqueles que nele creram. Conforme mostra o texto de 1Ts 4.16-18, este deve ser o consolo do cristão.

Toda a descrição dos eventos bíblicos foi feita para contrastar com a doutrina da Nova Era. De fato o cristão da Nova Era (o anticristo da Bíblia) surgirá como uma espécie de “salvador do mundo”, mas esta prosperidade será estabelecida a duras penas, por meio da força, e terá duração limitada (7 anos). Muitos sofrerão em terra, tanto cristãos quanto não-cristãos, mas pior ainda é a condenação eterna que virá sobre aqueles que não professarem a Jesus como Senhor e Salvador enquanto em vida. Afirmamos que a unificação político-religiosa apregoada pela Nova Era é o princípio do fim, isto é, é um dos eventos que marcará a iminência do retorno de Jesus, constituindo-se muito mais num problema inicial do que numa solução final para aqueles que não o aceitarem.

O conhecimento antecipado desta realidade permite ao leitor avaliar qual caminho escolher. Esperamos que o alerta lhe permita fazer a escolha certa.

Paralelo entre a Era de Aquário e o Fim dos Tempos

Visando à fácil compreensão, optamos por confrontar resumidamente a proposta da Nova Era com a profecia bíblica. Tanto a Nova Era quanto o cristianismo falam sobre eventos futuros, cada um à sua maneira. As previsões são compatíveis quando à cronologia dos fatos, porém destoantes quanto ao resultado final da mudança que

ocorrerá. Um paralelo entre a *Era de Aquário* e a *Doutrina do Fim dos Tempos* nos ajudará a comparar as duas crenças:

Proposta da Nova Era	Previsão Bíblica
O homem conhecerá a verdade por si só, isto é, não precisará mais de Deus.	O homem se afastará de Deus (Lc 18.8).
Surgirá outro cristo, que pode ser interpretado como uma segunda vinda.	A Igreja apostata (isto é, desviada) pode enxergar o anticristo como o Cristo que voltou (2Ts 2.9-12).
Unificação religiosa	Apostasia, isto é, abandono do cristianismo ortodoxo por setores que se consideram cristãos (1Tm 4.1).
O novo cristo terá o poder de solucionar diversos problemas mundiais.	Por meio da força, o anticristo resolverá os problemas mundiais (Dn 9.27), mas a certa altura se autoconsiderará divino (2Ts 2.3-4).
O homem enfim viverá em paz, sem a necessidade de Deus. Será o início (ou a plenitude) da Era de Aquário.	O anticristo e seus adoradores serão vencidos e condenados (2Ts 2.8). Só após o retorno de Cristo se estabelecerá a paz, a qual será concedida apenas àqueles que não o rejeitaram (Mt 10.32; Ap 20.6).

O papel desempenhado por *O Código Da Vinci* em nossa época

Por estarmos quase concluindo nossa análise sobre *O Código Da Vinci*, julgamos necessário fazer uma breve retrospectiva sobre aquilo que vimos até aqui. Nas primeiras páginas de nosso trabalho discorremos sobre o fenômeno de vendas chamado *O Código Da Vinci*, uma obra que apesar de provocativa caiu nas graças do grande público e fomentou a discussão sobre quem de fato foi Jesus. Não por acaso, deixamos esta como a última pergunta a ser respondida na *Parte I* de nosso trabalho, pois primeiro desejamos levar o leitor a enxergar as várias mentiras propagadas pelo autor do Código, principalmente aquelas que visavam desacreditar o cristianismo. Na questão 22 começamos mais efetivamente apresentar Jesus ao leitor; é evidente que a tarefa não pôde ser concluída por completo, uma vez que o “real conhecimento” da Sua pessoa se dá através do relacionamento diário com Ele. Todavia, esperamos ao menos ter *direcionado* o leitor a este relacionamento. Uma vez refutadas as questões que julgávamos mais pertinentes, a *Parte II* buscou relacionar a tese de Brown a movimentos filosófico-doutrinários altamente ativos no século XXI, os quais visam prioritariamente enfraquecer a mensagem que diz que só Jesus é capaz de propiciar a salvação aos homens. Uma vez mostrada a compatibilidade da doutrina de Brown com a doutrina da Nova Era, o passo seguinte foi mostrar a superioridade da Bíblia quando comparada a ambos. Em primeiro lugar porque ela lhes é anterior, e em segundo porque ela faz claras previsões sobre os acontecimentos vindouros.

A exemplo de um investigador dedicado, que segue as pistas deixadas a fim de encontrar o culpado pelo crime, assim também nós investigaremos o Código, dentro de um *contexto espiritual*, até chegarmos ao verdadeiro mentor intelectual do mesmo. Ainda em busca de pistas, devemos recorrer mais algumas vezes a obra de Brown para entender um pouco mais do engano ao qual a humanidade está sendo submetida. Em primeiro lugar, analisemos a seguinte afirmação existe no Código:

Jesus foi mesmo um homem grande e poderoso. As ardilosas manobras políticas de Constantino não diminuíram a majestade da vida de Cristo. Ninguém aqui está dizendo que

Cristo foi uma fraude, nem negando que Ele tenha passado pela Terra e inspirado milhões de pessoas a levar vidas melhores. (OCDV, pg. 222)

Usando de sutileza, Brown “fala bem” de Jesus no intuito de dissociar sua pessoa de sua missão. Em outras palavras, o ato de reconhecer Jesus como um grande mestre não revela muita coisa sobre o papel Dele enquanto Salvador da humanidade. A missão de Redentor, por sinal, é conscientemente omitida no Código, privando o leitor de informações a respeito do plano de salvação, o qual basicamente consiste em mostrar que “Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16). Mostrando que não há sentido em falar de Cristo apenas como “um homem grande e poderoso”, em uma pregação o Pastor Paulo Júnior teve um *insight* interessante ao afirmar que inclusive o anticristo é pró-Jesus. Isto porque o anticristo não negará a pessoa de Jesus, apenas Sua *missão* enquanto Cristo, isto é, Seu papel de Salvador. O *Código Da Vinci* faz exatamente isso. Ele nega a missão de Jesus, exatamente como faz a doutrina do anticristo^{yyy}. Não estamos com isso afirmando que Brown seja o anticristo, o chamado filho da perdição (2Ts 2.3); antes, afirmamos que *o autor do Código é apenas mais um dentre a “multidão de anticristos” que se opõe a Jesus*, uma vez que a doutrina difundida se enquadra no texto do apóstolo João que diz “Filhinhos, esta é a última hora e, assim como vocês ouviram que o anticristo está vindo, já agora *muitos anticristos têm surgido*. Por isso sabemos que esta é a última hora” (1Jo 2.18 – grifo nosso).

Por mais triste que pareça, muitos serão iludidos pela proposta da Nova Era e do anticristo. O próprio Jesus já previu que isso ocorreria. Ele disse: “quando o Filho do homem vier, encontrará fé na terra?” (Lc 18.8b) e “numerosos falsos profetas surgirão e enganarão a muitos. Devido ao aumento da maldade, o amor de muitos esfriará, mas aquele que perseverar até o fim será salvo” (Mt 24.11-13). Todos os dois textos parecem mostrar que poucos serão os cristãos fiéis a Cristo e à sua Palavra. Alguns podem achar tal previsão impossível de se concretizar, haja vista o grande contingente de cristãos existentes ao redor do globo, principalmente dentro no nosso contexto nacional. Considerando a precisão da profecia bíblica, devemos perguntar *quão verdadeira é a fé dos que se consideram cristãos*. Quando vier a adversidade, será que os cristãos realmente estarão preparados para “perseverar até o fim”? Diante desta indagação, um dos parágrafos escritos por Brown em OCDV parece antecipar, como que por mágica, uma debandada de cristãos do cristianismo verdadeiro. Este movimento profetizado é chamado de apostasia (2Ts 2.3). Ela será alimentada pelo engano lançado pelo anticristo. Sobre este assunto o Código diz:

“O que acontecerá com essas pessoas [os cristãos] se surgirem indícios científicos e persuasivos de que a versão da Igreja para a história de Cristo é imprecisa e que a maior história já contada é, de fato, a maior história já *cortada*?” (OCDV, pg. 252)

“Parte da história do Priorado sempre incluiu um plano de revelar o segredo. Com a chegada de uma data específica da história, a fraternidade planeja romper o silêncio e revelar triunfante os documentos Sangreal ao mundo, divulgando aos quatro ventos a verdadeira história de Jesus Cristo.” (OCDV, pg. 252)

Há a referência a documentos que surgirão em determinado momento, e o livro de Dan Brown é uma forma de preparação da aceitação de tais documentos. Isso posto, particularmente imagino que *o papel do Código seja preparar a humanidade para o engano final*, sendo a própria existência do livro um sinal indicativo da proximidade com o fim dos tempos. É bem provável que surgirão materiais forjados,

^{yyy} Vide nota de rodapé *www* da página 125.

mas que terão ampla aceitação. O que queremos dizer é que estes documentos provavelmente serão tidos por verdadeiros sem o selo de fato. Lembremo-nos que o próprio Código teve uma ampla aceitação sem fornecer qualquer documento – o que será, então, se evidências supostamente autênticas aparecerem? Por fim, podemos concluir que o sucesso de *O Código Da Vinci* é das maiores provas de que a religião do anticristo está prestes a se estabelecer.

O mito do Graal – A história não contada

Segundo *O Código Da Vinci*, Maria Madalena é o Graal. Esta tese foi rebatida e rejeitada ao longo de nosso trabalho, podendo ser rapidamente revisada reexaminando-se a conclusão da questão 1. Quanto à evolução do mito do Graal, esta pode ser vista no Apêndice 4, onde se encontra uma descrição cronológica das sucessivas farsas que deram sustentação à doutrina difundida pelo Código. Apesar de todas as refutações já feitas, existe ainda uma faceta não abordada do mito do Graal, a qual até em tão não foi discutida por não existir nenhum apontamento que nos conduzisse a ela ao longo do livro de Brown. É esta nova perspectiva que chamo, por razões óbvias, de “*A história não contada*”. Julguei necessário incluí-la em nosso estudo em função da pertinência das informações. Acima de tudo, os relatos que se seguem condizem perfeitamente com a tese da iminente chegada do período que culminará com o aparecimento do anticristo. Essa nova “pista” nos levará ao verdadeiro disseminador de idéias semelhantes à defendida por Brown.

Neste tópico analisaremos algumas citações de Willian Schnoebelen, um ex-maçom e ex-participante do ocultismo, informações relativas ao período em que ele esteve envolvido com a feitiçaria (Wicca). O relato foi extraído de um capítulo dedicado a falar sobre o Graal e seu significado no livro “*Lúcifer Destronado*” (publicado em inglês em 1993). Veremos que a teoria da devoção à Maria Madalena (ou ao Graal) não é apenas fruto de um devaneio infundado do autor de *O Código Da Vinci*; antes, parece fazer parte de um plano de engano arquitetado pelo maior dos enganadores, o anjo caído chamado Diabo. É ele quem está por trás dos disparates doutrinários do Código.

Antes de lermos aquilo que Schnoebelen tem a nos contar, gostaria de ressaltar o cuidado que devemos ter ao utilizar o relato de ex-praticantes de artes ocultas, pois a visão deles às vezes não é compatível com a Bíblia. De forma simplificada, aponto como positiva a noção que nos é dada a respeito da organização do reino das trevas. Os relatos normalmente mostram que destruir o cristianismo é o grande objetivo dos grupos ocultistas. Do lado negativo, cito que há casos em que não há base teológica para muito do que é dito pelos ex-ocultistas, que via de regra são neófitos e ainda não assimilaram bem as doutrinas bíblicas. Além disso, suas narrativas tendem a atribuir um *poder* ao Diabo maior do que deveria ser atribuído; isto explica-se, em parte, pelo simples fato de que eles estiveram submissos por um tempo a tal poder, e terem sofrido “na pele” justificaria a quase exaltação do inimigo.

Assim, em linhas gerais, creio que não há problemas em usar estes autores como *fonte de informação* fidedigna quanto aos fatos relatados. O que quero dizer é que não há motivo para não crer como sendo verídicas as *descrições* que são feitas pelo autor – questionáveis são muitas de suas *interpretações*. Por exemplo, quando um autor diz que fez uma viagem astral, provavelmente ele teve uma experiência extra-sensorial que *pareceu ser* a alegada viagem, mas o fenômeno pode receber uma diferente interpretação pela teologia ou mesmo a pela psicologia. Contudo, é difícil

negar que algo tenha ocorrido ao indivíduo, ainda que seja um simples sonho. É por nos valermos das *descrições* de Willian Schnoebelen que o citaremos como fonte de informação, mesmo porque ele nos parece um cristão sincero, comprometido com Cristo e já maduro quanto às questões espirituais. Segundo o autor:

Na Wicca dos dias de hoje, a lenda do Graal é um dos mitos principais em torno do qual as bruxas alimentam sua tradição. [...] O Graal é um símbolo da Grande Deusa, relacionando-se, particularmente, à deusa das trevas Cerridwen e seu caldeirão. (Lúcifer Destronado, pg. 223)

Todas as lendas dizem que o Graal se perdeu (ou pelo menos, que se acha escondido, isto é, oculto) e que é um cálice do qual flui a imortalidade, a vida eterna. [A certa altura, os iniciados no sumo sacerdócio druida aprendem que] o ritual sexual pretende ser mais que um simples ato sexual. Por meio de certa postura, dentro do ritual, acredita-se que um circuito é fechado. Do sistema nervoso da sacerdotisa (i.é., do Graal) flui uma sabedoria sobrenatural. (Ibid, pg. 227)

Até aqui não há nada de novo para os leitores de *O Código Da Vinci*, uma vez que Dan Brown descreve este ritual com o nome de “Hierogamos”. A novidade começa a aparecer no relato posterior, onde Schnoebelen informa que é dito aos praticantes da Wicca que, através de tal ato, eles repetem

uma antiga ‘sucessão apostólica’ de autoridade de um elevado sacerdócio, procedente de Jesus e de sua ‘grande sacerdotisa’, Maria Madalena; por mais blasfemo que pudesse parecer, Maria Madalena ‘iniciou’ os 12 apóstolos. (Ibid, pg. 227-8)

Embora não esteja explícita a alegação do suposto casamento entre Jesus e Maria Madalena, há a informação adicional de que os doze discípulos teriam sido iniciados sexualmente por ela. Em *O Código Da Vinci*, a mentira de Dan Brown “se limita” ao relacionamento de Jesus e Maria Madalena, mas pode ser que ele também creia que os apóstolos tenham sido iniciados sexualmente por Maria Madalena, principalmente se ele for um praticante Wicca.

Na esteira das mentiras, Schnoebelen relata que a Wicca ensina que a vida eterna é obtida pelo sacerdote que se relacionar sexualmente com sacerdotes de doze religiões diferentes, onde cada uma das religiões indicadas no livro representaria um dos apóstolos (Lúcifer Destronado, pg. 227-8). O autor relata que, durante uma destas relações, em êxtase ele teve a visão de uma mulher que lhe disse “Eu sou o Graal e sirvo ao Rei”; na seqüência aquele ser se identificou como sendo Maria Madalena, que teria permanecido viva sobre a Terra por 2000 anos.

Como dissemos alguns parágrafos acima, cremos que o evento relatado de fato ocorreu, mas o que o Sr. Schnoebelen teve foi um contato com um demônio que se auto-identificou como sendo Maria Madalena. Tal experiência *não prova* que Maria Madalena esteja viva. Antes, prova que a figura de Maria Madalena – bem como de outros personagens neotestamentários ou “santos” – é utilizada por demônios para iludir aquele cristão que não embasa suas doutrinas na Bíblia.

Vale citar que o autor teve esta experiência nos anos 70, antes mesmo da publicação de *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, de modo que podemos especular que a crença na “primazia” de Maria Madalena não é criação dos autores da obra supracitada; antes, é uma crença que vem se perpetuando dentro do ocultismo, e que vem paulatinamente sendo disseminada na sociedade com o propósito principal de prepará-la para o surgimento do anticristo.

Em suma, a descrição de Schnoebelen corrobora com aquilo que temos falado ao longo da Parte II: *O Código Da Vinci* é muito mais que um romance. Ele é “o canto da sereia” que visa atrair os navegantes desavisados para a destruição! Apresentado como *ficção-histórica*, ele na verdade é uma *ficção religiosa-anticristã pseudo-histórica*.

Esperamos tê-lo convencido das falhas encontradas no livro e, acima de tudo, esperamos que você, seus amigos e familiares não sejam ludibriados por esta suposta ficção que na verdade é doutrina religiosa. Ler *O Código Da Vinci* considerando-o ficção é ser iludido e enganado, e todo cristão sabe que o opositor de Deus, o Diabo, é o enganador supremo. O livro de Dan Brown é uma tentativa de atrair os leitores para a prática do ocultismo, onde este leitor supostamente encontrará “segredos ocultos” que lhe permitirão entrar em contato com o divino. Esta é a proposta mentirosa da Nova Era e outros sistemas religiosos, pois tentam fazer com que o homem creia que ele pode atingir o conhecimento sagrado por si mesmo. Totalmente oposto a esta crença, o cristianismo afirma que o contato com o divino, o Deus Verdadeiro, só é possível para aqueles que, ao ouvirem a mensagem de necessidade de arrependimento deixada por Jesus, crêem que Ele é o *Filho Unigênito de Deus* e o *Único Caminho* capaz de propiciar a religação entre o homem e Deus.

Abaixo da ponta do Iceberg

Diante de todas as considerações já feitas, a essa altura podemos explicitamente afirmar que há uma doutrina diabólica na obra de Brown. Diabólica não em sentido figurado (terrível, infernal, obscuro, etc.), mas em sentido literal, isto é, uma doutrina antenada com as obras do próprio Acusador (a palavra grega *diabolos* significa “acusador” ou “caluniador”). Embora muitos não creiam que o Diabo exista, a Bíblia é clara em afirmar que ele é bem real. Ela mostra que o Diabo é um anjo criado por Deus e que se opõe ao Criador, pois um dia, ao tentar usurpar o trono daquele que o criara, foi por Ele rejeitado¹³⁰. Desde então o Diabo se opõe ao homem, pois fomos os únicos seres criados a imagem e semelhança do Deus Criador¹³¹. Como o Inimigo não pode atingir diretamente a Deus, ele ferozmente volta suas garras contra a humanidade, buscando arrastar para si todos aqueles que estão distante de Deus e de seu Filho Jesus. Se referindo ao Diabo, Jesus disse que “o ladrão vem apenas para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente” (Jo 10.10). Como o livro de Brown visa ofuscar a missão de Jesus (conforme mostrado no tópico “O papel desempenhado por *O Código Da Vinci* em nossa época”, pg. 127), nós o consideramos *a ponta do Iceberg* de algo maior e mais danoso que a ponta em si. Em outras palavras, *O Código Da Vinci* é danoso por si só, todavia a doutrina demoníaca que esta sob esta ponta é muito mais perigosa, pois se assimilada pelo leitor ela o distanciará do Deus Criador. Por razões óbvias, passaremos a partir de agora a nos preocupar com *todo* o Iceberg, e não apenas com a ponta. A obra de Brown passará a ocupar um lugar secundário; nosso foco se concentrará em examinar os planos do Diabo, aquele que tem motivado – direta o indiretamente – a composição de obras como *O Código da Vinci*.

Antes do contato com a obra de Brown, o leitor já tinha uma inclinação contrária ou favorável ao cristianismo. Depois da leitura do Código, esta inclinação pode ou não ter sido modificada. De forma semelhante, nosso material foi escrito visando convencer-lhe de que é repleta de falácias a história básica sustentada pelo Código; contudo, não nos é possível mensurar o sucesso ou não de nossa argumentação. Isso implica em dizer que ou o leitor está pró-Jesus, reconhecendo-o como divino e submetendo-se a sua vontade, ou pró-Diabo, caso prefira optar por crer que Brown é quem está com a razão. Existe ainda a possibilidade do leitor reconhecer as falhas de Brown e concordar com o que foi dito sobre a divindade de Jesus, porém ainda assim optar por não reconhecer a Cristo como seu *Salvador* pessoal – tal

postura também é pró-Diabo. No ponto que estamos já não é mais possível apresentar a questão de forma diferente. Ou o leitor é pró-Jesus ou pró-Diabo. Qualquer estratégia visando aliviar a questão não passará de uma tentativa de se tapar o sol com a peneira em pleno meio-dia.

Particularmente creio que neste momento o leitor incrédulo possa estar considerando nossa argumentação taxativa, arrogante e dogmática, ou quem sabe infundada. Tal postura é compreensível, pois no exato momento uma “batalha espiritual” tem sido travada por sua vida. Deus está te chamando por um lado, e seu intelecto e pré-concepções têm resistido do outro. A esta altura você pode estar se perguntando: Será mesmo que a obra de Brown visa afastar o homem de Deus ao negar a missão de Jesus? Será que, em pleno século XXI, ainda é possível crer na existência de um ser chamado Diabo? Será que realmente existe um Deus que se importa comigo? Permitam-me citar duas rápidas histórias no intuito de auxiliá-lo a responder a estas questões.

A primeira história remonta aos primórdios da humanidade, e naquela ocasião o homem e a mulher haviam recebido a instrução de não comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, pois se o fizessem morreriam, onde “morrer” significa ser banido da santa presença de Deus (embora este não seja o único sentido da palavra). Na seqüência da narrativa surge o Diabo (lembre-se que *diabolos* significa “enganador”), chamado ali de serpente, incentivando o homem e a mulher a transgredirem a ordem de Deus. Ele aparece à mulher e lhe diz: “Certamente não morrerão! Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês, como Deus, serão conhecedores do bem e do mal” (Gn 3.4b-5). A proposta da serpente foi enganar Eva dizendo que *Deus não puniria a desobediência* conforme dissera, e além disso, *o homem e a mulher atingiriam um conhecimento igual ao de Deus*, o que em última instância significa que eles se tornariam também deuses. Existe no relato acima alguma semelhança com proposta de Dan Brown? Não apregoa *O Código Da Vinci* a desobediência à Bíblia (que é a Palavra de Deus semelhante à voz do Criador) e a suposta divinização do homem através do auto-conhecimento? É evidente que sim, pois temos visto que a obra de Brown rejeita a Bíblia e afirma que é possível atingir o conhecimento de Deus por busca própria. Isso prova que a religião de Dan Brown é a religião da serpente, assim como é da serpente todo o ocultismo.

Esta breve explanação responde às duas primeiras perguntas de outrora (a terceira delas será respondida no próximo tópico). A exemplo do ocorrido com Adão e Eva, o Código afasta o homem de Deus, pois se não crermos na Palavra de Deus nós não creremos que Jesus é o Cristo, e se não crermos que Jesus é o Cristo não chegaremos a Deus, pois só Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida (Jo 14.6). Respondendo à segunda pergunta, vemos que o Diabo é um ser que atua ainda hoje, pois assim com ele enganou Adão e Eva, ele continua a enganar hoje àqueles que se propõe a acreditar em suas mentiras.

A segunda história refere-se a Jesus, quando o Diabo (a antiga serpente, conforme Ap 12.9) vem até Ele com a mesma proposta feita no passado a Adão e Eva, isto é, lhe propõe a desobediência a Deus e a “divinização” por métodos próprios. Sabemos, porém, que o truque da mentira não funcionou com o Filho de Deus. Por três vezes a serpente tentou enganar nosso Senhor através da deturpação da Palavra, porém Ele não sucumbiu a sua investida (Mt 4.1-11). Isso porque o Ungido conhecia tanto a Palavra de Deus quanto ao Deus da Palavra. Aquele que veio para vencer teve uma esmagadora vitória. Ele venceu e nos assegurou que nós também venceremos.

Ele nos mostrou como fazer. A resposta usada pelo Verbo estava na Palavra de Deus – na Bíblia. Esta mesma Bíblia está disponível para mim e para você, para que através das verdades ali contidas nós também possamos vencer ao Acusador. Ela nos mostra como obter a vida eterna, conforme ensinou o próprio Cristo:

“Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida”. (Jo 5.24)

Transformando mal em bem

Todo cristão deve saber que uma das especialidades de Deus é transformar mal em bem. A palavra de Deus diz “sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito” (Rm 8.28). Diante desta segurança, é possível constatar que apesar de todo o mal causado por *O Código Da Vinci*, Deus tem usado essa obra caluniosa para levar pessoas a conhecerem a verdade sobre Jesus Cristo e o plano da Salvação. A propósito, este foi nosso objetivo ao compor o e-book que você tem em mãos (ou na tela de seu computador). Creio que todas as informações necessárias já tenham sido passadas, e agora se faz necessário desafiá-lo a tomar uma posição em termos espirituais.

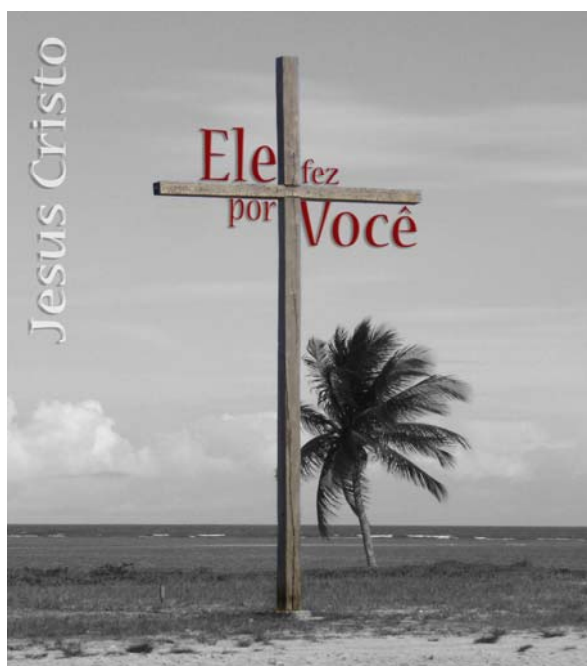
Caso não tenha percebido, gostaria de explicitar, prezado leitor, que as informações contidas neste e-book lhe colocam diante de um dilema. Você pode se enveredar pelo caminho espiritual proposto por Dan Brown, tentando atingir o sagrado por si mesmo, ou você pode buscar conhecer a missão de Jesus Cristo como Salvador, através da leitura dos evangelhos (que Deus o abençoe e lhe dê o entendimento necessário) ou procurando aconselhamento espiritual em uma Igreja Evangélica. Há ainda a possibilidade de você ficar impassível ante estas posições, mas aviso-lhe que esta postura é quase tão ruim quanto a primeira, uma vez que tal posição é, por si só, uma rejeição ao caminho que foi aberto pelo *verdadeiro* Jesus, o qual é substancialmente diferente do (apenas) grande profeta apresentado por Brown.

Você pode estar se perguntando: *Mas ser salvo de quê?* Salvo do inferno por não ter adorado àquele que te criou! A esta altura sua mente racional deve estar procurando consolo: ou ela lhe diz que não existe “essa coisa de inferno”, ou tenta lhe mostrar que você é uma pessoa boa. Aqui faz-se necessário um esclarecimento. Independente das suas boas ou más obras, o “ticket” para a salvação é o carimbo de Jesus. Esta mensagem parece dura para aqueles que rejeitam a Cristo, pois estes alegam fazer o bem, e por isso se auto-consideram dignos de “um lugar no paraíso” caso este lugar exista. Responderemos esta objeção através de uma simples ilustração: Considerando uma justiça criminal que funcione (digo *que funcione* por que o nosso sistema judicial atual enfraqueceria em demasia nossa comparação), quantos assassinatos são necessários para que um acusado seja condenado? Apenas um é a resposta correta. Se um médico “salvou” mais de mil vidas através de suas cirurgias, mas um belo dia ele decide sair de casa e atirar em um transeunte de modo que este venha a falecer, certamente o júri do tribunal o condenará à prisão, independente de suas boas ações como médico. Conceito semelhante é utilizado em relação à salvação, pois embora a maioria de nós nunca tenha matado ninguém, a santidade de Deus é tão grande que apenas uma mínima falha de ação ou caráter nos incapacita a estarmos diante dele nos céus, independente da quantidade de boas obras que tenhamos feito. Uma mínima falha nos torna culpados diante dele, e todos nós temos

consciência de que nossas falhas não são tão mínimas assim. Por sinal, o simples ato de não adorá-lo (lembre-se que foi ele quem te criou) já se constitui em grave pecado.

Jesus foi o único que não teve esta mínima falha, e por isso só Ele pôde se apresentar diante de Deus como nosso Remidor. A boa-nova do evangelho é sermos informados que desde toda a eternidade, Deus Pai, Deus Filho e o Espírito Santo estabeleceram um plano de salvação para a humanidade. Este plano consistia em enviar Deus Filho – Jesus – à Terra, a fim de que Ele satisfizesse a justiça divina e assim pudesse estabelecer a remissão (resgate mediante pagamento) do homem. Esta justiça se consolidaria através do sacrifício substitutivo Dele. Trazendo a realidade atemporal da eternidade para uma linguagem que nos é compreensível, tentaremos *parafrasear* aquilo que a Bíblia revela sobre o *plano da Salvação* consumado por Jesus, quando Ele hipoteticamente se apresentou ao Pai com as seguintes palavras:

“Eu, Jesus, que tenho um nome que significa ‘aquele que salva’, me disponho, oh Pai Eterno, a pagar pelos pecados desta pessoa que está lendo estas palavras agora, como também o pecado de todos aqueles que vierem a me reconhecer como seu Salvador pessoal. Eu viverei uma vida de santidade para ensinar ao homem como viver sem transgredir aos Teus mandamentos. Morrerei por eles para que eles sejam purificados, isto é, destituídos da culpa, e assim possam receber a Vida Eterna. Meu amor por eles é que me motiva a resgatá-los, e desejo fazer isso porque eles foram criados a nossa imagem e semelhança. Se aceitarem meu sacrifício substitutivo quando ouvirem sobre aquilo que farei por eles, certamente reconhecerão que a vida deles deve ser vivida de maneira a glorificar a Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Como sinal de que creram em mim e em ti, peço-te que lhes envie o Espírito Santo, para que este lhes dê a paz que o mundo não pode dar, sendo também o selo (garantia) de que te pertencem. O Espírito Santo os ensinará a viver como eu vivi. Meu sacrifício consistirá em morrer por eles para que tenham vida em abundância. Peço vossa autorização para realizar este ato diante de uma multidão de pessoas, e que ele seja da maneira mais dolorosa e humilhante possível, isso é, que seja em uma humilhante cruz romana, a fim de que todos saibam quão grave são os pecados que pretendo – e vou – carregar. Realizarei este ato no dia e hora que estipulares, e ele será voluntário de minha parte e submisso a Vossa Vontade. Por fim, agradeço o privilégio de morrer por eles para que eles se unam a Ti. Assim seja.”



A cruz foi o caminho pelo qual Jesus satisfaz a justiça de Deus ao entregar-se no lugar daqueles que Nele viessem a crer.

Figura 30

Prezado leitor, a tua salvação depende da aceitação da missão de Jesus, a qual foi parafraseada acima. Diga a Deus que você reconhece a veracidade desta missão, e peça a Ele que tome conta de sua vida e o capacite a levar uma vida que evita pecar contra a santidade de Deus. Busque conhecê-lo através da leitura da Bíblia e procure uma igreja evangélica para congregar.

Caso tenha sido impactado pelo amor de Jesus para com a sua vida, lhe convido a fazer a seguinte *oração de entrega*. Não há nenhum “poder” intrínseco às palavras que utilizaremos. Esta oração apenas é um *modelo* para auxiliá-lo a expressar uma verdade que inunda o coração daqueles que entendem, através do Espírito Santo de Deus, o *significado* delas:

Pai Eterno, Criador de todas as coisas, te agradeço por ter me formado de um modo maravilhoso e por saber que é o Senhor quem preserva a minha vida. Te agradeço por me permitir entender o teu amor para comigo, e desejo de hoje em diante expressar com minha vida o meu amor para contigo. Reconheço que sou um pecador e confesso que por muito tempo vivi longe do Senhor. De hoje em diante desejo viver na tua presença, mas para isso necessito que o sangue de Jesus lave os meus pecados. Entendo que Jesus é meu único e suficiente Salvador, e sou eternamente grato por Ele ter morrido em meu lugar. Creio que Ele é Senhor de todas as coisas, e creio também que ressuscitou e foi aos céus preparar uma morada para mim, pois um dia eu lá estarei com Ele.

Rogo que o Espírito Santo do Senhor venha fazer em mim morada, e que ele me capacite a levar uma vida santa diante do Senhor. Nada mereço além de tudo o que o Senhor me tem dado, mas ainda assim lhe peço que a paz de Jesus inunde meu coração. Molde meu caráter pelo poder do teu Santo Espírito, para que eu possa dar bom testemunho do teu nome e para que as pessoas vejam através de minha vida que Jesus Cristo vive e reina em mim e em sua Igreja. A Ele seja a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

Se você fez a oração acima com fé (isto é, crendo em seu conteúdo), tenha plena convicção que você é um salvo em Jesus, pois a Bíblia diz: “Se você confessar com a sua boca que Jesus é Senhor e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo” (Rm 10.9). Em contrapartida, temos que fazer também um aviso aos que optam por não-aceitar ou não-acreditar que só Cristo Salva, dando assim ouvidos as fábulas como a de Dan Brown. Para os que foram ou estão enganados, infelizmente é preciso dizer que todo o praticante de ocultismo é um adorador, consciente ou não, do Diabo. Os que têm tido contato com espíritos, entidades, deuses e deusas, gnomos, extraterrestres, etc., têm na verdade experimentado um contato com anjos caídos, isto é, com demônios. Tais pessoas têm sido iludidas pelo *Enganador*. O Diabo não gosta do ser humano, uma vez que sua missão é roubar, matar e destruir (Jo 10.10). Na verdade, o Diabo ilude as pessoas porque odeia a Deus, e como o ser humano foi criado a imagem e semelhança Dele, esta é a forma que o Adversário encontra para “agredir” ao Deus Criador. Mesmo àqueles que não estão envolvidos com o ocultismo, mas ainda assim vivem distantes de Deus por rejeitar a salvação propiciada por Jesus, vimos que ser uma “pessoa boa” não resolve o problema espiritual do indivíduo, pois diante de Deus todos são pecadores (Rm 5.12). Só a aceitação de Jesus como Salvador pessoal é capaz de conceder a Vida Eterna e livrar-nos do inferno.

Reafirmamos que Deus tem o controle da história e é capaz de resgatar a todos, inclusive aqueles que foram enganados ou “venderam suas almas ao Diabo”, crendo com isso que não lhes é mais possível receber a salvação. Conforme dissemos alguns parágrafos acima, saiba, prezado leitor, que Jesus leva todos os pecados daqueles que o aceitam, e isto inclui inclusive a suposta “venda da alma”. Faça a oração expressa acima e tome posse da paz propiciada pelo reconhecimento de Jesus como Salvador da tua vida (por favor, se você foi incomodado com estas palavras, não espere amanhã

para fazer a oração, pois o Diabo tentará impedi-lo. Se Deus tem te tocado, ele mui provavelmente te resgatará, mas a urgência em tomar essa decisão evitará teu próprio sofrimento).

Nossa exposição tentou mostrar que os praticantes do ocultismo são fantoches nas mãos do Diabo. Suas práticas buscam desviar a humanidade da adoração que deveria ser feita única e exclusivamente a Deus. O próprio Dan Brown é um destas marionetes, e que Deus tenha misericórdia dele. Que ele se lembre do Cristo que conheceu intelectualmente na infância, de modo que agora venha a conhecê-Lo com o coração e assim possa ter os pecados lavados pelo sangue que purifica de toda injustiça (1Jo 1.9).

Encerrando nossa análise sobre *O Código Da Vinci*, concluímos que a ficção de Brown é mais uma voz de todo um movimento que visa desacreditar o cristianismo. O livro é uma tentativa de estabelecer aquilo que os adeptos da Nova Era chamam de “Era de Aquário”, mas que para nós, cristãos, nada mais que a tentativa do Diabo de estabelecer o reino do anticristo, preparando a humanidade para aceitá-lo quanto ele surgir. Diante de tão séria decisão a respeito da alma do homem, um derradeiro aviso necessita ser dado. A Bíblia assegura:

Pois todos compareceremos diante do tribunal de Deus. Porque está escrito: “ ‘Por mim mesmo jurei’, diz o Senhor, ‘diante de mim todo joelho se dobrará e toda língua confessará que sou Deus’ ”. Assim, cada um de nós prestará contas de si mesmo a Deus. (Rm 14.10b-12)

Esta passagem revela, prezado leitor, que todos dobraremos os joelhos diante Jesus Cristo e O confessaremos como Senhor. Isso pode ser feito em vida, de modo a lhe prover a Vida Eterna, ou na ocasião conhecida como *segunda morte*, onde o reconhecimento tardio apenas servirá para tornar o rebelde ciente do motivo da sua justa condenação. João descreveu esta ocasião com as seguintes palavras:

Depois vi um grande trono branco e aquele que nele estava assentado. A terra e o céu fugiram da sua presença, e não se encontrou lugar para eles. Vi também os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do trono, e livros foram abertos. Outro livro foi aberto, o livro da vida. Os mortos foram julgados de acordo com o que tinham feito, segundo o que estava registrado nos livros. O mar entregou os mortos que nele havia, e a morte e o Hades entregaram os mortos que neles havia; e cada um foi julgado de acordo com o que tinha feito. Então a morte e o Hades foram lançados no lago de fogo. *O lago de fogo é a segunda morte*. Aqueles cujos nomes não foram encontrados no livro da vida foram lançados no lago de fogo. (Ap 20.11-15)

Para evitar a segunda morte é preciso ter o nome escrito no livro da vida. Caso o leitor tenha feito com sinceridade a oração da página anterior (ou similar), certamente terá ali seu nome escrito para todo o sempre, pois o próprio Jesus disse: “ao vencedor darei [...] uma pedra branca com um novo nome nela inscrito, conhecido apenas por aquele que o recebe” (Ap 2.17). Particularmente creio que é o *novo nome* – disponível apenas na pedra branca – que estará no livro da vida.

Eu ainda não sei qual será meu novo nome, mas sei que receberei minha pedra branca das mãos do próprio Jesus. Não por que eu tenha algum mérito, mas porque um dia o reconheci como meu único e suficiente Salvador.

E tu? Vais receber a tua? Este é o código que realmente importa.

Apêndice

Apêndice 1 – Formação do Cânon

Apresentamos abaixo a lista que fornece uma *idéia* de como o Cânon Sagrado foi estabelecido, principalmente no que diz respeito ao Novo Testamento. Nas próximas páginas seguir-se-ão as explicações de cada uma das datas.

		Data da evidência (d.C.)									
		90	135*	170	172*	175	300	325	363	367	393
A Bíblia - Livros Sagrados Inspirados por Deus	Antigo Testamento**										
	Mateus										
	Marcos										
	Lucas										
	João										
	Atos dos Apóstolos										
	Romanos										
	1 Coríntios										
	2 Coríntios										
	Gálatas										
	Efésios										
	Filipenses										
	Colossenses										
	1 Tessalonicenses										
	2 Tessalonicenses										
	1 Timóteo										
	2 Timóteo										
	Tito										
	Filemon										
	Hebreus										
	Tiago										
	1 Pedro										
	2 Pedro										
	1 João										
	2 João										
	3 João										
	Judas										
	Apocalipse (de João)										
Livros Úteis, porém não Inspirados	Atos de Paulo										
	Pastor de Hermas										
	Apocalipse de Pedro										
	Epístola de Barnabé										
	Didaquê										
	Sabedoria de Salomão										
Livros Heréticos	Diatessaron										
	Evangelho de Pedro										
	Evangelho de Tomé										
	Atos de André										
	Atos de João										

* Canôns heréticos

** O Antigo Testamento aqui engloba os 39 livros existentes nas Bíblias Protestantes, excluindo-se os livros apócrifos existentes no Cânon Católico

Legenda:  Livro aceito

 Livro explicitamente rejeitado

Embora a datação da composição dos livros do Novo Testamento seja motivo de calorosos debates ainda hoje, a grande maioria dos estudiosos concorda que *todos os livros do Novo Testamento foram escritos no século I*. Partindo desta premissa, a tabela que montamos consiste em identificar a data em que houve, ao longo da história da Igreja, uma citação qualquer de cada um dos livros sob análise. Na lista estão inseridos “pré-cânon” tanto heréticos quanto os de respeitáveis pais da igreja ou Concílios, conforme veremos a seguir.

Infelizmente não conseguimos obter um estudo que abordasse a questão da composição do cânon como gostaríamos. Em função desta dificuldade, informamos ao leitor que tivemos que compor nossa tabela com base em informações encontradas em vários documentos distintos. Sabemos que nossa lista não aborda o assunto com a totalidade que ele merece, contudo achamos mais proveitoso inserir uma lista incompleta do que não inserir informação alguma. A apresentação que fazemos trata da descoberta do cânon e não de sua determinação. Geisler faz a seguinte diferenciação:

É importante distinguir entre a *determinação* e a *descoberta* da canonicidade. Deus é o único responsável por determinar; o povo de Deus é responsável por descobrir. O fato de um livro ser canônico é devido à *inspiração* divina. Sabe-se que um livro é canônico devido ao processo de reconhecimento humano¹³².

Isso posto, passaremos a discorrer sobre o evento ao qual se refere a data listada.

Concílio de Jâmnia (90 d.C.) – A exemplo da controvérsia existente na definição do Cânon do Novo Testamento, os rabinos judeus se depararam com similar problema quando passaram a investigar quais livros judaicos deveriam ser considerados Inspirados por Deus. Apesar de a maioria dos livros considerados inspirados estarem já bem estabelecidos *ad usum*, alguns livros necessitavam ser oficialmente rejeitados ou aprovados. A questão foi resolvida em definitivo em 90 d.C., quando os rabinos se reunirão em Jâmnia e “descobriram” quais eram os 22 livros hebraicos inspirados (os *textos* dos 39 livros do Antigo Testamento Protestante são *iguais* aos 22 no cânon hebraico – só a divisão é diferente).

Lista de Marcião (135 d.C.) – Marcião foi um professor gnóstico que se aproveitou da inexistência de um cânon oficial para tentar estabelecer seu próprio cânon. Por considerar que o Deus do Antigo Testamento era diferente do Deus amoroso dos evangelhos, Marcião rejeitou os livros do Antigo Testamento e os livros escritos aos judeus existentes no Novo Testamento. Por esta razão o cânon de Marcião continha apenas Lucas e algumas das cartas de Paulo.

Combate a Marcião (por volta 170 d.C.) – Em um artigo de Rob Moll chamado de *The Da Vinci Code's Ancient Heresies*, o autor informa que na segunda metade do séc. II a igreja produziu um cânon básico para combater o cânon e a heresia de Marcião. Este cânon continha os quatro Evangelhos, Atos e as Epístolas de Paulo.

Diatessaron de Taciano (172 d.C.) – Segundo Darrel L. Buck, Taciano foi um ex-aluno de Justino Mártir que foi expulso da comunidade que pertencia por começar a seguir os ensinamentos do gnóstico Valentino. Em 172 d.C. ele juntou os quatro evangelhos em um único documento chamado Diatessaron, que significa “por meio dos quatro”. Como a autoridade dos quatro evangelhos já estava bem estabelecida na época do Diatessaron, a igreja não teve dificuldade em rejeitar a obra de Taciano. *Nota:* Na tabela, a marcação “livro aceito” se refere à posição de Taciano, não da igreja.

Cânon Muratório (175 d.C.) – Sendo uma lista descoberta apenas em 1740 d.C., o Cânon Muratório é datado como tendo sido composto por volta de 175 d.C.. Ele provavelmente foi criado para rebater o cânon de Marcião. Nele há referências explícitas a todos os livros do Novo Testamento atual, exceto Hebreus, Tiago e 1 e 2 Pedro. Contem também o Apocalipse de Pedro e Sabedoria de Salomão (conforme texto de Rob Moll), e também há uma explícita rejeição às obras dos gnósticos Valentino e Marcião.

Eusébio de Cesaréia (300 d.C.) – Em seu livro "História Eclesiástica", Eusébio de Cesaréia (275 a 339 d.C.) apresentou uma lista que reconhecia os 4 evangelhos canônicos (Mateus, Marcos, Lucas e João), Atos, 14 epístolas de Paulo (pois ele considerava Hebreus como sendo de Paulo), I João, I Pedro e Apocalipse. Outros livros eram questionados, porém aceitos: Tiago, Judas, II e III João. Mostrou ainda aquelas obras consideradas não autênticas: Atos de Paulo, Pastor de Hermas, Apocalipse de Pedro, Epístola de Barnabé, Didaquê. Por fim, Eusébio listou os livros plenamente rejeitados: Evangelho de Pedro, Evangelho de Tomé, Atos de André e Atos de João.

Concílio de Nicéia (325 d.C.) – Na época do Concílio de Nicéia ainda não havia um “Cânon Oficial” das Escrituras. Nenhum autor afirma ter ocorrido na ocasião nenhum avanço neste sentido. Não obstante, parece que a discussão do assunto em Nicéia acabou por manter a lista do Novo Testamento que temos hoje, sendo incertas apenas a presença dos livros de Hebreus e Apocalipse, pois estes livros tinham suas autorias questionadas na época (conforme dito na *refutação histórica b* da questão 15, a origem apostólica era um dos filtros para se aceitar a inspiração do livro). A própria semelhança da lista de livros de Nicéia com a anterior (lista de Eusébio – 300 d.C.) revela que o avanço foi mais no sentido de excluir que incluir livros ao pré-cânon.

Concílio de Laodicéia (363 d.C.) – Segundo o livro “Decodificando Da Vinci” (pg. 43), o segundo Concílio da Igreja (o de Laodicéia) definiu o Cânon conforme o nosso Cânon atual, omitindo apenas o livro de Apocalipse.

Lista de Anastácio (367 d.C.) – Sendo um dos mais proeminentes bispos do século IV, a cada ano Anastácio escrevia uma carta às igrejas egípcias para ser lida na Páscoa. Sua carta do ano de 367 ficou famosa porque é o primeiro registro que lista o Cânon do Novo Testamento conforme o temos hoje.

Concílio de Hipona (393 d.C.) – Neste Concílio a Igreja oficialmente reconheceu o Cânon do Novo Testamento conforme o atual. Aproveitando a expressão utilizada por Geisler na página anterior, a *descoberta* do Cânon finalmente chegou ao fim. Sendo guiada pelo Espírito Santo, no Concílio de Hipona a Igreja finalmente concluiu a tarefa da descoberta dos livros que haviam sido inspirados pelo próprio Espírito Santo, deixando este importante legado para as gerações posteriores. A harmonia encontrada nas Escrituras (vide figura 23, pg. 83) é uma das maiores provas da sobriedade do cânon que temos em mãos.

Como dissemos, a progressão acima nos dá uma *idéia* do processo de descobrimento dos livros inspirados por Deus. Todavia, mais importante que conhecer a história da canonicidade é conhecer ao conteúdo do Cânon, isto é, importa conhecer o conteúdo da Palavra de Deus. É ela quem revela a Cristo e nos ensina a viver como Ele viveu, obedecendo em tudo a vontade do Pai. Por esta razão o Apóstolo Paulo disse: “*Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra*” (2Tm 3.16-17).

Apêndice 2 – Lista dos evangelhos gnósticos

Abaixo listamos os principais textos encontrados em Nag Hammadi:

Codex I (Codex Jung)

- Prece do apóstolo Paulo
- Apócrifo de Tiago
- O evangelho da verdade
- Tratado sobre a ressurreição
- Tratado tripartite

Codex II

- Apócrifo de João (versão longa)
- Evangelho de Tomé
- Evangelho de Filipe
- Hipostasia dos arcontes
- Sobre a origem do mundo
- Exegese da alma
- O livro de Tomé, o combatador

Codex III

- Apócrifo de João (versão curta)
- Evangelho dos egípcios
- Eugnossos, o abençoado
- A sofia de Jesus Cristo
- Diálogo do salvador

Codex IV

- O Apócrifo de João*
- O evangelho dos Egípcios*

Codex V

- Eugnossos, o abençoado*
- Apocalipse de Paulo
- Apocalipse de Tiago I
- Apocalipse de Tiago II
- Apocalipse de Adão

Codex VI

- Atos de Pedro e os 12 apóstolos
- O trovão, mente perfeita
- Ensinamento autorizado
- O conceito de nosso grande poder
- Platão, República
- Discurso sobre o oitavo e o nono
- Prece de ação de graças
- Scribal Note.*
- Asclépio

Codex VII

- Paráfrase de Shem
- Segundo tratado do grande Seth

Apocalipse de Pedro
Os ensinamentos de Silvano
As três estelas de Seth

Codex VIII

Zostrianos
Carta de Pedro a Filipe

Codex IX

Melquisedeque
O pensamento de Norea
Testemunho da verdade

Codex X

Marsanes

Codex XI

Interpretação do conhecimento
Exposição valentiniana
On the Anointing (Na consagração)
On the Baptism A (No Batismo A)
On the Baptism B (No Batismo B)
On the Eucharist A (Na Eucaristia A)
On the Eucharist B (Na Eucaristia B)
Alógenes
Hypsiphron

Codex XII

Sentenças de Sexto
O evangelho da Verdade
Fragmentos

Codex XIII

Protenóia trimórfica
Sobre a origem do mundo

A lista dos textos de Nag Hammadi foi extraída do endereço eletrônico:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Nag_Hammadi_%28manuscritos%29, com último acesso em 03/10/2006.

Os itens em itálico não existiam na lista supra citada, e foram acrescentados como base em uma lista em inglês disponível em: http://www.gnosisonline.org/Teologia_Gnostica/Codigos_de_Nag_Hammadi.shtml, com último acesso em 03/10/2006.

Apêndice 3 – A Controvérsia Ariana

Conforme foi dito em diversos trechos de nosso trabalho, o Concílio de Nicéia não foi convocado para “criar” a divindade de Jesus; antes, o evento foi convocado para *reafirmar*, à luz do ensino dos apóstolos e de seus escritos, “quão divino” Jesus era. A afirmação da “criação” da divindade de Jesus proposta por *O Código Da Vinci* é tão mentirosa que, como veremos, o próprio Ário – proponente da nova doutrina – considerava, à sua maneira, Jesus divino.

Para entender o que levou Ário a interpretar a pessoa de Jesus de forma diferente da ortodoxia, necessitamos antes de tudo conhecer como era a “Teologia” nos séculos III e IV. Para isso recorreremos ao relato do historiador Justo L. González, que nos apresenta a seguir informação:

Quando os cristãos do primeiro século se lançaram pelo mundo a proclamar o evangelho, eles eram acusados de ateus e ignorantes. E era verdade que eles não tinham deuses que pudessem ser vistos ou apalpadados, como os pagãos tinham. Em resposta a estas acusações alguns cristãos apelaram às pessoas que a antiguidade considerava sábios por excelência, isto é, os filósofos. Os melhores filósofos pagãos tinham dito que acima de todo o universo existe um ser supremo, e alguns tinham chegado a dizer que os deuses pagãos eram feitos pelos homens. Apelando para estes sábios, os cristãos começaram a dizer que eles também, como os filósofos de antigamente, criam em um só ser supremo, e este ser era Deus. Este argumento era muito convincente, e não há dúvida de que contribuiu para que muitos intelectuais aceitassem o cristianismo.

Este argumento, no entanto, trazia consigo um perigo. Era grande a possibilidade de os cristãos – em seu afã de mostrar como sua fé e a filosofia eram compatíveis – chegarem a convencer a si mesmos que a melhor maneira de conceber Deus não era a dos profetas e outros autores das Escrituras, mas a de Platão, Plotino e outros. Estes filósofos concebiam a perfeição como algo imutável, impassível e estático, e muitos cristãos chegaram à conclusão que o Deus de que as Escrituras falavam também era assim. Naturalmente era necessário resolver o conflito que surgiu entre esta idéia de Deus e a que aparece nas Escrituras, onde Deus é ativo, onde Deus chora com os que sofrem, e onde Deus intervém na história. (Uma história ilustrada do cristianismo – Vol. 2, pg. 89)

Uma forma de se resolver o impasse sobre a *Pessoa de Deus* foi através da doutrina do *Logos* ou Verbo, conforme foi desenvolvida por Justino, Orígenes, Clemente e outros. Falando sobre ela Justo L. Gonzalez continua:

De acordo com esta doutrina, é verdade que o próprio Deus – o “Pai” – é imutável, imóvel, etc., mas tem um Verbo, Palavra, Logos ou Razão que é pessoal, e que se relaciona diretamente com o mundo e com os seres humanos. Por esta razão Justino diz que quando Deus falou com Moisés, não foi o Pai quem falou, mas o Verbo [...]. Por causa da influência de Orígenes e de seus discípulos este modo de ver as coisas tinha se difundido por toda a igreja oriental – isto é, a igreja que falava grego e não latim. Este foi o contexto dentro do qual se desenvolveu a controvérsia ariana. (Ibid, pg. 90)

O grande problema da interpretação do *Logos* conforme está expresso acima é que, embora ela atenda à concepção do divino de acordo com a *filosofia grega*, ela é completamente incompatível com a *visão bíblica* sobre Deus. Vejamos como um outro historiador, Tony Lane, apresenta a problemática da visão grega à luz do ensino do Novo Testamento:

[Para os gregos], o Verbo era necessário não por causa do pecado, mas simplesmente porque Deus não podia tratar diretamente com um mundo que muda. Além disso, o Verbo grego era claramente separado de Deus e inferior a ele. Estas idéias naturalmente levaram a uma negação da deidade verdadeira do Verbo. O pensamento grego aproximou-se do cristianismo bíblico em muitos pontos, ao mesmo tempo em que permanecia diferente. Os gregos haviam chegado à crença do monoteísmo, mas sua idéia de um Deus impassível, imutável era contrária

ao Deus da Bíblia que sofre e torna-se homem. O pensamento grego falava sobre uma Palavra mediadora, mas este conselho não alcançou o quadro bíblico de Cristo. (Pensamento Cristão – Vol. 1, pg. 13-4)

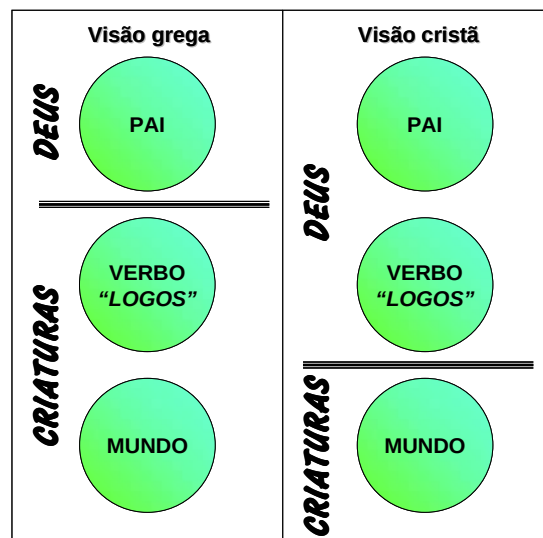
Em linhas gerais, a concepção grega a respeito de Deus ficava muito aquém da visão bíblica por não contemplar pelo menos três aspectos principais. Em primeiro lugar, Deus não é impassível – ele tem amor pela humanidade (Jo 3.16); em segundo, a filosofia grega não aborda a questão do pecado humano (Rm 5.12); por fim, ela também nada fala sobre o sacrifício substitutivo de Jesus (Rm 5.6-11). Por tentar manter conceber Deus à luz da visão grega, isto é, por considerá-lo imutável, impassível e estático, Ário acabou por “rebaixar” Jesus, considerando-o apenas mais um ser criado por Deus Pai. O maior dos seres, porém não mais que uma criatura. A figura 31^{zzz} ilustra a diferença entre a visão grega sustentada por Ário e a visão cristã conforme o ensino bíblico. Para a Bíblia, Jesus é Deus Eterno, Criador e Doador da Vida (Jo 1.1-5). Deus se manifesta ativamente na história, como ocorreu na sarça com Moisés (Ex 3.2), numa brisa suave com Elias (1Rs 19.9-13) ou no batismo de Jesus (Mt 3.17), dentre tantos outros eventos.

Ao falar sobre o problema da teologia de Ário, Roger Olson diz que o arianismo “afirmava uma preexistência do Filho de Deus e o colocava numa posição superior a qualquer outra criatura. Jesus Cristo, portanto, não era um homem elevado à divindade [conforme dizia uma heresia anterior], mas um ‘ser divino’ encarnado em um ser humano. Mesmo assim, o ‘ser divino’ em Jesus Cristo não era igual a Deus Pai”¹³³.

Após avaliar os problemas existentes na doutrina de Ário, o Concílio de Nicéia promulgou o Credo de Nicéia, que esclarecia a postura ortodoxa por meio dos seguintes termos:

Creemos em um Deus Pai Todopoderoso, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis. E em um Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus; gerado como o Unigênito do Pai, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, luz de luz; Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não feito, consubstancial com o Pai; mediante o qual todas as coisas foram feitas, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra; que para nós humanos e para nossa salvação desceu e se fez carne, se fez homem, e sofreu, e ressuscitou ao terceiro dia, e virá para julgar os vivos e os mortos. E no Espírito Santo¹³⁴.

Em uma breve análise sobre o texto produzido em Nicéia, Justo L. Gonzalez informa que “no texto do credo, para não deixar margem para dúvidas, consta que o Filho foi concebido ‘da substância do Pai’, e que é ‘consubstancial com o Pai’ ”¹³⁵. Em suma, o Concílio de Nicéia simplesmente *reafirmou* a divindade de Jesus, pois ele mesmo já havia dito: “eu e o Pai somos um” (Jo 10.30).



Para Ário (visão grega), Jesus era a principal das criaturas de Deus. De acordo com a Bíblia (visão cristã) Jesus é Deus, da mesma essência que o Pai (Jo 10.30)

Figura 31

^{zzz} Ilustração conforme apresentada no livro *Uma história ilustrada do cristianismo* – Vol.2, pg. 91. Particularmente eu acharia mais interessante ter colocado Pai, Verbo (e Espírito Santo) lado a lado no quadro da direita (visão cristã), a fim de evitar a idéia errônea de hierarquia na Trindade. Todavia a imagem foi mantida conforme idealizada pelo autor do livro.

Apêndice 4 – Como nasceu o mito do casamento de Maria Madalena e Jesus

Quando se analisa uma lenda, via de regra a ficção já está implícita na história, de modo que fica difícil – senão impossível – dissociar verdade e mentira, fato e ficção. Isso é nítido quando se busca conhecer as origens da lenda de Jesus e Maria Madalena, onde tem-se o agravante de consecutivos acréscimos a mitos anteriores.

Nossa proposta nas páginas a seguir é abordar o mito sobre o casamento de Jesus a partir da tese sustentada pelo livro *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, um dos livros que inspirou *O Código Da Vinci*. Segundo os autores de *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, no século XIX um pároco francês descobriu, por acaso, “evidências” do suposto casamento de Jesus e Maria Madalena. É a partir da história deste pároco que analisaremos a evolução do mito.

MITO 1 – A descoberta de um tesouro que proveu a reconstrução da igreja dedicada à Santa Maria Madalena

Em 1885, Francois-Bérenger Saunière (11 de Abril de 1852 a 22 de Janeiro de 1917) foi nomeado pároco da aldeia de Rennes-le-Château, no sul de França. Em 1887 Saunière decidiu restaurar a igreja dedicada a Santa Maria Madalena, a qual havia sido construída em 1059 d.C.. Posteriormente Saunière realizou mais duas importantes obras: a construção de uma moradia chamada Villa Béthanie, e a construção de uma torre para servir de biblioteca, à qual chamou de Torre Magdala.

Segundo consta, a maior parte dos recursos para as obras vinha do dinheiro que os fiéis enviavam ao padre Saunière para ele rezar missas em Rennes-le-Château. Para sua sorte, a campanha de angariação correu muito melhor do que ele imaginara. Apesar de Saunière, por obrigação canônica, não poder ficar com os excedentes que ultrapassassem as três intenções de missa por dia, a despeito desta restrição ele utilizou o recurso extra em suas obras. Para evitar problemas, estes recursos foram registrados legalmente em nome da sua governanta, Marie Dénarnaud.

Um processo eclesiástico, conduzido entre 1910 e 1911 pelo bispo de Carcassonne, concluiu que o padre Saunière tinha obtido o dinheiro por meios ilegais, através da prática da simonia (isto é, venda ilícita de coisas sagradas). Como consequência, o nome de Saunière ficou manchado na opinião pública, diminuindo assim as intenções de missa que ele rezava. Em 22 de Janeiro de 1917 Saunière morreu na miséria, com graves dívidas financeiras e com as suas propriedades hipotecadas.

A sua governanta Marie Dénarnaud herdou então uma débil situação financeira, e por isso também viveu na miséria até à sua morte em 1953. Todavia, desejosa de recuperar a imagem pública do seu antigo patrão, o qual aparentemente tinha boas intenções ao reconstruir a Igreja, Marie Dénarnaud lançou o boato de que o padre Saunière tinha construído tudo graças à descoberta de um tesouro enterrado sob a aldeia. Esta falsa informação deu origem ao mito da origem da riqueza do padre como sendo a descoberta de um suposto tesouro.

MITO 2 – Acréscimo de detalhes à lenda a fim de incentivar o turismo local

A governanta Dénarnaud cedeu as antigas propriedades de Saunière à família Corbu em 22 de Julho de 1946. Noel Corbu decidira fazer da Villa Béthanie um hotel com restaurante, ao qual chamou L'Hotel de la Tour. Desejoso de atrair turistas, Corbu gravou em fita uma versão fantasiosa da vida de Saunière, na qual ele inseria detalhes à lenda do tesouro criada por Marie Dénarnaud. Esta fita era reproduzida na sala de jantar do seu restaurante e visava entreter os turistas durante as refeições. Através das fitas, Corbu passou a disseminar a idéia de que Saunière havia encontrado o tesouro graças à descoberta de alguns pergaminhos codificados, os quais teriam sido encontrados por ele na igreja de Santa Maria Madalena no final do século XIX. Segundo a versão de Corbu, os tesouros da aldeia (versão de Dénarnaud) haviam sido descobertos graças aos documentos outrora escondidos na Igreja.

No final dos anos cinqüenta a imprensa regional começou a explorar o assunto. Jornais como o *La Dépêche du Midi* escreveram longos artigos sobre “o padre dos milhões” de Rennes-le-Château. A divulgação feita pela mídia criou a febre da caça ao tesouro do padre, de modo que a aldeia recebeu vários visitantes e exploradores durante os anos sessenta. Muitos iam a Rennes-le-Château em busca da lendária fortuna de Saunière.

MITO 3 – Pierre Plantard cria o mito da Genealogia Merovíngia.

Pierre Plantard criou em 20 de julho de 1956 uma associação francesa denominada O Priorado de Sião, tendo como co-fundadores os amigos André Bonhomme, Jean Deleaval e Armand Defago. O objetivo declarado da associação era “a constituição de uma ordem católica, destinada a restituir numa forma moderna, conservando o seu caráter tradicionalista, o antigo cavaleiro, que foi, pela sua ação, o promotor de um ideal altamente moralizante e elemento de um melhoramento constante das regras de vida da personalidade humana”. Esta declaração deixa implícito que o grupo era um admirador dos cavaleiros Templários, tanto que passaram a dizer que o próprio Priorado remontava a estes cavaleiros.

Plantard havia tomado conhecimento da lenda de Rennes-le-Château no início dos anos 50, e passou a fazer dela a fonte das teorias que passou a difundir. Para isso contou com o apoio de seu amigo Phillipe de Chérisey, sendo que os dois passaram a usar amplamente o patrimônio lendário de Rennes-le-Château, bem como a vida polêmica do padre Saunière, para sugerir que Saunière teria descoberto uns misteriosos pergaminhos codificados – os *dossiês secretos* – durante as obras de restauro da Igreja de Santa Maria Madalena. Até então, o tesouro ao qual as lendas anteriores se referiam era meramente financeiro. Estes autores passaram a afirmar que o tesouro era, na verdade, importantes informações ocultas, as quais continham conotação político-religiosa. Os escritores passaram a difundir a crença de que Saunière teria usado este segredo para liderar grupos ocultistas contra a igreja católica. O padre seria supostamente apoiado pelo Priorado de Sião, que em tese, teria sido criado em 1099 d.C, ano da fundação da Ordem dos Cavaleiros Templários. Diante deste quadro, Plantard e Chérisey transformaram o padre Saunière num membro de uma sociedade ocultista e num esotérico francês, chegando a inventar uma fantasiosa viagem de Saunière a Paris, na qual o padre teria levado os ditos pergaminhos codificados para serem interpretados pelo erudito Emile Hoffer. Na construção do mito, Plantard e Chérisey contaram com a ajuda de Gérard de Sede, escritor esotérico que apresentara a lenda de Rennes-le-Château a Plantard. Por um bom tempo os três dividiram os lucros dos livros escritos por Gerard de Sede.

A tese central do mito criado pelo Priorado de Sião consistia em afirmar que os *dossiês secretos* continham a genealogia merovíngia desde o século V até os dias atuais, onde se constava, oportunamente, o nome de Plantard como um descendente merovíngio. Ora, como a linhagem merovíngia governou a França entre os séc. V e VIII, Plantard supostamente teria o direito de reclamar o trono francês para si, autodenominando-se um legítimo descendente do rei merovíngio Dagoberto II, o último da linhagem que ocupara a função.

Deixando-se o mito de lado, o fato é que os chamados dossiês secretos nem existiam na época do Padre Saunière. Estes documentos são um conjunto de panfletos compostos por genealogias inventadas e documentos falsos, supostamente elaborados por um certo Henri Lobineau, tendo em vista comprovar a ascendência merovíngia de Pierre Plantard. Os dossiês secretos haviam sido depositados na Biblioteca Nacional de Paris em 1967 e foram resgatados em 1975 pelo próprio Plantard.

Investigações posteriores comprovaram que, na verdade, os *dossiês secretos* foram uma criação de Phillipe de Chérisey. Uma das evidências da fraude vem de uma correspondência pessoal enviada pelo advogado de Chérisey, o Dr. Boccon-Gibod. Datada de 8 de Outubro de 1967, a carta relata uma desavença editorial entre Chérisey e Gérard de Sede, o escritor esotérico que difundia o mito da fonte da riqueza do padre Saunière desde antes da farsa de Chérisey. Nesta carta, o advogado afirma claramente que os dossiês secretos eram de autoria de Phillipe de Chérisey.

Corroborando com a evidência acima, também foi constatado que os dossiês são composições elaboradas por Chérisey a partir de textos neotestamentários, conforme demonstrou o investigador Wielland Willker ao identificar que um dos documentos compostos por Chérisey estava baseado no *Codex Bezae*. Outra prova de forja é o papel utilizado na elaboração dos dossiês. Embora seja alegado que os documentos encontrados estavam escondidos a tempos na Igreja de Rennes-le-Château, na verdade os documentos foram elaborados em folhas de papel moderno. Interessante é notar que seria impossível que os documentos encontrados por Saunière (1852-1917) contivessem o nome de Pierre Plantard (1920-2000), que nem havia nascido na época de Saunière.

Até aqui o mito do Priorado de Sião era apenas uma história exclusivamente francesa, inventada por Plantard e pelos seus amigos para tentar legitimá-lo como herdeiro da Coroa de França, alegando que Plantard era descendente de Dagoberto II, citado por Brown na pg. 243 de OCDV como o último rei merovíngio efetivo. Até então Plantard nada dissera sobre Jesus. Sua genealogia apenas sustentava que os merovíngios descendiam de Davi. Maria Madalena era constantemente citada por Gérard de Sede, mas até então não era considerada esposa de Jesus. Isso até então...

MITO 4 – A Falsa Genealogia Merovíngia é estendida, também falsamente, a Jesus e Maria Madalena

Durante umas férias no sul de França no final dos anos sessenta, o ator e diretor britânico Henry Lincoln encontrou e leu um dos livros do jornalista e escritor esotérico Gérard de Sède. Lincoln ficou fascinado pela mistificação de Plantard e seus amigos. Achou que se tratava de ótimo material para documentários televisivos ou mesmo para um livro, aventando a possibilidade de a lenda ser transportada para o Reino Unido e, quem sabe, para o resto do mundo.

Lincoln se uniu então a outros dois amigos oriundos da Maçonaria anglo-saxônica, Richard Leigh e Michael Baigent, e juntos decidiram aproveitar a idéia da dinastia Merovíngia de Plantard e estendê-la a ninguém mais ninguém menos que Jesus Cristo. O material do Priorado já potenciava essa teoria, uma vez que alegava que os merovíngios descendiam de Davi. Só que Plantard nunca se atrevera a tanto.

Apesar do trio ter sido avisado por um jornalista francês, Jean-Luc Chaumeil, de que os dossiês secretos eram uma farsa, ainda assim decidiram pela publicação do livro *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada* em 1982. Apesar do livro não colocar suas conclusões como factuais, apenas como hipotéticas, ainda assim ele se tornou um *best-seller* logo no ano de sua publicação. A expansão inserida pelos autores foi a invenção de Jesus e Maria Madalena como precursores da genealogia merovíngia, criando com isso uma nova interpretação para o Graal.

MITO 5 – A “Inserção” de Maria Madalena em A Última Ceia, de Leonardo Da Vinci

Em 1997 o casal Lynn Picknett e Clive Prince edita a obra *A Grade Heresia: O Segredo da Identidade de Cristo*. São eles os criadores da tese de que Maria Madalena é a personagem retratada por Leonardo Da Vinci ao lado de Cristo em *A Última Ceia*. Digno de nota é informar que os seus antecessores, os autores de *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, tinham defendido a teoria de que quem estava à direita de Cristo nesta pintura era o apóstolo Tomé, citado pelos documentos gnósticos como irmão gêmeo de Jesus. Assim, onde o trio viu em 1982 um gêmeo de Jesus, o casal Picknett e Prince “descobre”, em 1997, que essa figura é uma mulher.

MITO 6 – A tentativa de consolidar a farsa de que Jesus foi casado com Maria Madalena

Recentemente, o autor norte-americano Dan Brown, com o seu romance *O Código Da Vinci*, reedita a idéia de seus antecessores. Não há nada verdadeiramente novo acrescentado por ele, e seu grande mérito é dar uma boa amarração às narrativas que lhe inspiraram. Outro hábil recurso utilizado pelo autor foi a astúcia de pegar teorias desacreditadas pelos meios acadêmicos e alegar que suas pesquisas são endossadas por historiadores sérios, o que não é verdade. Muitas mentiras conscientes são difundidas por ele, como, por exemplo, o “inteligente” artifício de afirmar que os dossiês secretos são *pergaminhos*, buscando com isso atribuir uma antiguidade ao documento que ele não possui, haja vista que os dossiês secretos foram escritos em papéis do século XX.

É verdade que o livro é comercializado dentro da categoria de ficção, mas na prática é uma ficção com status de obra histórica, a qual é endossada por declarações do próprio autor, do tipo “esta teoria faz muito mais sentido para mim do que o que me foi ensinado quando era criança”^{aaaa}. Valendo-nos de suas próprias declarações, constatamos que o autor de fato crê na teoria de Jesus ter sido casado com Maria Madalena como sendo factual. A única explicação plausível para isso é a de origem religiosa, isto é, Brown simplesmente prefere negar o cristianismo ortodoxo e crer em seu cristianismo alternativo, ou melhor, em seu Mariamadalenismo. Esta é a fé dele, que por sinal é bem coerente com sua definição do termo *fé*, uma vez que o autor diz que “toda fé do mundo se baseia em invencionices. É essa definição de fé – aceitação daquilo que imaginamos ser verdade, que não podemos provar” (OCDV, pg. 321). Vale lembrar que esta é a definição de fé segundo Dan Brown. Para o cristão, em contrapartida, “fé é a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos” (Hb 11.1). O que para ele é *aceitação*, para nós é *certeza*; o que para ele é *invencionice*, para nós é *fato*; e o que para ele é *aquilo que não se pode provar*, para nós é *convicção daquilo que temporariamente não se pode ver*. Assim, da parte dele há a crença no Mariamadalenismo, que de acordo com sua definição de fé é uma crença em invencionice. Nós, cristão, cremos no Cristo que morreu e ressuscitou, e que está vivo hoje; a certeza da

^{aaaa} Declaração de Dan Brown em novembro de 2003, no Programa “Good Morning America” da rede de televisão americana ABC.

ressurreição Dele nos dá convicção que um dia também ressuscitaremos (1Co 15.12-58), e é nisto que se baseia a nossa esperança.

RESUMO DOS MITOS SUPRA-CITADOS

O padre Saunière, pároco da aldeia Rennes-le-Château, decide restaurar a igreja dedicada a Maria Madalena em 1887. Para executar a obra ele pratica a simonia (venda de coisas sagradas, como preces), e registra os recursos extras em nome de sua governanta, Marie Dénarnaud. O padre é descoberto e condenado em um processo eclesiástico, sendo que ele morre na miséria em 1917.

Sua governanta também vive na miséria até morrer em 1953. Todavia, a fim de preservar a imagem do padre, ela lança um boato (cria um mito) de que o padre havia encontrado um tesouro durante as obras de reconstrução da igreja.

Em 1946, Dénarnaud cede as propriedades de Saunière à família Corbu. Noel Corbu decide fazer da Villa Béthanie um hotel com restaurante. Para atrair turistas, Corbu gravou uma versão fantasiosa da vida de Saunière, ampliando assim a lenda criada por Marie Dénarnaud. A imprensa regional começa a explorar a lenda na década de 50, donde se seguiu uma “caça ao tesouro” em busca da fortuna de Saurière.

No final dos anos sessenta, Pierre Plantard (criador do Priorado de Sião) e Phillipe de Chérisey conhecem a história de Saunière graças ao jornalista e escritor de temas esotéricos Gérard de Sède. Phillipe de Chérisey cria os chamados “dossiês secretos”, e passa a disseminar a crença de que estes documentos foram encontrados por Saunière durante as obras de restauro da Igreja de Santa Maria Madalena.

Investigações comprovaram que os dossiês secretos eram de autoria de Phillipe de Chérisey e que haviam sido compostos, em alguns casos, a partir de textos neotestamentários. Estes documentos haviam sido criados pelo Priorado de Sião a fim de tentar provar a sobrevivência de uma dinastia merovíngia, onde Pierre Plantard oportunamente se auto-proclamava herdeiro da Coroa Francesa, uma vez que ele fora listado como um descendente do rei merovíngio Dagoberto II. Até este momento o mito era puramente francês e nada dizia sobre Jesus ou Maria Madalena.

Posteriormente, o ator e diretor britânico Henry Lincoln tomou conhecimento de um dos livros do jornalista Gérard de Sède durante suas férias no sul de França no final dos anos sessenta. Ele viu na história o potencial de expandi-la para o Reino Unido, e quem sabe, para o resto do mundo. Juntamente com outros dois amigos oriundos da Maçonaria anglo-saxônica, Richard Leigh e Michael Baigent, Lincoln teve a idéia fazer a dinastia merovíngia ser descendente de Cristo. Isso foi possível porque o Priorado de Sião colocara os merovíngios como descendentes do Rei Davi, de modo que seria fácil inserir Jesus na lista, uma vez que ele fora um dos muitos descendentes de Davi. Essa ligação de fato foi feita no livro *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, editado pela primeira vez em Londres em 1982. Algumas fontes relatam que o próprio Plantard ficou indignado ao ver que o trio se aproveitara de sua história e fizera dele um descendente de Jesus. Apesar dos autores terem colocado suas conclusões como hipotéticas, ainda assim muitos passaram a considerá-las factuais.

O casal Picknett e Prince edita a obra *A Grande Heresia: O segredo da Identidade de Cristo* em 1997. São eles os criadores da tese de que seria Maria Madalena a personagem retratada por Leonardo Da Vinci ao lado de Cristo na pintura *A Última Ceia*. Curioso é notar que os autores de “*O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*” tinham defendido a teoria de que quem estava à direita de Cristo era o apóstolo Tomé, que segundo eles fora “irmão gêmeo” de Jesus.

No início do século XXI surge *O Código Da Vinci*, de Dan Brown, onde o autor tenta dar autenticidade à lenda construída por seus antecessores. Os trunfos do autor são a trama bem elaborada, que envolve o leitor e limita sua capacidade crítica, bem como a artimanha de levar o leitor a crer que toda a teoria sustentada por ele é altamente documentada por fontes históricas confiáveis, o que simplesmente não é verdade.

FONTES:

- ✓ Artigos disponíveis na Wikipédia (www.pt.wikipedia.org), sob os verbetes *Bérenger Saunière*, *O Código Da Vinci* e *Priorado de Sião*. Último acesso em 11/08/2006.
- ✓ Artigo disponível em <http://bmotta.planetaclix.pt/codigodavinci.html>. Último acesso em 11/08/2006.

Bibliografia

- ARMSTRONG, Karen, *Jerusalém – Uma cidade, três religiões*, São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ARNOLD, Duane & HUDSON, Robert, *Fiéis até o fim*, São Paulo: Editora Vida, 2003.
- BERKHOF, Louis, *Teologia Sistemática*, São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- BROWN, Dan, *O Código Da Vinci*, Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- BUCK, Darrel L., *Quebrando o Código Da Vinci*, 2004.
- COX, Simon, *O Código Da Vinci Descodificado*.
- DOUGLAS, J.D., *O Novo Dicionário da Bíblia*, São Paulo: Vida Nova, 1995.
- ELIADE, Mircea & COULIANO, Ioan P., *Dicionário das Religiões*, São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ELIADE, Mircea, *Tratado de História das Religiões*, Lisboa: Edições Cosmo.
- FOX, John, *O Livro dos Mártires*, Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- GEISLER, Norman, *Enciclopédia de Apologética*, São Paulo: Editora Vida, 2002.
- GONZALEZ, Justo L., *Uma história Ilustrada do Cristianismo - Vol. 2*, São Paulo: Vida Nova, 1991.
- GRUDEM, Wayne, *Manual de Teologia Sistemática*, São Paulo: Editora Vida, 2001.
- LANE, Tony, *Pensamento Cristão Volume 1*, São Paulo: Abba Press, 2003.
- LUTZER, Erwin, *A Fraude do Código Da Vinci*, São Paulo: Editora Vida, 2004.
- MASTRAL, Daniel e Isabela, *Satanismo*, São Paulo: Naós.
- MATHER, George A. & NICHOLS, Larry A., *Dicionário de Religiões, Crenças e Ocultismo*, São Paulo: Editora Vida, 2000.
- McDOWELL, Josh & STEWART, Don, *Os Enganadores*, São Paulo: Candeia, 2001.
- MELO, Edino Luiz de, *Combatendo Seitas e Heresias I*, Campinas: Transcultural.
- MELO, Edino Luiz de, *Combatendo Seitas e Heresias II*, Campinas: Transcultural.
- OLSON, Roger E., *História da Teologia Cristã*, São Paulo: Editora Vida, 2001.
- SAUSSURE, A. de, *Lutero: O grande reformador que revolucionou seu tempo e mudou a história*, São Paulo: Editora Vida, 2004.
- SCHEINDLIN, Raymond P., *História Ilustrada do Povo Judeu*, Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

SCHNOEBELEN, Willian & Sharon, *Lúcifer Destronado*, Rio de Janeiro: Danprewan, 2003.

SCHNOEBELEN, Willian, *Maçonaria – Do outro lado da luz*, Curitiba: Luz e Vida, 1997.

SOARES, Esequias, *Manual de Apologética Cristã*, Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

WELBORN, Amy, *Decodificando Da Vinci*, São Paulo: Cultrix, 2004.

Notas de Referência

- ¹ O Código Da Vinci, 222 e 251.
- ² Ibid, 227.
- ³ Combatendo Seitas e Heresias II, 17.
- ⁴ O Código Da Vinci, 220.
- ⁵ Ibid, 242.
- ⁶ Decodificando Da Vinci, 114.
- ⁷ O Santo Graal e a Linhagem Sagrada, Cap 3 - XI. Por se tratar de um material transcrito extraído da Internet, não é possível precisar a página da citação.
- ⁸ <http://bmotta.planetaclix.pt/codigodavinci.html>.
- ⁹ A fraude do Código Da Vinci, 71.
- ¹⁰ Quebrando O Código Da Vinci, Capítulo *Código 1*, sub-tópico *Um texto gnóstico-chave sobre o beijo de Jesus e Maria*.
- ¹¹ Enciclopédia de Apologética, 642.
- ¹² Dicionário Eletrônico Aurélio, sobre o verbete *esoterismo*.
- ¹³ Jo 8.32.
- ¹⁴ Afirmação de Albert Pike na obra *Morals and Dogmas*. Extraído da internet.
- ¹⁵ Tratado de história das religiões, 56-7.
- ¹⁶ Dicionário das religiões, 246-7.
- ¹⁷ Decodificando Da Vinci, 80.
- ¹⁸ Combatendo Seitas e Heresias III, 27.
- ¹⁹ Dicionário das religiões, 252.
- ²⁰ Jerusalém: uma cidade, três religiões, 208.
- ²¹ Ibid, 207-9.
- ²² História Ilustrada do povo Judeu, 35.
- ²³ Jerusalém: uma cidade, três religiões, 385-6.
- ²⁴ Maçonaria, do outro lado da luz, 54-5.
- ²⁵ Conforme verbete *Senhor* no Dicionário da Bíblias de Almeida, Bíblia Online v 3.00.
- ²⁶ O Novo Dicionário da Bíblia, 409.
- ²⁷ Jerusalém: uma cidade, três religiões, 190.
- ²⁸ Ibid, 385.
- ²⁹ Extraído da página http://www.gnosisonline.org/Teologia_Gnostica/O_Evangelho_de_Tome.shtml., acessada pela última vez em 03/08/2006.
- ³⁰ Enciclopédia de Apologética. Vide tópicos *Arqueologia do Antigo Testamento*, *Arqueologia do Novo Testamento e Jesus*, fontes não-cristãs referentes a.
- ³¹ Uma das definições do verbete *mito* no Dicionário Aurélio Eletrônico.
- ³² Uma história ilustrada do cristianismo – vol. 2, 61.
- ³³ Extraído da página http://pt.wikipedia.org/wiki/Estrela_de_Davi, acessada pela última vez em 11/08/2006.
- ³⁴ Ibidem.
- ³⁵ Data da conclusão do Tabernáculo (vide Ex 40), conforme *A Bíblia em ordem cronológica*.
- ³⁶ Data da tomada de Jerusalém (vide 2Sm 5.6-9), conforme *A Bíblia em ordem cronológica*.
- ³⁷ Data conforme *A Bíblia em ordem cronológica*, calculada partindo-se do texto de 1Rs 6.1-3 e 1Rs 6.38.
- ³⁸ Jerusalém: uma cidade, três religiões, 172.
- ³⁹ Inferência baseada no próprio *O Código Da Vinci*, 241.
- ⁴⁰ Pensamento Cristão Volume 1 – Dos Primórdios à Idade Média, 37.
- ⁴¹ Ibid, 66.
- ⁴² Manual de Apologética Cristã, 190.
- ⁴³ História da Teologia Cristã, 309.
- ⁴⁴ Manual de Apologética Cristã, 190.
- ⁴⁵ Revista A História dos Papas, 49.
- ⁴⁶ Lutero – O grande reformador que revolucionou seu tempo e mudou a história da igreja, 100.
- ⁴⁷ Extraído da internet, do endereço http://pt.wikipedia.org/wiki/Opus_Dei. Acessada pela última vez em 02/08/2006.
- ⁴⁸ <http://www.escrivaworks.org.br/book/caminho-ponto-208.htm>. Acessada pela última vez em 11/11/2006.
- ⁴⁹ <http://www.escrivaworks.org.br/book/caminho-ponto-175.htm>. Acessada pela última vez em 11/11/2006.
- ⁵⁰ <http://www.escrivaworks.org.br/book/caminho-ponto-213.htm>. Acessada pela última vez em 11/11/2006.
- ⁵¹ Documentário *Da Vinci Revelado*, do canal Natinal Geographic, disponível em DVD.
- ⁵² Extraído da internet, do site http://wikipedia.org/wiki/Opus_Dei. Acessada pela última vez em 02/08/2006.
- ⁵³ Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo, 30.
- ⁵⁴ Decodificando Da Vinci, 115.
- ⁵⁵ Ibid, 115-6. Também no documentário *Da Vinci Revelado*, da National Geographic.
- ⁵⁶ Vide *pergunta 22* em <http://bmotta.planetaclix.pt/codigodavinci.html>. Acessada pela última vez em 02/08/2006.

- ⁵⁷ Extraído da internet, do endereço http://pt.wikipedia.org/wiki/Priorado_de_Si%C3%A3o. Acessada pela última vez em 02/08/2006.
- ⁵⁸ Decodificando Da Vinci, 116.
- ⁵⁹ Maçonaria – do outro lado da luz, 144.
- ⁶⁰ História da Teologia Cristã, 141.
- ⁶¹ Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo, 37-8.
- ⁶² Ibid, 37.
- ⁶³ Manual de Apologia Cristã, 171.
- ⁶⁴ Uma história ilustrada do cristianismo – vol. 2, 37.
- ⁶⁵ Pensamento Cristão Volume 1 – Dos Primórdios à Idade Média, 41.
- ⁶⁶ A Fraude do Código Da Vinci, 32-3
- ⁶⁷ Pensamento Cristão Volume 1 – Dos Primórdios à Idade Média, 41-2.
- ⁶⁸ Ibidem.
- ⁶⁹ Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo, 40.
- ⁷⁰ História da Teologia Cristã, 156.
- ⁷¹ Jerusalém: uma cidade, três religiões, 208.
- ⁷² Enciclopédia de Apologética, 286.
- ⁷³ Ibid, 374-5.
- ⁷⁴ Jerusalém: uma cidade, três religiões, 211.
- ⁷⁵ Dicionário de Religiões, Crenças e Ocultismo, 140.
- ⁷⁶ A fraude do Código Da Vinci, pg. 41. Também na Enciclopédia de Apologética, 319.
- ⁷⁷ Enciclopédia de Apologética, 642.
- ⁷⁸ Extraído de <http://www.espada.eti.br/n1872.asp>, sendo mui provavelmente uma citação da pg. 347 de *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*. Último acesso em 02/08/2006.
- ⁷⁹ Decodificando Da Vinci, 77.
- ⁸⁰ Ibidem.
- ⁸¹ Bíblia de Estudo Vida, 1540.
- ⁸² Decodificando Da Vinci, 83-4.
- ⁸³ Enciclopédia de Apologética, 130.
- ⁸⁴ Extraído do CD *Concordância Exaustiva da Bíblia Sagrada – Nova Versão Internacional*.
- ⁸⁵ Bíblia de Jerusalém, 10.
- ⁸⁶ Os Enganadores, 21.
- ⁸⁷ Manual de Teologia Sistemática, 43.
- ⁸⁸ Enciclopédia de Apologética, 644.
- ⁸⁹ A fraude do Código Da Vinci, 41.
- ⁹⁰ Enciclopédia de Apologética, 123.
- ⁹¹ Verbete *Inspiração* conforme consta no *Dicionário da Bíblia de Almeida*, parte integrante do programa *Bíblia Online – Módulo avançado – versão 3.00*.
- ⁹² Enciclopédia de Apologética, 121.
- ⁹³ Ibid, 519, citando F.G.Kenyon, autor de “our Bible and the ancient manuscripts”.
- ⁹⁴ Ibid, 123.
- ⁹⁵ Bíblia de Estudo Vida, comentários na introdução dos respectivos livros.
- ⁹⁶ O Novo Dicionário da Bíblia, 568-570. Também em Enciclopédia de Apologética, 729-33.
- ⁹⁷ Ibid, 1189-90.
- ⁹⁸ Ibid, 1356.
- ⁹⁹ <http://www.earlychristianwritings.com/gospelphilip.html>. Último acesso em 03/10/2006.
- ¹⁰⁰ http://www.metalog.org/files/ph_interlin/ph059.html. Último acesso em 03/10/2006.
- ¹⁰¹ http://www.metalog.org/files/ph_interlin/ph065.html. Último acesso em 03/10/2006.
- ¹⁰² Disponível na página <http://www.metalog.org/files/philip2.html>. Último acesso em 03/10/2006. Vide termo *companion* no glossário existente ao término da página.
- ¹⁰³ Enciclopédia de Apologética, 319.
- ¹⁰⁴ Quebrando O Código Da Vinci, Capítulo *Código 1*, sub-tópico *Um texto gnóstico-chave sobre o beijo de Jesus e Maria*.
- ¹⁰⁵ Artigo “O Código Da Vinci e a Bíblia”, de Bill Mitchell, extraído de <http://www.sbb.org.br/noticias/noticia.asp?noticia=200>. Último acesso em 01/08/2006.
- ¹⁰⁶ Decodificando Da Vinci, 77.
- ¹⁰⁷ Ibid, 76.
- ¹⁰⁸ O Novo Dicionário da Bíblia, 975.
- ¹⁰⁹ Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo, 40.
- ¹¹⁰ Decodificando Da Vinci, 94.
- ¹¹¹ Jerusalém: uma cidade, três religiões, 208.
- ¹¹² Uma história ilustrada do cristianismo – vol. 2, 31-3.
- ¹¹³ História da Teologia Cristã, 142.
- ¹¹⁴ Decodificando Da Vinci, 49.
- ¹¹⁵ Pensamento Cristão Volume 1 – Dos Primórdios à Idade Média, 9-10.
- ¹¹⁶ Fiéis até o fim, 25-6.

¹¹⁷ Ibid, 40-1.

¹¹⁸ O Livro dos Mártires, 11.

¹¹⁹ Todas as três citações foram extraídas da Enciclopédia de Apologética, 449-51.

¹²⁰ http://www.geocities.com/ana_ligia_s/Filipe.html, acessada pela última vez em 30/11/2006.

¹²¹ http://www.gnosisonline.org/Teologia_Gnostica/O_Evangelho_de_Maria_Madalena.shtml, acessada pela última vez em 30/11/2006.

¹²² Quebrando O Código Da Vinci, Capítulo *Código 1*, sub-tópico *Um texto gnóstico-chave sobre o beijo de Jesus e Maria*.

¹²³ http://www.gnosisonline.org/Teologia_Gnostica/O_Evangelho_de_Tome.shtml, acessada pela última vez em 30/11/2006.

¹²⁴ Arquivo chamado “5 Evangelhos Apócrifos.doc”, extraído de uma consulta em <http://www.4shared.com>.

¹²⁵ Enciclopédia de Apologética, 206.

¹²⁶ Ibid, 209.

¹²⁷ Declaração de Dan Brown em novembro de 2003, no Programa “Good Morning America” da rede de televisão americana ABC.

¹²⁸ Os Enganadores, 178.

¹²⁹ História da Teologia Cristã, 134.

¹³⁰ Is 14.13-15.

¹³¹ Gn 1.26-27.

¹³² Enciclopédia de Apologética, 113.

¹³³ História da Teologia Cristã, 153.

¹³⁴ Uma história ilustrada do cristianismo – vol. 2, 97. Na *refutação histórica d* da questão 11 está a tradução do mesmo credo conforme exposto no livro *Pensamento Cristão Volume 1 – Dos Primórdios à Idade Média*, 41-2.

¹³⁵ Ibid, 98.